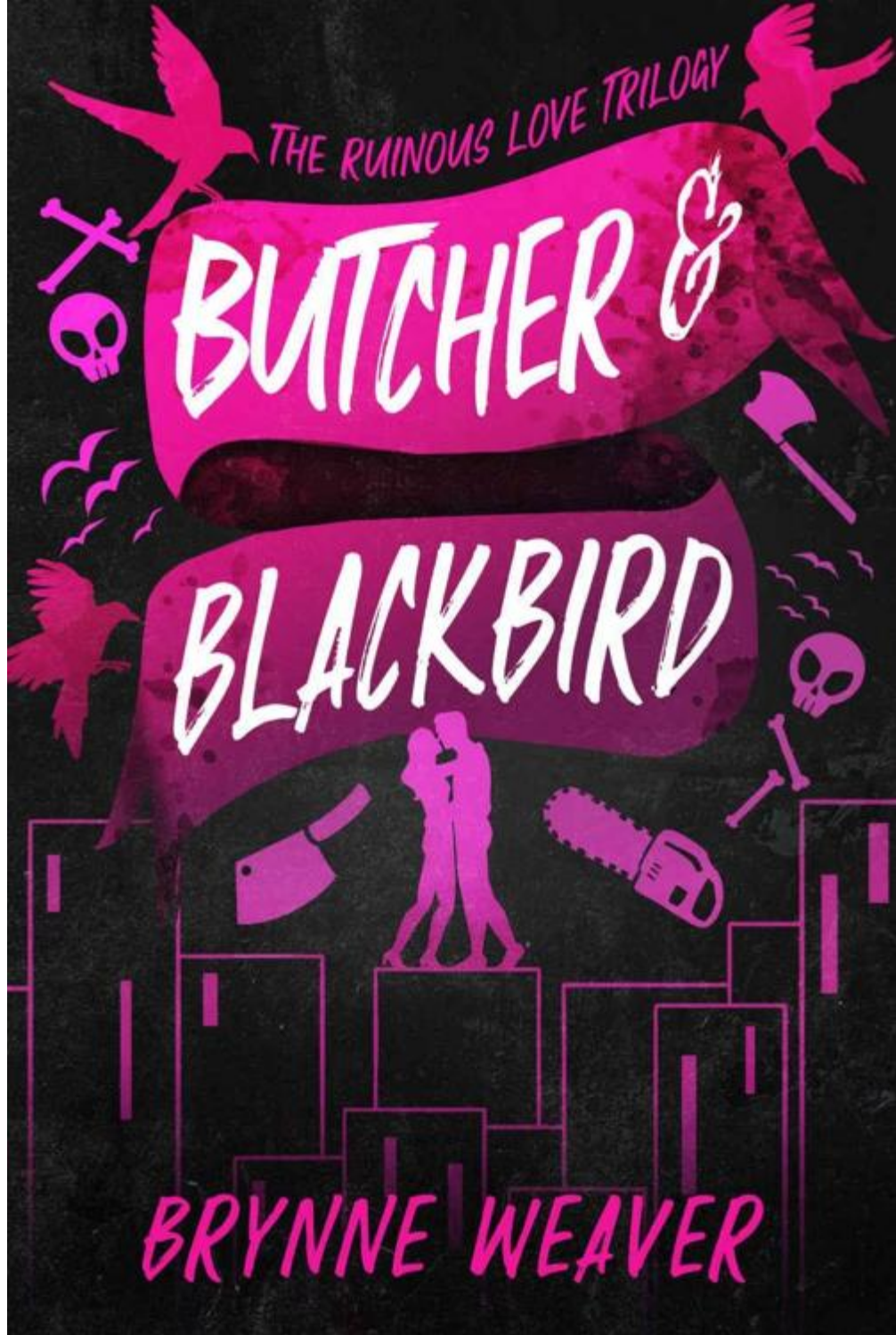


THE RUINOUS LOVE TRILOGY

BUTCHER &

BLACKBIRD

BRYNNE WEAVER



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BUTCHER &

BLACKBIRD

BRYNNE WEAVER



SINOPSE

Uma comédia romântica sombria de amigos para amantes cheia de assassinatos, caos e apimentada, diferente de tudo que você já leu antes.

Todo serial killer precisa de um amigo.

Todo jogo deve ter um vencedor.

Quando um encontro casual desperta um vínculo improvável entre os assassinos rivais Sloane e Rowan, os dois encontram algo evasivo: a amizade de uma alma negra e com ideias semelhantes. Da pequena cidade da Virgínia Ocidental à sofisticada Califórnia, do centro de Boston à zona rural do Texas, os dois caçadores colidem em um jogo anual de sangue e sofrimento, que os coloca contra os monstros mais perigosos do país.

Mas à medida que a sua amizade se transforma em algo mais, os fantasmas inquietos deixados no seu rastro estão apenas alguns passos atrás, prontos para reivindicar mais do que apenas o seu amor recém-descoberto.

Será que Rowan e Sloane conseguirão sair de um jogo de sepulturas?

Ou eles finalmente encontraram seu par?

Butcher & Blackbird é o primeiro livro da trilogia Ruinous Love Dark Romance de comédias românticas sombrias independentes e interconectadas. Este romance de duplo POV termina em HEA.

AVISOS DE CONTEUDO E DE GATILHO

Por mais que Butcher & Blackbird seja uma comédia romântica sombria e que, com sorte, faça você rir da loucura, ainda é sombria! Por favor, leia com responsabilidade.

- Globos oculares e órbitas oculares.
- Cirurgia amadora.
- Ornamentos de pele.
- Motosserras, machados, facas, bisturis, muitos objetos pontiagudos.
- Canibalismo acidental.
- Canibalismo não tão acidental.
- Uso questionável de um cadáver mumificado.
- Servo homem lobotomizado.
- Uso imprudente de utensílios de cozinha.
- Sinto muito pelos biscoitos e sorvete de creme (na verdade não sinto).
- Cenas de sexo detalhadas que incluem (mas não estão limitadas a) aquecimento de pau, sexo violento, elogios, anal, brinquedos para adultos, asfixia, cuspida, interações dom / sub, piercings genitais.
- Referências à negligência parental e abuso infantil.
- Perda parental (não representada).
- Referências à agressão sexual infantil (não detalhadas).
- É um livro sobre serial killers, então há alguns assassinatos e caos geralmente confusos.

PROLOGO



Butcher + Blackbird

Annual August showdown

7 days

Tie-breaker by rock-paper-scissors

Best of five

Winner takes the Forest Phantom

CAPÍTULO UM

ICHI-GO, ICHI-EE



Ser um serial killer que mata serial killer é um ótimo hobby...

Até você se encontrar trancada em uma jaula.

Por três dias.

Com um cadáver.

No verão da Louisiana.

Sem ar condicionado.

Olho para o cadáver cheio de moscas que está além da porta trancada da minha jaula. Os botões da camisa de Albert Briscoe apertam contra o inchaço de sua barriga distendida e verde-acinzentada. Seu estômago em movimento, a pele fina ondulando sobre os gases e vermes que mastigam a carne abaixo. O fedor de decomposição, o zumbido dos insetos, o cheiro de merda e mijo que desocuparam seu corpo, é revoltante pra caralho. E eu não sou melindrosa. Mas eu tenho padrões. Prefiro meus cadáveres frescos. Eu só quero pegar meus troféus, encenar minha cena e ir embora, não ficar por aí e ver enquanto eles se liquefazem.

Como se fosse uma deixa, ouço um som baixo de rasgo, como papel molhado se rasgando.

— Não...

Quase posso ouvir Albert do além-túmulo: *Sim*.

— Oh, não, não, não...

Está acontecendo. Isto é por me matar, sua vadia.

A pele se abre e uma massa branca de vermes cai, como pequenas massas orzo¹. Exceto que um número significativo dessas massas está rastejando em minha direção em um ritmo glacial, procurando um lugar tranquilo para completar a próxima etapa de seu ciclo de vida cheio de vermes.

— Jesus fodido Cristo. — Eu ando de bunda no chão de pedra sujo da minha jaula para me enrolar como uma bola. Minha testa pressiona meus joelhos até meu cérebro doer. Começo a cantarolar na esperança de abafar os sons que de repente estão muito altos ao meu redor. Minha melodia fica cada vez mais alta, até que meus lábios rachados começam a formar uma palavra ocasional. *Ninguém aqui pode me amar ou me entender... Blackbird², tchau, tchau...* Cantarolo e canto até que as palavras desapareçam, e a melodia também.

— Renuncio aos meus maus caminhos — digo depois que a música se desintegra entre as partículas de poeira e o zumbido das asas opalescentes dos insetos.

— Isso é uma vergonha. Aposto que gostaria de seus modos perversos.

Eu me assusto ao ouvir a voz profunda e suave de um homem, a cadência de um leve sotaque irlandês aquecendo cada nota. Minhas maldições cortam o ar úmido quando minha cabeça bate contra uma barra de ferro da minha pequena cela enquanto corro para fora do alcance do homem que passeia em direção ao fino fio de luz da janela estreita, o vidro opaco com cocô de mosca.

— Você parece estar em uma situação difícil — diz ele. Um sorriso torto surge em seu rosto, o resto de suas feições está coberto de sombras. Ele dá alguns passos para dentro da sala para olhar para o cadáver, curvando-se para olhar mais de perto. — Qual o seu nome?

Estou no terceiro dia sem café. Sem comida. Meu estômago provavelmente implodiu e sugou outros órgãos para o vazio. Um coro alto de monólogos internos desesperadamente famintos está tentando me convencer de que essas são, na verdade, pequenas massas orzo marchando em minha direção e que podem ser apenas comestíveis.

Eu não posso lidar com essa merda.

— Não acho que ele vá responder — digo.

O homem ri. — Não brinca. Eu já sei quem ele é de qualquer maneira. Albert Briscoe, a Besta do Bayou. — O olhar do homem

permanece no cadáver por um longo momento antes de voltar sua atenção para mim. — Mas quem é *você*?

Não respondo, permanecendo imóvel enquanto o homem dá passos cuidadosos e medidos ao redor da jaula para poder ver melhor onde estou encolhida nas sombras. Quando ele está tão perto quanto as barras permitem, ele se agacha. Tento me esconder sob meus cabelos emaranhados e membros dobrados, dando a ele apenas meus olhos.

E porque a minha sorte é *a pior*, ele, claro, é *deslumbrante*.

Cabelo castanho curto, artisticamente despenteado. Características fortes, mas não graves. Um sorriso malicioso com dentes perfeitos e uma cicatriz reta que corta seu lábio superior, lábios que são muito convidativos dado o meu atual estado de cativo, o inferior um pouco mais cheio que o superior. Eu não deveria estar pensando em como gostaria de mordê-lo. De jeito nenhum.

Mas eu estou.

E da minha parte, estou nojenta pra caralho.

Cabelo com nó. Roupas manchadas e ensanguentadas. A pior respiração já respirada na história da respiração.

— Você não é o tipo habitual de Albert — diz ele.

— O que você sabe sobre o tipo usual dele?

— Que você está velha demais para isso.

Ele tem razão. Não que eu seja velha, tenho apenas vinte e três anos. Mas esse cara sabe tanto quanto eu que sou velha demais para o gosto de Albert.

— E como você saberia disso, exatamente?

O olhar do homem desliza para o cadáver enquanto um leve olhar de desgosto passa por suas feições sombreadas. — Porque fiz questão de saber. — Ele olha para mim mais uma vez e sorri. — Suponho que você também fez isso da sua conta, a julgar pela qualidade da faca de caça presa em sua garganta. Aço Damascus feito à mão. Onde você conseguiu isso?

Eu suspiro. Meu olhar permanece no corpo e em minha lâmina favorita antes de pressionar meu rosto contra os joelhos dobrados. — Etsy.

O cara ri e eu pego uma pedrinha no meu recinto só para jogá-

la no chão.

— Eu sou Rowan — ele diz enquanto estende a mão para dentro da jaula. Olho para ela e jogo outra pedra, embora não faça nenhum movimento para aceitar seu gesto, ele ainda mantém a mão levantada em minha direção. — Você deve me conhecer como o Butcher³ Boston.

Eu balanço minha cabeça.

— O Massacre da Missa...?

Balanço minha cabeça novamente.

— O Fantasma da Costa Leste...?

Eu suspiro.

Já ouvi falar de todos esses nomes, embora não esteja contando isso a ele.

Mas por dentro, meu coração martela meu sangue nas veias. Estou feliz que ele não consiga ver isso acender minhas bochechas com uma chama vermelha. Eu sei *exatamente* os nomes pelos quais ele é chamado e que ele não é tão diferente de mim... um caçador que favorece o pior que a sociedade pode desenterrar das profundezas do inferno.

Rowan finalmente tira a mão da minha jaula, seu sorriso assumindo uma qualidade desanimada. — Que pena, pensei que você reconheceria meus pequenos apelidos — Ele bate as mãos nos joelhos e se levanta. — Bem, é melhor eu ir. Prazer em quase conhecê-la, cativa sem nome. Boa sorte.

Com um sorriso final e fugaz, Rowan se vira e caminha em direção à porta.

— Espere! Espere. *Por favor.* — Eu me levanto para agarrar as barras frias assim que ele chega à soleira. — Sloane. Meu nome é Sloane. O Tecelão de Orbes.

Há um momento de silêncio entre nós. O único som que preenche o espaço é o zumbido das moscas e o trabalho constante dos vermes enquanto consomem carne em decomposição.

Rowan vira a cabeça, lançando um único olhar por cima do ombro.

E num piscar de olhos ele está ali, bem na minha frente, seu movimento tão rápido que me assusta das grades, mas não antes de

ele agarrar minha mão para apertá-la vigorosamente.

— *Oh meu Deus.* Eu sabia. Eu *sabia* que eles estavam errados. Tinha que ser uma mulher. O Tecelão de Orbes! Um nome tão legal. A intrincada linha de pesca, a porra dos *globos oculares*... Incrível. Eu sou um grande fã.

— Uhh... — Rowan continua a apertar minha mão apesar do meu esforço para retirá-la. — Obrigada... eu acho...?

— Você inventou esse nome? O Tecelão de Orbes?

— Sim... — Solto minha mão para poder me afastar desse irlandês estranhamente entusiasmado. Ele sorri para mim como se estivesse impressionado e se eu não estivesse usando sessenta camadas de sujeira na pele, tenho certeza que ele seria capaz de ver o rubor em minhas bochechas pela segunda vez. — Você não acha que é idiota?

— Não, é tão bom. *O Massacre da Missa* é estúpido. O Tecelão de Orbes é muito incrível.

Eu dou de ombros. — Eu meio que acho que parece um super-herói idiota.

— Melhor isso do que as autoridades inventando algo para você. Confie em mim. — O olhar de Rowan muda para o cadáver e vice-versa, a cabeça inclinada enquanto ele me observa. Ele acena com a cabeça uma vez na direção de Albert. — Ele devia estar realmente agindo como um verme. *Entendeu?*

Há uma longa pausa, o silêncio entre nós é pontuado pelo zumbido das asas dos insetos.

— Não. Eu não.

Rowan acena com a mão. — Ditado irlandês, significa que ele estava tramando travessuras. Mas foi uma piada muito inteligente, dadas às circunstâncias. — diz ele, com o peito cheio de orgulho enquanto aponta o polegar para o cadáver. — No entanto, levanta uma questão: como você acabou na jaula enquanto ele estava morto com sua lâmina lá fora? Você o esfaqueou através das grades?

Olho para minha camisa antes branca e para a marca suja da bota que se esconde sob o respingo de sangue. — Acho que você poderia dizer que foi um momento ruim.

— Hmm — Rowan diz com um aceno sábio. — Eu poderia ter tido um ou dois desses no passado.

— Você quer dizer que foi trancado em uma jaula com um cadáver e uma pequena infantaria de massas orzo marchando em sua direção?

Rowan olha para o espaço ao nosso redor e franze a testa. — Não. Não posso dizer que sim.

— Acho que não — murmuro com um suspiro cansado. Tiro o pó das mãos no meu short jeans sujo e dou um último passo para trás enquanto ergo o quadril. Estou começando a ficar irritada com esse intruso que parece não estar fazendo nada além de atrasar minha morte lenta por fome. Tenho certeza de que ele está um pouco maluco e não tenho a impressão de que ele esteja realmente interessado em me deixar sair daqui.

É melhor continuar com isso.

— Bem...?

— Eles estão fazendo um progresso decente, os pequenos orzos — diz Rowan, mais para si mesmo do que para mim, enquanto seu olhar permanece preso na trilha de minúsculos vermes brancos vindo em minha direção. Quando seus olhos se levantam do chão, eles encontram os meus com um sorriso ansioso. — Quer almoçar?

Eu nivelo esse estranho com um olhar fixo enquanto aponto para minha camisa ensanguentada com estampa de bota. — A menos que você queira nos mandar para a prisão imediatamente... não...?

— Certo — ele diz franzindo a testa antes de caminhar em direção ao cadáver de Albert. Ele vasculha os bolsos e não encontra nada. Quando ele olha para o pescoço inchado, ele solta um pequeno som de triunfo, puxando minha lâmina antes de puxar uma corrente de prata, os elos quebrando com o ataque rápido de seu aperto forte. Ele vira seu sorriso para mim enquanto se levanta, seus dedos desenrolando em torno da chave que está em sua palma.

— Tome um banho. Vou encontrar algumas roupas para você. Então vamos incendiar a casa.

Rowan destranca a porta e estende a mão para as sombras da minha jaula.

— Vamos, Blackbird. Estou com vontade de churrasco. O que você diz?

CAPÍTULO DOIS

DIVERSÃO E JOGOS



O Tecelão de Orbes.

Estou sentado à mesa em frente a maldita *Tecelã de Orbes*.

E ela é *linda* pra caralho.

Cabelo corvo. Olhos castanhos quentes. Uma série de sardas nas bochechas e um narizinho que ficou um pouco vermelho. Ela limpa a garganta e toma um longo gole de cerveja e depois franze a testa, os olhos fixos no copo enquanto o afasta.

— Você está doente — eu digo.

Os olhos de Sloane encontram os meus com cautela antes que sua atenção se volte para o restaurante. Seu olhar penetrante pausa em uma mesa de clientes por apenas um momento antes de flutuar para a próxima. Sloane está nervosa.

Provavelmente justificado, considerando todas as coisas.

— Três dias naquele buraco do inferno certamente teriam um preço. Graças a Deus, eu tinha água lá. — Ela pega o porta-guardanapos e puxa um guardanapo de papel para assoar o nariz. Seu olhar encontra o meu novamente, mas não permanece em mim por muito tempo. — Obrigada por me deixar sair.

Dou de ombros e tomo um gole de minha cerveja, observo em silêncio enquanto seu olhar se desvia para um garçom que sai da cozinha com o pedido de outra mesa. Sloane pediu uma cabine no meio da janela, apontando exatamente para aquela que ela queria quando a recepcionista nos conduziu para dentro da sala. Agora

entendo por quê. É equidistante entre a entrada principal, a saída de emergência junto aos banheiros e a cozinha.

Ela é sempre tão volúvel ou o tempo que passou na jaula de Albert a assustou? Ou sou eu?

Ela é sábia em ser cautelosa.

Meus olhos permanecem fixos nela e aproveito a oportunidade para avaliar abertamente minha companheira de jantar enquanto ela examina o restaurante. Sloane torce o cabelo úmido por cima do ombro e meu olhar desce para seu peito, como acontece a cada dois minutos desde que ela saiu do banheiro de Albert Briscoe com uma camiseta do Pink Floyd e sem sutiã.

Sem sutiã.

O pensamento ecoa em meu cérebro como sinos de igreja em uma ensolarada manhã de domingo.

Seu corpo é curvilíneo e forte, exercendo algum tipo de bruxaria em suas roupas roubadas que deveriam parecer tudo menos sexy, visto que vieram do armário de Briscoe. Ela até faz o jeans dele ficar bonito, as bainhas das pernas longas enroladas até os tornozelos e a cintura larga apertada com dois lenços vermelhos amarrados para formar um cinto improvisado. Ela deu um nó na barra da camiseta para que ela ficasse na cintura, mostrando um pedaço de pele tentadora e seu umbigo perfurado quando ela se recostou na cabine com um suspiro exausto.

Sem sutiã.

Preciso me recompor. Ela é a Tecelã de Orbes, pelo amor de Deus. Se ela me pegar olhando para seus seios, ela pode tirar meus olhos da cabeça e me amarrar em uma linha de pesca antes que eu diga as palavras “*sem sutiã*”.

Sloane revira os ombros, fazendo pouco para ajudar na minha missão de desistir do meu mantra *sem sutiã*. Seus dedos encontram a articulação enquanto um pequeno estremecimento de dor aparece em suas feições. Ela franze a testa quando seus olhos encontram os meus.

— Ele me chutou — ela explica, seu toque persistente no topo do ombro com a resposta à minha pergunta muda. — Meu ombro bateu na borda da jaula quando caí dentro.

Minhas mãos se fecham em punhos apertados sob a mesa enquanto uma raiva incandescente queima em minhas veias. — Idiota.

— Bem, eu o esfaqueei no pescoço, então acho que foi justificado. — A palma da mão de Sloane desliza pelo seu braço e ela funga, enrugando o nariz. Adorável pra caralho. — Ele conseguiu me fechar antes de cair. Ele até riu.

A garçonete se aproxima com dois pratos de costela e um de batata frita, recebendo um olhar voraz de Sloane. Quando o prato é colocado na frente dela, ela sorri, uma pequena covinha aparecendo perto de seu lábio.

Agradecemos a garçonete que permanece por um momento na periférica antes de Sloane confirmar que temos tudo o que precisamos. Quando a mulher vai embora, Sloane dá uma risadinha, a covinha se aprofundando. — Não me diga que você sente isso com tanta frequência que nem sequer fica registrado em seu cérebro. Isso é simplesmente deprimente.

— Conseguir o que...?

O olhar de Sloane se dirige para a garçonete e eu sigo sua linha de visão até a mulher que lança um sorriso para a nossa mesa por cima do ombro. — Oh meu Deus, isso realmente não registra. Tipo, de jeito nenhum. — Sloane balança a cabeça e arranca uma costela da grelha fumegante de seu prato. — Bem, esteja preparado, lindo garoto. Meu estômago tem comido órgãos próximos nos últimos três dias e vou devorar essas malditas costelas da maneira menos feminina possível.

Não digo nada, fascinado pela visão de seus dentes perfeitos enquanto ela rasga a carne fumegante que desliza do osso cinzento. Uma gota de molho barbecue se acumula no canto de seus lábios e sua língua se lança para reivindicá-la, eu quero morrer, porra.

— Então... — Limpo a garganta na esperança de que minha voz não falhe. A testa de Sloane franze enquanto ela dá outra mordida na carne. — Como é que não Blackbird?

— Huh? — Ela enfia a ponta da costela na boca e suga a carne do osso para puxá-la pelos lábios com os dedos manchados de molho. Meu pau se esforça contra o zíper só de observar suas bochechas vazias.

Imagine o que ela poderia fazer com aquela maldita boca.

Tomo um gole de cerveja e olho para o meu prato. — Seu nome — respondo antes de começar com uma costela, apenas para distrair certas partes do corpo que estão se tornando bastante insistentes sobre o que querem. — Por que você não escolheu um

nome com Blackbird? Cabelo negro, natureza volúvel, a música... Vou arriscar um palpite que é da sua infância, certo? Eu ouvi você cantando na jaula.

A mastigação de Sloane para por um momento enquanto ela me olha com um gesto pensativo do polegar sobre o lábio inferior. É a primeira vez que seu olhar realmente pousa em mim e penetra direto em meu crânio. — Isso é para mim — diz ela. — Tecelão das Orbes é para *elas*.

Os olhos de Sloane escureceram, com apenas um piscar de olhos, ela passou de uma beleza sexy, de nariz escorrendo e voraz a uma assassina perversa, implacável e obstinada.

Eu concordo. — Entendo.

Eu posso ser a única pessoa que faz isso.

Sloane mantém seu olhar inabalável fixo em mim. — Qual é o seu acordo, garoto lindo?

— Meu acordo?

— Você me ouviu. Você aparece na casa do idiota, me deixa sair da jaula, incendeia a casa dele e me traz para comer costelas e cerveja. No entanto, não sei basicamente nada sobre você. Então, qual é o seu problema? Por que você estava na casa de Briscoe?

Eu dou de ombros. — Fui para decepar seus membros e desfrutar de sua morte agonizante e lenta.

— Mas por que ele? Estamos um pouco longe de Boston. Tenho certeza de que há muitos traficantes de drogas para se divertir lá em cima e você não precisa ir tão longe por causa de um cara só.

Um silêncio pesado engrossa o ar, nós dois paramos com as costelas indo em direção à boca. Um sorriso malicioso se espalha pelos meus lábios enquanto o rosto de Sloane cai.

— Você sabe *totalmente* quem eu sou.

— Oh meu *Deus*.

— Você faz. Você sabe o que eu gosto de caçar em meu território. Há quanto tempo você é fã?

— Querido Cristo, *pare*.

Eu rio quando Sloane coloca a testa na parte de trás dos pulsos dobrados, uma costela ainda presa entre os dedos pegajosos. — Qual

deles era o seu favorito? — Eu pergunto. — O cara que esfolei e enforquei na proa daquele navio em Griffin Warf? Ou que tal o cara que suspendi no guindaste? Esse parecia popular.

— Já posso dizer que você é o *pior*. — Sloane mantém as mãos levantadas em um esforço inútil para cobrir o rubor flamejante que acende suas bochechas. Seus olhos castanhos dançam apesar do olhar que ela tenta lançar em minha direção. — Mande-me de volta para a jaula de Briscoe.

— Seu desejo é uma ordem.

Olho em direção ao posto de atendimento e levanto a mão para a garçonete, que leva um segundo para me localizar antes de começar a vir em nossa direção com um sorriso crescente.

— Rowan...?

— O quê? Você disse que queria voltar para a casa de Briscoe, então voltaremos.

— Eu estava brincando, seu psicopata...

— Não se preocupe, Blackbird. Vou entregá-la de volta à sua jaula fedorenta. Tenho certeza de que ainda está de pé, apesar do fogo. Você acha que algum verme sobreviveu? Você pode bicá-los das cinzas, se for o caso.

— *Rowan...* — A mão de Sloane se estende e envolve meu pulso, deixando impressões digitais pegajosas em minha pele. Uma descarga elétrica percorre minha pele com seu toque. Mal consigo conter minha diversão com o pânico crescente em seus olhos.

— Algo errado, Blackbird?

A garçonete para ao lado da nossa mesa com um sorriso brilhante. — Posso pegar algo para você?

Mantenho meus olhos em Sloane, erguendo as sobrancelhas enquanto seu olhar selvagem passa entre mim e as saídas. — Mais duas cervejas, por favor — eu digo. O olhar de Sloane se torna plano quando pousa em mim, seus olhos se estreitam em fendas finas.

— Já estou chegando.

— Como eu disse. — Sloane resmunga enquanto desenrola os dedos do meu pulso. — O *pior*.

Eu dou a ela um sorriso torto. O olhar de Sloane encontra meu sorriso, seu olhar suaviza, embora eu possa dizer que ela não quer que

isso aconteça. — Você vai me amar um dia — eu ronro, mantendo os olhos dela quando eles alcançam os meus. Minha língua lambe lentamente o molho que ela deixou na minha pele. Os olhos de Sloane brilham na luz quente da tarde que se filtra pelas janelas da lanchonete, aquela covinha perto de seu lábio é uma sombra de diversão que ela não consegue conter.

— Acho que não, Butcher.

Veremos, meu sorriso diz.

As sobranceiras escuras de Sloane se movem como se ela estivesse lançando um desafio, então ela muda sua atenção para a comida. — Você ainda não respondeu minha pergunta sobre Briscoe.

— Sim, eu fiz. Decepar membros. Desfrutando da sua agonia.

— Mas por que ele?

Eu dou de ombros. — Mesma razão pela qual você o escolheu, eu presumo. Ele era um pedaço de merda.

— Como você sabe que foi por isso que eu o escolhi? — Sloane pergunta.

— Por que não seria? — Respondo enquanto encosto meus antebraços no acabamento de alumínio da mesa de fórmica. Sloane levanta o queixo, com expressão indignada.

— Talvez ele tivesse olhos bonitos.

Uma risada borbulha em meu peito enquanto pego outra costela. Deixei o silêncio persistir, dando uma mordida antes de responder. — Não é por isso que você arranca os olhos dos crânios.

A cabeça de Sloane inclina para o lado, seus olhos brilhando enquanto ela me avalia. — Não?

— Não. Definitivamente não.

— Então por que eu faria isso?

Dou de ombros, não estou pronto para encontrar seu olhar, apesar da maneira como ele me chama. — Os olhos são as janelas da alma, suponho?

Sloane zomba e eu olho para cima para perceber o movimento de sua cabeça. — Mais como *'crie um corvo e ele bicará seus olhos'*.

Minha cabeça se inclina enquanto tento decifrar o que ela quis dizer. Muito pouco se sabe sobre Sloane, ou pelo menos muito pouco

chega à imprensa. Ela é especialista em outros serial killers e sai de uma intrincada cena de crime. É basicamente isso. Quaisquer outras teorias que o FBI possa ter sobre o Tecelão de Orbes estão incompletas. Pelo que li, a ideia do indescritível vigilante ser uma mulher nem sequer abordou seus pequenos cérebros estereotipados e previsíveis. Qualquer que seja seu passado e suas motivações, seja lá o que ela queira dizer com seu comentário, tudo ainda está trancado.

Desde o momento em que nos conhecemos, ela despertou minha curiosidade, espalhando brasas em brasas incandescentes, e agora ela acendeu o primeiro fio de chama.

Eu quero saber. Quero a verdade.

E talvez eu queira que ela sinta a mesma curiosidade por mim.

— Você sabia que fui eu quem matou Tony Watson, o Destruidor de Harbor? — Eu pergunto.

Ela abaixa o copo de cerveja dos lábios, seu movimento lento, seus olhos fixos nos meus. — Era você?

Eu concordo.

— Achei que ele tivesse brigado com alguém que estava tentando matar.

— Essa parte da história não está errada, eu acho. Ele se envolveu em uma briga e definitivamente tentou ao máximo me matar, mas não conseguiu. — Aquele pedaço de merda, Watson. Eu bati nele até que seu crânio quebrou e seu corpo ficou paralisado, então observei quando um suspiro final, sangrento e gorgolejante passou por seus dentes quebrados e lábios cortados. Quando seu corpo acalmou, deixei-o no beco para os ratos roerem.

Não foi uma morte bonita. Não foi elegante. Não houve nada de encenado ou inteligente nisso. Foi visceral e cru.

E eu aproveitei *cada maldito segundo*.

— Watson não era tão estúpido quanto eu pensava. Ele me pegou seguindo-o. Tentou me emboscar.

Um *hmm* pensativo sai dos lábios franzidos de Sloane. — Estou chateada.

— Chateada por que, porque ele não me matou primeiro? Hostil, Blackbird. Estou ferido.

— Não — ela diz na sequência de uma risada rosnada. — É

que eu tinha um plano muito legal para ele. Os corpos de suas últimas cinco mortes já estavam mapeados na minha web — diz ela. Seus dedos pegajosos dançam em minha direção como se traçassem um padrão no ar. Ela nem olha para cima. É como se isso não fosse uma revelação gigante que ela acabou de deixar cair na mesa entre nós.

Um mapa. Na web.

— Não que isso tivesse importância, eu acho. Não é como se os idiotas do FBI já tivessem percebido isso. Mas mesmo assim... você foi e estragou tudo — continua Sloane, sem tirar os olhos do próximo osso que ela arranca da carcaça à sua frente. Um suspiro pesado se espalha pela carne que ela leva aos lábios. — Acho que deveria estar grata. Talvez eu também tenha subestimado Watson. Dado que Briscoe me chutou para dentro de sua jaula com tanta facilidade e ele era um idiota preguiçoso, não tenho certeza se teria lutado contra Watson tão bem quanto você — Seus olhos brilhantes e incomuns encontram os meus através de mechas de cabelo negro que caíram sobre sua testa enquanto um brilho encantador esfola minha alma enegrecida. — A propósito, me dói fisicamente admitir isso. Mas não deixe isso subir à sua cabeça, garoto bonito.

Um sorriso malicioso surge em meus lábios. — Você me acha bonito.

— Eu literalmente acabei de dizer para não deixar a coisa do Watson subir à sua cabeça. Isso se aplica à sua beleza também. — Sloane diz revirando os olhos épicos, uma de suas pálpebras se contraindo. — Além disso, você já sabe disso.

Meu sorriso se alarga um pouco antes de escondê-lo atrás da borda do copo. Nossos olhares permanecem fixos até que Sloane finalmente quebra o transe e desvia o olhar, um toque de cor infundindo suas bochechas sardentas. — Bem, você chegou a Bill Fairbanks antes de mim — digo — Então acho que estamos empatados.

Os olhos de Sloane se arregalam, seus cílios grossos e escuros se abrindo em direção às sobrancelhas. — Você estava atrás dele? — Ela pergunta enquanto eu aceno com a cabeça e levanto um ombro. Costumava me irritar ter perdido Fairbanks, mesmo que fosse para o Tecelão de Orbes, que considero uma espécie de ídolo. Mas agora? Conhecendo a mulher por trás da web? Eu perderia para ela novamente para ver como isso ilumina seus olhos de orgulho. Talvez até mais de uma vez.

A borda do lábio inferior de Sloane se dobra entre os dentes

enquanto ela tenta ancorar seu sorriso malicioso contra suas bordas afiadas. — Eu não tinha ideia de que você estava caçando Fairbanks.

— Eu o acompanhei por dois anos.

— Realmente?

— Eu planejei levá-lo um ano antes de você o pegar, mas ele se levantou e se mudou antes que eu tivesse a chance. Levei alguns meses para encontrá-lo novamente. Então, veja só, pedaços de seu corpo foram amarrados em uma linha de pesca e seus globos oculares foram arrancados.

Sloane bufa, mas posso ver a faísca que brilha em seus olhos cansados. Ela se senta um pouco mais ereta, balançando na cadeira. — Eu não os *arranquei*, Butcher. Eu os *retirei*. Delicadamente. Como uma *dama*. — Sloane enfia o dedo na boca, pressionando-o contra a bochecha enquanto o envolve com os lábios, apenas para retirá-lo com um *estalo*.

— Bem desse jeito.

Dou uma risada e Sloane me presenteia com um sorriso radiante. — Meu erro.

Sloane vira seu sorriso para a mesa antes que o nervosismo pareça surgir e seu olhar voe pelo local. Ela pega algumas batatas fritas, seus olhos ainda percorrendo os clientes e saindo, antes de empurrar o prato de costelas em direção à borda da mesa.

Ela vai embora.

E se ela ir, nunca mais a verei. Ela vai ter certeza disso.

Eu limpo minha garganta. — Você já ouviu falar de uma série de assassinatos nos parques nacionais de Oregon e Washington?

A atenção de Sloane volta para mim com os olhos semicerrados. Uma leve ruga aparece entre suas sobrancelhas escuras. Um pequeno aceno de cabeça é a única resposta que ela dá.

— O assassino é um fantasma. Um prolífico. Exato e muito, muito cuidadoso — continuo — Ele prefere caminhantes. Campistas. Nômades com poucas conexões em sua área de caça. Ele os tortura antes de posicionar cada corpo voltado para o leste em áreas densamente florestadas, ungido na testa com uma cruz.

A máscara fina de Sloane vacila. Ela é toda predadora por baixo, farejando uma trilha. Quase posso ver seus pensamentos

girando em espiral nos limites de seu crânio.

Esses detalhes são pistas que qualquer caçador talentoso pode seguir.

— Quantas mortes até agora?

— Doze, embora possa haver mais. Mas tem sido mantido em segredo.

A testa de Sloane franze. Há uma faísca nas profundezas verdes e douradas de seus olhos castanhos. — Por quê? Por medo de assustar o assassino?

— Provavelmente.

— E como você sabe disso?

— Da mesma forma que você sabia quem era a Besta do Bayou. É meu dever saber. — Eu pisco. O olhar de Sloane se fixa em meus lábios e descansa em minha cicatriz antes de retornar aos meus olhos. Descanso meus antebraços na mesa e me inclino mais perto. — O que você diria de uma competição amigável? O primeiro a vencer pode matá-lo.

Suas costas estão apoiadas na almofada de vinil da cabine enquanto Sloane tamborila sua manicure lascada e vermelho-sangue sobre a mesa. Ela morde o lábio inferior rachado por um longo e silencioso momento enquanto deixa sua atenção fluir sobre minhas feições. Eu sinto isso na minha pele. Toca minha carne. Isso desperta uma sensação que estou sempre perseguindo, mas nunca consigo entender.

Nunca há risco suficiente para me assustar. Nunca há recompensa suficiente para me saciar.

Até agora.

O tamborilar de seus dedos para.

— Que tipo de competição? — Sloane pergunta.

Faço sinal para a garçonete e peço a conta quando ela chama minha atenção. — Só um joguinho. Vamos tomar um sorvete e podemos conversar sobre isso.

Quando encaro Sloane mais uma vez, meu sorriso é conspiratório.

Perverso e desejoso.

...Tortuoso.

— Você sabe o que dizem, Blackbird. 'É tudo diversão e brincadeira até alguém perder um olho'. — Eu sussurro. — E é aí que a verdadeira diversão começa.

CAPÍTULO TRÊS

VENTRICULAR



UM ANO DEPOIS...

A necessidade.

Começa como uma coceira. Irritação sob minha pele. Nada que eu faça libera o sussurro constante disso em minha carne. Rasteja em minha mente e não a deixa ir.

Torna-se dor.

Quanto mais nego, mais isso me arrasta para o abismo.

Devo parar com isso. Eu farei qualquer coisa.

E só há uma coisa que funciona.

Matando.

— Eu preciso me recompor — murmuro enquanto olho para o meu telefone descartável pela quinquagésima vez hoje. Meu polegar desliza sobre o vidro liso enquanto percorro minha breve troca de texto com o único contato.

Butcher, está escrito abaixo da foto que escolhi para o perfil de Rowan: uma única salsicha fumegante na ponta de um garfo de churrasco.

Decido não desvendar os vários motivos pelos quais escolhi aquela foto, em vez disso, recorro a me visualizar esfaqueando o pau dele com o garfo.

Aposto que é um pau tão bonito também. Assim como o resto dele.

— Jesus Cristo. Preciso de ajuda — eu sibilo.

O homem na minha mesa de aço inoxidável interrompe minha mente ocupada enquanto luta contra as restrições que prendem seus pulsos e tornozelos, sua cabeça e tronco, suas coxas e braços. Uma mordada apertada prende seus apelos em sua boca aberta como a de um peixe. Talvez seja um exagero amarrá-lo tão completamente. Não é como se ele fosse a lugar nenhum. Mas o bater da carne no aço me irrita, transformando a coceira em um tormento cortante, como garras que arranham minha massa cinzenta.

Eu me viro, com o telefone na mão enquanto reviso as poucas mensagens que Rowan e eu trocamos no último ano, desde o dia em que nos conhecemos e concordamos com essa competição reconhecidamente maluca. Talvez haja algo que perdi em nossas conversas limitadas nos últimos doze meses? Existe uma indicação de como este jogo deve se desenrolar? De alguma forma eu poderia estar melhor preparada? Não faço ideia, mas isso está me dando uma dor de cabeça épica.

Vagando até a pia, pego um frasco de ibuprofeno da prateleira e coloco meu telefone no balcão enquanto coloco dois comprimidos em minha mão enluvada, revisando nossas mensagens de texto do início da semana, embora eu provavelmente pudesse recitá-las de memória.

BUTCHER

Enviarei uma mensagem para você com os detalhes no sábado.

EU

Como posso saber se você não terá apenas uma vantagem inicial para vencer esta rodada?

BUTCHER

Acho que você terá que confiar em mim...

EU

Isso parece idiota.

BUTCHER

E diversão! *Suspiro* você sabe como se divertir, certo...?

EU

BUTCHER

Minha cara BONITA, você quer dizer?

EU

...eca.

BUTCHER

Sábado! Mantenha seu telefone à mão!

E eu fiz exatamente isso. Mantive meu telefone apertado durante a maior parte do dia e agora são 20h12. O tique-taque do enorme relógio de parede, que na verdade só está montado na parede voltada para a mesa para torturar ainda mais minhas vítimas, agora está me torturando. Cada marcação vibra em meu crânio. Cada segundo queima minhas veias com uma pulsação de necessidade.

Não percebi o quanto estava ansiosa por este jogo até que a expectativa se enraizou em meus pensamentos.

O homem na minha mesa se assusta quando abro a torneira e a água bate na pia de aço inoxidável. — Acalme seus peitos — eu jogo por cima do ombro enquanto encho um copo. — Ainda não estamos na parte divertida.

Choramingos e lamentos, apelos abafados. Seu medo e sua súplica me excitam e me frustram enquanto engulo o ibuprofeno e bebo o copo de água para colocar o recipiente vazio no balcão com um baque alto.

Verifico meu telefone descartável novamente. 20h13.

— Puta que pariu.

Meu telefone pessoal vibra no bolso e eu o pego para ler a notificação. *Lark*. A mensagem dela é apenas um emoji de faca e um ponto de interrogação. Em vez de responder, tiro meus AirPods do bolso e ligo para ela, deixando minhas mãos livres para trabalhar.

— Ei, baby — ela diz, atendendo no primeiro toque. — Alguma coisa do tal do Butcher?

Eu me deleito com a voz de sol de verão de Lark por um instante antes de deixar o peso de um suspiro sair dos meus pulmões. Além do trabalho perverso de minhas mãos, Lark Montague é a única coisa neste mundo que me traz clareza quando minha mente desce para outra dimensão de escuridão.

— Nada ainda.

Lark cantarola uma nota pensativa. — Como você está se sentindo?

— Agitada. — Um pequeno som de consideração passa pela linha, mas Lark apenas espera. Ela não pressiona nem dá opinião sobre o que devo ou não fazer. Ela ouve. Ela ouve, como ninguém mais consegue. — Não sei se essa é uma ideia epicamente estúpida, sabe? Não é como se eu conhecesse Rowan. Isso pode ser uma coisa imprudente e impulsiva de se fazer.

— O que há de errado com ser impulsiva?

— É perigoso.

— Mas também é *divertido*, certo?

Um fio fino de respiração passa pelos meus lábios franzidos. — Talvez...?

A risada tilintante de Lark enche meus ouvidos enquanto me dirijo às fileiras de utensílios polidos alinhados no balcão, as facas, bisturis, parafusos e serras brilhando sob as luzes fluorescentes.

— Sua ideia atual de... diversão... — Lark diz, sua voz desaparecendo como se ela pudesse ver o bisturi que pego e examino. — Ainda é *divertido* o suficiente para você?

— Eu acho — eu digo com um encolher de ombros. Coloquei a lâmina no suporte do instrumento ao lado de uma tesoura cirúrgica, um pacote de gaze e um kit de sutura. — Mas sinto que falta alguma coisa, sabe?

— Isso é porque o FBI não está descobrindo as pistas que você está deixando na linha de pesca?

— Não, eles acabarão percebendo, se não conseguirem, enviarei uma carta anônima. *Verifiquem as linhas, seus idiotas*'.

Lark ri. — *Os arquivos estão no computador* — diz ela, citando Zoolander. Ela nunca deixa de comentar com uma frase de filme aleatória, mas relevante.

Eu rio enquanto Lark ri de sua piada, o brilho de sua luz infundindo os limites frios do meu recipiente de armazenamento modificado como se ela estivesse conectada ao circuito elétrico. A leveza entre nós desaparece quando agarro as bordas da bandeja e a levo em direção ao meu prisioneiro. — Há algo nesta competição que

parece... inspirador, eu acho. Como uma aventura. Há muito tempo que nada realmente acontecia para me deixar tão animada assim. E acho - ou espero - que Rowan já teria tentado me matar se quisesse. Não sei porquê, esta é talvez a parte mais imprudente e impulsiva de toda esta ideia, mas acredito que ele se sente como eu, como se estivesse à procura de algo para aliviar uma comichão que está a ficar cada vez mais difícil de coçar.

Lark cantarola novamente, mas desta vez o som é mais profundo e sombrio. Já falei com ela sobre isso antes. Ela sabe onde estou. O alívio é mais difícil de encontrar a cada morte. Não dura tanto. Algo está *faltando*.

É exatamente por isso que tenho esse pedaço de merda na minha mesa.

— E aquele esquivo assassino da Costa Oeste sobre o qual Rowan lhe falou? Você encontrou algum detalhe sobre ele?

Eu franzo a testa, minha dor de cabeça incomoda meus olhos. — Na verdade. Li sobre um assassinato que acho que pode ser dele, ocorrido há dois meses, no Oregon. Foi um caminhante que morreu no Parque Ainsworth. Mas não havia detalhes sobre a unção como Rowan descreveu. Talvez ele esteja certo, talvez as autoridades estejam mantendo as coisas em segredo para não assustar o assassino. — O homem na mesa solta um gemido em torno de sua mordação e eu bato a palma da mão na bandeja, sacudindo os instrumentos. — Cara, cale a boca. Chorar não vai ajudar.

— Você com certeza está de bom humor hoje, Sloaney. Você tem certeza de que não está...

— *Não*. — Eu sei o que Lark quer perguntar, mas não estou entrando em espiral. Eu não estou devolvendo. Não estou fora de controle. — Assim que esta competição começar oficialmente, ficarei bem. Só quero saber os detalhes do primeiro alvo, sabe? Não lido bem com espera. Preciso me acalmar, só isso.

— Contanto que você esteja sendo cuidadosa.

— Claro que sim. Sempre — eu digo enquanto giro a máquina de sucção em direção ao homem enquanto ele tenta se libertar das implacáveis tiras de couro. Aperto o botão e ligo-o enquanto os gemidos desesperados do homem aumentam de intensidade. Uma fina camada de suor cobre sua pele. Seus olhos arregalados vazam lágrimas pelos cantos enrugados enquanto ele tenta balançar a cabeça, sua língua trabalhando contra a mordação amarrada em sua boca. Meus

olhos se estreitam enquanto observo suas feições tensas, seu desespero vazando pelos poros como almíscar.

— Tem um convidado digno hoje, hein? — Lark pergunta enquanto o pânico do homem se espalha pela conexão.

— Claro que sim. — O cabo de metal do meu bisturi Swann-Morton favorito esfria as pontas dos dedos através das luvas de látex, um beijo reconfortante contra minha pele aquecida. A tensão da concentração reduz minha voz a um fio enquanto me concentro em posicionar o fio da faca sob o pomo de Adão do homem. — Ele é um idiota total.

Guio a ponta afiada da lâmina através da pele do homem, mantendo uma linha reta enquanto pressiono e passo a lâmina através de sua carne. Ele grita para a esfera de silicone presa em sua boca.

— Isso se chama consequências de suas ações, Michael. — Limpo o sangue que escorre pela incisão. — Você quer falar com meninos menores de idade online? Mostrar a eles suas fotos de pau enrugado? Atrair as crianças da vizinhança com promessas de cachorrinhos e doces? Já que você gosta tanto de falar, vou usar sua voz primeiro — eu digo enquanto pressiono meu bisturi no vazio de carne dividida na garganta de Michael Northman para um segundo corte mais profundo para que eu possa acessar seu som vocal e ventricular. A máquina de sucção gorgoleja enquanto suga seu sangue através da válvula de controle presa em minha mão livre. — E então eu pegarei seus dedos por cada mensagem nojenta e ameaça que você enviou, vou enfiá-los na porra da sua bunda. Se você tiver sorte, vou ficar entediada e matá-la antes de chegar aos seus dedos.

— Jesus, Sloane — diz Lark, sua risada sombria borbulhando na linha. — Sim, quer saber? Eu acho que você realmente deveria fazer essa competição com o tal do Butcher. Você precisa liberar alguma agressão reprimida, senhorita.

Sim, eu não poderia concordar mais.

Os gritos finais de Michael Northman inundam minha sala de matança enquanto me despeço da minha melhor amiga e desligo a chamada e as cordas vocais da minha presa. Quando o procedimento cirúrgico termina, eu suturo a ferida sem nenhum outro motivo a não ser dar-lhe uma falsa esperança de sobrevivência, instruindo Michael a manter os olhos no relógio antes de me voltar para minha bandeja de instrumentos para pegar minha pinça de corte de osso Liston. Talvez ele não dê ouvidos às minhas ordens, mas aprendi o suficiente sobre a frágil mente humana nesta sala para saber que ele vai querer algo em

que se concentrar nas próximas horas, nada é mais tentador e implacável do que observar o tempo passa lentamente em direção à sua destruição.

Estou prestes a voltar para o homem amarrado à minha mesa quando meu telefone descartável vibra no meu bolso.

BUTCHER

Meu irmão Lachlan vai desenhar o início. Ele vai mandar uma mensagem para nós dois com a localização. Assim que ele fizer isso, o jogo começará. O primeiro a matar vence. Se nenhum de nós encontrar o alvo dentro de sete dias, será um empate. Então acho que teremos que ir de pedra-papel-tesoura naquela vadia.

Uma forte guinada atinge minhas costelas enquanto minha frequência cardíaca dispara.

EU

Você tem uma vantagem ridícula.

Observo os pontos piscarem em nossa conversa enquanto Rowan digita sua resposta à minha mensagem.

BUTCHER

Confie em mim quando digo que Lachlan quer que você ganhe, não eu. Não tenho vantagem aqui. Ele não me contou nada.

Meu sorriso se espalha. A respiração desesperada e acelerada de Michael Northman cai em um cenário nebuloso enquanto eu digito minha resposta.

EU

Não te conheço o suficiente para confiar em você.

E se eu descobrir que ele está te dando informações, vou acabar com você. Apenas

explicando isso agora para que estejamos na mesma
página, sabe?

O ar gelado parece mais pesado no recipiente de armazenamento enquanto observo os círculos cinza pulsando no canto inferior esquerdo da tela.

BUTCHER

Acho que posso querer que você ganhe agora também,
então estou bem com isso...

EU

Você é o pior.

BUTCHER

Talvez... mas pelo menos você me acha bonito!

EU

Jesus Fodido Cristo.

Eu sei que estou sorrindo para o dispositivo em minhas mãos. Eu deveria me sentir estúpida por isso. Deve parecer tão perigoso quanto é. Mas a única coisa que sinto é um alívio que se instala na minha medula, uma excitação que carrega as câmaras do meu coração. É uma corrente que absorve luz em cada célula.

Estou prestes a desligar o telefone e me concentrar em meu prisioneiro quando ele vibra em minha mão vindo de um Remetente Desconhecido.

DESCONHECIDO

Ivydale, Virgínia Ocidental.

E boa sorte, senhora aranha do globo ocular, ou
seja qual for o seu nome. Pense só, irmãozinho:
seu título de perdedor está prestes a ser
oficializado.

Meu sorriso se alarga. Uma mensagem de Butcher chega logo após a mensagem de Lachlan.

BUTCHER

Vê? Eu te disse. Vejo você na Virgínia Ocidental,

Larguei a pinça em troca do bisturi ensanguentado.

Quando me viro para o homem amarrado à minha mesa, seus olhos estão arregalados com o tipo de medo que me traz paz. Seu rosto está pálido de estresse e dor. Sangue e saliva escorrem do canto dos lábios. Ele tenta balançar a cabeça enquanto giro o bisturi na luz artificial.

— Eu tenho lugares para estar, então acho que temos que abreviar isso, se você me desculpa o trocadilho — eu digo antes de enfiar minha lâmina sob sua orelha. O sangue cai sobre a mesa em uma torrente carmesim.

— É noite de jogo.

CAPÍTULO QUATRO

ATELIÉ



— O que você está fazendo? — Fionn pergunta enquanto entra no meu quarto, uma cenoura quebrando em seus molares. — Indo viajar?

Reviro os olhos e aponto para a cenoura. — Que diabos. Esta é uma nova fase em sua doutrinação no Crossfit, andar por aí com raízes cruas?

— Beta caroteno, filho da puta. Antioxidantes. Estou ajudando meu corpo a eliminar os radicais livres.

— Tome uma vitamina. Você parece um idiota.

— Para responder à sua pergunta, Dr. Kane, Rowan está participando de uma pequena expedição de caça com uma alma que pensa como ele. — Lachlan interrompe enquanto se senta em uma das poltronas de couro no canto do quarto. — Mas no verdadeiro estilo de Rowan, ele decidiu entrar em uma competição. Ele me convenceu a encontrar alguma presa adequada que seria uma surpresa suficiente para os dois. Então, essencialmente, ele vai levar uma surra como a vadia masoquista que ele é.

Lanço um olhar mortal para Lachlan, mas ele apenas sorri por cima da borda do copo, tomando um longo gole de bourbon enquanto bate um anel de prata na borda do cristal.

— Onde? — Fionn pergunta.

— Virgínia Ocidental.

— ...Por quê?

Lachlan dá uma risada. — Eu diria que é porque ele está tentando sair da zona de amizade, mas não acho que ele esteja nessa zona nesse ritmo.

Fionn dá outra mordida em sua cenoura, enchendo a boca enquanto solta uma risada boba como a porra de uma criança burra.

Então eu faço o que qualquer homem adulto e razoável faria com seu irmão mais novo.

Eu tiro a cenoura de sua mão e a atiro em Lachlan, acertando-o na testa com um *golpe* satisfatório.

Meus irmãos protestam em uníssono e eu sorrio para minha bagagem enquanto coloco outro par de jeans na minha bagagem de mão.

— Eu não acho que você tenha feito tanto esforço por uma mulher desde... sempre. Você não a vê há quanto tempo, um ano? — Lachlan pergunta, sem perder o ritmo.

O som da tosse sufocada de Fionn enche o quarto. Lachlan e eu observamos enquanto ele pega manchas laranja em seu punho apertado. — O quê? Um maldito ano? Por que só estou descobrindo sobre isso agora?

— Você enfiou a cabeça na bunda em lugar nenhum bancando o médico da cidade, é por isso. — Lachlan ri. — Volte para Boston, Fionn. Pare de chafurdar como um filme Hallmark Sad Man Cinderewhatever lá o que for e volte para casa para praticar um remédio de verdade.

— *Idiota* — Fionn e eu dizemos em perfeito uníssono.

Lachlan sorri e coloca o copo na mesa lateral, puxando um canivete com cabo de pérola do bolso antes de se inclinar para trás para desafivelar a tira extra de couro desgastado do cinto personalizado em sua cintura. Ele enrola o anel de metal na ponta frouxa do cinto em volta do dedo médio e estica o couro, depois começa a afiar a lâmina na borda áspera da pele. É algo que ele faz desde que éramos crianças, algo que o acalma. Lachlan pode gostar de zombar de Fionn e de mim, mas sei que ele está estressado porque nosso irmão mais novo não mora mais na mesma cidade que nós, e agora por eu ter ido jogar algum jogo insano de morte com uma serial killer que mal conheço. — Não estou errado. — diz ele depois de algumas passagens da lâmina sobre o couro. — Nebraska é muito

longe, garoto. Além disso, você está claramente perdendo todos os bons detalhes da inexistente e comicamente triste da vida amorosa de Rowan por aí.

— É verdade — admite Fionn. Seu olhar pensativo cai para a madeira enquanto ele cruza os braços e se inclina contra a cômoda. Ele provavelmente está atribuindo valores numéricos *para saber a fofoca versus estar fora do circuito* e está pesando a probabilidade estatística de sua felicidade dividida por pi.

Maldito nerd.

— Você a viu? — Fionn pergunta enquanto sai de sua névoa analítica, olhando diretamente para Lachlan como se eu nem estivesse aqui.

— Apenas em algumas fotos. — Lachlan toma um gole de sua bebida enquanto sorri para meu olhar letal. — Ela é gostosa. Definitivamente tem um lado negro: ela gosta de arrancar os olhos das vítimas enquanto elas ainda estão vivas. Os federais a chamam de O Tecelão das Orbes. O nome verdadeiro dela é Sloane Sutherland.

— Mantenha a porra do nome dela fora da sua boca — eu rosno.

A risada estrondosa de Lachlan enche o quarto. Ele leva a mão que segura o canivete à boca enquanto o som de suas diversões inunda o espaço entre nós. O espertinho sem dúvida está me lembrando de que, de nós dois, é ele quem está com a arma em punho.

Se a lâmina afiada não estivesse em sua mão, eu já estaria socando sua maldita cara presunçosa.

— Digamos que você consiga entrar na zona de amizade, então, por algum maldito milagre, você ultrapasse isso e caia nas boas graças da senhora aranha sem perder um olho, como você gostaria que eu me referisse a ela?

— Eu não sei, idiota. Que tal *Rainha*. Ou, *Sua Alteza*. Vá se foder.

Eu gemo quando a risada de Lachlan nos rodeia novamente, ainda mais alta do que antes. — *Foda-se*, é isso. 'Prazer em conhecê-la, vá se foder. Sou seu cunhado, bem-vinda à família, *vá se foder*.'

Estou prestes a entrar em Lachlan quando meu telefone descartável toca no meu bolso.

BLACKBIRD

Aproveitando ao máximo.

Há uma foto dos dedos delicados de Sloane enrolados em uma taça de champanhe na classe executiva de um avião, sua manicure vermelho-sangue brilhando sob a luz artificial da cabine.

Meu coração bate contra minhas costelas.

Quase posso sentir aquelas unhas raspando meu peito e meu abdômen, envolvendo meu pau com uma força enganosa. Posso imaginar o calor daqueles olhos castanhos fixos nos meus, sua respiração aquecendo meu pescoço enquanto ela sussurra em meu ouvido.

Lachlan ri como se pudesse ler todos os meus pensamentos e eu limpo a garganta.

EU

Vejo que você já está no avião. Isso é ótimo...

BLACKBIRD

De fato, eu estou. E você claramente não está.

Vejo você se você eventualmente alcançar! Mas não

vou prender a respiração!

Minhas bochechas coram enquanto meus polegares pairam sobre o teclado.

EU

É tarde demais para reiniciar?

A resposta de Sloane é imediata.

BLACKBIRD

Absolutamente.

Um grunhido vibra em meu peito enquanto dobro meus esforços para fazer as malas, mesmo sabendo que isso não me levará a um avião mais rápido.

— Você está bem aí, irmãozinho? Ou o *Foda-se* já matou seu alvo?

Considero jogar minha bagagem pela metade no rosto sorridente de Lachlan quando seu telefone toca. Qualquer traço de humor se desintegra de suas feições como cinza caindo de um tronco carbonizado, deixando apenas carbono rachado para trás.

— Este é Lachlan — diz ele. Sua voz é rouca enquanto ele responde ao chamador com respostas curtas de 'sim' e 'não', seu timbre baixo. Torço a camisa que estou enrolando em um rolo apertado até que os nós dos dedos fiquem brancos. Meus olhos estão fixos nos do meu irmão mais velho, mas ele não tira os olhos do canivete girando em sua mão. — Eu estarei lá. Dê-me trinta minutos.

Quando ele encontra meus olhos, o breve sorriso de Lachlan é sombrio.

— Turno da noite? — Eu pergunto.

— Turno da noite — ele responde.

Durante o dia, Lachlan dirige o Kane Atelier, seu estúdio especializado em couro, onde cria beleza a partir da pele da morte. Mas à noite, sempre que Leander Mayes liga, meu irmão se torna a ferramenta implacável do diabo.

Pessoalmente, gosto de tirar a vida de qualquer canalha que esteja flutuando em meu caminho na sopa infernal da sociedade moderna.

Lachlan...? Não sei se ele gosta de alguma coisa atualmente. Ele mata com propósito, mas se envolve em um distanciamento frio. A menos que ele esteja esculpindo pele com as mãos ou irritando a mim e a Fionn, não acho que a vida tenha importância para ele.

Uma pontada atinge meu peito quando Lachlan se levanta da cadeira, guardando a lâmina no bolso e quebrando o pescoço enquanto enfia o cinto de volta no lugar na cintura. Um leve traço de seu sorriso retorna quando pousa em mim.

— Fique seguro, idiota — diz ele.

— Você também, idiota.

Lachlan zomba, mas ainda bate uma mão calorosa no meu ombro enquanto passa. Ele pressiona a cabeça na minha para respirar e depois vai embora, indo em direção à porta para fazer o mesmo com Fionn. Nosso irmão mais novo nunca foi bom em esconder suas

preocupações. Fionn exhibe todos os tons de tristeza e preocupação em seus olhos azuis claros, e observa Lachlan se afastar com uma preocupação dolorosa espalhada por suas feições infantis.

— Vejo vocês mais tarde, crianças. — diz Lachlan enquanto atravessa a soleira e desaparece no corredor mal iluminado. — E vá para casa, Fionn.

— Passe difícil — responde Fionn, uma risada vem da escuridão antes que a pesada porta do meu apartamento se feche com um baque reverberante. Fionn se vira para mim, aquela ansiedade ainda gravada como uma ruga no espaço entre suas sobrancelhas. — Tem certeza que esta sua viagem é uma boa ideia? Quero dizer, até que ponto você conhece essa Sloane?

Desvio o olhar de Fionn, sorrindo enquanto fecho minha mochila e a penduro no ombro.

— Não estou nada bem. Eu a conheci apenas uma vez.

O ruído nervoso de Fionn é quase audível. — Uma vez? Como vocês se conheceram?

— Você realmente não quer saber.

— Isso parece um pouco impulsivo, Rowan, até para você. Eu sei que você tem toda essa coisa de filho do meio acontecendo — diz ele, acenando com a mão em minha direção, do jeito que ele e Lachlan sempre fazem para explicar meu comportamento selvagem e decisões imprudentes. — Encontrar-se com uma mulher assassina em série com quem você só falou uma vez há um ano não é... normal.

Minha risada parece fazer pouco para tranquilizá-lo. — Nada em nós é normal, mas ficarei bem. Eu tenho um instinto sobre ela.

O telefone descartável toca no meu bolso.

BLACKBIRD

Estou prestes a decolar. Se isso fosse uma
corrida, você já estaria atrás.

Oh espere... é uma corrida! Olhe para isso. Espero
que você goste de olhos desarticulados porque vou
matar essa merda, trocadilho intencional. Boa
viagem e foda-se! bjs

— Sim, Fionn — eu digo com um sorriso brilhante enquanto

coloco meu telefone de volta no bolso e vou em direção à porta. —
Acho que vou ficar bem.

CAPÍTULO CINCO

CERTEZA



Isso é um absurdo. *Eu sou* um absurdo.

Estou sentada no saguão do Cunningham Inn, tentando me concentrar na mesma página do meu e-reader em que estou presa há cinco minutos enquanto decido entre fugir ou ficar.

Que porra estou fazendo da minha vida?

Isso é perigoso.

E estúpido.

Absurdo.

Mas não consigo me obrigar a ir embora.

Meus pulmões se enchem com o cheiro de Pinho-Sol e de más decisões enquanto um suspiro profundo e nervoso passa pelos meus lábios. Desistindo do meu livro, sento-me e observo o saguão silencioso, onde minha única companhia é um gato cinza taciturno que me encara de uma cadeira de couro ao lado da lareira apagada. O quarto é datado, mas confortável, com painéis de carvalho escuro e um antigo tapete estampado que já foi cor de vinho. A mobília antiga é incompatível, mas polida e brilhante. Um par de corujas taxidermizadas em pleno voo monta guarda sobre as reproduções desbotadas pelo sol das pinturas de Rodin e das ferramentas ferroviárias e de mineração antigas espalhadas pelas paredes.

Suspiro novamente e verifico meu relógio. São quase duas da manhã e eu deveria estar cansada, mas não estou. Houve muita

correria hoje à noite, entre fatiar o corpo de Michael Northman e enfiá-lo no meu freezer enquanto eu reservava um voo para fora de Raleigh, fazer as malas em um tempo recorde de trinta minutos, alugar um carro para minha chegada em Virgínia Ocidental enquanto Lark me levou ao aeroporto. Quando lamentei que toda essa aventura fosse uma ideia estúpida, a resposta dela foi: — Talvez, mas você precisa sair e fazer mais amigos.

— Eu tenho um amigo — eu disse. — Você.

— Você precisa de mais de um, Sloane.

— Mas esse amigo em particular? Esse cara aleatório o Rowan? ...Realmente?

Ainda posso ouvir a cadência da risada de Lark enquanto ela olhava para minha confusão com um sorriso gentil. — Ter outro amigo que pode entender você, quem você é de *verdade*, talvez não seja uma coisa ruim — ela disse encolhendo os ombros, seu sorriso imaculado pelo escrutínio do meu olhar inabalável. — Você não pulou do veículo em movimento. Ainda estamos indo para o aeroporto. Então, sim, acho que esse Rowan aleatório é seu amigo agora.

Talvez eu devesse ter saltado do carro.

Eu gemo enquanto deslizo ainda mais para as profundezas da minha cadeira. — O raciocínio dela nem fazia sentido lógico — digo ao gato enquanto relembro aquela conversa com Lark, o felino olhando para mim com uma fúria fervilhante e crítica.

— Tentando consumir sua alma, Blackbird?

Deixo cair meu e-reader e me assusto, voltando-me para a fonte do sutil sotaque irlandês com a mão no coração. — Jesus Cristo. — Sibilo enquanto Rowan emerge das sombras perto da porta com um sorriso malicioso. Minha respiração para quando a realidade me atinge: ele está aqui, realmente aqui. Rowan parece exatamente o mesmo de um ano atrás. Posso parecer um pouco melhor do que no nosso primeiro encontro, já que não passei os últimos dias em uma jaula nojenta enquanto um corpo apodreceu a poucos metros de distância. Não tenho certeza se ele se importaria tanto com a minha falta de maquiagem, com o cabelo preso ou com os lábios rachados, considerando que ele passava tanto tempo olhando para os meus seios. A lembrança me faz corar, e não de vergonha.

Engulo uma súbita explosão de nervosismo. — Talvez eu *devesse* consumir a alma do gato. A minha acabou de sair do meu corpo.

— Acho que foi assim que você adquiriu suas sardas. Roubando almas.

— Vejo que você está tão hilário quanto na primeira vez que nos conhecemos. — Reviro os olhos e me movo para pegar meu e-reader, mas Rowan chega primeiro. — O entregue, garoto bonito — eu digo enquanto ele me dá um sorriso magnético que preenche meus sentidos e extingue minhas preocupações com um tipo diferente de ansiedade. A cicatriz reta em seu lábio parece iluminar-se enquanto seu sorriso se torna libertino.

— O que minha nervosa Blackbird gosta de ler, eu me pergunto? — ele brinca enquanto balança o dispositivo para mim.

Um bufo de desdém deixa meus lábios, embora suas palavras rastejem em minhas veias e injetem um calor vermelho em minhas bochechas. — Pornografia de monstros, claramente — respondo. Rowan ri e consigo arrancar o dispositivo de suas mãos, o que só o faz rir ainda mais. — O homem dragão senciente tem dois paus e sabe como usá-los. Uma língua bifurcada também. E uma cauda muito talentosa. Então não tire sarro.

— Devolva-me isso. Minha TV está quebrada no meu quarto e esse é o tipo de entretenimento que preciso na minha vida.

— Foda-se, Butcher. — Deslizo o e-reader sob minha nádega esquerda e dou a Rowan um olhar letal. — Espere um segundo. Sua TV está quebrada? Quando você chegou aqui?

Ele encolhe os ombros e deixa sua mochila cair no chão com um baque surdo enquanto me dá um sorriso malicioso, dobrando seu corpo na cadeira ao lado da minha. — Cerca de quarenta e cinco minutos atrás. Você devia estar no seu quarto. Deixei o meu para encontrar alguma bebida. A propósito, sou seu vizinho.

— Fantástico — eu digo, revirando os olhos, o que só o faz sorrir.

Rowan abre o zíper do saco, abrindo-o apenas o suficiente para mostrar a garrafa de vinho tinto que está dentro dele.

— São duas da manhã. Todas as lojas não estão fechadas?

— Não a cozinha.

— A cozinha também está fechada.

— É isso...? Meu erro. — Rowan tira a garrafa da bolsa e abre a tampa de rosca, seu olhar se funde ao meu enquanto toma um longo

gole. Meus olhos se estreitam quando ele pisca. — Não me diga que você está chateada com algum pequeno roubo.

— Não — eu zombei. Meu braço fica arrepiado no breve momento em que nossos dedos se entrelaçam em torno do vidro frio enquanto tiro a garrafa de sua mão. — Estou chateada porque você está demorando muito para passar a garrafa. E você está espalhando germes para o seu garoto. Você provavelmente está tentando me infectar, então ficarei doente no meu quarto com sua varíola enquanto você vence nossa pequena competição.

— *Varíola*. — Rowan bufa enquanto tomo um longo gole e devolvo a garrafa. Ele mantém meu olhar fixo enquanto toma um gole, o sorriso malicioso em sua expressão ainda brilhando em seus olhos. — Bem — ele diz, apresentando a garrafa com um floreio enquanto a entrega para mim — Eu estou com seus piolhos agora, então estamos empatados.

Tento não sorrir, mas acontece de qualquer maneira, assim que aquele sorriso surge em meus lábios, os olhos de Rowan iluminam-se, como se ele estivesse refletindo minha diversão de volta para mim. Não apenas isso, mas *amplificando-a*.

Ao recostar-me no assento, percebo que é como se só nos tivéssemos visto ontem. É tão fácil com ele, mesmo quando eu não quero que seja, assim como quando nos sentamos no restaurante há um ano. Apesar do quanto eu tentei forçar minha atenção para outro lugar, ela continuava voltando para ele. E não é diferente agora. Ele me atrai, um pontinho de luz constante na escuridão estática.

— Alguma ideia para que estamos aqui? — Rowan pergunta, afastando-me dos pensamentos que me varreram. Tomo um gole de vinho e olho para ele com cautela.

— Claro.

— Por 'claro', você quer dizer 'de jeito nenhum', certo?

— Bastante. Você?

— Não.

— Como Lachlan descobriu esse local, afinal? E como posso saber se ele não vai lhe fornecer informações para ajudá-lo a vencer?

Rowan dá uma risada zombeteira e puxa a garrafa dos meus dedos, tomando um longo gole antes de responder. — Porque, como eu disse, meu irmão não tem interesse em me ver ter sucesso. Se eu perder, ele vai esfregar isso na minha cara por um ano e vai aproveitar

cada segundo. — Quando Rowan me devolve a garrafa, ele olha ao redor da sala, seu olhar percorrendo cuidadosamente as feições, como se estivesse procurando por câmeras escondidas ou convidados que não notou. Já sei que somos os únicos que fizeram check-in. Além do proprietário, um cara chamado Francis, que mora em uma casa bem cuidada no estilo do Segundo Império com vista para a pousada, somos os únicos na propriedade. Tenho certeza de que Rowan também sabe disso, mas ele está certo em tomar cuidado. — Quanto à forma como ele surgiu com a Virgínia Ocidental, bem... digamos apenas que ele tem conexões com certas pessoas que podem acessar certos arquivos de certas agências governamentais e alguns associados que podem preencher as lacunas.

— Isso certamente parece duvidoso, com certeza — eu digo, sorrindo quando Rowan revira os olhos com a minha provocação. — O que seu irmão faz no trabalho?

Rowan se recosta na cadeira e bate no braço enquanto seus olhos seguem as curvas e ângulos do meu rosto. Sua camisa azul marinho provoca um rubor em minhas bochechas. Ele olha para mim de uma forma que ninguém mais faz, como se não estivesse apenas tentando decifrar meus pensamentos e motivações. É como se ele estivesse tentando memorizar os mínimos detalhes da minha pele, para descobrir cada segredo preso atrás da minha carne.

— Nosso hobby — ele diz quando parece perceber que é seguro compartilhar essa resposta comigo. — Para Lachlan, não é um passatempo. É uma profissão.

Eu concordo. Faz sentido para mim agora como ele poderia ter acesso a informações sobre investigações criminais. Ou ele trabalha para os militares ou para indivíduos perigosos e bem relacionados.

— Então você tem certeza de que ele não vai te ajudar a trapacear. — eu digo.

— Na verdade, ele encontraria uma maneira de ajudá-la a trapacear.

— Eu já gosto dele. — Meu sorriso se ilumina quando Rowan me lança um olhar falso. Tomo um gole da garrafa e passo adiante. — E você? Você gosta do ramo de restaurantes?

Rowan dá um sorriso malicioso em minha direção. — Você está me procurando, Blackbird?

— Como se você não estivesse fazendo o mesmo comigo — contraponho.

— Culpado da acusação. — Rowan toma um longo gole de vinho e equilibra a garrafa no joelho. Ele me observa por um momento antes de concordar, com um sorriso um pouco melancólico. — Sim. Adoro administrar minha própria cozinha. Eu gosto do ritmo. Pode ser frenético, mas eu gosto disso. Eu me dou bem com um pouco de caos. Talvez seja por isso que gosto de você. — diz ele com uma piscadela.

Eu solto uma risada e reviro os olhos. *Este homem*. Ele poderia fazer qualquer coisa parecer sedutora. — Qual é o nome? — Eu pergunto, embora eu evite seu comentário, isso não parece incomodá-lo nem um pouco. — Por que você escolheu *3 In Coach*?

— Meus irmãos — diz Rowan, seu sorriso assumindo aquela qualidade nostálgica mais uma vez enquanto seu olhar cai para a garrafa em sua mão. — Éramos adolescentes quando saímos de Sligo e viemos para a América. Lembro-me de Lachlan comprando os ingressos. *Three in coach*. Foi o início de outra vida para nós.

— Assim como o restaurante — eu digo, terminando o rastro de pensamento que ele deixou para eu seguir. Seus olhos brilham quando ele balança a cabeça. — Eu gosto disso.

Rowan passa a garrafa para mim. Nossos dedos roçam o vidro frio. Nosso toque dura um momento a mais do que deveria, mas por alguma razão, acho que ainda é menos tempo do que eu gostaria.

Isso é um absurdo, lembro a mim mesma. *Você não conhece esse homem*.

Firmo minha postura, mudo minha linha de visão para a recepção para dar a Rowan apenas o canto do olho quando bebo da garrafa. As paredes são boas. Limites são necessários. Ele é o tipo de cara que vai passar por cima deles se eu abaixar a guarda. E isso ainda é uma competição, afinal. Eu deveria apenas procurar informações que me ajudem a vencer.

Na minha periférica, vejo a mão de Rowan se aproximando furtivamente da minha cadeira e me viro para fixá-lo com um olhar furioso. O filho da puta atrevido me dá sua máscara mais inocente.

— Que diabos está fazendo?

— Vou roubar seu e-reader. Eu quero ler sobre o homem dragão de dois paus.

— Estou sentada nisso. Toque na minha bunda e quebro sua mão. — digo, sem conseguir conter uma risada enquanto ele cutuca

meu braço ritmicamente.

— Eu não vou. Vou empurrar você e agarrá-lo, depois gargalhar loucamente enquanto corro para o meu quarto em triunfo.

— Basta baixar o aplicativo como uma pessoa normal e ler no seu telefone, esquisito.

— Pedra-papel-tesoura para isso.

— Sem chance.

— Vamos, Blackbird. Eu preciso de um DP do homem dragão.

Ele está me dando outra cutucada no bíceps e estou rindo quando um som estranho entra em nosso domínio. De repente, parece que estávamos em uma bolha que acabou de estourar. Não é normal para mim, e a aparição de Francis na recepção é um choque para o meu sistema. Geralmente estou tão consciente do que me rodeia. Mas Rowan me prendeu em outro reino, como se nada mais existisse além de nós. E por alguma razão, isso pareceu um alívio, uma pausa na pressão constante de procurar o perigo escondido nas sombras.

— E aí cara. Espero que não estejamos mantendo ninguém acordado. — diz Rowan. Ele nem tenta esconder a garrafa de vinho que equilibra no joelho, a outra mão enrolada no braço da minha cadeira.

Os olhos de Francis vão do vinho para Rowan, os lábios comprimidos em um sorriso tenso. — Não, de jeito nenhum. Vocês são os únicos convidados aqui. Eu estava indo passar a noite na Igreja Winston. — ele responde enquanto acena com a cabeça em direção ao gato ainda enrolado na cadeira perto da lareira. Francis desliza a mão pela gravata rosa e seus olhos saltam entre nós. — Não temos muito trânsito por aqui, não com alguns dos lugares mais novos surgindo na área. Todo mundo tem um AirBnB agora, tentando ganhar um dinheirinho extra.

Faço um gesto em direção ao saguão. — Eu gosto daqui. Tem charme. Parece que Winston vai arrancar meu rosto se eu chegar muito perto.

— Não, ele é inofensivo. — Francis passa a mão por seu cabelo escuro e caminha até o gato, que lhe lança um olhar sujo e um silvo antes de mudar seus olhos felinos amarelos para mim. Não tenho certeza se ele quer a salvação de Francis ou apenas quer continuar me encarando, mas seus resmungos se perdem quando Francis levanta seu corpo cinzento em seus braços. — Vocês estão visitando alguém na

área? Ou apenas de passagem?

— É a nossa caminhada anual — respondo como voluntária. — Escolhemos um lugar novo a cada ano, geralmente um lugar um pouco *'fora do comum'*, por assim dizer.

Francis assente, acariciando a cabeça do gato. — Existem ótimas trilhas locais. Elk River é um bom lugar para começar. The Bridges é um circuito panorâmico. Apenas tome cuidado se for em direção a Davis Creek. É fácil se perder. Um caminhante desapareceu assim no ano passado e nunca foi encontrado. Também não seria a primeira vez.

— Obrigado, cara. Teremos o cuidado de ter cuidado — diz Rowan em um tom que educadamente diz *'por favor, vá se foder agora'*. Francis entende a dica e acena para cada um de nós.

— Tenham uma ótima noite, pessoal. Sinta-se à vontade para ligar se precisarem de alguma coisa. — diz ele, depois acena com a pata de Winston para nós antes de partir.

Nossas palavras de agradecimento o acompanham enquanto ele desaparece por um corredor à direita do saguão. O som de uma porta distante se fechando chega até nós um momento depois.

— Parece que ele deveria estar tentando pegar garotas com um avatar idiota que literalmente não se parece em nada com ele enquanto transmite no Twitch ou algo assim, não administrar um hotel em lugar nenhum, Virgínia Ocidental. — Rowan resmunga. Ele mantém seu olhar fixo no corredor enquanto puxa o braço da minha cadeira na tentativa de aproximá-la.

— Qual é o seu problema? — Pergunto rindo enquanto ele me puxa para mais perto. — Você está com ciúmes da gravata rosa dele ou algo assim?

Rowan zomba e muda aquele olhar duro para mim enquanto puxa minha cadeira novamente. — Não. Cristo. Agora me dê esse pau de dragão, Blackbird.

— Sem chance. — Consigo sair da cadeira com o e-reader antes que ele possa me agarrar, acenando para ele em uma provocação enquanto me afasto em direção aos nossos quartos. — Boa noite, esquisito. Eu vou para a cama. O madrugador pega o verme, você sabe. Posso planejar uma caminhada solo até Davis Creek. Não são permitidos meninos, a menos que tenham escamas e problemas reprodutivos.

— De todas às vezes para esquecer meu macacão de dinossauro em casa. — Rowan suspira e inclina a garrafa na minha direção antes de se recostar na cadeira. Seu sorriso é caloroso, seus olhos brilhantes apesar da hora tardia. — Vejo você amanhã, Blackbird.

Com um aceno final, viro-me e vou para o meu quarto.

Estou deitada na cama, olhando para o teto, quando meu telefone vibra com uma mensagem de texto.

BUTCHER

Boa noite. Não deixe os percevejos morderem.

Tenho quase certeza de que existem percevejos.

Eu sorrio no escuro. E então adormeço.

CAPÍTULO SEIS

SUSANNAH



O lado negativo é que ainda não descobri quem diabos procuramos.

Do lado positivo, Sloane também não.

Dupla vantagem: ela *odeia* quando eu aponto isso.

Bato na porta de Sloane e enfio as mãos nos bolsos, tentando parecer indiferente, apesar da tempestade de excitação que ilumina meu peito. Quando ela abre, seu rosto imediatamente se transforma em uma carranca sombria.

— Esperando outra pessoa? — Eu pergunto com um sorriso.

— Não — ela bufa, como se fosse a ideia mais ridícula de que algum outro cara possa estar querendo vir aqui às nove da noite de uma quinta-feira. Acho que as colheitas são um pouco escassas na vila de Ivydale. — Só sei que você está aqui para se gabar.

Deixei escapar um suspiro teatral. — Eu nunca. — Meu sorriso se espalha e o olhar de Sloane cai para meus lábios. Ela gosta de fingir que não quer realmente me conhecer, mas toda vez que seus olhos se fundem com a minha cicatriz, uma pequena ruga surge entre suas sobrancelhas. — Se você me deixar entrar, direi como consegui aquela cicatriz que você não consegue evitar de olhar.

O olhar que ela me dá é de puro horror. O calor sobe por seu pescoço e ilumina suas bochechas. — Eu não estava... eu não... — Ela bufa e levanta o queixo. — Você é o *pior*.

Toda aquela fúria combinada com toda aquela timidez, toda a sua habilidade letal embrulhada em um pacote que facilmente se confunde. Ela é tão adorável. É preciso tudo de mim para não rir, e ela percebe.

Sloane se inclina sobre a soleira, seus dedos agarrados à borda da porta enquanto ela tenta me impedir de ver o interior de seu quarto. Seu olhar furioso percorre meu rosto. — Eu sou uma serial killer, você sabe — ela sussurra. — Eu poderia entrar no seu quarto enquanto você dorme e sugar seus olhos da cabeça com o aspirador industrial que Francis usa para limpar os pelos de gato do horrível carpete do saguão.

— Tenho certeza que você poderia, Blackbird. Sem dúvida. — Meu sorriso se espalha e levanto as mãos em sinal de trégua, embora Sloane não pareça convencida. — Então, você vai me convidar para entrar ou o quê?

— Na verdade, não. — Sloane tira o cartão-chave do suporte ao lado da porta e o enfia no bolso de trás da calça jeans enquanto passa por mim. A porta se fecha atrás dela com um clique alto. — Eu tenho que estar em algum lugar.

Meus pés parecem colados ao chão enquanto observo Sloane caminhar pelo corredor, jogando a alça da bolsa no corpo enquanto caminha.

— Tem que ser... *o quê?* — Corro atrás dela e acompanho seu passo, examinando seu perfil enquanto ela marcha pelo corredor com um sorriso malicioso. — *'Estar em algum lugar?'* Onde?

— *Em algum lugar*, Rowan. Ou você esqueceu que isso é uma competição? — ela pergunta. Ela tenta esconder aquele sorriso crescente, mas não consegue.

Meu coração bate na parede do peito quando percebo que ela está um pouco mais agitada do que o normal. Um suéter de cashmere branco. A maquiagem dela é a mesma que ela usou nos últimos três dias desde que chegamos, com delineador alado, rímel preto e batom vermelho fosco, mas ela trocou seus vários brincos por um conjunto diferente de peças douradas, algumas com pedras que brilham sob seus cabelos escuros.

Minha boca fica seca.

— Você vai a um encontro? — pergunto enquanto viramos uma esquina e nos dirigimos para a ampla escadaria que leva ao saguão.

Sloane suspira. — Eu não chamaria isso de *encontro*, por si só...

— Então onde você está indo? Você sabe, para tipo... propósitos de segurança e outros enfeites...

Sloane bufa. — Você acha que preciso de sua proteção, garoto lindo?

Não. Mas também sim.

— Eu deveria ir com você, só para garantir. Não gostaria que algo como o de Briscoe acontecesse novamente — digo quando entramos no saguão. Sloane para e se vira para mim.

— Não, Rowan, você não pode vir. E se for um encontro? Isso seria tão estranho. — Ela dá um tapinha no meu peito e sorri. — Não se preocupe, vou lhe contar todos os detalhes sangrentos mais tarde.

Com um toque final em meu peito, que mais parece um tapa, ela se vira e se afasta.

— Mas... era eu quem deveria estar se vangloriando — grito quando ela chega à saída do saguão.

— Desculpe, não desculpe — ela diz. Ela me mostra o dedo do meio antes de passar pelas portas, deixando apenas um baque ecoando para trás.

Fico atrás dela, atordoado. Uma onda de confusão, preocupação e ciúme invade meu peito. De uma só vez, fui preenchido com um maldito oceano disso.

Que porra é essa?

— Sloane — eu grito atrás dela, marchando até a porta. Empurrei-a para abri-la com mais força do que o necessário e deixo-a bater no batente da porta com um baque satisfatório de madeira contra o metal revestido de borracha. — Sloane, droga...

Eu olho para a esquerda e para a direita. Prendo a respiração e ouço.

Nada.

Minha mão passa pelo meu cabelo. Não tenho certeza se estou mais irritado por estar perdendo o nosso primeiro jogo, ou por Sloane estar em um encontro talvez com algum idiota do nada.

Esforço-me para ouvir qualquer coisa que não seja grilos, mas ainda não há sinal de Sloane.

— *Foda-se.*

Corro em direção à porta do saguão e a abro com mais força do que o necessário enquanto volto para o hotel e vou para o meu quarto. Ando por lá por um tempo enquanto considero minhas opções. Talvez eu devesse sair e encontrar o pub local e ficar com a cara de merda. Mas e se ela encontrar alguém como Briscoe ou Watson? Briscoe deve ter acertado um golpe de sorte... o cara era tão sedentário quanto a porra de uma pedra. Mas Watson era um bastardo astuto. E se ela for encurralada por alguém assim? E se ela estiver presa e eu não conseguir encontrá-la? E se ela pedir ajuda e eu estiver bêbado e chateado na taverna cantando Country Roads?

Eu nunca esperei que estaria andando pelo meu quarto enquanto me estressava com o paradeiro da porra do Tecelão de Orbes, meu coração disparado e as palmas das mãos suadas, preocupado se ela poderia se machucar.

O som de uma mensagem recebida é a única coisa que me impede de fazer um buraco no chão.

BLACKBIRD

Estou bem.

Eu bufo.

EU

Eu não estava preocupado.

Uma mentira completa, obviamente. Sento-me na beira da cama enquanto tento resistir à vontade de retomar meu caminho pelo quarto, meu joelho balançando.

BLACKBIRD

Ah, que bom.

Nesse caso, não espere acordado!

— Que *porra* é essa...

Eu mal controlei a vontade de jogar meu telefone contra a parede, optando por agarrá-lo com força de ferro e dar um soco no

colchão. A propósito, é extremamente insatisfatório socar a porra de um colchão.

Então eu retomo o ritmo.

Depois de um tempo, desisto de caminhar e tento fazer algumas pesquisas sobre a região, mas não encontro quase nada, assim como todos os meus esforços nos últimos três dias. A única coisa que achei significativa foi um punhado de artigos de notícias. Histórias aleatórias, nada que ligue os pedaços a um suspeito. Um caminhante desaparecido, tal como o Francis disse. Outro cadáver em uma ravina. Um carro com placa de Nova York dragado do rio Kanawha. Como diabos Lachlan descobriu que há um serial killer na área, eu não tenho ideia. Na verdade, estou começando a pensar que ele nos enviou aqui como uma farsa.

Desisto e me jogo na cama olhando para o teto.

Já se passaram três horas quando finalmente ouço o clique silencioso da porta de Sloane se fechando enquanto ela entra em seu quarto ao lado do meu.

Três malditas horas.

Além do fato de que ela poderia ter vencido nosso jogo nesse período de tempo, ela também poderia ter feito todo tipo de *outras* coisas. Estar em um encontro, por exemplo. Talvez ela tenha jantado em algum lugar diferente deste hotel com ervilhas congeladas de Francis e costeletas de porco cozidas demais e sem tempero, nas quais provavelmente vou quebrar um dente antes do fim da semana.

...Talvez ela tenha ficado com algum cara.

Um gemido ressoa na minha garganta e eu me viro para me sufocar no padrão floral do edredom de poliéster barato.

— Rowan, você está *fodido pra caralho* — eu rosno no colchão indiferente. — Este jogo já está explodindo a sua cara e é só o *terceiro dia*.

Como se fosse uma deixa, o som da música vem da porta ao lado.

O volume está baixo, mas consigo distinguir algumas letras através das paredes finas como papel, depois o som da voz de Sloane enquanto ela canta junto com um compasso ocasional da música.

Embora eu esteja aliviado por ela estar de volta inteira, ainda arrasto um travesseiro sobre a cabeça e tento abafar o som,

principalmente para me impedir de marchar até lá e exigir que ela me conte o que estava fazendo, mesmo que nada disso seja da minha conta e talvez eu não queira saber.

O travesseiro não funciona, é claro. E não apenas porque é tão fino quanto à porra de um lenço de papel. Provavelmente é porque estou me esforçando para ouvir, mesmo fingindo que não.

A música muda e a voz calma de Sloane desaparece.

A ausência de sua presença se estende, arranhando meu crânio. Contra o meu melhor julgamento, rolo para fora da cama e vou até a parede que nos separa antes de me inclinar para pressionar meu ouvido no papel de parede adamascado desbotado.

A música está um pouco mais nítida, o volume ainda baixo. Ouço o colchão dela ranger. E então um zumbido suave.

— Jesus, Maria e José — sussurro, arrastando as mãos pelo rosto. O que eu não daria para estar naquele quarto agora. O gemido rouco de Sloane incendeia meu sangue. Meu pau já está duro como uma rocha.

Estou prestes a me afastar da parede. Eu realmente estou. Estou começando a me afastar quando ouço uma única palavra passar por seus lábios.

Rowan.

Ou talvez costurando. Ou Cohen. Ou Samoano. Não posso ter certeza. Só vou com Rowan.

Meu sangue é vulcânico. Meu coração troveja. Cada célula do meu corpo grita de necessidade. É preciso tudo de mim para começar a me afastar novamente, mas então ouço algo estranho vindo do fundo da parede.

Um gemido silencioso.

Eu rastejo em direção à fonte do som.

Outro gemido. Um sussurro distorcido. Quando pressiono meu ouvido contra a superfície, ainda ouço o leve zumbido do brinquedo de Sloane. Mas muito mais perto está o som característico de alguém se masturbando.

Recuo da parede e observo a estrutura. Cerca de dois terços para baixo, na direção de onde ela se junta à parte de trás do quarto, há um ângulo reto onde a parede entra mais na área de estar. Então

vou até lá, cada passo cuidadoso e silencioso.

Salto. Dedo do pé. Salto. Dedo do pé.

Paro na saliência da parede e encosto o ouvido na moldura de latão de um retrato.

O sussurro de um homem me encontra acima do som rítmico de uma mão bombeando uma ereção. — *Sim, baby... simples assim...*

A raiva inunda minhas veias.

Dou um passo para trás e examino o quarto em busca de algo que possa usar para destruir a porra da parede antes de ter que recorrer às minhas próprias mãos. Meu olhar pousa na mesa de cabeceira e fica lá. Se objetos inanimados tivessem sentimentos, a luminária de latão ao lado da cama estaria se cagando.

Marcho até ela e a arranco da tomada, agarrando seu longo corpo como um taco de beisebol enquanto me viro em direção à seção da parede onde o pervertido está escondido. Estou prestes a dar meu primeiro golpe quando os olhos da pintura se abrem. Um verdadeiro par de olhos humanos olha para mim e se arregala com alarme.

— Oh merda — uma voz de homem sussurra.

Meu instante de choque se transforma em fúria quando os olhos desaparecem, deixando buracos escuros e vazios para trás. — *Filho da puta.*

Corro até a parede e quebro a pintura com minha arma, cambaleando até a metade do quarto minúsculo e escondido quando a tela fina cede sem nada por trás dela. Eu nem avisto o outro homem... só consigo ouvi-lo sair correndo como o maldito rato que ele é.

O grito de Sloane se eleva acima do caos no quarto ao lado, sua série de palavrões se fundindo em uma cascata de vitríolo.

— *Rowan Kane, seu pervertido esquisito irlandês, QUE PORRA você está fazendo, VOU TE FODER...*

— Não, não, não — protesto, embora ela não me ouça por causa da sequência contínua de xingamentos e agora de sons estrondosos. Ela deve estar jogando seus pertences na parede. Minha imaginação instantaneamente me leva direto para qualquer vibrador que ela estava usando quando um baque pesado bate contra a placa de gesso. Eu tropeço para trás, para dentro do meu quarto e saio para o corredor, a luminária ainda na minha mão enquanto corro para o quarto dela e bato na porta. Ela se abre antes mesmo de eu terminar a

terceira batida.

Sloane está *furiosa* pra caralho.

— Havia um homem na parede. — deixo escapar.

— *Eu sei* — ela rosna enquanto me empurra com as duas mãos.
— O nome dele é *Rowan Kane* e ele *não tem limites* porque é um perverso esquisito...

— Não, eu juro...

— Você estava me espionando?

— *Não* — protesto, mas ela me encara como se não estivesse convencida de que estou dizendo a verdade. Não ajuda em nada o fato de ela estar usando um minúsculo short de dormir e uma regata de alças finas, ela provavelmente é capaz de ouvir o alarme *sem sutiã* tocando repetidamente na minha cabeça. — Ok, eu *ouvi* você, mas me *afastei* da parede...

— *Rowan...*

— E então ouvi outra coisa — digo, agarrando seu pulso com a mão livre. Eu a reboco atrás de mim. Ela se contorce e protesta, mas me recuso a deixá-la ir. — Você está certa, havia alguém te observando na parede. E ele fugiu antes que eu tivesse a chance de ver seu rosto, e muito menos de acertá-lo com uma luminária.

Paramos no buraco onde a pintura em ruínas está torta e solto o pulso de Sloane para que ela possa espiar a sala estreita. Ela se inclina, girando para avaliar o ponto de saída para um corredor escondido na parede dos fundos.

— *Filho da puta* — ela sussurra.

— Certo? Foi o que eu disse.

Sloane se vira para mim, com os braços cruzados sobre o peito. Espero ver raiva ou suspeita persistentes, não seus olhos dançando na penumbra e o sorriso assassino que surge em seus lábios. — Eu sabia disso, porra.

Um segundo depois, Sloane está passando por mim.

— Espere... o que está acontecendo? — Sigo atrás dela para parar na porta enquanto ela veste uma camisa xadrez, sem me preocupar com os botões. Ela calça o tênis e sacode do chão a lâmina de caça embainhada, então passa por mim novamente e segue pelo corredor em direção à escada. Jogo a luminária no quarto dela com

um estrondo de vidro quebrado e corro atrás dela, alcançando-a enquanto ela desce as escadas correndo.

— O que você está fazendo?

— Estou me masturbando, Rowan. Com o que se parece?

— Você está... *o quê?*

— Perseguindo aquele filho da puta, é isso.

— *Quem?*

— Francis — ela diz enquanto atravessa o saguão. — Francis Ross.

Todas as peças se encaixam no lugar, a imagem aparecendo. O carro no rio. As placas de Nova York. Quando as vítimas certas tomavam decisões erradas e acabavam no Cunningham Inn, ele as observava. E às vezes ele as matava.

Ele observou Sloane. Talvez ele tivesse tentado matá-la também.

A raiva mancha minha visão de vermelho quando saímos do saguão e entramos na noite.

O pensamento de que ele poderia tê-la machucado colide com outra compreensão, me paralisando no estacionamento enquanto Sloane avança por um caminho pavimentado que serpenteia pela lateral do hotel, levando em direção à casa do zelador. — Aquele aspirante a filho da puta emo com gravata rosa é o assassino? E você *saiu* com aquele idiota?

Sloane dá uma risada, mas não para. — Bruto.

— Sloane...

— É uma competição, Butcher. — diz ela ao chegar à esquina do hotel. Ela nem olha por cima do ombro enquanto me mostra o dedo e me deixa com três palavras de despedida: — Vá se foder.

Sloane vira a esquina com uma gargalhada diabólica, seus passos correndo consumidos pela sombra.

— Como o inferno — eu sibilo.

E então eu saio atrás dela noite adentro.

CAPÍTULO SETE

ERA DO CUBISMO



A figura de Sloane é pouco mais que uma silhueta enquanto ela sobe a colina em direção a uma velha casa preta, os picos íngremes do telhado projetando-se em direção à lua como dardos. Fatias de luz amarela saem das janelas, descem pelo jardim íngreme e pelo caminho que o atravessa, dando-me iluminação suficiente para localizar minha presa.

Meu sorriso é selvagem enquanto percebo a distância entre nós.

Encontro Sloane com força total e a derroto em uma partida de rúgbi. Nós giramos no ar, então sofro o impacto do golpe. Grama e cascalho atingem meus antebraços enquanto eu paro e nos rolo para prendê-la embaixo de mim.

A respiração pesada de Sloane inunda meus sentidos com gengibre e baunilha. Ela sopra uma mecha de cabelo dos olhos e olha para mim antes de se contorcer sob meu peso. — Dê o fora. Ele é *meu*.

— Não posso fazer isso, Pêssegos.

— Chame-me assim de novo e juro por Deus que vou cortar suas bolas.

— Tudo o que você disser, Blackbird. — Eu sorrio e lhe dou um beijo rápido em sua bochecha, a sensação de sua carne macia e maleável gravada em minha memória no momento em que meus lábios tocam sua pele. — Até mais.

Eu me afasto e corro, o som delicioso de seu protesto frustrado é a mais bela melodia atrás de mim.

Meu coração dispara e minhas pernas queimam enquanto subo a colina íngreme. Estou quase chegando à cerca baixa de ferro forjado que cerca a casa quando o som de um motor corta a noite.

Francis está correndo.

Desvio e sigo a linha da cerca em direção à entrada de automóveis, onde a luz cai no asfalto vinda do veículo na garagem. Chego à beira da calçada e pego uma pedra na borda no momento em que a porta da garagem se abre e o carro sai correndo do prédio.

Então eu faço o que qualquer pessoa já faria.

Eu pulo na porra do capô.

Sloane grita meu nome. Os pneus cantam. Fixo os olhos no motorista enquanto seu pânico colide com minha determinação.

Com meu corpo encostado no capô, agarro a borda dele com uma mão e bato minha pedra no para-brisa com a outra. Não paro, nem quando ganhamos velocidade, nem mesmo quando o carro dá uma guinada enquanto o motorista tenta me desalojar. Eu entrego golpe após golpe. O vidro desmorona com meus golpes repetidos. Ele morde meus dedos. Ele desliza na minha pele quando eu passo para o outro lado e deixo cair à pedra para alcançar o volante.

Um grito de pânico se eleva acima do caos.

— *Rowan, árvore!*

Tiro meu braço do para-brisa e solto o capô para deslizar para fora do veículo e cair de lado. Meu grunhido de dor é engolido por uma sinfonia de metal quando o para-choque dianteiro se dobra em torno de um carvalho.

Estou de pé em um instante. Respirações pesadas saem do meu peito. A raiva desce como uma cortina vermelha enquanto observo o movimento lento e trabalhoso do motorista desorientado dentro do pedaço de metal fumegante.

— Jesus Fodido Cristo, Rowan, você está...

A preocupação de Sloane é interrompida quando eu me viro até ela para agarrar sua garganta com minha mão pegajosa. Eu ocupo seu espaço, empurro-a para trás a cada passo enquanto o alarme e o desafio se agitam em seus olhos. Ela agarra meu braço com as duas

mãos, mas não tenta lutar comigo enquanto eu a forço para sair do carro. Só quando ela sai da garagem e está protegida pelas sombras profundas de uma árvore é que paro. Mas eu não a deixo ir.

Uma percussão ressoa atrás de mim, uma batida metronômica abafada pelo véu das batidas do meu coração ressoando em meus ouvidos enquanto olho nos olhos vidrados de Sloane. A delicada coluna de sua garganta se move sob minha palma ensanguentada.

— Rowan — ela sussurra.

— *Meu.*

Seus olhos brilham ao luar. — Ok. — Ela balança a cabeça em meu aperto. — Ele é seu.

Eu a puxo para mais perto e olho para o abismo escuro de seu medo e coragem, não parando até que suas exalações quentes se espalhem pelo meu rosto. As esfoliações que revestem meu antebraço queimam enquanto seu peito roça a carne arruinada a cada respiração. — Sloane...

Um gemido de metal deformado e uma série de maldições encerram as batidas atrás de mim.

— Fique aqui — eu digo, com um dedo de cada vez, eu a solto do meu alcance.

Dou uma última olhada nela, meu sangue pouco mais do que uma mancha preta brilhante em sua pele, antes de girar sobre os calcanhares e me afastar.

Meu ritmo acelera quando vejo meu prêmio enquanto ele sai mancando do veículo. Um pé raspa atrás dele, um braço quebrado agarrado ao peito. Ele se vira quando meus passos se aproximam, seus olhos arregalados quando pousam no meu sorriso malicioso.

— Vou adorar cada maldito segundo disso. — digo.

Francis já está implorando por misericórdia quando agarro sua camisa pelas costas. Agarro sua horrível gravata rosa em meu punho para estrangulá-lo, mas ela se solta de seu pescoço.

Olho para o tecido enrolado em meu punho. Depois em Francis. Depois voltei novamente. — Uma porra de grampo? Quantos anos você tem, doze anos?

— P-por favor, cara, deixe-me ir — ele implora embaixo de mim. Lágrimas brilham em seus olhos enquanto jogo a gravata na

calçada e o agarro com as duas mãos.

Minha raiva queima minha garganta, mas eu a engulo. — Diga-me o que você estava fazendo na parede.

Seus olhos se voltam para o que nos rodeia, talvez procurando por Sloane, talvez procurando por um salvador. — Eu não ia machucá-la. — ele diz quando sua atenção pousa em mim. — Eu estava só observando.

Seu medo é como uma droga que invade cada célula do meu corpo, cada desejo correndo em minhas veias. Um sorriso lento surge em meus lábios enquanto ele luta quando mudo meu aperto e seguro sua garganta. — Duas coisas. Primeiro, eu não acredito em você. Acho que você ia vigiá-la e então seu plano era matá-la. Não seria a primeira vez, não é, Francis?

— Não, eu juro...

— Em segundo lugar, esta é a parte mais importante, então ouça, filho da puta. — Levanto seu corpo trêmulo do asfalto até que sua orelha fique próxima aos meus lábios. — Aquela mulher que você estava vigiando...?

Meus dedos apertam sua garganta enquanto ele balança a cabeça desesperadamente.

— Ela é *minha*.

Tenho certeza que ele implora. Mas não ouço seus apelos. São palavras inúteis que não vão salvá-lo agora.

Deixo Francis cair na calçada e caio atrás dele, enlouquecendo.

Meu primeiro golpe atinge seu queixo. O próximo atinge sua têmpora. Um punho após o outro. Mandíbula. Têmpora. Mandíbula. Têmpora. Eu errei e quebrei seu nariz com um estalo satisfatório e ele gemeu. Sangue jorra de suas narinas e cobre meus dedos. Sua mandíbula quebra em seguida com um estalo. Dentes quebrados cortam seus lábios e caem na calçada como lascas de porcelana. Como memórias que quero esquecer. Então eu luto contra eles. Cerro os dentes e bato com mais força.

O cheiro de sangue, mijo e asfalto. O gorgolejo de respirações sufocadas. O deslizamento de sua carne dividida contra meus punhos. É combustível, porra. Penso nele observando-a. Eu penso no rosto dela. E continuo batendo. Mesmo quando ele apreende. Mesmo quando ele se afoga em seu sangue.

Mesmo quando ele morre.

Estou batendo em um pedaço de carne arruinada quando finalmente paro. A respiração sai dos meus pulmões quando coloco uma mão no asfalto quente e olho para os nós dos dedos, onde a dor lateja a cada batimento cardíaco. É uma sensação bem-vinda. Não porque eu mereça, mas porque ele mereceu, eu entreguei, porra. Destruição com minhas próprias mãos. Sofrimento onde deveria ser encontrado.

Só agora uma ponta de medo invade meu peito.

— Sloane — eu chamo para as sombras.

Eu me deparo apenas com silêncio.

— *Sloane*.

Nada.

Merda.

Merda, merda, merda.

Uma nova onda de adrenalina inunda as câmaras do meu coração enquanto me inclino sobre os calcanhares e examino cada sombra de escuridão que me cerca. A excitação da morte é dissipada quando uma onda de pânico se instala.

Eu a assustei pra caralho.

Ela provavelmente correu de volta para o hotel para pegar seus pertences e sair daqui. O barulho dos pneus do carro provavelmente será a próxima coisa que ouvirei quando ela sair e nunca mais olhar para trás.

E posso culpá-la?

Afinal, somos ambos monstros.

Monstros diferentes, reunidos na jaula que criei.

Sloane é calculista e metódica. Ela espera e tece uma teia e captura sua presa. E embora eu goste de encenar uma cena de vez em quando, para exibir alguma teatralidade, essa morte aqui? Essa bagunça de carne rasgada e ossos expostos? Isto está em minha *alma*. Eu sou selvagem no fundo.

Talvez seja melhor que ela fique o mais longe possível de mim.

Mesmo assim, queima em meu peito, uma agulha quente que

deslizou entre minhas costelas e se alojou bem no centro do meu coração. É um lugar que nunca pensei que pudesse sentir mais dor ou saudade. Mas acontece.

Passo a mão pegajosa pelo cabelo enquanto meus ombros caem.

— Caramba, Rowan, seu *fodido pra caralho*. — Meus olhos se fecham. — Sloane...

— Estou aqui.

Meu olhar encontra as sombras enquanto Sloane emerge de suas garras. A respiração que respiro parece à mesma de quando você mergulha muito fundo, sem ter certeza se chegará à superfície a tempo. O alívio é celular quando o ar atinge meus pulmões.

Não me movo quando ela se aproxima, seus passos hesitantes, seu corpo iluminado pela luz fraca que emana do carro destruído, sua garganta ainda manchada com meu sangue. Seu olhar absorve cada detalhe, desde a camada de suor em meu rosto até a carne inchada de minhas mãos. Somente quando ela me avalia e para ao meu lado é que sua atenção se volta para o corpo esfriando na entrada da garagem.

— Você está bem? — ela pergunta. Ela olha para mim com uma ruga entre as sobrancelhas.

Quero alcançá-la, sentir o conforto de seu toque desconhecido. Mas eu não faço. Eu apenas observo.

— Ele parece um Picasso — ela continua enquanto aponta para o rosto destruído de Francis. A mão dela flui em sua direção com a graça de um pássaro. — Olhos aqui, nariz ali. Muito artístico, Butcher. Abraçando sua era do cubismo. Legal.

Eu ainda não respondo. Eu não sei o que dizer. Talvez seja a crescente dor física. Ou pode ser a adrenalina em declínio. Mas acho que é só a Sloane. O eco da perda dela e o alívio de sua presença.

Sloane me dá um sorriso fraco e torto e se abaixa até ficar na minha altura, com os olhos grudados nos meus. Seu sorriso não dura. Sua voz é calma, quase um sussurro quando ela diz: — O gato comeu sua língua, garoto lindo? Não pensei que veria esse dia.

Uma respiração estremece pelos meus lábios enquanto uma gota de suor cai do meu cabelo e desliza pela minha bochecha como uma lágrima. — Você está bem?

Sloane dá uma risada e sua covinha aparece perto do lábio. —

Sim, claro. Por que eu não estaria? — Suas palavras ficam sem resposta no ar enquanto meu olhar cai para o corpo. A surpresa acende em meu peito quando seus dedos delicados pousam nas costas da minha mão, seu toque leve como uma pluma enquanto ela traça uma mancha de sangue que escorre de uma fenda na junta do meu dedo. — Eu deveria estar perguntando isso a você.

— Estou bem — digo balançando a cabeça. Nós dois sabemos que é mentira, assim como sabemos que as palavras dela também eram. Ela estava indo embora. Eu não tenho dúvidas.

Mas ela não o fez. Ela ainda está aqui. Talvez não por muito tempo, mas pelo menos por enquanto.

— Isso vai demorar um pouco para limpar — diz Sloane enquanto sua mão deixa a minha e ela se levanta. Seu olhar percorre toda a extensão do cadáver ao nosso lado antes de fluir para o carro danificado. — Ainda bem que ainda tenho alguns dias de folga. Provavelmente vamos precisar disso.

Sloane estende a mão e eu fico olhando para as linhas que cruzam sua palma. Vida e morte. Amor, perda e destino.

— Nós? — Eu pergunto.

— Sim, *nós*. — ela diz. Seu sorriso tem uma suavidade em suas bordas. Sua mão se aproxima, seus dedos bem abertos. — Mas é melhor começarmos com você primeiro.

Deslizo minha mão na dela e saio da estrada negra.

Deixamos Francis na entrada e seguimos para sua casa em silêncio. Ele mora sozinho, mas mesmo assim tomamos cuidado. Nós nos separamos e percorremos a casa para nos encontrarmos mais uma vez na sala quando temos certeza de que está tudo limpo.

— Foi aqui que você esteve esta noite? — Pergunto enquanto dou uma olhada ao redor da sala. É decorado da mesma forma que o hotel, com antiguidades e pinturas desbotadas, móveis com estofados desgastados, mas com estrutura de madeira brilhante, os detalhes polidos. Sloane acena com a cabeça quando meu olhar pousa nela. — Realmente não parece o estilo dele.

— Sim, eu pensei o mesmo. Ele falou um pouco sobre sua família. Ele disse que eles estão aqui há gerações. Parece que ele foi preso pelos fantasmas do passado de outra pessoa — ela diz enquanto para no manto e se inclina em direção a uma velha lanterna ferroviária.

— É o tipo certo de casa para fantasmas, eu acho.

Sloane se vira para mim e dá um sorriso rápido e fraco antes de apontar para um corredor. — Vamos. Vamos consertar você.

Eu a sigo como um espectro em seus calcanhares. Paramos no banheiro, onde ela faz um gesto para que eu me sente na beira da banheira enquanto ela pega os suprimentos do armário de remédios. Ela desempacota um rolo de gaze e prepara curativos com creme antibiótico. Quando tudo estiver preparado, ela satura um pano estéril com álcool isopropílico e se ajoelha na minha frente para limpar a pele rachada dos nós dos meus dedos.

— Você vai acabar com algumas cicatrizes — ela diz enquanto toca a ferida mais profunda, deixando uma ardência desconfortável para trás.

— Já tenho algumas.

Sloane levanta os olhos do trabalho. Seu olhar cai em meu lábio antes de retornar para minha mão, seu toque é tão gentil, apesar do sofrimento que sei que ela poderia infligir, se quisesse.

Observo em silêncio enquanto ela pega o primeiro curativo do balcão e o coloca sobre a carne rasgada antes de preparar outra compressa de gaze, reiniciando o processo com o próximo corte.

— Meu pai me deu — digo. O olhar de Sloane se volta para o meu com uma pergunta em seus olhos. — A cicatriz no meu lábio. Aquela que você fica olhando porque é muito sexy.

Sloane dá uma risada. Seu cabelo protege a maior parte de seu rosto enquanto ela mantém sua atenção em minha mão, mas ainda posso ver o rubor através dos espaços entre seus fios negros. — Pensei ter dito uma vez para você não deixar sua beleza subir à cabeça. — diz ela.

— Só tive que verificar se você ainda me acha bonito.

Sloane mantém a cabeça baixa, mas me dá um lampejo de seus olhos enquanto eles reviram. Eu sorrio quando eles olham para mim com um olhar cruel. — Eu também disse que você é o pior, e isso ainda soa verdadeiro.

— Tão cruel, Blackbird. Você me feriu mais uma vez — eu digo enquanto pressiono minha mão livre em meu coração. Isso me rende um sorriso antes que ela esconda o rosto. Sloane coloca o próximo curativo em meus dedos e não tenho coragem de dizer a ela que provavelmente cairão no chuveiro que pretendo tomar esta noite para

aliviar meus ombros doloridos. Resolvo roubar o pacote com os curativos restantes quando sairmos, para que ela não saiba.

— Ele ainda está por aí? Seu pai? — ela pede para me afastar dos pensamentos sobre o que mais vale a pena levar aqui, alguma pequena lembrança do nosso primeiro jogo, talvez.

— Não. — Eu engulo. Segredos que nunca compartilho imploram para serem revelados sempre que ela estiver por perto, e não é diferente com este. — Lachlan e eu o matamos. Foi na mesma noite em que ele me deu essa cicatriz. Esmaguei seu rosto com um prato quebrado.

O movimento de sua mão diminui enquanto Sloane me observa. — E sua mãe?

— Morreu ao dar à luz Fionn.

Os ombros de Sloane sobem e descem com uma respiração profunda e pesada. Seu lábio inferior dobra entre os dentes enquanto ela segura meus olhos. — Desculpe.

— Não se desculpe. Não teria acabado aqui se tudo não tivesse acontecido do jeito que aconteceu — digo. Dobro uma mecha de seu cabelo atrás da orelha para poder ver suas sardas. — Não me arrependo de onde estou.

E aí está. Esse rubor. Um rosa tão viciante que me assombra. Quero acumular essas imagens de Sloane, com o rosto corado, os olhos dançando, o sorriso desesperado para ser libertado.

— Você é o pior. Você sabe disso, certo?

— Tecnicamente, sou o melhor. Porque acabei de ganhar.

Sloane pode gemer, mas ela não consegue evitar de rir também. — E tenho certeza que você vai me lembrar disso regularmente.

— Provavelmente.

— Sabe, mesmo que eu não tenha ganhado, o que é uma droga, a propósito — ela diz, parando para estreitar os olhos para mim antes de sua expressão se suavizar em um leve sorriso, — Eu me diverti. Eu me sinto bem. Melhor. Como se isso fosse o que eu precisava. Então... obrigada, Rowan.

Ela alisa o adesivo do último curativo sobre minha pele com um movimento lento do polegar e então seu toque desaparece. Então

ela se levanta e recua para parar na soleira da porta, a mão enrolada em volta do braço.

— Vou começar pela entrada — diz Sloane, com um último lampejo de sorriso inseguro, ela desaparece.

Espero por um longo momento. Seus passos silenciosos levam até a porta da frente e então todo o som da casa desaparece.

Ela poderia escapar noite adentro. Deixar tudo isso para trás. Fazer o que for preciso para nunca ser encontrada.

Mas nos três dias seguintes, sempre que penso que ela pode desaparecer, ela prova que estou errado.

CAPÍTULO OITO

SOB O VIDRO



BUTCHER

Você sabe o que eu fiz esta manhã?

EU

suspiro profundo

BUTCHER

Decorei meu strudel de torradeira.

EU

Fascinante. Estou fascinada.

Além disso, strudel de torradeira? Isso não se destina a adolescentes hormonais que precisam de quantidades significativas de açúcar processado para funcionar de manhã? Achei que você fosse um homem adulto.

BUTCHER

Um homem que aprecia massa folhada produzida em massa e cobertura que pode ser usada para soletrar "VENCEDOR" em cobertura de baunilha.

EU

Tenho 100% de certeza de que te odeio.

BUTCHER

E tenho 100% certeza de que um dia você me amará!

Já se passaram seis meses.

Seis meses desde a última vez que o vi. Seis meses de mensagens diárias. Seis meses com Rowan me contando como está

comemorando sua vitória. Seis meses de memes e piadas e mensagens de texto e às vezes ligações, só para dizer olá. E todos os dias, estou ansiosa por isso. Todos os dias me aquece, iluminando lugares que sempre estiveram escuros.

E todas as noites, quando fecho os olhos, ainda o imagino sob aquele raio de luar na entrada de automóveis em Virgínia Ocidental, dobrado sobre um joelho, como se estivesse prestes a fazer um juramento. Um cavaleiro vestido de prata e sombra.

— *Acho que você ia vigiá-la e então seu plano era matá-la.* — ele disse. Francis implorou por misericórdia na mão de Rowan. E tudo o que Rowan disse em seguida foi apenas um sussurro, mas essas palavras libertaram o demônio em seu coração. Não havia nada entre ele e a raiva que o queimava por dentro. Não sobrou nenhuma máscara para se esconder.

— Ele realmente deu uma surra nele — digo a Lark enquanto olho uma última vez para nossa última troca de mensagens de texto antes de deixar meu telefone de lado. Coloco uma tigela de pipoca entre nós e pego Winston para colocar o felino perpetuamente descontente no meu colo. Já se passaram seis meses desde que vi Lark também. Em seu estilo típico, ela teve uma oportunidade de última hora para fazer uma turnê com uma banda indie e a aproveitou, tem saltado de uma cidade pequena e de uma cidade moderna para outra. E ela parece feliz por isso. Brilhante.

— Estava quente? — ela pergunta enquanto empilha suas longas ondas douradas em um coque aleatório no topo de sua cabeça. De alguma forma, sempre sai perfeitamente bagunçado. — Meio que parece quente.

— Muito quente, sim. Deixou-me preocupada por um minuto, no entanto. Estou acostumada a... controlar. E isso foi cru. Definitivamente a antítese do controle. — Meu olhar se volta para a manta de crochê sob minhas pernas, que a tia de Lark fez para mim no ano em que saímos do Ashborne Collegiate Institute, quando a família de Lark me acolheu e pagou uma dívida que nunca teve. Enfio os dedos nos buraquinhos entre o fio enrolado, quando olho novamente para cima, Lark está me observando, com seus olhos azuis claros fixos nos contornos do meu rosto. — Quase o deixei lá.

A cabeça de Lark se inclina. — E você se sente mal com isso?

— Sim.

— Por quê?

— Não acho que ele teria me deixado se a situação fosse inversa.

— Mas você não foi embora.

Eu balanço minha cabeça.

— Por que não?

Meu peito dói. Acontece sempre que me lembro da maneira como ele chamou meu nome, como uma oração quebrada. A queda derrotada de seus ombros é uma imagem vívida em minha mente, mesmo agora. — Ele parecia tão vulnerável, apesar do que tinha acabado de fazer. Eu não poderia deixá-lo assim.

Os lábios de Lark se contraem como se ela estivesse segurando um sorriso. — Muito legal. — Ela mordisca o canto do lábio inferior e eu reviro os olhos. — É doce. Você ficou. Você fez outro amigo.

— Cale-se.

— Talvez um futuro *namorado*.

Dou uma risada incrédula. — *Não*.

— Talvez uma *alma gêmea*.

— Você é minha alma gêmea.

— Então um melhor amigo. Com *benefícios*.

— Por favor, pare.

— Eu posso ver agora. — diz Lark, com os olhos brilhando enquanto ela se senta mais ereta, uma mão graciosa erguida. Ela limpa a garganta. — *Ele pode te mostrar o mundo...* — ela canta. — *Brilhando algo brilhante... Acho que nosso amor pode fazer qualquer coisa que quisermos.*

— Você não misturou apenas uma versão massacrada de *Aladdin* com *The Notebook*. Você tem a voz de um anjo, Lark Montague, mas isso é atroz.

Lark ri e se acomoda no sofá enquanto Constantine passa na minha TV, um cenário familiar em nossa lista limitada de filmes reconfortantes. Observamos por um momento em silêncio enquanto Keanu prende uma aranha sob um vidro. — Ele poderia vir à minha casa e pegar aranhas qualquer dia — ela diz enquanto aponta os dedos para a tela. — Sombrio, taciturno e mal-humorado? Inscreva-me.

— Tenho quase certeza de que você disse isso em todas as

duzentas vezes que assistimos isso.

— É o pico Keanu. Você não pode me culpar. — Lark suspira e pega um punhado de pipoca da tigela. — Estou em um período de seca. Você pensaria que haveria alguns músicos gostosos na estrada, mas eles são todos muito emo. Eu só quero ser sacudida um pouco. Maltratada, sabe? Chame-me de putinha suja e eu sou totalmente a favor. Esses tipos que choram no microfone não estão fazendo isso por mim.

Solto uma risada e jogo um punhado de pipoca no ar em uma tentativa fracassada de pegá-la com a boca. — Não fale comigo sobre períodos de seca. Vou precisar de um supercomputador para calcular meus dias de celibato nesse ritmo.

— Ou... e me escute. — Lark diz com um tapa no meu braço quando eu gemo. — Você poderia fazer uma pequena viagem a Boston para visitar seu Butcher e ver como acabar com esse período de seca. Encha bem isso, irmã.

— Bruta.

— Encha até que esteja jorrando. *Transbordando*.

— Você é perturbada.

— Aposto que ele faria o favor.

— Nós literalmente acabamos de passar por isso. Somos *amigos*.

— E vocês poderiam ser amigos com vantagens extras. Não existe um livro de regras que diga que você não pode transar com um amigo e ainda assim continuarem amigos. — diz Lark. Tento ignorá-la e manter os olhos na tela, embora seu olhar pese como um véu quente contra meu rosto. Quando finalmente olho, seu sorriso provocador se transformou em um sorriso conhecedor. — Mas você está com medo.

Desvio o olhar novamente e engulo.

— Entendi. — diz ela. Sua mão envolve meu pulso e ela aperta até que eu olho para ela. O sorriso de Lark é o sol, ela está sempre pronta para compartilhar sua luz brilhante. — Você tem razão.

Minha sobrancelha se curva. — Sobre o quê?

— Que você provavelmente nunca mais encontrará alguém como ele. Que ele é provavelmente o único lá fora como você. Que você poderia estragar tudo. Ou ele poderia decepcionar você. Ou que

talvez sua amizade possa pegar fogo. Você está certa sobre todas as preocupações que estão circulando em sua cabeça. Talvez todas elas sejam verdadeiras. Mas talvez isso não devesse importar, porque todo mundo bagunça. Todos nós nos decepçionamos de vez em quando. E às vezes as melhores coisas saem do fogo.

Minha voz é suave quando digo a ela uma verdade simples: — Você nunca me decepçionou.

— E se eu fizer isso um dia? Você realmente acha que não me daria à graça de corrigir meu erro?

— Claro que sim, Lark. Eu te amo.

— Então dê um pouco de graça a Rowan também.

Meu suspiro conflitante não faz nada para limpar uma súbita explosão de nervosismo no meu peito. Lark empurra meu pulso até eu revirar os olhos. — Está bem, está bem. Se eu tiver uma reunião em Boston, talvez veja se ele está livre para sair.

— Você não precisa ter nenhuma desculpa. Aposto que ele adoraria ver você. Apenas vá. Mesmo que seja apenas para serem amigos pessoalmente mais de uma vez por ano. Você sente falta dele, certo?

Cristo, eu quero. Sinto falta de seu leve sotaque, de seu grande sorriso e de suas piadas sempre presentes. Sinto falta de suas provocações e de seu calor e de como é fácil ser eu mesma perto dele, de como é bom deixar a máscara de lado. Sinto falta do jeito que ele me faz sentir como se não fosse uma aberração, mas única.

— Sim — eu sussurro. — Eu faço.

— Então vá. — diz Lark enquanto se aconchega sob o cobertor e sorri para Keanu. — Vá e divirta-se. Você pode fazer isso mais de uma vez por ano, você sabe.

Caímos em silêncio enquanto penso nisso.

E continuo pensando nisso.

...Por mais três meses.

E agora estou encolhida na entrada de uma loja de departamentos do outro lado da rua da *3 In Coach* por mais tempo do que qualquer pessoa sã provavelmente ficaria, apenas observando os garçons e os clientes enquanto a correria do almoço diminui para um zumbido mais silencioso de atividade. No verdadeiro estilo stalker,

pesquisei todos os artigos sobre o restaurante desde sua inauguração, há sete anos. Cada fotografia, até o final dos resultados de pesquisa do Google. Centenas de comentários. Até encontrei as plantas do pedido de licença de planejamento. Eu provavelmente poderia andar pelo lugar com os olhos vendados e nunca entrei.

Talvez seja hora de mudar isso.

Meu lábio inferior desliza entre os dentes enquanto enfio as mãos nos bolsos da minha jaqueta de lã e entro na mordida amarga de um vento excepcionalmente frio da primavera.

Entrando no restaurante, sou saudada pelo som de uma música moderna, mas sem alma, e por uma anfitriã loira com um sorriso brilhante.

— Bem-vinda ao *3 In Coach*. Você tem uma reserva conosco hoje?

Uma pontada de nervosismo percorre meu estômago quando olho para a extensão aberta de mesas de madeira escura e tijolos expostos. — Não, desculpe.

— Sem problemas. Para quantos?

— Apenas eu.

O olhar da mulher percorre meu cabelo, que está sobre meu ombro, antes de encontrar meus olhos com um sorriso envergonhado, como se ela tivesse sido pega fazendo algo que não deveria. — Coisa certa. Por aqui.

Sigo a recepcionista até o salão de jantar, antes que eu possa solicitar um lugar específico, ela me leva até uma mesa semicircular ao longo da parede dos fundos, em vez de uma das mesas menores no centro do salão. Ela pega os três talheres desnecessários e começa a ir em direção à cozinha, mas um grande grupo entra, então ela muda de rumo e os cumprimenta.

A enormidade de quão estúpido isso é começa a penetrar em minhas veias como vermes se contorcendo. Eu deixei essas emoções desconhecidas assumirem o controle. Coisas como *saudade*. E *solidão*. É como se eu tivesse sido jogada no oceano, me afogando nas ondas, de repente percebo que poderia ter colocado os pés no chão o tempo todo. Eu poderia ter me levantado e mantido o rumo. Foi tudo apenas minha imaginação.

Eu deveria simplesmente ir embora. Isso é idiota. Estúpido e tão perseguidor. Não de um jeito sexy e perseguidor também. Mais

como um jeito estranho e assustador de perseguidor de serial killer, que rastreia. Então eu preciso ir embora, antes...

— Oi, meu nome é Jenna e serei sua atendente esta tarde. Posso pegar algo para você beber?

Sento-me, fingindo que não estava apenas caminhando até o final da cabine, e olho para Jenna. Ela é ainda mais deslumbrante do que a anfitriã, seu rosto iluminado por um sorriso largo e genuíno e seu cabelo ruivo espesso preso em um rabo de cavalo perfeito.

Por que estou fazendo isso comigo mesma?

— Álcool... — eu digo.

Jenna sorri, sentindo minha ansiedade. É algo que sempre funcionou a meu favor. Uma mulher como Jenna, que abre o cardápio de coquetéis e sugere algumas de suas bebidas favoritas, nunca suspeitaria que eu seria capaz de assassinar alguém.

Tudo o que ela vê é uma cientista de dados nervosa, estranha pela mulher bonita, simpática e extrovertida que acabou de me pedir uma margarita de pepino congelada, que ela insiste ser sua favorita. É verdade, estou nervosa e estranha, não só pela opção de bebida que aparentemente acabei de pedir, mas por todo esse cenário de ser uma intrusa em um espaço que parece sagrado demais para ceder às minhas obsessões.

Talvez eu precise me engrandecer. Pensamentos positivos, lembrar-se dos meus pontos fortes e toda essa merda. Porque por mais que pareça quieta e assustada por fora, também sou uma serial killer que gosta de vivissecção e um pouco de cartografia.

E também gosto de uma competição anual de assassinatos.

E posso estar cada vez mais atraída por outro serial killer e agora não tenho tanta certeza se Lark estava certo no ano passado, que estou perdendo a cabeça.

Tento me agarrar aos pensamentos racionais que ainda nadam na sopa de ansiedade da minha cabeça como moscas se afogando. *Rowan pode nem estar aqui hoje.* Ok, isso é mentira, eu invadi o horário do restaurante e ele marcou para o almoço. *E daí se ele estiver aqui? Rowan está na cozinha. Se eu me levantasse para sair agora, ele nem saberia que estive aqui.*

Eu vou da borda da almofada até o meio da cabine, onde estou protegida pelo encosto alto e curvo. Demora um minuto para me concentrar o suficiente para realmente ler o cardápio, mesmo que seja

curto e bem estruturado, mas quando Jenna volta com minha bebida verde brilhante, estou pronta para pedir.

E então cozinhe em silêncio.

E beba em silêncio.

E coma em mais silêncio.

Pego meu telefone descartável e penso em mandar uma mensagem para Rowan, mas acabo guardando-o quando a pressão só me deixa mais impaciente. Opto por uma caneta e meu caderno e viro para uma nova folha de papel.

Eu coloco meu foco em traduzir a imagem em minha mente em tinta. O universo inteiro pode desmoronar em uma única página. As distrações diminuem e meus pensamentos seguem as linhas de tinta preta, ideias e conversas existindo em pinceladas escuras desenhadas pela minha mão. Mesmo quando Jenna traz as couves de Bruxelas carbonizadas e a sopa de coco com curry, mal noto, alheia ao mundo ao meu redor.

Pelo menos estou até a porta se abrir e um grupo barulhento de sete pessoas entrar no restaurante. Olho para cima e encontro um homem que nunca vi, mas cujas feições são inconfundivelmente familiares.

Cabelo escuro. Lábios carnudos inclinados em um sorriso malicioso. Tatuagens que sobem pela lateral do pescoço por baixo do colarinho. Seu braço está sobre os ombros de uma pequena mulher morena, os anéis nos nós dos dedos tatuados brilhando sob suas ondas perfeitas. Ele é alto e de constituição poderosa. Mesmo com sua jaqueta de couro e suéter grosso, posso dizer que ele é basicamente uma parede de músculos. E com aqueles olhos escuros e predatórios que se afiam como uma lâmina preparada para me cortar, sei que ele é um problema.

Um grande problema chamado Lachlan Kane.

Desvio o olhar quando Jenna retorna à minha mesa com minha sobremesa, massa folhada de figo Napoleão. — Sinto muito, mas posso pegar uma caixa para isso e a conta, por favor? Algo aconteceu e eu tenho que ir.

O sorriso de Jenna não vacila. — Claro, não há problema. Volto já.

— Obrigada.

Quando meu olhar volta para Lachlan, sua atenção está em uma longa mesa no centro do salão onde seus amigos estão encontrando seus lugares, alguns já sentados, outros conversando enquanto tiram os casacos. Mas no segundo em que puxo minha jaqueta para mais perto do assento para vesti-la, seus olhos voltam para os meus, a diversão colorindo seus tons escuros com o tipo de luz que me deixa nervosa.

Deixo meu foco no desenho e me forço a não olhar para cima enquanto coloco a jaqueta sobre os ombros e fecho os botões com um leve tremor nos dedos. Jenna chega com a sobremesa embalada e eu dou a ela dinheiro mais que suficiente para cobrir a conta antes que ela vá em direção à mesa de Lachlan para pegar os pedidos de bebidas. Quando ouço um sotaque irlandês entre as vozes, aproveito a oportunidade para fugir, mas não antes de arrancar do caderno o desenho de um corvo. Uma parte de mim só quer deixar um pedacinho de mim para trás, existir em um lugar que signifique algo para Rowan, mesmo que apenas por um momento. Talvez Jenna jogue fora. Ou talvez ela prenda em algum lugar da cozinha. Talvez ele permaneça aqui muito depois de eu ter encontrado um buraco para rastejar e morrer.

Assim que o papel é rasgado, saio da cabine.

Chego a metade do caminho até a porta com passos apressados antes que uma única palavra me pare.

— *Blackbird*.

A voz atravessa o restaurante e tenho quase certeza de que *todos* estão olhando para mim.

Eu sussurro uma maldição, respirando fundo até o fundo dos meus pulmões em uma tentativa fútil de livrar minhas bochechas de uma chama vermelha. Quando faço um giro lento sobre os calcanhares, meus olhos seguem primeiro para Lachlan, cujo sorriso é nada menos que diabólico.

E então meu olhar colide com o de Rowan.

As mangas de seu casaco de chef estão enroladas até os cotovelos, com algumas manchas laranja pontilhando o tecido branco imaculado. As manchas são da mesma cor da minha sopa, por algum motivo, isso faz com que o rubor fique ainda mais quente em minhas bochechas. Suas calças pretas e largas são incrivelmente sexy e adoráveis ao mesmo tempo. Mas é a expressão dele que aperta minha garganta. É cheia de choque, confusão, excitação e algo quente, algo

que me queima por dentro. A combinação provoca um curto-circuito no meu cérebro até que tudo o que sai da minha boca é uma única palavra estridente. — Oi.

Rowan quase sorri.

...Quase.

— Meg — ele rosna, voltando sua atenção para a porta da frente enquanto gesticula em minha direção. — Que porra é essa?

Meg, a Anfitriã, fica imóvel, a cor desaparecendo de seu rosto como se seu sangue tivesse sido sugado com um canudo. — Oh meu Deus, sinto muito, Chef. Eu queria vir contar a você, mas me desviei.

O olhar de Rowan muda para a mesa exata onde eu estava sentada e depois para Jenna, que se aproxima dela com um borrifador e um pano. A folha de papel que deixei para trás parece uma prova contundente sobre a mesa, nítida e óbvia contra a superfície preta brilhante.

— Não toque nessa porra de mesa. — Rowan retruca.

Os olhos de Jenna se arregalam enquanto eles mudam entre nós, seus lábios se dobrando entre os dentes para reprimir um sorriso enquanto ela se vira e se dirige para o bar. Rowan a observa por um momento, sua carranca se aprofundando quando ela lança um sorriso por cima do ombro.

Seu olhar pousa naquele maldito desenho.

E então isso se fixa em mim.

— Sloane... — ele diz, dando alguns passos cautelosos para mais perto, como se tentasse não provocar um animal selvagem. — O que você está fazendo aqui?

Morrendo uma morte agonizantemente lenta de mortificação, claramente. — Hum... comendo?

Os olhos azul-marinho de Rowan brilham, uma faísca fugaz acendendo em suas profundezas. — Em Boston, Blackbird. O que você está fazendo em Boston?

— Eu... eu estou aqui para trabalhar. Reunião. Uma reunião de trabalho. Não como aqui no restaurante, obviamente. Na cidade. Cidade. Cidade de Boston. — Querido Deus, faça-me parar. Estou *queimando*, minha jaqueta de lã prendendo o calor do meu corpo e amplificando-o até ter certeza de que meu sangue se transformou em

lava. O suor coça entre minhas omoplatas e tento não me inquietar, optando por recuar um passo em direção à porta em vez de tirar a jaqueta para arranhar a pele.

O olhar de Rowan desce para meus pés e ele interrompe sua vistoria para avançar, uma ruga se formando entre suas sobrancelhas em uma carranca pensativa. — Fique — ele diz, com a voz baixa e calma. — Podemos sentar na cabine.

Uma risada nervosa explode em meus lábios, sua cor escurecida pelos meus pensamentos autodepreciativos. O último lugar no mundo que quero ir é voltar para aquela mesa onde deixei um desenho como uma estudante tímida e patética do ensino médio, confusa e apaixonada por sua primeira paixão.

Então eu faço tudo o que qualquer estudante patética do ensino médio faria. Dou outro passo para trás em direção à porta e viro a cara. — Eu tenho que ir, na verdade. Mas foi ótimo ver você.

Dou um sorriso de desculpas a Rowan antes de me virar e caminhar em direção à saída, apenas para ser interrompida por Lachlan, que está de pé como sentinela entre mim e minha fuga. Ele leva um copo de uísque aos lábios e toma um gole com um sorriso diabólico. Eu estava tão envolvida em ver Rowan e lutando com minhas emoções que nem notei ele receber sua bebida, ou se levantar da mesa, ou bloquear meu acesso à porta.

Merda.

— Bem, bem. — Lachlan diz através de seu sorriso de comedor de merda. — *Porra. Fora.*

Rowan rosna atrás de mim. — Lachlan...

— Se não for a indescritível Sloane Sutherland. — Lachlan continua, girando o gelo em seu copo. — Eu estava começando a pensar que você era uma invenção da imaginação hiperativa do meu irmão.

— Sente-se, Lachlan. — Rowan grita. Olho por cima do ombro para onde ele está parado, rígido, a uma curta distância atrás de mim, com as mãos fechadas em punhos cerrados.

— Tudo o que você disser, irmãozinho.

Lachlan levanta o copo em um brinde simulado antes de caminhar na direção da minha mesa.

— Toque nessa porra de mesa, eu vou arrancar suas malditas

mãos e usá-las para limpar minha bunda até o dia que eu morrer. — Rowan rosna.

Lachlan para, virando-se lentamente para dar a seu irmão um sorriso tortuoso antes de encolher os ombros e começar a voltar para sua própria mesa, passando perto o suficiente do chef fervilhante para dar um tapinha em seu ombro e sussurrar algo em seu ouvido. Os olhos de Rowan escurecem, mas nunca deixam os meus. Mesmo quando meu olhar se volta ao redor, toda vez que ele pousa nele, ele está lá, esperando.

— Sloane...

Uma explosão de conversa animada entra no restaurante com a corrente de ar fresca que vem da porta aberta.

— Rowan! Você terminou o dia?

Viro-me e vejo uma linda mulher loira entrar no restaurante com duas amigas igualmente lindas logo atrás, ambas envolvidas em uma conversa animada, cheia de risadas e confiança. A loira caminha direto para Rowan. Ela nunca hesita nos sapatos de salto alto que acentuam suas pernas nuas e bronzeadas, sua pele brilhando como se ela tivesse acabado de voltar de algumas férias caras em um spa. Ela lança um largo sorriso para Rowan, alheia à tensão que ela acabou de quebrar na sala, os fragmentos dela me cortando profundamente.

— Oi, Anna. — ele diz. Essas duas palavras parecem cheias de resignação quando a mulher passa um braço em volta de seu ombro em um abraço que ele não retribui, embora ela pareça não notar. Quando ela o solta, ela se vira, me vendo pela primeira vez.

— Oh, me desculpe, eu meio que invadi, não foi? — Ela me oferece o que parece ser um sorriso genuinamente apologético. Posso dizer que ela está tentando avaliar se sou uma cliente insatisfeita, ou talvez uma crítica gastronômica, ou uma vendedora aqui que fornece carne ou vegetais, não que eu pareça do tipo que gosta de jardinagem.

Não, Anna. Estou claramente aqui para morrer de vergonha.

— Anna, está é Sloane. — Rowan faz uma pausa, como se estivesse pensando em como deveria explicar como me conhece, mas nada acontece. — Sloane, esta é minha amiga Anna.

— Ei, prazer em conhecê-la — ela diz, seu sorriso especialista se transformando de apologético em acolhedor. — Você vai se juntar a nós?

Minha garganta está em carne viva. Minha voz sai rouca e

áspera em comparação com o tom suave e brilhante de Anna. — Não, mas obrigada pela oferta. Eu tenho que ir.

— *Sloane...*

— Prazer em ver você, Rowan. Obrigada pelo almoço, foi adorável — digo, sacudindo a caixa de figos Napoleão que tenho vontade de jogar na lixeira em chamas mais próxima, onde pertence o resto da minha vida.

Encontro o olhar de Rowan por apenas um momento e me arrependo assim que o faço. A resignação que estava em sua voz momentos atrás chegou aos seus olhos, girando em desespero e consternação. É uma combinação terrível que transforma a dor no meu coração em uma dor aguda e penetrante.

Dou-lhe um sorriso final e fugaz, sem esperar para ver que efeito isso poderia ter. A vontade de correr é tão forte que tenho que pensar em cada passo apressado que dou até a porta. Provavelmente não sobrou muita dignidade para eu salvar, mas pelo menos posso me forçar a andar.

Então é isso que eu faço. Eu vou embora. Pela porta da frente. Descendo a rua. Sem saber para onde estou indo. Não me lembro de quando joguei fora a caixa de sobremesa. Não percebo quando a primeira lágrima quente de vergonha cai em minha bochecha.

Continuo caminhando até Castle Island, onde paro na costa e olho para a água escura. E eu fico lá por muito tempo. Tempo suficiente para que a caminhada de volta ao hotel pareça uma caminhada sem fim, como se toda a minha energia tivesse sido gasta.

Assim que passo pela porta, ligo meu laptop o tempo suficiente para remarcar meus voos para a primeira partida na manhã seguinte, depois deslizo para a cama e caio em um sono agitado.

BUTCHER

Podemos falar?

EU

Estou entrando no avião. Talvez quando eu chegar
em casa?

BUTCHER

Sim, claro, é só me avisar. Boa viagem.

Ei, você chegou bem em casa no outro dia?

EU

Sim, desculpe-me. Apenas fui caótica. O trabalho
está a todo vapor. Estou em reuniões o dia todo,
mas mando uma mensagem para você quando puder.
Sinto muito, minha semana ficou um pouco fora de
controle.
E sinto muito por simplesmente aparecer no seu
restaurante e não entrar em contato com você
primeiro. Isso foi estranho da minha parte.

Cada um dos últimos dez dias desde que voltei de Boston
passou como uma névoa, e cada vez que meu telefone tocava com
uma mensagem, meu coração se agitava com uma explosão de
nervosismo. Tenho me esforçado para chegar a este momento, mas
quando pressiono enviar na minha mensagem mais recente e coloco
meu telefone descartável virado para baixo no meu colo, já estou me
perguntando se devo tentar apagar a mensagem antes que Rowan
tenha uma chance de lê-la. Ainda estou olhando para o meu tapete,
vagando pelas profundezas da indecisão, quando o telefone toca no
meu colo.

BUTCHER

Não foi estranho. Eu gostaria de saber que você
estava lá. Eu gostaria que você tivesse ficado.

Desligo o telefone e coloco-o sobre a mesa de centro, depois
coloco a cabeça nas palmas das mãos e espero que elas possam me
absorver em outro mundo.

Um onde eu não preciso sentir nada.

Porque a vingança é fácil.

Mas todo o resto é difícil.

CAPÍTULO NOVE

CRIAR



Observo, por trás do olmo do outro lado da rua, o garoto que paguei bater na porta amarela do número 154 da Jasmine Street. A porta se abre um momento depois e ela está lá, a confusão estampada em seu lindo rosto enquanto olha para o saco de papel que o garoto empurra em sua direção. Não consigo entender a pergunta que ela faz a ele, mas percebo seu pequeno encolher de ombros antes de correr para trás da árvore para evitar o olhar de Sloane enquanto ela examina a vizinhança. Meu sorriso se espalha enquanto ouço atentamente o som da porta se fechando e os passos arrastados do garoto enquanto ele sai de casa para se aproximar do meu esconderijo.

— Tudo pronto, senhor — diz ele enquanto pega sua bicicleta onde a deixou, encostada na árvore.

— Ela perguntou de quem era?

— Sim.

— Você contou alguma coisa a ela?

— Não.

— Bom rapaz. — Eu deslizo cinquenta dólares para o garoto e ele enfia as notas no bolso de trás da calça jeans. — Mesma hora amanhã. Nos encontraremos na caixa de correio na mesma rua, certo?

— Legal. Até mais.

Com isso, o garoto sai em sua BMX, cem dólares mais rico para gastar em doces ou videogames ou seja lá o que diabos os garotos de

12 anos compram hoje em dia. Ele vai parecer um pequeno demônio se seguir o nosso acordo.

Dê a ela a sacola. Atenha-se ao roteiro. Cinquenta pela entrega, cinquenta quando estiver pronta.

Pego meu telefone descartável, trazendo à tona minha troca de texto mais recente com Sloane.

Eu gostaria que você tivesse ficado, dizia minha última mensagem. E ela não respondeu.

Isso foi há mais de uma semana. Já se passaram quase três semanas desde que ela estava no *3 In Coach* com uma expressão de absoluta mortificação nos olhos, como se tivesse jogado o coração no chão só para ser pisoteado. Isso queimou através de mim de uma maneira que eu nunca esperei. Achei que poderia convencê-la a ficar e conversar, mas o momento não poderia ter sido pior, com nossos amigos vindo para o almoço de aniversário de Lachlan. No estilo típico de Sloane, seu primeiro instinto foi decolar, como uma pena ao vento norte.

Não posso deixá-la se afastar mais, ou ela escapará por entre meus dedos e eu nunca a recuperarei.

Estou espiando por trás do tronco da árvore em direção à casa quando o telefone vibra em minha mão.

BLACKBIRD

Orzo...?

Eu me inclino contra a casca e sorrio para o meu telefone.

EU

???

BLACKBIRD

Você entregou macarrão orzo na minha casa??

EU

Não tenho ideia do que você está falando.

Mas... já que está aí, é melhor retirá-lo.

E se houver parmesão no saco, você provavelmente
deveria começar a ralar.

Ah, e pique um pouco de alho também, se houver.

Existem cogumelos? Talvez lave isso.
Os espargos vão bem como acompanhamento. Tem
aspargos?

O telefone toca e me forço a esperar um momento antes de atender a ligação.

— Posso ajudá-la, Blackbird?

— O que você está fazendo? — Sua voz é cautelosa, mas ainda detecto um leve traço de diversão sob sua apreensão.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

— Você entregou comida na minha casa? — Há uma pausa. Imagino que ela provavelmente esteja verificando as janelas, procurando algum sinal meu. — Eu tenho comida, Rowan.

— Bom para você. Acho que isso a qualifica como uma adulta completa.

Quase posso ouvir os olhos de Sloane revirando, quase posso sentir o calor do rubor subindo por suas bochechas, se eu pudesse tocar aquela camada de sardas que salpica sua pele.

Sua expiração longa e constante é o único som entre nós. A voz de Sloane é melancólica e calma quando ela pergunta: — O que você está fazendo?

— O que eu deveria ter feito outro dia. Estou cozinhando com você — digo. — Nós vamos fazer isso juntos. Coloque o telefone no viva-voz e comece a ralar o parmesão.

Outra pausa pesa o fio entre nós até parecer que vai quebrar.

Minha voz é baixa, a diversão desaparece quando digo: — Eu gostaria que você tivesse ficado, Blackbird. Eu teria levado você de volta para a cozinha. Poderíamos ter feito algo juntos.

— Você estava ocupado. Eu estava... me intrometendo.

— Eu teria arranjado tempo para você. Você é... — Engulo em seco antes de poder dizer mais do que deveria. — Você é minha amiga. Talvez um dia minha melhor amiga.

O silêncio se estende por tanto tempo que tiro o telefone do ouvido para verificar se a ligação foi desconectada. Quando a voz de Sloane atravessa a linha, é pouco mais que um sussurro, mas ainda assim mais alto que um grito.

— Você mal me conhece — diz ela.

— Realmente? Porque aposto que conheço suas partes mais sombrias melhor do que ninguém. Assim como você conhece as partes mais sombrias de mim. E apesar disso, você ainda quer sair comigo. Na maioria das vezes, de qualquer maneira. — Eu sorrio quando a risada suave de Sloane percorre a linha. — Então, acho que isso faz de você minha amiga, goste você ou não.

Há uma longa pausa de silêncio, em seguida, o som de uma gaveta se abrindo, talheres farfalhando em seu interior.

— Eu deveria ralar esse pedaço inteiro de queijo? É do tamanho de um bebê pequeno.

Eu sei que devo parecer ridículo, sorrindo como um maldito lunático ao lado de uma árvore, mas não dou a mínima. — Quanto você gosta de queijo?

— Bastante.

— Rale o suficiente para fazer uma cabeça de bebê.

— Você está falando sério?

— Você disse que gosta de queijo. Comece a trabalhar, Blackbird.

Um 'oookkk' inseguro atravessa a linha, embora eu tenha certeza de que ela está falando sozinha e não comigo. O som metronômico do parmesão duro contra os dentes de metal do ralador dá uma percussão suave em meus pensamentos enquanto tento imaginar como seria a cozinha dela, Sloane parada no balcão com seu cabelo negro preso em um coque bagunçado e alguma camiseta velha e legal amarrada na cintura. Eu poderia estar lá com ela, chegando por trás dela, prendendo-a contra o balcão, meu pau pressionado contra aquela porra de bunda redonda que eu só quero morder, então...

— Depois de ralar queijo equivalente à cabeça de um bebê, o que devo fazer a seguir? — Sloane pergunta enquanto o som do ralador continua ao fundo. Por um segundo me pergunto se não teria gemido alto.

Limpo a garganta, de repente ignorando os ingredientes que coloquei na sacola para ela. — Uhh, lave os aspargos e corte a ponta dos talos.

— Ok.

O ralador continua com uma batida constante. Passo a mão pelo cabelo e resolvo me recompor. — Então, você disse que estava em Boston a trabalho. Uma reunião?

— Hum... sim.

— Que tipo de reunião?

— Encontro de Investigadores.

— Isso parece... aterrorizante.

Sloane dá uma risada. — Sim e não. Eles não são investigadores como os investigadores da polícia. É o que chamamos de médicos de estudo que realizam nossos testes em suas clínicas. Uma Reunião de Investigadores é onde treinamos eles e sua equipe no estudo. As reuniões só são um pouco assustadoras se você tiver que fazer uma apresentação. Estar no palco na frente de um grupo de médicos pode ser um pouco intimidante. Poderia haver cinquenta pessoas na plateia, poderia haver trezentas. Já fiz muitos delas, mas às vezes ainda fico nervosa quando o pessoal da tecnologia coloca o microfone em mim.

— Um microfone? Como toda aquela coisa do tipo Madonna, Britney Spears?

Sloane ri. — Às vezes.

Tanta coisa para resolver me recompor.

A ideia da Profissional Sloane com uma maldita saia lápis justa e um microfone da Madonna, parada no palco enquanto ela manda em um grupo de médicos com sua voz rouca de cantora de salão é a fantasia que eu nunca soube que precisava.

Eu sou um caso perdido.

— Legal, legal... — eu digo, mudando minha postura enquanto meu pau praticamente me implora para marchar até a porta dela e transar com ela no balcão da cozinha. — Posso ir assistir?

Sloane ri. — Não...?

— Por favor?

— Não, seu esquisito. Você não pode assistir.

— Por que não? Parece quente e educativo.

Sua risada rouca aquece meu peito. — Porque é tudo confidencial, por exemplo. E dois, você me distrairia.

Meu coração se ilumina com fogos de artifício. — Com meu lindo rosto?

— Pfft. *Não*. — Esse 'não' é totalmente um 'sim'. Posso virtualmente ver o rubor dela através da linha telefônica. Eu gostaria de poder falar com ela pelo FaceTime, mas Sloane saberia onde estou, parada do outro lado da rua como um idiota apaixonado, nervoso demais para assustá-la e realmente ir até a porta dela, mas desesperado demais para estar perto dela para realmente se importar. — Eu tenho queijo equivalente a uma cabeça de bebê. Estou fazendo os aspargos agora. — diz ela, com a voz suave.

— Quando terminar, coloque um pouco de água com sal para ferver.

— Ok.

O corte começa em segundo plano, alcançando a ausência da voz de Sloane. Fecho os olhos e encosto a cabeça na árvore enquanto tento imaginar Sloane com a mão habilmente envolvida no cabo de uma faca. Não sei por que isso é tão sexy, mas é. Assim como a ideia dela no palco com seu pequeno microfone da Madonna. Igual à imagem de Sloane na cabine do meu restaurante, curvada sobre um esboço.

— Por que você trabalha lá? — Eu pergunto abruptamente.

— Na Viamax?

— Sim. Por que não ganhar a vida com arte?

Há uma pausa antes que ela bufe. O rubor na garganta e no peito deve ser absolutamente vermelho. — Eu realmente não vou ganhar dinheiro vendendo desenhos de pássaros, Rowan.

Estou surpreso que ela tenha ido até lá, depois do jeito que ela olhou para a cabine da *3 In Coach*, como se quisesse usar um lança-chamas para aquele desenho que ela deixou para trás, provavelmente para toda a porra do restaurante. Mas por mais que ela vá direto para esse momento que claramente a envergonhou, ainda assim é um desvio. — Mas você poderia. Você poderia fazer outra arte, se quiser.

— Não posso. — Suas palavras firmes soam entre nós como se ela estivesse esperando que elas se instalassem na minha cabeça. — Gosto do que faço. É diferente da carreira que imaginei para mim quando era jovem. Tipo, quem faz, certo? Poucos de nós acabamos como treinadores de golfinhos ou algo assim. — Ela ri e faz uma pausa novamente, mas desta vez não a pressiono, contente em esperar que

ela acabe. — A arte às vezes traz lembranças ruins. Eu adorava pintar. Eu pintava por horas. Comecei a experimentar escultura também. Mas as coisas... mudaram. Esboçar é como a base. Foi tudo o que restou quando o resto pegou fogo... a única coisa que ainda gosto. Bem, isso e minhas teias, que parecem arte para mim.

Podem ser apenas pequenos pedaços de Sloane, mas mesmo assim vou guardá-los. Minha arte nunca foi tão manchada que eu não suportasse criá-la. Isso me faz pensar o que tiraria a arte de Sloane tão completamente que ela não pudesse mais pintar ou esculpir, reduzida ao monocromático.

— Sempre quis ser chef — afirmo. — Mesmo quando eu era jovem.

— Realmente?

— Sim. — Olho para os meus sapatos enquanto me lembro da cozinha da casa da minha infância em Sligo, comendo em volta da mesinha com meus irmãos, nós três geralmente sozinhos na casa escura e hostil. — Lachlan encontraria uma maneira de levar comida para casa. Eu cozinharía. E nosso irmão mais novo era um merdinha exigente naquela idade, então me tornei muito bom criando sabores decentes com recursos limitados. Cozinhar tornou-se uma espécie de fuga. Um lugar seguro para minha mente correr livremente e explorar.

— Arte culinária. Literalmente.

— Exatamente. E minha habilidade de cozinhar provavelmente tornou os tempos difíceis em casa um pouco mais fáceis. — Pelo menos a raiva do meu pai, causada pela embriaguez ou pelas drogas, não foi agravada pela fome. Houve algumas vezes em que ele se controlou por tempo suficiente para me empurrar para a cozinha e exigir o jantar, em vez de me derrubar. Cozinhar tornou-se uma espécie de armadura. Não é infalível, mas pelo menos é uma barreira. Algo para suavizar o golpe. — Tive sorte, eu acho. Ele sobreviveu. Eventualmente, tornou-se outro mecanismo para que eu e meus irmãos construíssemos uma vida melhor.

Sloane faz uma pausa, com a voz melancólica quando diz: — Lamento que você e seus irmãos tenham passado por isso. Mas estou feliz por você que sua arte sobreviveu.

— E sinto muito que você não goste mais da sua arte.

— Eu também. Mas obrigada por me ensinar a sua. Posso ter ralado apenas queijo para a cabeça de um bebê, mas... — ela faz uma pausa para respirar fundo, como se reunisse coragem — Estou me

divertindo.

Eu suspiro teatralmente. — *Não*, você não pode, isso não fazia parte do meu plano.

Sloane ri e eu sorrio durante o resto da preparação do prato. Ficamos na linha enquanto ela come e insiste que eu encontre algo para fazer um lanche, para que ela não jante sozinha. Tudo o que tenho é uma barra de granola que estava esmagada na minha bagagem de mão, mas como mesmo assim enquanto conversamos sobre coisas aleatórias. Raleigh. Boston. Comida. Bebidas. Tudo. Nada.

Saio quando ela termina de comer, só saio do meu esconderijo quando sei que ela está ocupada na pia.

No dia seguinte, eu volto. Espero atrás da árvore enquanto o garoto entrega a sacola de compras. Ele ganha mais cem dólares. Sloane me liga e fazemos camarão feta assado e polenta. Trago uma salada pré-preparada para poder comer com ela. Falamos sobre trabalho. Sobre diversão. Um pouco sobre Albert Briscoe e as consequências de nossa visita fortuita à sua casa. Vários assassinatos foram atribuídos a ele e Sloane parece satisfeita. Posso ter cutucado a polícia na direção certa, mas não digo isso a ela.

No terceiro dia, me escondo atrás de uma árvore diferente, um pouco mais perto da casa, onde posso ouvi-la quando ela abre a porta. Sloane enche o garoto de perguntas, mas ele resiste. Tenho que admitir, ele é bastante confiável. Quando olho por trás do porta-malas, posso ver sua frustração, mas ela claramente também não quer assustar a criança. Enquanto ele pega sua bicicleta, pergunto o que ele vai fazer com todo esse dinheiro, ele me diz que está economizando para comprar um PlayStation. Antes de ele ir, dou-lhe duzentos dólares extras.

Sloane faz bife, um lindo filé mignon Wagyu, com couve de Bruxelas carbonizada como acompanhamento. Ela é a mais nervosa com isso. Eu sei que ela não quer estragar tudo. Mas ela não quer. Acontece algo meio raro e perfeito. Ela cantarola a cada mordida. Falamos sobre nossas famílias. Bem, eu falo sobre meus irmãos. Ela não tem muito a dizer sobre a dela. Sem irmãos. Não há primos próximos. Os pais dela mantêm contato no aniversário dela e no Natal, mas é isso. Eles estão muito imersos em suas próprias vidas e não tenho a sensação que ela deseja compartilhar. Talvez simplesmente não haja muito que valha a pena lembrar sobre eles. E eu entendo isso, melhor do que a maioria.

No dia seguinte, me escondo atrás da árvore por um longo

tempo e observo a casa dela. A certa altura, ela abre a porta e dá alguns passos para fora. Ela olha para a rua, com a testa franzida. Eu saio de vista quando seu olhar se volta em minha direção enquanto ela avalia o outro lado da rua. Mas não há criança. Sem mantimentos.

Ela volta para dentro e tranca a porta. As cortinas se afastam da janela apenas para cair mais uma vez.

Depois de mais alguns minutos, vou embora. Estou no meu carro alugado, já dirigindo em direção ao aeroporto, quando uma mensagem vibra no meu gravador. Mas me forço a não ler. Não até eu voltar ao meu apartamento em Boston.

Porque eu sei que se eu fizer isso, há uma chance de eu arrancar a porra da porta do avião para voltar para Jasmine Street.

Algumas horas depois, o telefone está apertado em minha mão quando despejo uma dose generosa de uísque sobre os cubos de gelo quebrados. Só quando estou acomodado em minha cadeira de couro favorita, com os sapatos tirados e os pés para cima, é que olho para a tela.

Obrigar-me a esperar é um tormento delicioso. O álcool queima minha garganta enquanto abro a mensagem não lida de Sloane.

BLACKBIRD

Senti sua falta hoje.

Também percebi que não posso cozinhar nada sem
você. Afinal, não acho que sou uma adulta de pleno
direito.

Sorrio e tomo um longo gole da minha bebida antes de deixá-la de lado e digitar minha resposta.

EU

Também senti sua falta. Da próxima vez que você
voltar a Boston para mais uma daquelas reuniões,
faremos filo Napoleão no restaurante.

A princípio não tenho certeza se ela responderá, dado o horário tardio e quanto tempo ainda resta para enviar uma resposta. Mas quase imediatamente vejo aqueles três pontos piscarem e então:

BLACKBIRD

Gostaria disso.

Meus olhos se fecham enquanto minha cabeça encosta no couro. Sorrio ao pensar no rosto dela hoje, enquanto ela estava na varanda da frente e olhava em ambas as direções para a entrega que não chegou. A decepção nunca pareceu tão doce.

Meu telefone vibra na minha mão.

BLACKBIRD

Vejo você em algumas semanas para o jogo. Amigos ou não, ainda vou acabar com você. Só para você saber...

Eu sorrio na penumbra.

EU

Estou contando com isso.

CAPÍTULO DEZ

DIJON



É uma arte encurralar um homem como Thorsten Harris.

O primeiro truque é abordá-lo em um lugar onde ele se sinta confiante, onde ele pense que é o predador de ponta em seu pequeno lago porque já foi caçado com sucesso lá antes. Como este lugar, o Orion Bar, um salão de coquetéis sofisticado dentro do que já sei ser a linha preferida de Thorsten. É longe o suficiente de sua casa para que ele sinta que é uma aventura, perto o suficiente de sua casa para tornar viável atrair sua presa para lá.

A segunda etapa do processo é aprender o que ele gosta. O que o excita. O que ele detesta. No caso de Thorsten, ele gosta de vinho tinto, culinária impecável e coisas caras. Nem sempre são coisas *legais*; na verdade, muitas vezes são vistosas e pretensiosas, mas mesmo assim são caras. Quanto ao que ele odeia? Más maneiras. E inhome, aparentemente. Então pegue todo esse conhecimento e comece a construir um relacionamento com ele.

E o último passo é a parte complicada: você tem que fazê-lo acreditar que você é inteligente o suficiente para ser uma conquista interessante... você pode ser uma presa, mas vale o risco de ganhar um troféu. Mas você também precisa parecer burra o suficiente para aceitar de bom grado o convite para jantar na casa dele amanhã à noite, mesmo que ele seja essencialmente um estranho.

...Ou você pode jogar tudo isso pela janela e ser apenas Rowan Kane.

Um capacete de motociclista cai no espaço vazio ao meu lado

no sofá de couro branco.

Instantaneamente, meu sangue fica vulcânico.

— Que bom ver você por aqui. — Rowan diz enquanto se senta ao lado dele com um sorriso de merda.

Eu dou a ele um olhar morto em resposta.

Minha ferocidade só me rende uma piscadela antes que ele se incline para frente com o braço estendido sobre a mesa de centro em direção ao homem sentado à minha frente.

— Olá, prazer em conhecê-lo. Eu sou Rowan.

— Thorsten Harris, o prazer é todo meu. — diz meu companheiro mais velho e bem vestido ao aceitar o aperto de mão. Passei os últimos quatro dias tentando evitar exatamente esse cenário em minhas tentativas de encurralar Thorsten, que Rowan agora sabe ser nossa meta anual, embora pareça não saber *por quê*.

Achei que finalmente havia escapado de Rowan quando saí do hotel e seu carro alugado ainda estava no estacionamento.

Claramente, eu o julguei mal.

E ele está muito *exaltado* com isso.

— Sinto muito interromper. — Rowan continua, pronto para acender o pavio de cada canhão de seu arsenal de charme. Ele aponta seu maldito sorriso impecável para minha presa, sua pele brilhante e corada, provavelmente pela excitação de me perseguir com sucesso. — Eu vi o carro da minha amiga aqui quando estava de passagem e já faz tanto tempo que pensei em parar e dizer um rápido olá para ela.

E então ele usa toda a força do seu ataque de charme contra mim. — Olá, amiga.

— Que alegria profunda é ver você aqui, Rowan. Estou tão emocionada. — Tomo um longo gole do meu vinho antes de lhe dar um sorriso tenso. O silêncio entre nós se estende. Thorsten se mexe em sua cadeira e eu reprimo um gemido, ciente de que já estou ultrapassando os limites de boas maneiras de Thorsten. — Você gostaria de se juntar a nós? — Eu pergunto rigidamente. Meu sorriso tem um tom cruel que diz claramente '*maldito, saia agora mesmo*'.

E Rowan diz: — Eu ficaria encantado.

Em um minuto, Thorsten serviu-lhe um generoso copo de caro Chianti.

Em cinco minutos, Rowan o faz rir e bater palmas.

Dentro de dez minutos, Thorsten está quase tropeçando ao convidar Rowan para jantar em sua casa amanhã à noite, algo que passei a noite toda orquestrando como um empreendimento solo.

Duas horas depois, estamos deixando o bar chique lado a lado no rastro de Thorsten, com os planos para o jantar de amanhã gravados em pedra.

E estou fervendo.

— Tenho que admitir — sussurro enquanto Thorsten entra em seu carro e nós acenamos para ele se afastar. — Seu truque de entrega de compras na minha casa foi muito fofo. Você quase me enganou com aquela coisa de cozinhar juntos.

— *Enganada?* — Os olhos de Rowan vagam por mim, brilhantes e irônicos. — Não tenho certeza do que você quer dizer, Blackbird.

— Enganada ao pensar que você não iria se virar e se tornar um *pé no saco* monumental na primeira oportunidade disponível para o jogo desta temporada — eu digo. Ele solta uma risada e eu cruzo os braços sobre o peito enquanto olho para ele. — Você é um *trapaceiro*.

— Não sou.

— Você tem me seguido incansavelmente para descobrir quem estamos procurando, em vez de procurar por conta própria.

— Não está no livro de regras que eu não possa.

— Não temos a porra de um livro de regras. Mas deveríamos. Regra número um: faça sua própria pesquisa.

— Por que, quando posso me divertir tanto seguindo você? — O sorriso de Rowan só fica mais tortuoso quando rosno na minha imitação mais precisa de Winston. — Então... quem é esse cara, afinal?

Eu bufo e reviro os olhos antes de girar sobre os calcanhares e caminhar em direção ao meu carro alugado. — Você é o pior — sibilo enquanto Rowan abre a porta do motorista para mim. — Você e seu... — Aceno com a mão em sua direção enquanto deslizo para meu assento. — Ardilosão.

Rowan bufa enquanto se inclina para dentro do meu veículo, seu rosto tão perto do meu que sinto cada respiração dele em minha

bochecha. Tento ignorar o modo como isso torce minha barriga com um tipo diferente de fúria. — *Ardilosão*. Devo interpretar isso como um sinal de que você passou da obscenidade de dragão para a pornografia pirata?

— Talvez eu tenha.

— Sabe, você fica adorável quando está indignada.

— E você ainda é o *pior* — rosno enquanto puxo minha porta para fora de seu aperto.

Ele consegue se mover antes que eu bata em sua mão, mas ainda ouço sua risada provocante e suas palavras de despedida: — Você vai me amar algum dia.

O dia seguinte não é esse dia.

Não, não quando Rowan se convida para meu café da manhã no restaurante do hotel. Nem quando ele aparece no shopping enquanto eu compro uma roupa, embora ele carregue minhas sacolas e me ajude a escolher um lindo vestido estilo retrô. Afinal, é apenas uma estratégia para obter vantagem. Filho da puta astuto. E *algum dia* definitivamente não será hoje, quando estaciono na grande e isolada casa de Thorsten em Calabasas e a motocicleta alugada de Rowan já está lá. Ele está encostado nela, quente como o pecado em uma jaqueta de couro preta, seu olhar percorrendo meus dedos dos pés até os meus olhos com um olhar que me deixa em chamas, ele sabe disso.

— Boa noite, Blackbird — ele diz enquanto se afasta da lateral da moto.

— Butcher.

Rowan para na minha frente enquanto cruzo os braços e levanto o quadril. — Esse é um lindo vestido. Alguém ajudou a escolher isso para você? Seja quem for, têm claramente um gosto impecável.

— Grande gosto. Limites absolutamente zero.

Ele sorri. — Estou muito feliz por estarmos na mesma página.

Eu reviro os olhos de forma mais dramática e estou prestes a lançar-me sobre ele quando a porta da frente se abre e Thorsten está na soleira com os braços abertos em saudação.

— Bem-vindos, meus jovens amigos. — diz ele, parecendo pronto para receber convidados ilustres. Seu cabelo branco está

perfeitamente penteado. Seu smoking de jacquard cor de vinho brilha ao sol poente. O sorriso que ele nos lança tem um toque oculto e afiado. — Por favor, entre.

Ele se afasta e faz sinal para que entremos na casa palaciana.

Começamos com coquetéis na sala de estar, onde nos rodeiam livros de primeira edição, estatuetas e pinturas de cerâmica, aproveito o tempo para apreciar a arte enquanto Thorsten nos mostra sua coleção, seus bens mais preciosos cuidadosamente rotulados. Mesmo depois que ele se mudou, fico olhando por um longo tempo para uma ponta seca assinada por Edward Hopper chamada *Night Shadows*. O esboço mostra um homem visto de cima enquanto caminha sozinho por uma rua da cidade, a luz da lâmpada lançando sombras profundas ao seu redor. Algo nele parece sinistro. Ele poderia estar perseguindo. Ele poderia estar *caçando*. E quando olho para a esquerda e para a direita, vejo a narrativa emergir da arte que me envolve.

À minha esquerda, uma fotografia em preto e branco de Andrew Prokos chamada *Fulton Oculus #2*. A imagem evoca a sensação de um olho sinistro que tudo vê, feito de aço e vidro.

À minha direita, uma pintura de John Singer Sargent de uma mulher sentada à mesa de jantar. Ela encara o espectador, a mão em volta de uma taça de vinho tinto. Um homem está sentado ao lado dela, no canto direito da imagem. Mas ele não está olhando para o espectador. Ele está olhando para *ela*.

Além disso, uma gravura de *A Valsa*, de Félix Vallotton. Retrata casais dançando, mas parecem quase fantasmagóricos. A mulher no canto inferior direito parece estar dormindo.

Depois disso...

Olho para Rowan e coloco meu coquetel em uma base para copos e o deixo na mesinha lateral, intocado. Ele está imerso em uma conversa com nosso anfitrião e não me nota.

Mas Thorsten sim.

— Bebida não está ao seu gosto, minha querida? — Thorsten pergunta com um sorriso tenso.

— Está deliciosa, obrigada. Apenas me guardando para sua maravilhosa coleção de vinhos — respondo com uma inclinação de cabeça.

Seu sorriso parece mais relaxado quando ele coloca sua bebida na mesa e declara que é hora de passar para o evento principal.

— Não consigo expressar o quanto estou feliz por ter um chef profissional enfeitando minha mesa esta noite. — diz Thorsten, conduzindo-nos à sala de jantar, onde a música clássica toca em volume baixo e as velas tremeluzem entre as flores escuras de uma elaborada peça central. Ele me aponta uma cadeira de mogno coberta com veludo vermelho, afastando-a da mesa e empurrando-a de volta enquanto me sento. — E sua adorável companheira também, é claro.

— Obrigada — eu digo, deixando cair um sorriso recatado para a minha mesa. Não sei nada sobre porcelana antiga, mas aposto que Thorsten teria um ataque absoluto se alguma parte dela fosse quebrada.

Arquivo esse pensamento para mais tarde.

— E vocês formam um casal tão adorável. Afinal, como vocês se conheceram?

— Oh, somos apenas amigos. — digo ao mesmo tempo que Rowan diz *“uma expedição no pântano”*.

Trocamos olhares penetrantes enquanto Thorsten ri. — Parece que você pode ter opiniões divergentes sobre o assunto do seu relacionamento.

— Bem, é difícil competir com a impressionante equipe de garçons e os adoradores frequentadores da socialite de Rowan. — eu digo com um sorriso doce e doentio.

— Ninguém compete com Sloane. — Os olhos de Rowan fixam-se nos meus, arrastando-me para as profundezas de um mar azul-marinho. — Ela simplesmente não percebeu isso ainda.

Nossos olhares permanecem fixos por um batimento cardíaco que parece muito pesado em meu peito. Mas o momento de suspensão é interrompido quando Thorsten ri, o estalo de uma rolha de vinho quebra a conexão entre nós. — Talvez esta noite ela o faça. Inspiremos na arte da cozinha. Pois, como disse Longfellow: *“A arte é longa e o tempo é passageiro, nossos corações, embora fortes e corajosos, ainda assim, como tambores abafados, estão batendo marchas fúnebres até o túmulo”*.

Rowan e eu trocamos um olhar enquanto Thorsten se concentra em servir seu vinho, consigo revirar os olhos e pegar seu sorriso fugaz em resposta antes que nosso anfitrião possa olhar em nossa direção.

Quando meu vinho é decantado em uma taça de cristal

gravado e Thorsten se acomoda em sua cadeira, ele levanta a taça para um brinde. — Para novos amigos. E para alguns de nós, talvez um dia mais do que apenas amigos.

— Aos novos amigos — repetimos, uma ponta de decepção inesperada invade minha pele quando percebo que esperava que Rowan repetisse a última linha do brinde.

Nosso anfitrião toma um gole de seu vinho e eu faço o mesmo, imaginando que deve ser seguro o suficiente para beber se ele estiver tomando um longo gole. Ele ergue o copo e sorri para o vinho rubi. — Tenuta 2015 Tignanello, Reserva 'Marchese Antinori'. Eu adoro um bom Chianti. — diz ele. Ele toma outro gole, fechando os olhos e respirando fundo antes de suas pálpebras se abrirem. — Começemos.

Thorsten pega uma sineta ao lado de seus talheres, sua melodia tilintante inunda a sala de jantar. Um momento depois, um homem entra com passos lentos e cuidadosos, empurrando um carrinho de prata em direção à mesa. Ele parece ter quase trinta anos, é alto, atlético, com ombros largos e curvados, como se os músculos tivessem esquecido recentemente que têm uma tarefa a cumprir. Os restos amarelados de hematomas cicatrizantes circundam seus olhos vazios.

— Este é David. — diz Thorsten enquanto David coloca um prato de aperitivos diante de mim. David não levanta os olhos, apenas volta até o carrinho onde vai buscar um prato para Rowan. — Sr. Miller não consegue falar. Ele sofreu um acidente terrível recentemente, então eu o contratei.

— Oh, que gentileza da sua parte — eu digo. Meu estômago revira de desconforto. Achei que Rowan poderia ter descoberto com quem estamos lidando desde ontem, mas quando olho para ele, os primeiros sinais de arrependimento começam a penetrar na minha pele. Minhas sobranceiras sobem quando ele encontra meus olhos. *'Você ainda não descobriu, garoto lindo?'* Tento transmitir nada mais do que meus olhos arregalados.

Ele inclina a cabeça e me dá uma expressão fugaz e interrogativa, uma resposta que simplesmente diz: *'...hein?'*

Não. Ele definitivamente não descobriu.

Essa pontada de arrependimento começa a queimar.

Quando o prato de Thorsten é colocado na mesa, David sai. — Crostini de queijo de cabra com tapenade de azeitona — declara Thorsten. — Aproveitem.

Tento não deixar meu suspiro de alívio parecer muito óbvio quando iniciamos o primeiro prato. É legitimamente muito bom, talvez um pouco salgado, mas pelo menos é um começo decente. Rowan encanta Thorsten com elogios que parecem sinceros, os dois conversam sobre possíveis refinamentos que elevariam o prato. Rowan sugere figo para trazer doçura ao equilíbrio, mantenho minha atenção em nosso anfitrião para escapar de seu olhar pesado. Ele descansa na minha bochecha, queimando minha pele como uma marca quando ele menciona o filo de figo Napoleão do cardápio de sobremesas do *3 In Coach*.

Eu jogo junto com a conversa, aceno e rio em todos os lugares certos, mas na verdade não estou prestando muita atenção... estou muito preocupada em como vou comunicar qualquer coisa a Rowan com o poder das minhas expressões faciais sozinha.

Quando o prato termina, Thorsten chama David novamente com a campainha, ele recolhe nossos pratos para voltar com sopa de gaspacho. Esta rodada está boa, nada de especial, mas Rowan parece satisfeito, os dois discutem as variedades de tomate que Thorsten cultiva na propriedade.

— Eu adoraria ver o seu jardim. — diz Rowan depois que Thorsten detalha as outras ervas e produtos que ele cultiva no quintal.

A agradável máscara de Thorsten cai, um brilho selvagem acendendo em seus olhos antes que um piscar de olhos o leve embora. — Oh, tenho certeza de que isso pode ser arranjado.

Rowan sorri, mas esse é o seu sorriso secreto, é um que conheço bem. Pelo menos ele sabe que estamos na presença de outro assassino, então acho que isso é uma vantagem. Estou momentaneamente esperançosa de que talvez Rowan saiba quem é Thorsten, afinal, ele está apenas mantendo isso em segredo na esperança de vencer esta rodada da nossa competição.

Mas quando Thorsten abre uma nova garrafa de vinho, enchendo nossas taças, mas não a dele, observando com interesse predatório enquanto Rowan toma um longo gole, sei que minhas esperanças foram frustradas.

Acho que deveria estar feliz. Isto parece ser uma vitória fácil. Na realidade, porém, minha ansiedade faz meu peito parecer como se eu estivesse conectada a uma rede elétrica. Sou grata pela toalha de mesa horivelmente ornamentada que protege minhas pernas trêmulas.

Rowan toma outro gole generoso de vinho enquanto a discussão culinária continua. Thorsten convoca David para voltar para buscar as tigelas de sopa vazias, transmitindo instruções explícitas para trazer de volta a salada de uma prateleira específica na cozinha. Ele está repetindo os passos para David pela terceira vez quando Rowan olha para mim por cima da borda de sua taça de vinho com um olhar questionador nas sobranceiras, como se estivesse perguntando o que diabos está acontecendo.

— *Lobotomia* — falo para ele, tentando fazer parecer que estou coçando a testa quando bato e aceno em direção a David. A cabeça de Rowan se inclina e eu reviro os olhos, cerrando os dentes. '*Lo-bo-to-mia.*'

A cabeça de Rowan se inclina na outra direção, a testa ainda franzida, mas uma sugestão de sorriso brincando em seus lábios. Ele sutilmente aponta para mim e depois para si mesmo. '*Você me ama?*' ele murmura.

Eu bato minha cabeça.

— Está tudo bem, minha querida? — Thorsten pergunta enquanto David sai para a cozinha.

— Oh sim, claro. Acabei de me lembrar de algo que esqueci de fazer no trabalho antes de sair. Mas está tudo bem, farei isso de manhã. — Thorsten sorri com a minha desculpa, mas ela é frágil nas bordas, a incerteza sangrando em sua máscara. — *Tarde* da manhã nesse ritmo. Este vinho está sendo uma delícia. — Acrescento com um sorriso encantador. Ele observa enquanto levo o copo aos lábios e engulo, embora não deixe nenhum líquido entrar na boca. A decepção parece acalmá-lo e coloco meu copo na mesa, cruzando as mãos no colo.

A restrição de Thorsten cede quando o carrinho que se aproxima range no corredor, um sorriso radiante e voraz tomando conta de suas feições enquanto sua máscara refinada é removida. Mas Rowan não percebe. Ele apenas sorri para mim, balançando ligeiramente na cadeira, um brilho vítreo cobrindo seus olhos semicerrados.

— Você está tão bonita, Blackbird. — diz ele quando David entra na sala com três pratos cobertos no carrinho.

Calor queima em minhas bochechas. — Obrigada.

— Você sempre está bonita. Quando você veio ao restaurante, eu disse... — Rowan soluça duas vezes, depois afoga o seguinte com

um gole de vinho. — Eu disse: '*Sloane é a garota mais linda do mundo*'. E então meu irmão me chamou de *fodido pra caralho*, porque eu poderia ter todas as bocetas que quisesse em Boston, mas em vez disso fiz um voto de abstinência...

— Abstinência.

— ...*abstinência* por causa de uma garota que não me quer.

Tenho quase certeza de que o rubor incendiou minha pele e a fonte da chama é meu coração incinerado.

Thorsten sorri pela minha frente, claramente entretido com nossa conversa durante o jantar. Meus lábios se abrem, uma respiração presa queimando em meu peito. Tudo o que consigo dizer é uma única palavra: — Rowan...

Mas sua atenção se concentrou no prato que estava diante dele.

— Bife Niçoise. — diz Rowan com um sorriso encantado enquanto pega a faca e o garfo. Olho para Thorsten, que observa Rowan com muita atenção. — Eu adoro bife Niçoise.

— Sim. — diz nosso anfitrião enquanto coloca um pedaço dobrado de carne mal passada, fino como papel, na língua. — Niçoise.

— Rowan...

— Estou tão curioso para saber sua opinião, chef. — Thorsten continua. — Esta é a minha versão especial sobre a versão tradicional.

— *Rowan...* — eu sibilo, mas é tarde demais. Rowan já colocou uma garfada de salada na boca, fechando os olhos enquanto saboreia a alface picada, o feijão verde, o tomate cereja e... o bife.

— Isso está fantástico. — diz ele, arrastando as palavras. Ele pega outra garfada de salada com a mão trêmula e enfia na boca já cheia. — Molho dijon caseiro?

Thorsten sorri com o elogio. — Sim, usei meia colher de chá extra de açúcar mascavo porque a carne é de caça.

— Tão bom.

Passo a mão pelo rosto enquanto Rowan consegue colocar mais uma mordida na boca antes de desmaiar de bruços no prato.

Há uma batida de silêncio. Thorsten e eu olhamos para o homem dormindo em uma cama de salada com um bife humano

malpassado em fatias finas pendurado na boca.

Quando Thorsten encontra meus olhos, é como se ele estivesse saindo de uma névoa eufórica.

Ele pensou que eu estava bebendo meu vinho. Quando eu não estava bêbada o suficiente, ele provavelmente pensou que poderia facilmente me subjugar.

Ele pensou errado.

Mantenho o olhar confuso de Thorsten enquanto empurro a haste da minha taça de vinho, derrubando-a no prato. O cristal se estilhaça, lascando a porcelana e inundando a salada com vinho cor de sangue.

— Bem — eu digo, enquanto me recosto na cadeira, colocando a mão na superfície da mesa com a lâmina de aço molhada na palma da mão. — Acho que somos só você e eu agora.

CAPÍTULO ONZE

DISCÓRDIA



Meu primeiro pensamento consciente é uma única palavra, que passa pelos meus lábios como se estivesse presa em um xarope viscoso.

— Sloane.

Meu segundo pensamento é a consciência da batida constante da música. No início, fiquei convencido de que eram os batimentos cardíacos, mas estava errado. A voz angelical de um homem flutua acima da bateria leve e de uma melodia de guitarra sonhadora que me lembra do deserto ao pôr do sol.

Sloane cantarola junto com a música que gira ao meu redor. Enquanto ela canta sobre cozinhar alguém e esmagar a cabeça dele, percebo que reconheço a melodia. *Knives Out*. Radiohead. A voz rouca e rica de Sloane enche meu peito de alívio. Eu sei que ela está bem, graças a Deus. Porque eu *não* estou bem.

Gritos enchem a sala e eu abro os olhos. Um candelabro vagamente familiar aparece, carregado com cristais berrantes. Tento me concentrar neles enquanto o resto da mesa gira nos limites da minha visão.

— Apenas... espere... quieto... — diz Sloane, gritando cada palavra sobre os gritos distorcidos do homem. — Eu diria que doeria menos se você parasse de lutar, mas isso é mentira total.

O homem grita novamente e eu viro minha cabeça em direção ao som. Pode ser a coisa mais difícil que já fiz. Minha cabeça parece pesar cem quilos.

Os gritos atingem um nível febril. As costas de Sloane estão para mim. Ela está montada no homem aterrorizado sentado na cadeira na cabeceira da mesa, protegendo-o de vista. Parte da noite chega nadando em meio à sopa de vinho e sedativos que nublam meus pensamentos. *Thorsten*. O homem é Thorsten. E ele *me fodeu*.

— Só um pequeno recorte. Ai está.

A gritaria para abruptamente e os ombros de Sloane caem de decepção.

— Caramba.

Ela estende a mão para trás sem se virar, com o punho enluvado coberto de sangue, deixa cair um globo ocular decepado ao lado de outro que já está no prato de pão ao lado da minha cabeça.

Eu vomito.

Sloane se vira ao ouvir o som. — *Na tigela*, Rowan. Jesus Cristo. — Ela arranca as luvas enquanto desce do homem e levanta meu torso para que eu possa vomitar em uma tigela de aço inoxidável perto do meu rosto. Suas mãos seguram meus ombros com força enquanto o vinho tinto e o jantar desocupam meu estômago. — Melhor sair do que entrar. Confie em mim — ela resmunga, seu tom sombrio.

— O filho da puta me drogou — consigo gritar quando o vômito finalmente para e limpo a boca com um guardanapo, com a mão úmida e trêmula.

— Claro que sim.

— Há quanto tempo estou inconsciente?

— Algumas horas. — ela responde. Ela me passa uma garrafa de água fechada com uma das mãos e arrasta a tigela com a outra. Sloane olha para a porta do corredor, hesitante. — Eu preciso me livrar disso, mas David está me assustando.

— Ele ameaçou você? Se ele ameaçou você, juro por Deus...

— Não, de jeito nenhum. — diz Sloane, empurrando-me de volta na cadeira quando tento me levantar. Meu corpo cai para um lado. Ela tenta sorrir, eu acho, mas sai como uma careta. — Ele parece bastante inofensivo.

— Então qual é o problema?

— Ele está comendo. Na cozinha. — diz ela. Balanço a cabeça,

sem acompanhar o que ela está dizendo. — Os próximos pratos. A... comida.

— Isso é o que a maioria das pessoas come. Comida.

A cor sumiu do rosto de Sloane. — Sim... a maioria...

— Eu não entendo...

— *Você comeu a porra de uma pessoa* — ela deixa escapar.

Pisco para Sloane uma vez antes de puxar a tigela de volta para vomitar novamente.

— Oh *meu Deus*, Rowan, foi muito nojento. Você enfiou tudo dentro. Não conseguia o suficiente.

Eu vomito.

— Você desmaiou enquanto mastigava. Tive que raspar da sua língua para que você não engasgasse.

Eu olho para ela com olhos lacrimejantes antes de vomitar novamente, embora felizmente não haja muito do que me livrar.

— Você sabia que era alcatra assada? Torturei Thorsten até ele me contar. Eu tive que tirar a *bunda humana* da sua *boca*.

— Pelo menos você não engoliu, Sloane. Por que diabos você não me impediu?

— Eu tentei, mas você simplesmente foi em frente. Você não se lembra?

Merda. Eu me lembro.

Lembro-me de muito mais do que isso.

Sloane me observa com muita atenção. Ela não é tão apática quanto tenta parecer. Quanto mais eu olho, mais sua máscara indiferente desmorona, um leve rubor surge sob as sardas que cobrem suas bochechas e nariz.

Essa maldita garota. Em pânico porque dei a ela um vislumbre de como me sinto. Claramente nervosa com uma conversa que ela está desesperada para não ter. Pronta para voar.

E eu faria qualquer coisa para mantê-la por perto, mesmo que isso significasse levar um martelo no meu próprio coração.

— Não. — Balanço a cabeça enquanto meu olhar se volta para

a peça central. — A última coisa que me lembro é de David entrando pela porta com o carrinho. Não me lembro de nada depois disso.

Quando olho para cima, os lábios de Sloane se contraem. É quase um sorriso. Seus olhos são um pouco mais suaves.

Foda-se.

Assim como eu suspeitava. Ela está aliviada pra caralho.

Vou absorver o veneno desta picada ardente. Deixo cair minha cabeça em minhas mãos. Ela nunca saberá que me lembro de cada segundo da minha confissão embaraçosa e não correspondida. Nunca esquecerei o modo como sua pele ficou com um lindo tom de rosa quando eu disse que ela era linda. Eu teria rastejado pela mesa para beijar aqueles lábios carnudos enquanto eles franziam enquanto eu contava meus segredos entre nós.

Preciso enfiar isso na minha cabeça dura. Ela nunca vai querer mais do que isso. Mas eu me recuso a perdê-la. Sloane é a única pessoa no mundo que pode olhar para o meu monstro e encontrar um amigo. E eu sei que ela precisa de um amigo tanto quanto eu. Talvez mais.

— Você está bem? — ela pergunta, sua voz pouco mais que um sussurro.

— Sim. São apenas as drogas — minto novamente. Juro neste exato momento que esta será a última mentira que contarei a Sloane Sutherland. — Eu me sinto uma merda.

Verdade.

— Imagino que sim. Eu sei como é. — diz ela. Ela afasta a tigela quando parece razoavelmente certa de que terminei. — Bem, não a parte das pessoas que comem. Eu não sei sobre isso.

Eu dou a ela um olhar indiferente que só serve para iluminar seu sorriso antes que ela se vire e carregue a tigela para colocá-la no corredor, murmurando para si mesma sobre lidar com isso mais tarde. Há um gemido de dor na ponta da mesa e fico um pouco grato por ter outra coisa em que me concentrar além da queimação na garganta.

Olho para Thorsten. E pela primeira vez, eu realmente me concentro na cena ao meu redor.

— Tecelão de Orbes — eu sussurro, minha respiração presa no peito com o belo horror de uma teia intrincada que brilha à luz das velas. — Sloane... como?

Seu sorriso é tímido enquanto ela se afasta da mesa com um encolher de ombros. — Tive tempo para matar.

Sloane caminha em direção a Thorsten. Sua cabeça pende contra o peito enquanto o sangue escorre pelo seu rosto das cavernas sem luz onde antes estavam seus olhos. Ele se mexe um pouco e geme antes de voltar à inconsciência.

— Quase pronto — diz ela, dando um tapinha no ombro dele enquanto para indo examinar o padrão da linha de pesca atrás dele, que se estende do chão ao teto.

Algumas linhas se cruzam, outras se sobrepõem. Algumas são mais grossas do que outras, as linhas mais finas amarradas em nós delicados para segurar o fio mais pesado em ângulos específicos ou aproximações de curvas. Em diferentes pontos e profundidades há finos pedaços de carne pendurados na teia.

Sloane tira um par de luvas de látex de uma caixa sobre a mesa, depois uma fita métrica e dois pedaços de linha de pesca pré-cortada e de calibre mais fino. Ela cantarola a música de sua própria playlist através de um alto-falante portátil enquanto amarra o primeiro dos dois fios na teia acima da cabeça de Thorsten, usando a fita métrica para distanciar um metro da primeira corda para posicionar a segunda. Quando as medições são feitas, ela retorna para a mesa, encontrando minha atenção extasiada com um sorriso tortuoso.

— Você pode querer desviar o olhar, garoto bonito. — diz ela, apertando a borda do prato de pão para deslizar os olhos para mais perto da ponta da mesa.

— Foda-se. Eu não sou melindroso.

— Tem certeza disso?

Meu estômago não tem certeza.

— *Normalmente* não sou melindroso. Eu vou ficar bem.

Sloane encolhe os ombros e arranca um dos olhos do prato com dedos cuidadosos e delicados. — Cem por cento positivo?

— Prefiro ver você fazer enfeites de pele e enfeites para os olhos do que ir até a cozinha e verificar como está a Lobotomia David. Vamos em frente.

— Justo.

Sloane volta para a teia, enrolando cuidadosamente o primeiro dos dois fios medidos ao redor do olho para prendê-lo no filamento transparente.

— Você realmente fez tudo isso em algumas horas? — Eu pergunto. A bainha do vestido sobe mais alto na parte de trás das coxas enquanto ela dá nós na linha. Meu pau endurece só de imaginar como seria a curva de sua bunda em minhas mãos, a suavidade de sua carne em minhas palmas.

— Eu faço cada camada primeiro no hotel. É mais fácil colá-los em lençóis e depois enrolá-los para que eu possa retirá-los quando chegar aqui — ela responde enquanto aponta para vários pedaços de plástico amassados e finos no chão, perto da parede. — Eu sabia que queria encená-lo na sala de jantar, então encontrei as medidas nos registros do corretor de imóveis.

Sloane se aproxima para recuperar o outro olho, me dando outro sorriso tímido antes de voltar para a web com seu prêmio. Assim como fez com o primeiro olho, ela enrola o fino fio de linha de pesca ao redor do orbe e o amarra em sua obra-prima antes de recuar para examinar seu trabalho.

— *Voilà!* — ela exclama no ouvido de Thorsten, mas ele não acorda. Ela o observa por um momento, cutucando seu braço ensanguentado onde está amarrado à cadeira. Quando ele permanece inconsciente, ela suspira e se vira para mim. — Ele não é muito durão, esse aqui. Esta é a quinta vez que ele desmaiou em mim.

— Para ser justo, você arrancou...

— *Retirei*, Rowan. Eu *retirei* os olhos dele.

— Você retirou os olhos dele. Embora eu não entenda, Blackbird... aquele buraco no olho à esquerda parece um pouco arrancado.

Ela se inclina na direção de Thorsten com uma carranca, examinando as órbitas vazias enquanto eu reprimo um sorriso. — Sua esquerda? Ou a minha esquerda?

— Sua esquerda.

— Foda-se, não parece *arrancado*. — diz ela. Sua dúvida se transforma em uma carranca quando ela olha por cima do ombro e percebe a diversão em meus olhos. — Caralho.

Eu rio e tento evitar a fita métrica enquanto ela a joga na minha cabeça, embora eu ainda esteja muito bêbado e drogado para

evitar ser atingido no braço. Quando encontro seus olhos, ela tenta parecer chateada, mas não está. — Você disse antes que é um mapa — digo enquanto esfrego meu antebraço. Ela assente. — Como?

Sloane sorri e se aproxima, tirando as luvas enquanto olha para mim com olhos castanhos brilhantes. Essa covinha aparece perto do canto dos lábios enquanto ela estende a palma da mão voltada para cima. — Eu vou te mostrar, se você acha que consegue ficar de pé sem vomitar em mim.

Dou um tapa na palma da mão dela e ela ri, mas estende a mão novamente, desta vez eu agarro. A sala gira enquanto eu me levanto. Não estou tão convencido de que serei capaz de me controlar, mas Sloane apenas espera, paciente e firme. Seu aperto é uma âncora. Quando paro de balançar, ela ainda está lá, garantindo que cada passo que dou seja firme enquanto ela me leva à sua obra de arte.

— Esta é a balança — ela me diz enquanto aponta para os olhos separados por um metro acima da cabeça inconsciente de Thorsten. — Um metro equivale a dez quilômetros neste mapa.

Sloane me puxa para mais perto. O calor irradia de seu corpo para aquecer seu aroma de gengibre e baunilha. Ela me leva até a ponta da primeira camada de linha de pesca e depois solta minha mão para ficar atrás de mim. Seus dedos envolvem meus braços enquanto ela fica na ponta dos pés para olhar por cima do meu ombro.

— É difícil de fazer, mas tente imaginar isso em três dimensões. Uma camada é para ruas. Uma é para zonas úmidas. Outra é para solos. — diz ela. Ela coloca uma mão delicada em cada lado da minha cabeça e me desloca para que eu possa ver as camadas em um ângulo, onde a carne cortada está cuidadosamente amarrada em pontos específicos da teia. — Se esses investigadores idiotas pegassem cada seção do projeto e colocassem no software ArcGIS⁴, eles teriam o suficiente para fazer um mapa topográfico. O pedaço de seu baú no centro da teia é esta casa. Cada pedacinho de Thorsten representa o último paradeiro conhecido de pessoas desaparecidas que ele levou ou matou. — O braço de Sloane repousa sobre meu ombro enquanto ela aponta para um pedaço de pele ferida na linha de pesca. Sua respiração aquece a concha da minha orelha, provocando arrepios no meu pescoço. — Isso é para um homem chamado Bennett, que ele matou há dois meses. Tirei-o do bíceps do Thorsten. B para Bennett.

Olho para Thorsten, que está começando a se mexer mais uma vez. Sua manga foi cortada, deixando um pedaço de carne em carne viva e exposto no local onde a pele foi arrancada.

— Isso dá muito trabalho — digo enquanto Sloane tira as mãos da minha cabeça e se move para o meu lado.

Ela olha para mim, um toque de rosa subindo em suas bochechas antes de ela sorrir e revirar os olhos. — Você provavelmente acha que eu deveria fazer crochê, adquirir doze gatos e começar a gritar com as crianças da vizinhança para saírem do meu gramado.

— Nunca. — Viro-me para ela e mantenho seu olhar cauteloso. — Bem, talvez a *gritaria com as crianças da vizinhança* faça parte. Eu sempre tolerarei isso. Mas isso, Blackbird? Isso é *arte*.

Os olhos de Sloane suavizam. Um leve sorriso surge em um canto de seus lábios. Eu poderia facilmente me inclinar e inalar seu perfume. Eu poderia beijá-la. Passo minha mão em seus cabelos negros. Diga a ela que eu a acho brilhante, astuta e linda pra caralho. Que eu me divirto com ela. Embora eu me sinta um merda agora, estou desapontado porque o jogo deste ano está quase acabando, porque odeio vê-la ir embora. O que temos agora? Não é o suficiente. Eu quero mais.

Mas temo que tentar pressioná-la só irá afastá-la. Da forma como ela saiu do restaurante e quanto tempo levou para convencê-la a voltar, esse é um risco que não estou disposto a correr.

Dou um passo para trás e mascaro meus pensamentos com um sorriso arrogante. — Estou surpreso que você ainda não tenha doze gatos. Você me parece o tipo que acumula gatos.

Sloane bate no meu braço e eu rio. — Foda-se, garoto bonito.

— Você poderia ganhar muito dinheiro como influenciadora de areia de gato no Instagram.

— Eu ia deixar você fazer as honras e matar esse idiota pretensioso, mas retiro totalmente o que disse. — Com um olhar final sem veneno real, Sloane se vira e volta para a mesa para calçar outro par de luvas de látex antes de pegar um bisturi. Thorsten se mexe e geme, mas não está totalmente consciente até que ela torce a tampa de um frasco de sais aromáticos e o coloca sob seu nariz.

— Por favor, *por favor*, pare...

— Quer saber, Thorsten... ou é Jeremy? Esse é o seu nome verdadeiro, certo? Jeremy Carmichael? — Sloane para ao lado do ombro dele e olha para a teia dela, estendendo a mão para tocar um dos olhos que olham para o outro lado da sala. — Você me lembra

alguém que eu conheci.

Os gritos de Thorsten ficam mais frenéticos enquanto Sloane passa a ponta da lâmina pelo pescoço dele. Um leve arranhão marca sua pele, eu sorrio enquanto ele se debate. Conheço seu processo típico e seus próximos passos. Ela fará um corte preciso em sua jugular com um único golpe e o deixará sangrando na cadeira.

O último toque de cor em sua tela perfeita.

— Este homem atraiu as pessoas com promessas de segurança e cuidado apenas para entregar o oposto. — diz ela enquanto olha com desdém para o corpo trêmulo de Thorsten. — Muito parecido com você, na verdade. Você nos atraiu com a promessa de uma refeição e uma boa companhia apenas para nos drogar e nos enganar. Simplesmente não funcionou inteiramente do jeito que você esperava, não é?

— Eu estou te implorando, me desculpe, de verdade, eu...

— David implorou para você parar quando decidiu brincar de Lobotomia Barbie com a cara dele? Aposto que ele implorou a você e você adorou o som. Mas o engraçado é que, Sr. Carmichael, você e eu temos algo em comum. Vou te contar um segredinho. — diz ela. Um sorriso devastadoramente lindo surge em seus lábios enquanto ela se inclina perto de seu ouvido. — Eu também adoro o som quando minhas vítimas imploram.

— Não, não, você não entende... *David! David, me ajude!*

Seus pedidos de ajuda ficam sem resposta enquanto Sloane recua e retorna à mesa para trocar o bisturi pela lâmina de Damascus. A cabeça de Thorsten balança de um lado para o outro enquanto ele perde a noção do paradeiro dela sob seus gritos desesperados e estridentes. Mas Sloane não faz barulho enquanto se aproxima de sua presa. Ela se move como uma coruja voando, fluida, silenciosa e graciosa. Predatória e poderosa.

— O homem que você me lembra, ele apresentou uma máscara tão civilizada ao mundo, mas por baixo, ele era um demônio. Ele prometeu a melhor educação. As melhores oportunidades para estudantes talentosos nas artes. Ele prometeu um lugar seguro para aprender e a melhor oportunidade de entrar nas universidades mais exclusivas para aqueles de nós cujos pais não eram ricos o suficiente para pagar o preço. E como os meus nunca existiram, eles não perceberam o preço que eu realmente paguei.

Por todas as vezes que pensei que minha alma era pouco mais

que uma maldita pedra, Sloane Sutherland prova que estou errado.

Suas palavras ecoam na minha cabeça até que minha imaginação me leva a todas as possibilidades sombrias e terríveis. Meu coração bate em todos os ossos enquanto desce até o chão. Tudo o que resta é um espaço negro que fica mais quente a cada batida oca.

— Eu poderia aguentar — diz ela. — Poderia lidar com isso. Eu tinha um fim à vista. E de certa forma, eu estava aprendendo. Estava aprendendo como manter minha raiva e escuridão sob uma máscara para poder continuar no mundo. Então mantive minha boca fechada enquanto distribuía pedaços de mim mesma. Mas você sabe qual é o preço que não pude pagar? — ela pergunta enquanto para atrás de Thorsten. O sorriso dela desapareceu. Ela olha para frente, seus olhos quase pretos na penumbra. Sua voz é baixa e cheia de ameaça quando ela diz: — O preço que eu nunca poderia pagar foi Lark.

Gelo infunde minhas veias. Um arrepio se espalha pelos meus braços. Isso desce pela minha espinha.

— Ela era a única pessoa com quem eu me importava. Quando descobri o que ele estava fazendo com ela, o que ela estava escondendo, eu mesma escondi algumas coisas. Naquela mesma noite em que ela me confessou os pecados de outra pessoa, esperei nas sombras. Fiz uma promessa no escuro. Que eu acabaria com todos como ele que pudesse encontrar. Que eu não pararia até encontrar o pior, o mais sombrio, o mais depravado, e os apagaria do mundo, um de cada vez. E prometi a mim mesma que nunca mais deixaria ninguém machucar alguém de quem eu gostava.

Os braços de Sloane se levantam de cada lado da cabeça de Thorsten, o cabo da faca segurado com as duas mãos, a pele descolorida sobre os nós dos dedos.

— Esta sou eu cumprindo minha promessa. — diz ela.

A música cresce nos alto-falantes. Ela é uma virtuose do caralho, cercada por sua obra-prima. Ela espera por uma única palavra do homem abaixo dela, esperando pela nota perfeita.

— *Por favor...*

Sloane enfia a lâmina no estômago de Thorsten.

— Já que você pediu tão gentilmente, vamos derramar a sujeira de suas entranhas juntos — ela grita, arrastando o aço afiado para cima através de seu abdômen ao som da melodia de seu grito escaldante.

Sangue e vísceras fluem da linha reta esculpida na carne de Thorsten. Respirações pesadas saíram do peito de Sloane enquanto ela soltava a faca, um toque vermelho que manchava o carpete com o giro de sua mão. O lamento de Thorsten diminui até silenciar sob o olhar ameaçador e vigilante de Sloane, com algumas respirações finais e irregulares, ele morre amarrado à sua cadeira ornamentada.

Uma carga elétrica nos rodeia. O aroma do sangue quente perfuma o ar. A luz das velas pisca na web. Cada detalhe fica mais nítido, como se o universo tivesse se reduzido a este único cômodo.

E Sloane, a deusa do caos, está no centro de tudo.

Há um arrepio em sua lâmina. Meu olhar percorre um caminho lento ao longo de seu braço. Seus ombros tremem, sua atenção está voltada para alguma memória distante, trazida muito perto de uma superfície escura de outro lugar no tempo. Eu sei disso porque às vezes também sinto isso, do jeito que sinto nela agora. Está sangrando em seus olhos sem luz.

Nenhum de nós deve ser confiável. Ela poderia se voltar contra mim enquanto estivesse presa nesta névoa letal. Mas quando vejo o primeiro tremor em seus lábios enquanto uma lágrima desliza por sua bochecha sardenta, sei que correria qualquer risco por Sloane.

Aproximo-me com passos cuidadosos e medidos. Ela não se move enquanto coloco minha mão em volta de seu pulso e tiro o cabo da lâmina de sua mão. Coloquei-o no colo ensanguentado de Thorsten e ela nem sequer se mexeu, seu olhar ainda preso em outro momento.

— Você está bem. Lark está bem — eu sussurro enquanto deslizo um braço pelas costas dela. Quando Sloane não reage, cruzo meu outro braço em volta dela também, até que ela fique presa em meu abraço. — Você fez bem.

Não há mudança nela, nem mesmo quando aperto meus braços ou inclino minha cabeça em seu ombro.

— Eu também estou bem — continuo. — Embora eu possa precisar de algum antiácido. Algo naquele molho dijon caseiro simplesmente não estava bem. Não tenho certeza do que poderia ser.

Sloane solta uma risada e apoia um pouco de seu peso contra meu peito. Onde quer que ela tenha ido, sei neste momento que posso trazê-la de volta.

— David pode ter algumas dicas para mim. Parece que ele não está tendo problemas com o jantar.

— É muito ruim, Rowan — ela diz na minha camisa, com a voz abafada. — Quando entrei na cozinha para pegar a tigela, ele tinha meio pedaço de salsicha pendurado na boca.

— Isso não parece tão ruim...

— Estava *cru*.

— Ok, sim. Isso é muito ruim. — Engulo os protestos desconfortáveis do meu estômago e limpo as imagens da minha mente com uma respiração profunda do perfume de gengibre de Sloane. Não quero desistir, mas o tempo está sempre trabalhando contra mim quando se trata dela.

Isso funciona contra mim quase tanto quanto ela.

Sloane fica tensa em meu abraço e eu a solto antes que ela possa se afastar. — Provavelmente deveríamos ver como ele está — digo, desviando minha atenção quando ela olha para mim com uma pergunta em sua testa franzida.

— Sim, acho que provavelmente deveríamos.

Sloane se move ao meu redor, seu olhar baixo enquanto ela sai da sala de jantar. Quando me ofereço para pegar a tigela de metal, ela recusa, alegando que eu poderia derramar nas paredes e dar-lhe o dobro do trabalho de limpeza, mas não acho que esse seja o motivo completo. Talvez ela apenas se sinta culpada por não ter me contado sobre Thorsten antes. Talvez ela precise de algo mais para se concentrar. Ou talvez, apenas talvez, seja porque ela quis dizer o que disse. Que ela se importa.

Reflito sobre seu raciocínio enquanto sigo Sloane pelo corredor, segurando a tigela o mais longe possível de seu rosto, sem o risco de derramar. Seus passos ficam mais lentos até que ela para e fica um pouco antes da porta da cozinha. Quando paro ao lado dela, ela olha para mim com uma careta, o nariz enrugado, um pouco de sangue salpicando sua bochecha como um eco carmesim de suas sardas naturais. Se eu pudesse, tatuaria direto na pele dela.

Adorável pra caralho.

— Está muito quieto — ela sussurra. — Eu não gosto disso.

— Talvez ele tenha se afastado.

— Ou talvez ele esteja em coma de carne.

— Cristo. Cedo demais.

Nós nos inclinamos para frente e espiamos pela porta.

David está sentado no balcão, às pernas balançando e o olhar vago enquanto ele coloca na boca o que parecem ser biscoitos e sorvete, direto do pote.

— Isso é um alívio — eu digo enquanto solto a respiração.

— Ele está vivendo sua melhor vida. — Os ombros de Sloane caem e ela observa David por um momento antes de entrar na sala com passos cuidadosos, como se não quisesse assustá-lo. Ele acompanha o movimento dela quando ela para na pia para se livrar do conteúdo da tigela antes de molhar tudo com água sanitária, mas ele não se move, apenas continua cavando lentamente o pote de sorvete.

Encosto-me ao batente da porta e cruzo os braços enquanto observo Sloane trabalhar na pia. — Quando você descobriu quem era Thorsten?

— Praticamente imediatamente. — Ela encolhe os ombros, seu foco ainda preso em suas mãos enquanto ela lava a tigela com mais cuidado do que provavelmente exige. — Ouvi falar de um assassino canibal no Reino Unido há alguns anos que não tinha aparecido recentemente. Quando Lachlan nos deu a localização e eu investiguei os desaparecimentos nas proximidades, eles se enquadravam no mesmo perfil das vítimas em sua localização anterior. Depois disso, analisei as compras de imóveis locais dos últimos anos e bingo, encontrei-o.

— Você considerou em algum momento que poderia querer me dar uma pista sobre um canibal nos convidando para jantar? — Eu pergunto.

Sloane encolhe os ombros, sua atenção ainda não se voltando para mim. — Talvez. Principalmente apenas quando eu estava raspando a carne humana da sua língua. Até então, não, não posso dizer que sim. Afinal, você insistiu em conseguir meu convite para jantar.

— Cristo.

Ela ri, claramente encantada consigo mesma. Seus olhos brilham de diversão quando ela se vira para mim enquanto seca as mãos com papel toalha. — Funcionou muito bem no final, não acha?

— Na verdade.

Sloane sorri enquanto se dirige a David, cujo foco é consumido pelo sorvete em suas mãos. Ela me lança um olhar inseguro antes de

parar perto de suas pernas balançando. — Ei, David. Meu nome é Sloane. — diz ela. Ele não reconhece as palavras dela, apenas a observa enquanto coloca uma colher de sorvete na boca. — Talvez devêssemos fazer uma pausa na comida, o que você me diz?

O sorriso de Sloane é doce, seus movimentos são fluidos e graciosos enquanto ela segura o pote com uma mão, a colher com a outra, então gentilmente os tira das mãos de David. Ele não protesta e desiste de ambos os itens a pedido dela.

— Bem — ela diz enquanto se aproxima de mim, sua covinha é uma sombra de diversão contida enquanto ela mantém os olhos fundidos no pote branco e liso em sua mão. Ela ainda está lendo o rótulo feito em casa quando para na minha frente. — Posso nunca mais olhar para o sorvete da mesma maneira.

— Eu não quero saber.

— Ingredientes: creme...

— Sloane...

— Açúcar...

— Estou te implorando — eu digo, mas assim que 'implorar' sai dos meus lábios, o sorriso de Sloane se acende. Meu estômago revira da maneira mais desconfortável.

Sloane limpa a garganta. — *'Sêmen, ordenhado de 10 a 13 de abril.'* Esse é um substituto interessante para o sal...

Passo por ela e vomito na pia ao som de sua risada traiçoeira. Cristo, pensei que não havia sobrado nada, mas estava errado. Demoro um longo momento para me recuperar antes de poder enxaguar a boca e a pia, com a respiração e o equilíbrio instáveis.

— Pelo amor de Deus. Que maldito esquisito. — eu digo enquanto limpo uma fina camada de suor da minha testa e me viro para encarar Sloane, onde ela está ao lado de David com os braços cruzados e um sorriso de merda espalhado em seus lábios.

— Sim, ele era estranho.

— Ainda não tenho certeza se estou falando de Thorsten ou de você.

Sloane ri e encolhe os ombros. — Talvez seja divertido ver o garoto bonito e perfeito um pouco confuso, para variar.

Meu olhar sombrio só parece diverti-la ainda mais. — Acho

que você já viu bastante isso — respondo enquanto as lembranças da bolha do jogo do ano passado vêm à tona. Ainda me lembro do toque de Sloane enquanto ela enfaixava meus dedos ensanguentados, ainda posso sentir o calor dos dedos dela na minha pele.

— Isso foi diferente — diz ela. — Era você em seu elemento natural. Isso é... definitivamente não é isso.

Eu bufo em concordância, mas não digo mais nada.

— Mas você meio que me deve uma quantia extra pela vitória deste ano. — Sloane diz enquanto se aproxima.

Lanço-lhe um olhar desconfiado enquanto me encosto a pia de aço inoxidável. — Como você imagina?

— Salvando você de engasgar, para começar. Achei que isso era meio óbvio — ela responde encolhendo os ombros. Ela para fora de alcance enquanto morde a borda do lábio inferior. — Acho que preciso fazer uma reivindicação.

— Uma reivindicação?

— Uma reivindicação de vitória.

— Espere — eu digo, balançando a cabeça. — Eu não reivindiquei a vitória no ano passado quando derrubei aquele pedaço de merda por espionar você.

— Para ser justo, você também meio que me espionou.

Eu zombei, mas parece forçado. — Não fiz.

— Não? Pelo que me lembro, você estava praticamente *preso na parede*, era assim que você estava me ouvindo gozar.

— Eu estava ouvindo aquele filho da puta de gravata rosa se divertindo com você. Então, não.

— Claro — ela diz com um olhar fixo. Ela se vira para David, observando-o por um longo momento antes de girar sobre os calcanhares e me encarar com ferocidade em seus olhos verdes e dourados. — David.

Meu olhar viaja até a expressão vazia do homem sentado na mesa de preparação, com as pernas ainda balançando em círculos. — E ele?

— Dê-lhe um emprego.

Eu dou uma risada. — Um trabalho. — Outra risada alta sai do meu peito antes que a realidade seja absorvida. *Ela está falando sério.* — Que porra é essa?

— Você me ouviu. Um trabalho. — Os olhos de Sloane se estreitam quando balanço a cabeça. Ela dá um passo mais perto e me lança um olhar assassino. — Não podemos deixá-lo assim.

— Claro que podemos. Ele deveria estar feliz por não ter sido comido. Ele está limpo. Esquivou-se de uma bala. Ou um garfo — eu digo.

— E agora ele não tem nada. Você poderia dar a ele um lugar para trabalhar. Uma proposta.

— Você notou que estamos na porra da Califórnia? Eu moro em *Boston*, Sloane. Como diabos vou levá-lo daqui para lá sem levantar suspeitas?

— Não sei — diz ela, encolhendo os ombros, com uma expressão despreocupada com o dilema que deixou cair no meu colo. — Se ele não foi dado como desaparecido por ninguém, você poderia simplesmente... levá-lo.

— Não é como Winston. Não posso simplesmente colocá-lo em uma caixa de transporte para gatos e levá-lo comigo.

Sloane suspira e tenta reprimir uma revirada de olhos que ela está desesperada para desencadear. — Não encontrei nada sobre uma pessoa desaparecida que corresponda à sua descrição na área em minha pesquisa. Se Thorsten quisesse um servo de longo prazo, provavelmente contrataria alguém cuja ausência não faria falta a ninguém. Você poderia simplesmente alegar que ele é seu irmão. Não é como se ele fosse dizer algo diferente a eles.

— Esta é uma ideia épicamente ruim, Blackbird.

— Então o deixe no hospital e vá embora. Se o reaparecimento dele for notícia, você pode entrar em contato e se oferecer para ajudá-lo. Basta dizer que você ficou tão emocionado com a história dele ou algo assim.

— Eu não estou. — Olho para David, que me observa sem nenhum interesse ou consciência. — Sem ofensa, cara.

Ele não responde.

Passo a mão pelo rosto e a fixo com um olhar suplicante. — Olha, Blackbird, é fofo o que você está tentando fazer por ele.

Realmente. Mas esta é uma grande pergunta, ele pode estar melhor aqui. Tenho certeza que ele tem família em algum lugar, pessoas que precisam saber onde ele está e quem vai querer cuidar dele. Nós nem sabemos o que ele pode ou não fazer agora, graças àquele filho da puta do Thorsten.

— Aposto que ele sabe lavar louça. — Implacável, Sloane se afasta de mim e se aproxima de David. A mão dela envolve o pulso dele e ele olha para o toque dela. — Venha comigo, ok?

Com alguns puxões suaves, David desliza para fora da mesa e segue Sloane. Abro espaço para que parem perto de mim na máquina de lavar louça comercial. Ela pega alguns pratos e os entrega a David antes de guiá-lo até a prateleira, seu sorriso encorajador, aquela maldita covinha me enchendo com partes iguais de calor e consternação.

— Você pode me ajudar com a louça, David? Basta colocá-las na prateleira e fechar assim. — Ela demonstra como abrir e fechar a máquina independente antes de orientá-lo a encher o rack, o que ele faz um pouco mais rápido do que eu esperava. Ele percorre com sucesso todas as próximas etapas com o incentivo dela, quando o ciclo termina, ele retira a louça limpa e a deixa esfriar na bancada. — Isso foi incrível. Viu, Rowan? Ele entendeu sem problemas.

Resisto à vontade de gemer quando o sorriso brilhante de Sloane pousa sobre mim. — Pelo amor de Deus. Você parece uma criança pedindo doces.

— Por favor? Super por favor. Grande prazer extra com cerejas por cima — ela diz enquanto para na minha frente. Suas mãos delicadas envolvem meu bíceps em um toque incomumente frontal, suas unhas vermelho-sangue como garras contra minha pele. — Vou até te dar uma reivindicação de vitória para compensar o ano passado. O que você quiser.

Engulo em seco e resisto à vontade de espancá-la ou fugir. Meus pés permanecem plantados enquanto meus olhos se estreitam com ceticismo. — O que eu quiser?

Ela balança a cabeça, mas franze a testa como se ela estivesse apenas começando a perceber no que se meteu.

Meu sorriso lento é perverso. — Você tem cem por cento de certeza sobre isso.

Seu rosto se contrai. Meu sorriso se estende.

David arrota.

E assim, meu sorriso desaparece. — Pelo amor de Deus. Vou me arrepender disso, não vou?

Sloane salta no lugar.

— Vou cobrar — aviso.

— Eu sei.

— E você está me ajudando a limpar.

— Achei que isso fosse óbvio, visto que acabei de lavar sua tigela de vômito.

Soltei um suspiro longo e pesado. — Tudo bem — eu digo com um gemido, Sloane sorri. Ela salta no lugar. Pode até haver um rangido. Acho que nunca a vi pular ou guinchar, não tenho certeza se é tanto sobre David quanto sobre me convencer a fazer algo que ela *realmente* quer.

— Obrigada — ela respira.

Em um pulo, ela me beija na bochecha.

E então ela se vai, o eco do seu toque desaparecendo como se nunca tivesse sido real, apenas imaginado. Mas acho que percebo o rubor em sua bochecha quando ela se vira. Acho que ela esconde isso de mim enquanto reúne suprimentos para começar a limpar. Na verdade, eu sei disso. É no sorriso tímido que ela lança em minha direção antes de abaixar a cabeça e sair para a sala de jantar.

São necessárias algumas horas de limpeza para apagar a nossa presença na casa de Thorsten. Quando terminamos, mantenho David ocupado na cozinha, carregando as mesmas três prateleiras de pratos repetidamente, então levo Sloane para fora.

Ficamos em silêncio, ambos olhando para as poucas estrelas cuja luz penetra na poluição da cidade que se espalha além das colinas escuras. Faz apenas algumas horas que parecia que o universo havia desmoronado sobre nós. Todo o seu poder foi afiado em uma única lâmina. E agora somos um breve sopro de tempo sob a luz das estrelas.

É a voz de Sloane que quebra a noite.

— Acho que agora somos oficialmente melhores amigos. — diz ela.

— Oh, sim? Você quer praticar karatê na garagem?

Sloane sorri a seus pés. Sua covinha é uma sombra na luz da varanda. Meu coração ainda está girando quando o sorriso dela desaparece.

— A propósito, eu menti — diz ela.

Eu gostaria que ela retornasse meu olhar, mas ela não o faz. Ela não consegue. Então paro um segundo para memorizar os detalhes do perfil dela, porque sei que a parte mais difícil está por vir, assim como aconteceu no ano passado, assim como aconteceu no restaurante.

— Mentiu sobre o quê? — Eu pergunto.

A delicada coluna de sua garganta muda enquanto ela engole.

E então sua cabeça vira, apenas o suficiente para me mostrar seus olhos e um sorriso melancólico que aparece em um canto de seus lábios, o leve traço de sua covinha aparecendo.

— Boston. Eu não estava lá para uma reunião.

Suas palavras ecoam na minha cabeça, antes que eu possa absorvê-las ou perguntar o que ela quer dizer, ela coloca a bolsa no ombro e vai embora.

Eu não odeio apenas essa parte. Eu *odeio* isso pra caralho.

— Vejo você no próximo ano, Butcher — ela diz, então entra no carro e desaparece na noite.

Eu também menti, quero dizer. Mas eu simplesmente não tenho a chance.

CAPÍTULO DOZE

QUEBRA-CABEÇAS



— Mais peitos.

— Sério?

— Mais. Peitos.

Olho para meu vestido preto e volto para a tela do laptop, onde Lark está com as mãos sob os seios, empurrando-os para cima.

Um suspiro profundo passa pelos meus lábios. Meu coração está batendo forte há uma hora.

E apenas pense! Falta apenas mais uma hora.

Minha frequência cardíaca dobra.

— Vá grande ou vá para casa, Sloaney! — Lark toca no alto-falante do laptop. — Peitos!

Um gemido conflitante ressoa em meu peito. — Ok...

— Esse é o espírito!

Solto uma risada instável e vou até minha bagagem para pegar o que Lark chama de “vestido de emergência”. É um vestido de coquetel de veludo sangue de boi, de inspiração vintage, com detalhes em renda preta recortada que contorna o decote decotado. Cabe como uma segunda pele. Saio do campo de visão de Lark e calço um par de sapatos pretos simples, observando meu reflexo no espelho que vai até o chão ao lado da TV. Eu me sinto como uma garota pin-up de filme retrô. Com uma respiração profunda e um último deslizamento das

mãos sobre as ondulações do tecido macio, entro no campo de visão da câmera.

— É esse mesmo. — Lark diz com palmas felizes enquanto salta na beira da cama em Raleigh. — Cem por cento. Cabelo solto. Faça algumas ondas antigas de Hollywood. Estrela de Ouro! Duas estrelas douradas! Uma para cada seio.

Ela daria uma estrela dourada em meus seios se estivesse aqui no quarto. Ela está sempre carregando adesivos de estrelas douradas, principalmente para as crianças com quem trabalha como musicoterapeuta quando não está na estrada se apresentando, mas não tem medo de usá-los também para os adultos.

— Você está nervosa? — Ela pergunta enquanto pego o laptop e o levo para o banheiro comigo para poder começar o penteado.

— Não, claro que não.— digo sem expressão enquanto Lark levanta uma sobrancelha cética na tela. — Estou com muito medo.

E animada. E abalada. E um pouco enjoada.

Já se passaram quase oito meses desde que vi Rowan pessoalmente. Durante os primeiros seis meses, conversamos quase todos os dias, de uma forma ou de outra. Às vezes, apenas textos curtos. Às vezes, apenas um meme, ou um artigo que a outra pessoa gostaria, ou um vídeo engraçado. Às vezes, eram longas vídeo chamadas. Mas ultimamente, desde que ele está trabalhando na abertura de um segundo restaurante, isso diminuiu gradualmente. Embora eu responda imediatamente quando ele envia uma mensagem, às vezes ele leva uma semana para enviar uma resposta curta.

Superficialmente, parece a situação ideal para mim. Há menos pressão. Não estou acostumada a ter pessoas por perto. Mesmo quando Lark e eu nos tornamos próximas no internato, levei muito tempo para me sentir confortável perto dela. Ela é como Rowan no modo como me desgastou, abrindo caminho através das defesas que mantive em torno da minha natureza solitária. Sua luz é imparável. Ela perfura cada fenda. E agora, depois dos anos que se passaram desde que nos conhecemos, sinto falta dela sempre que ela se vai.

Como se eu sentisse falta dele.

— Ele vai ficar chocado com esses peitos — diz Lark.

Eu dou uma risada. — Não seria a primeira vez. — Meu sorriso desaparece rapidamente quando conecto meu modelador de cabelo e passo um pouco de creme modelador no cabelo com os dedos. — Eu

preciso de mais coisas do que apenas peitos.

— Você também tem assassinato, ele gosta disso.

Reviro os olhos e olho para ela através da tela. — Seios mais assassinato não são iguais a um relacionamento, Lark. Essa conta não é matemática.

Ficamos em silêncio enquanto começo os primeiros cachos. Ela está brincando sobre a parte do assassinato, é claro. Eu sei disso. E sei o que sinto por Rowan. Quanto mais conversamos, mais rimos e brincamos, mais não consigo imaginar minha vida sem ele. Mas estou com muito medo. Mais medo de querer algo além de uma amizade com Rowan do que de qualquer outra coisa que fiz em minha vida estranha e não convencional.

Na verdade, não há muita coisa que me assuste, como se essa sensação tivesse sido entorpecida. Então, por que isso? Por que isso aquece minha pele, deixa minhas palmas escorregadias e carrega meu coração com batidas galopantes?

Eu sei porquê.

Porque além de Lark, ninguém ficou por perto. Nem mesmo meus pais.

E se eu não valer a pena manter?

— Ei — diz Lark, sua voz suave é uma tábua de salvação na correnteza de pensamentos sombrios. — Isso vai ser ótimo.

Eu concordo. Meus olhos permanecem fundidos ao meu reflexo enquanto torço outro cacho no metal quente.

E se eu entendi tudo errado? E se tudo que sinto estiver na minha cabeça? E se ele estiver me evitando? E se eu não for digna de amor? E se algo que não pode ser corrigido estiver errado comigo? E se eu tentar algo mais com Rowan e estragar tudo? E se ele nunca mais quiser me ver? Eu poderia simplesmente ir embora agora. E se eu fizer? E se e se e se...

— Sloane. Saia da sua cabeça e fale comigo.

Lágrimas enchem meus olhos quando os viro para a tela. Engulo a dor que está crescendo na minha garganta.

— Ele tem uma vida grande, Lark. Muitos amigos. Ele tem outro restaurante que está quase pronto para abrir. Ele tem seus irmãos. Eu só... — Dou de ombros e passo o polegar sob meus cílios. — Não sei se o que tenho a oferecer se compara a tudo isso, sabe?

— Oh, Sloaney. — Lark pressiona a mão no coração. Seu lábio treme, mas ela assume uma expressão determinada enquanto pega seu laptop e aproxima a câmera de seu rosto. — Você me ouça. Você é *incrível*, Sloane Sutherland. Você é brilhante, corajosa e leal até os confins da terra. Você decide alguma coisa e consegue, porra. Você trabalha duro. Você é engraçada. Você me faz rir quando acho que não consigo. Sem mencionar que você está muito gostosa. Rosto lindo. Tetas de estrela dourada.

Minha risada sai estrangulada. Coloco meu modelador de cabelo na mesa e agarro a borda do balcão enquanto balanço a cabeça e tento respirar além da dor no nariz.

— Você teve que encontrar conforto em estar sozinha porque não teve escolha. Mas por mais que você goste, você também se sente solitária — continua Lark. — Eu sei que você está com medo, mas você merece ser feliz. Portanto, coloque um pouco dessa coragem para usar em você mesma, para variar. Rowan teria muita sorte em ter você.

Mordo meu lábio e olho para os nós dos meus dedos descoloridos.

Lark suspira. — Eu sei o que você está pensando, querida. — diz ela. — Está escrito em todo o seu rosto. Mas você não é desagradável, Sloane. Porque eu te amo. E ele também pode, se você lhe der a chance. Ele disse aquelas coisas fofas sobre você para o cara canibal, certo?

— Sim, mas ele estava drogado e não estava no melhor estado de espírito, sabe? Além disso, foi há um ano. Ele nem se lembra de ter dito essas coisas.

— Talvez sim, mas ele pediu para você vir até aqui para vê-lo, não foi?

— Eu devia uma vitória a ele. Além disso, é aniversário dele em dois dias, eu realmente não poderia dizer não.

— Querida — ela diz balançando a cabeça — Rowan poderia ter pedido a outra pessoa para acompanhá-lo, se ele quisesse. Ele pediu a *você*.

Ela está certa, ele poderia ter perguntado a outra pessoa. Quando ele me ligou no mês passado para reclamar a vitória que eu lhe devia da Virgínia Ocidental, ele disse que queria se divertir no evento anual de gala Best of Boston, para variar. — *Você é a única pessoa com quem posso me divertir de verdade* — ele disse quando fez o

pedido pelo FaceTime.

Eu poderia ter recuado. O momento não é o ideal: tenho que sair para uma reunião em Madrid amanhã de manhã bem cedo. Mas eu não recuei. Honestamente, fiquei aliviada ao ouvir a voz dele depois de semanas de quase nada. Eu disse a ele que manteria minha parte no acordo e então mudei meus voos para poder partir de Boston para a reunião em vez de Raleigh.

E agora aqui estou, me preparando para passar a noite com Rowan, sem ideia do que esperar.

Respiro fundo e solto minha garra na borda do balcão. — Você tem razão.

— Eu sei. Geralmente tenho — diz ela. Encontro o olhar de Lark através da tela e ela me dá uma piscadela. — Agora arrume esse cabelo, coloque um pouco de maquiagem e vá se divertir. Você merece isso.

O beijo que dou para Lark é captado, ela finge pressioná-lo na bochecha antes de mandar um de volta para mim. Ela me presenteia com seu sorriso megawatt e depois desliga a videochamada. Quando ela sai, coloco uma música, uma playlist com músicas de Lark misturadas com outras que me lembram dela. E eu penso nela. De tudo que ela disse. Quão mais rica minha vida tem sido desde que ela se tornou parte dela.

Estou pronta para ir, sentada na beira da cama com um joelho balançando, quando Rowan manda uma mensagem dizendo que está lá embaixo, no saguão.

Uma última olhada no espelho, e então estou saindo pela porta, minha bolsa bem apertada em minha mão. A viagem de elevador é a mais longa da minha vida. Quando a porta finalmente se abre, ele é a primeira coisa que vejo no saguão do hotel, com as costas largas voltadas para mim e a cabeça baixa.

Meu telefone vibra na minha bolsa. Eu o retiro e leio a mensagem.

BUTCHER

Serei o garoto bonito de terno preto.

EU

Eu posso ver isso. Mas não tenho certeza de como vou evitar que isso suba à sua cabeça se você

A cabeça de Rowan se levanta e ele se vira para mim. Ele é tão lindo que rouba o fôlego dos meus pulmões. Seu cabelo está penteado para trás, seu terno perfeitamente cortado, seus sapatos engraxados, seu choque momentâneo eclipsado por um sorriso brilhante. Ele guarda o telefone no bolso enquanto atravessa o saguão, seus olhos nunca se desviando de mim.

Quando ele para ao meu alcance, seus olhos percorrem cada centímetro do meu corpo, absorvendo-me descaradamente. Sinto seu olhar em todos os lugares que toca. Meus lábios, vermelho carmesim. Meu cabelo, as ondas presas de um lado por uma presilha brilhante em forma de estrela. Meu pescoço, borrifado com perfume *Serge Lutens Five O'Clock Gingembre* e decorado com um colar simples de ouro. Meus seios, sem surpresa, sua atenção permanece lá por um momento antes de descer até os dedos dos pés e voltar novamente.

— Você parece... — Ele balança a cabeça. Engole. Muda em seus pés. — Você está linda, Blackbird. Estou tão feliz que você está aqui.

Ele diminui a distância entre nós e me envolve em um abraço, eu cruzo meus braços em volta dele, meus olhos se fechando enquanto inspiro profundamente seu perfume, sálvia quente, limão e um toque de especiarias. Pela primeira vez nas últimas horas, meu coração desacelera, embora ainda bata em meus ossos com batidas pesadas. Algo sobre isso parece estranho, mas certo, de alguma forma.

Rowan me libera de seu abraço, mas segura meus braços em suas mãos quentes. E então os lábios são pressionados no meu pescoço, onde minha pulsação aumenta. Minha respiração fica presa quando o beijo dura por um momento, apenas o suficiente para ficar gravado em minha memória por toda a eternidade.

Há uma carga elétrica no ar entre nós quando ele se afasta para olhar para mim com um sorriso torto. Como um homem pode ao mesmo tempo parecer tão arrogante e ao mesmo tempo corar, eu não tenho ideia, mas é inebriante. — Teria beijado sua bochecha — ele diz enquanto seus dedos traçam minha pele onde seus lábios foram pressionados — Mas eu não queria estragar sua maquiagem.

Meus lábios se apertam em um sorriso que implora para ser libertado. Eu sei que ele pode ver o modo como meus olhos dançam de surpresa e diversão. Ele come tudo. — Qual é o seu ângulo, garoto bonito?

— Para fazer você corar, é claro. — Ele me dá uma piscadela e depois pega minha mão, aparentemente sem noção da cacofonia de pensamentos que invadem minha cabeça com o simples toque de sua palma na minha. — Vamos. O carro está esperando. Vamos ter uma noite divertida, Blackbird. Garantido.

Rowan lidera o caminho até as portas do saguão e a entrada circular onde um Escalade escurecido está estacionado, um motorista esperando na porta traseira do passageiro que ele abre quando nos aproximamos. Rowan segura minha mão enquanto eu entro no veículo antes de ele caminhar para o outro lado, então partimos para o Omni Boston Hotel no Seaport, local da festa de gala.

— Isso é muito chique, Butcher — digo enquanto passo a mão pelo assento de couro. — Poderíamos ter pegado um Uber, você sabe.

Rowan pega minha mão e a segura no assento vazio entre nós enquanto tento não deixar a surpresa brilhar em meu rosto. — Não vou levar a garota mais linda da noite ao evento social do ano em uma porra de um Honda Accord.

— O que há de errado com um Honda Accord? — pergunto enquanto uma onda de borboletas dança em minhas costelas. — Eu dirijo um.

Rowan zomba e revira os olhos. — Não, você não dirige. Você dirige uma BMW série 3 prateada.

— Perseguidor.

— A propósito, você está atrasada para uma troca de óleo.

— Não estou.

— Mentirosa. O carro tem literalmente dito para você *‘troque a porra do meu óleo, sua pagã’* nas últimas três semanas.

Dou uma gargalhada e bato no braço de Rowan. — Como você sabe disso?

Ele sorri e dá de ombros. — Tenho meus caminhos. — Seu telefone toca em sua jaqueta e ele solta minha mão para ler a mensagem com a testa franzida. — De qualquer forma, pensei que seria bom fazer alarde, para variar. Parece que estou preso de cabeça pra baixo, lidando com problema após problema entre os dois restaurantes. Eu poderia aproveitar uma noite divertida com minha melhor amiga.

Meu coração dá um salto no peito, como se de repente

estivesse voltado para o lado errado. Como tudo é. A mão segurando. O beijo no meu pulso. Talvez eu tenha lido muito nesses pequenos gestos.

E se tudo que sinto estiver na minha cabeça?

Limpo a garganta e endireito a coluna, cruzando as duas mãos sobre a bolsa brilhante que está no meu colo. — Como vai o novo lugar?

Rowan inclina a cabeça de um lado para o outro, concentrando-se na tela do telefone enquanto digita uma resposta. — Não é tão ruim. Muito trabalho. Ainda estamos no caminho certo para lançar em outubro, mas as atualizações elétricas têm sido uma merda.

— Como está David? Ainda está bem?

Com isso, ele dá uma risada, bloqueando a tela antes de guardar o dispositivo no bolso. — Ótimo, na verdade. Recentemente, fiz Lachlan procurar novamente por relatos de pessoas desaparecidas que se enquadrassem em sua descrição, mas ainda não há nada. E David tem sido um ajudante sólido. Ele está firme com a louça. Confiável. Instalei-o em uma nova casa coletiva desde a última vez que conversamos... este aqui o traz e o busca em cada turno quando um dos funcionários da cozinha não pode lhe dar carona. Funciona muito bem.

— Estou feliz — digo com um sorriso enquanto afasto os cachos do ombro, um movimento que Rowan segue com grande interesse antes de direcionar seu olhar para as ruas da cidade que passam por sua janela.

— Eu também. Pelo menos uma coisa está dando certo no *3 In Coach*. Parece que todo o resto tem sido um circo sangrento nos últimos meses. Eu sei que faz parte da natureza do negócio... a coisa simplesmente quebra e precisa ser consertada. As coisas inevitavelmente dão errado. É só... parece muito ultimamente.

Coloco a mão no pulso de Rowan e ele olha para o ponto de contato antes de encontrar meus olhos com uma sobrancelha franzida. — Ei, pelo menos você ganhou esse prêmio esta noite. Terceiro ano consecutivo, certo? Eu sei que tem sido uma merda administrar, mas você ainda está fazendo certo.

A expressão de Rowan se suaviza, pela primeira vez, percebo sinais sutis de estresse em seu rosto, uma sugestão de olheiras sob seus olhos.

— E se algo realmente der errado, eu sei o que vai ajudar — digo com um aceno sábio enquanto sua cabeça se inclina. Seus olhos mergulham na minha covinha e se estreitam. — Salada de carne Niçoise.

Rowan geme.

— Com molho Dijon caseiro.

— Blackbird...

— E talvez alguns...

— Não diga isso...

— ...biscoitos e sorvete de creme para sobremesa.

Ele cutuca minhas costelas e eu solto um som que nunca fiz antes. — Você sabia que não consegui tomar sorvete desde então? — ele pergunta enquanto eu rio com o ataque de golpes. — Eu adorava sorvete, *muito obrigado*.

— Não é minha culpa — eu suspiro quando ele finalmente desiste. — Eu estava apenas garantindo que você fosse informado sobre os ingredientes, caso quisesse algo doce para acompanhar sua experiência gastronômica única.

— Claro. Muito crível.

O veículo diminui a velocidade e entra no local do evento, parando em frente ao prédio de vidro aonde outros participantes da gala chegam com seus vestidos brilhantes e ternos elegantes. Puxo a barra do meu vestido logo abaixo do joelho, como se isso fosse magicamente alongá-lo. O motorista está com minha porta aberta, esperando que eu aceite sua mão e saia do veículo, mas eu não saio.

— Não é black tie — diz Rowan enquanto sua mão desliza entre minhas costas e o assento para me levar até a porta. — E eu garanto que você poderia usar um saco de batatas e ainda ser a mulher mais linda daqui. O vestido é deslumbrante, Blackbird. Perfeito em você.

Com um último olhar inseguro para Rowan, pego a mão do motorista e deslizo para o ar fresco, com o cheiro do mar impregnado pela brisa da primavera. A mão de Rowan está nas minhas costas assim que saímos do veículo, meu coração pula na garganta e fica preso a cada passo que damos.

O salão de baile é decorado com tecidos brancos brilhantes e

peças centrais coloridas de flores tropicais, encontramos nossos assentos no centro da segunda fila do palco, emoldurado por luzes em tons de rosa profundo e azul. Vários bares oferecem bebidas e grupos de pessoas riem e conversam perto de suas mesas enquanto a música de fundo toca nos alto-falantes espalhados pelo perímetro do salão. Uma banda instala instrumentos em um palco inferior, no lado oposto, onde uma pista de dança brilha sob as luzes fracas do teto.

Pegamos bebidas e nos misturamos enquanto atravessamos a multidão crescente que serpenteia entre as mesas. Há apresentações aos amigos e conhecidos de Rowan. Restauradores, advogados, atletas profissionais. Clientes regulares. Torcedores irregulares. Rowan está em seu elemento, brilhando, brilhando mais do que os salpicos de cor que se movem no alto. Seu sorriso é fácil, sua risada calorosa. Sua energia é contagiante. Mesmo sendo capaz de matar qualquer um deles sem remorso, ele ainda deixa as pessoas à vontade, sua máscara é infalível.

Pode ser o elemento de Rowan, mas definitivamente não é o meu.

Conversa fiada geralmente é mais fácil para mim quando estou caçando, porque tenho um propósito, um plano para atrair alguém. Acho difícil me relacionar com as pessoas quando sei que elas não são idiotas que merecem ser dispensadas de seus olhos. Mas com Rowan parece mais fácil. Ele me ajuda a fazer as primeiras conexões com outras pessoas. Para encontrar um terreno comum. *Seu novo álbum está indo muito bem - você sabia que Sloane é amiga íntima de Lark Montague? Ou Sloane vai a Madrid pela manhã para uma reunião, você não estava lá ano passado?* E então eu saio correndo, integrando como se eu fosse mais do que apenas uma acompanhante. Ele me ajuda a chegar aos limites da minha zona de conforto sem me levar ao limite.

E o tempo todo, seu toque gentil é uma âncora. Minha parte inferior das costas quando estamos de pé. Meu cotovelo ou minha mão quando nos movemos. E durante todo o jantar ele continua fazendo check-in, mesmo estando sentados um ao lado do outro, com um sorriso, um olhar ou um único dedo que desliza pela parte interna do meu pulso. Quando seu nome é chamado, ele sobe ao palco e recebe seu troféu de vidro em forma de lágrima de Melhor Restaurante durante a cerimônia de premiação e mesmo assim ele me encontra com uma piscadela e um sorriso torto.

E a dor enterrada no fundo do meu peito fica mais quente a cada momento que passa.

Quando o jantar termina, a banda começa. Algumas pessoas

migram para a pista de dança, outras ficam para conversar e conviver em torno de suas mesas. Rowan vai até o bar para pegar outra rodada de bebidas e começa a conversar ao longo do caminho. Da mesma forma, sou levada pelas histórias e anedotas dos nossos companheiros de mesa que ficaram para trás.

Mas meus olhos se desviam para o homem alto e bonito que suga todo o ar da sala como um inferno.

Ele conhece meus segredos mais obscuros. Eu conheço o dele. Podemos ser monstros e talvez não mereçamos as mesmas coisas que outras pessoas merecem. Felicidade. Afeição. Amor. Mas não consigo parar o que sinto quando olho para cada faceta de Rowan, desde sua luz mais brilhante até sua escuridão mais profunda e perigosa. Talvez eu não mereça pelas coisas que fiz. Mas eu quero isso. Quero mais com ele do que aquilo que tenho.

De repente, estou pedindo licença para sair da mesa e andando em direção a ele antes mesmo de saber o que vou fazer. Ele está de costas para mim, minha taça de champanhe fresca em uma mão e um copo de uísque com gelo na outra. Ele está conversando com um casal e outro homem, que ele me apresentou como corretor de investimentos. Paro logo atrás dele, quando há uma pausa na conversa, coloco a mão na manga de Rowan, minha mente aparentemente dividida em duas, como se eu estivesse me observando de fora do meu corpo.

— Ei, me desculpe — ele diz com um sorriso tímido enquanto me passa a taça. — Conversamos sobre negócios.

— Claro, eu não queria interromper. — Começo a recuar, mas Rowan segura meu pulso. Ele diz algo sobre não ser uma interrupção, mas absorvo apenas uma ou duas palavras-chave além da música e da percussão ensurdecadora do meu coração. Engulo em seco, meus olhos presos em seus lábios antes de finalmente conseguir levantá-los e encontrar seu olhar. — Você gostaria de dançar? Comigo...?

A surpresa momentânea de Rowan evapora quando sua atenção se volta para a pista de dança, uma faísca acendendo em seus olhos enquanto seus lábios se levantam em um canto. Isso me lembra do sorrisinho diabólico que ele deu na casa de Thorsten quando o canibal sugeriu uma visita à plantação de tomates. Quando os olhos de Rowan encontram os meus mais uma vez, eles brilham. — Absolutamente — diz ele. Ele tira minha bebida da minha mão e as coloca em uma mesa próxima antes de nos guiar pela multidão.

À medida que nos aproximamos da pista de dança, a banda

termina uma música e começa outra, o ritmo mais lento, mas ainda energético o suficiente para ser mais do que uma dança arrastada, o tom romântico. Algumas pessoas saem para refrescar suas bebidas. Outros formam pares. Por um momento, penso que Rowan poderia voltar para a mesa ou se virar para avaliar minha reação, mas ele não o faz. Ele segue em frente com minha mão na sua até estarmos no chão entre os casais, um de frente para o outro.

— Você provavelmente vai ser irritantemente bom nisso, não é? — eu digo enquanto sua mão direita desliza pelo meu quadril, a esquerda segurando minha mão direita no alto, seu aperto quente e firme.

Rowan sorri para mim e começa a nos guiar em movimento. Nada sofisticado, nada vistoso. Apenas sincronicidade, como nos encaixamos um no outro, na música. — E você ainda será melhor nisso do que eu, não é?

Eu sorrio e o sorriso de Rowan fica mais brilhante, então levanto nossas mãos unidas em um sinal que ele entende. Ele me guia por um pequeno giro, me deixando sair, me puxando para mais perto com uma risada. — Talvez. Ou talvez sejamos iguais — digo, mantenho seus olhos o máximo que posso antes que meu olhar se desvie por cima de seu ombro.

A música continua e sinto cada pequena mudança de movimento e carga no ar. O aperto de Rowan nas minhas costas se torna um abraço. Minha mão em seu braço passa para seu ombro. Seu peito toca o meu a cada inspiração. Quando sua respiração aquece meu pescoço, onde minhas ondas são varridas, meus olhos se fecham. Minha cabeça se inclina. Quero outro beijo ali, bem onde minha pulsação acelera, para saber que não é apenas um momento do passado, uma anomalia.

— Sloane... — ele diz perto do meu ouvido enquanto fazemos uma curva gradual.

— Sim — eu sussurro, aquela palavra simples instável em uma respiração irregular.

— Você está pronta para se divertir de verdade?

Meus olhos se abrem. A voz de Rowan é firme e clara. Ardilosa. Não como a minha, cheia de carências e desejos violentos.

Não digo nada enquanto me afasto o suficiente para mostrar a ele a confusão e as perguntas que surgiram em minha testa franzida. Aquele sorriso diabólico está de volta, esgueirando-se por seus lábios.

Um sorriso de segredos.

— O careca de óculos e gravata vermelha. Você deveria poder vê-lo por cima do meu ombro — diz ele.

Meu olhar percorre a pista de dança e pousa em um homem elegante, de cinquenta e poucos anos, vestindo um terno de grife bem cortado. Ele dança com uma mulher mais ou menos da sua idade, com o cabelo loiro preso em um penteado elegante.

Eu concordo.

— O nome dele é Dr. Stephan Rostis. — Os lábios de Rowan roçam minha orelha enquanto ele sussurra: — E ele é um serial killer. Ele matou pelo menos seis de seus pacientes durante seus quinze anos em Boston. Talvez mais quando ele morava na Flórida. E podemos levá-lo juntos. Essa noite.

Meus passos tornam-se duros e pequenos. As peças que eu juntei na minha cabeça são subitamente divididas e reorganizadas em outra imagem. Eu entendi tudo errado. *Estava apenas na minha cabeça.*

Eu estava errada sobre tudo.

Nossos passos diminuem e param. Rowan se afasta e me olha, a excitação ainda radiante em seus olhos. — Eu tenho um ótimo plano. Ele nunca fica até tarde nessas coisas. Podemos agarrá-lo e voltar aqui sem que nossa ausência seja notada. Álibi perfeito.

— Eu... hum... — Os pensamentos morrem antes de pousarem na minha língua e eu limpo a garganta para tentar novamente, esperando poder infundir em minha voz uma força que simplesmente não virá. — Não estou realmente vestida para a ocasião — digo, olhando para o veludo vermelho brilhando no flash das luzes.

— Eu farei todas as coisas complicadas.

É a primeira vez que consigo pensar que não estou entusiasmada com a perspectiva de matar outro assassino. Simplesmente não é o que eu esperava, eu acho. Não onde eu queria que esta noite fosse.

— Ei, você está bem? — Rowan pergunta. — Achei que a cor do seu vestido fosse uma piada interna, você sabe, vermelho sangue e tudo, mas vou me certificar de que não seja danificado, é claro.

Meu coração está enrugado como papel amassado em um punho.

— Mas se você não quiser... — ele continua, sua voz desaparecendo conforme a preocupação e talvez a decepção pesam em cada nota. Ele parece perceber que não estamos alinhados quando diz: — Quando disse que poderíamos nos “*divertir de verdade*”, pensei que você sabia o que eu queria dizer.

— Não, na verdade eu não entendi isso. Mas posso ver agora.

A pausa entre nós parece durar mil anos. O polegar de Rowan levanta meu queixo, meu foco ainda preso em meu vestido até que sou forçada a encontrar seus olhos.

A confusão está gravada entre suas sobrancelhas. Seu olhar percorre meu rosto... minhas bochechas coradas e olhos vidrados, meus lábios que estão em uma linha tensa.

— Você... você não sabia o que eu quis dizer? — ele pergunta.

— Surpreendentemente, '*quero me divertir de verdade*' não se transforma de forma confiável em '*quero matar alguém junto*', a menos que eu tenha perdido alguma coisa no Google Tradutor.

— E você ainda veio?

Engulo em seco e tento desviar o olhar, mas ele não deixa. Ele está ocupando todo o espaço em cada um dos meus sentidos, não importa o quanto eu queira ser sugada para o vazio, Rowan me ancora bem aqui.

Clareza e descrença se misturam em sua expressão mutável. Ele está tentando montar seu próprio quebra-cabeça quebrado, uma nova imagem surge.

— Puta merda... — Suas palavras sussurradas são quase inaudíveis por causa das vozes e da música que nos cercam, mas eu as sinto, como se fossem espinhos cravados na minha pele. Seu aperto em meu queixo se firma e ele se aproxima, pairando sobre mim, seus olhos saltando entre os meus. — Sloane — ele sussurra. — Você está realmente aqui.

Não tenho certeza do que isso significa. Mas eu não pergunto. Não enquanto seu olhar permanece em meus lábios quando eles se separam em uma expiração trêmula. Não quando sua outra mão se estende lentamente para varrer as ondas do meu ombro, as pontas dos dedos formando um murmúrio elétrico na minha pele enquanto traçam a inclinação do meu pescoço.

Ele se aproxima. Seus olhos não deixam os meus. Seus lábios estão a apenas um fio de distância...

E então o telefone dele toca com o som de uma sirene.

— *Porra* — ele sussurra, sua maldição se espalhando pelos meus lábios. Ele se afasta, o suposto beijo perdido para outra dimensão, outra onde Butcher e Blackbird que finalmente colidem.

Mas neste reino, a mão de Rowan cai do meu rosto enquanto seus olhos se fecham. Ele retira o telefone e atende a ligação.

— O que é? — ele diz enquanto tenta conter o suspiro de frustração do interlocutor. — O que você quer dizer com '*explodiu*'...? Jesus, porra, Cristo. Estão todos bem...? — Rowan passa a mão pelo cabelo, penteado para trás agora despenteado. Seus olhos pousam em mim com intensidade escura e focada. — Estou a caminho. Compense todas as refeições que você precisar.

— Isso não pareceu bom — digo com um sorriso agriado quando ele desliga a ligação.

— Eu tenho que ir. *Agora mesmo*. Sinto muito.

— Eu posso ir e ajudar...

— *Não* — ele diz, sua voz inesperadamente firme. Sua mão encontra meu braço e o segura, um pedido de desculpas por seu tom áspero. — O fogão da seção de confeitaria literalmente explodiu. Graças a Deus, ninguém está ferido. Não quero você nem perto disso. Não posso, Sloane.

Concordo com a cabeça e tento sorrir. — Sinto muito que sua noite tenha mudado.

— Eu também. Eu sinto muito — ele diz com uma profunda ruga entre as sobrancelhas enquanto balança a cabeça. — Fique e divirta-se. Vou pegar um Uber até o restaurante e enviar uma mensagem com os dados do motorista para que você possa pegar nossa carona de volta ao hotel quando estiver pronta.

Sua mão passa por minha nuca e ele dá um beijo na minha testa. O toque ecoa muito depois de seus lábios desaparecerem.

Meu peito dói quando ele dá um passo para trás e deixa a mão cair ao lado do corpo. O sorriso de Rowan é fraco, sua testa franzida. — Tchau, Blackbird.

— Tchau, Butcher.

Observo enquanto ele se afasta, quase esbarrando em casais na pista de dança, seus olhos se fundem aos meus até que ele se força a

virar. E ainda observo, com os pés enraizados no chão e as mãos entrelaçadas, uma estátua entre as luzes e o movimento que giram ao meu redor.

Assim que chega às portas, Rowan se vira. Seus olhos encontram os meus. Eu dou a ele um sorriso fugaz. Ele passa a mão pelo rosto e uma expressão feroz e determinada fica em seu rastro. Ele dá dois passos em minha direção, mas para abruptamente, os ombros caindo enquanto ele tira o telefone do bolso da jaqueta. Com um último olhar derrotado em minha direção, ele aceita outra chamada e se vira para ir embora.

Cinco minutos depois, uma mensagem vibra no meu telefone com os dados de contato do motorista.

Eu saio assim que chega.

Quando volto para o hotel, executo minha rotina noturna e deslizo entre os lençóis imaculados, adormecendo quase instantaneamente, como se minha cabeça e meu coração tivessem corrido uma maratona. Acordo um pouco antes do alarme, fiz o check-out quarenta e cinco minutos depois de acordar e vou para a passarela coberta entre o hotel Hilton e o aeroporto Logan quando meu telefone toca na minha mão.

BUTCHER

Já sinto sua falta.

A emoção entope minha garganta. Olho para a tela por um longo momento antes de digitar uma resposta.

EU

Também sinto saudade.

Ainda iremos em agosto? Sem pressão se você não
puder, de verdade. Eu sei que você tem muita coisa
acontecendo.

Espero plenamente que ele não consiga. Quem faria isso? Com um novo restaurante em construção e um restaurante popular que parece estar desmoronando, seria razoável esperar que ele desejasse um adiamento de um ano. Eu ficaria arrasada? Claro. Mas eu entenderia? Claro.

BUTCHER

Blackbird..

Os pontos de sua resposta me mantêm imóvel na passarela.

BUTCHER

Eu mesmo vou explodir este restaurante antes de
perdê-la. Vejo você em agosto.

E troque o óleo, sua maldita pagã!

Guardo meu telefone no bolso e engulo a queimação que desce
pela minha garganta, então continuo, pronta para enfrentar os
próximos meses. Talvez esteja pronta para tentar novamente.

E se eu tentar novamente?

E se eu fizer.

CAPÍTULO TREZE

HUMANIDADE CORROÍDA



QUATRO MESES DEPOIS...

— Droga. Estou muito atrasada? Você ganhou?

Rowan lança um olhar fugaz em minha direção enquanto me aproximo pelo caminho desgastado, à poeira cobrindo meus tênis em uma película cor de roan⁵. Seus braços estão cruzados sobre o peito, as mangas da camiseta esticando seus bíceps tensos. Há um lampejo de ansiedade em seus olhos, seu escrutínio catalogando os detalhes do meu rosto antes que ele volte sua atenção para o que quer que esteja além das colinas de grama da pradaria.

— Não. Não ganhei.

— O que você está fazendo?

— Tentando-me psicologicamente.

Minha cabeça se inclina com uma pergunta, mas Rowan não olha para mim. Sigo sua linha de visão quando paro ao seu lado.

— Uau... Isso é só... Caramba.

Observo a dilapidada casa de fazenda de dois andares do Texas situada além da suave elevação das colinas, deixando meu olhar vagar pela madeira desgastada e branqueada do revestimento, pelas janelas quebradas e com tábuas no segundo andar. Um buraco no lado direito do telhado se abre para o céu como uma boca gritando chamando a tempestade que escurece o horizonte. Há uma variedade de lixo no pátio coberto: cadeiras e caixas quebradas, latas de diesel e ferramentas, itens espalhados em ambos os lados de um caminho livre

que leva à porta da frente com tela.

— Bem... esse é um lugar aconchegante — eu digo.

Rowan cantarola uma nota baixa e pensativa. — Se por aconchegante você quer dizer pesado, eu concordo.

— Tem certeza que ele está aí?

O riso maníaco e o grito agudo de um homem precedem o rosnado de uma motosserra que começa a funcionar dentro da casa.

— Tenho certeza, sim.

Os gritos, as risadas descontroladas e o rugido da motosserra cortam o ar que de repente parece muito pesado, muito quente. Minha frequência cardíaca dispara. O sangue zumbia em meus ouvidos, uma percussão constante da sinfonia da loucura.

— Poderíamos simplesmente ir tomar uma cerveja — diz Rowan acima do caos que emana da casa. — Isso é o que as pessoas normais fazem, certo? Vão tomar cerveja?

— Sim...

Parte de mim acha que é uma ideia sábia, mas não posso negar a excitação que inunda as câmaras do meu coração com adrenalina. Harvey Mead é um bruto enorme, um homem fera e quero derrubá-lo. Quero pregá-lo no chão de sua casa de terror e arrancar seus olhos, sabendo que fui eu quem o impediu de tirar outra vida. Quero que ele sinta o que suas vítimas sentiram.

Eu quero fazê-lo *sofrer*.

Rowan solta um suspiro pesado, olhando para mim por cima do ombro. — Não vamos tomar cerveja, vamos.

— Claro que vamos. Mas *depois*.

Outro grito desesperado corta o ar, assustando um bando de corvos e um abutre solitário no bosque ralo de árvores à esquerda do caminho. Eles não vão muito longe, provavelmente já cientes de que os sons da casa sinalizam uma próxima refeição.

O tom da motosserra aumenta e o grito fica mais fraco. Há uma qualidade nebulosa na angústia nisso. Uma desesperança. Este não é um grito que implora por misericórdia. Isto é apenas dor, pouco mais que um reflexo. A humanidade foi erodida, despojada, reduzida a um animal apanhado nas garras da angústia.

A risada maníaca de Harvey Mead morre. Os gritos de sua vítima diminuem até desaparecer. A motosserra continua, seu tom subindo e descendo enquanto funciona, até que finalmente termina também, cobrindo-nos em total silêncio.

— Nova regra — eu digo enquanto limpo o cascalho da minha garganta e me viro para encarar Rowan. Ele olha para mim, com as bochechas coradas, os olhos azul-marinho queimando como o núcleo de uma chama de alcano. Embora ele acene com a cabeça, não consigo encontrar qualquer excitação em sua expressão, seus lábios formam uma linha sombria enquanto uma ruga se aprofunda entre suas sobrancelhas. — Se você pegá-lo primeiro, eu posso pegar alguma coisa.

Rowan assente novamente, apenas uma vez. Sua presença sangra em meu espaço. Seu calor. Seu perfume. Sálvia, pimenta e limão me envolvem.

— Só um — ele diz, suas palavras cruas, como se suas bordas tivessem sido desbridadas. Minha respiração fica presa quando ele levanta a mão cruzada até minha bochecha, passando o polegar pelos meus cílios enquanto meus olhos se fecham. Tudo parece mais vibrante na escuridão momentânea... o silêncio da casa da fazenda, o cheiro da pele de Rowan. Seu toque gentil. A vibração do meu coração. — Só um. — diz Rowan novamente enquanto sua mão se afasta. Quando abro os olhos, seu olhar está preso em meus lábios.

Minha voz é um sussurro fino. — Só um o quê?

— Só um olho. — Rowan tira seu olhar duro do meu rosto enquanto se vira em direção à fazenda decadente. — Eu quero que ele sofra. Mas quero que ele veja cada momento.

Eu concordo. Um relâmpago ilumina o fundo negro de uma tempestade iminente, seguido um instante depois pelo estrondo de um trovão. — Não importa quem ganhe, vamos garantir isso.

Puxando minha lâmina de aço Damascus do cinto, viro-me para caminhar em direção a casa, mas as pontas dos dedos de Rowan roçam meu antebraço, seu toque leve acendendo uma corrente em minha carne que me para abruptamente. Nossos olhares colidem e meu coração se dobra. Ninguém nunca me olhou assim, com tanta preocupação e medo enjaulados. E pela primeira vez, não é medo de mim.

É medo *por* mim.

— Tenha cuidado, Blackbird. Eu só... — Os pensamentos de

Rowan desaparecem na brisa repentina enquanto ele olha em direção a casa. Ele balança a cabeça, volta sua atenção para meus tênis sujos antes de voltar seu olhar para mim. — Ele é um cara grande. Provavelmente tenso agora. Não se arrisque.

Um meio sorriso aparece no canto dos meus lábios, mas não muda nada na expressão severa de Rowan.

Uma longa olhada. Uma segurada de respiração. Um punhado de batimentos cardíacos e um relâmpago.

Então me afasto, os passos de Rowan vagando atrás de mim enquanto seguimos para a casa de Harvey Mead.

O caminho serpenteia entre duas colinas baixas, abrindo-se para um quintal de grama que circunda os edifícios. À direita da casa, o terreno desce até uma ravina rasa de arbustos e o que deve ser um pequeno riacho que provavelmente não é muito mais do que um fio de água sob o sol de agosto. Entre a casa e a ravina há um pequeno jardim cercado por tela de galinheiro e amuletos de vidro quebrado que tilintam para assustar os pássaros. Na parte traseira esquerda da casa estão os anexos. Um galinheiro. Uma antiga oficina com telhado baixo e plano. Um celeiro que se ergue como uma fortaleza agourenta entre a casa e a tempestade que se aproxima de nós. Os restos de esqueletos de carros deformados e enferrujados projetam-se entre os troncos das cinzas do Texas e dos salgueiros do deserto.

Paro na beira do quintal. Rowan para ao meu lado. — Grande apelação do meio-fio — eu sussurro.

— Muito melhor de perto. A cabeça da boneca realmente acrescenta personalidade — ele sussurra de volta, acenando para a cabeça decapitada de uma boneca Chatty Cathy dos anos 1950, olhando para nós da varanda com olhos negros sem alma.

— Eu aceito se ele jogar o... — Eu me inclino para frente e olho para um pedaço de pelo cinza preso debaixo de uma cadeira de balanço quebrada. — ...o ...gambá?

— Eu ia escolher 'gato', mas claro.

Eu me endireito, virando-me para Rowan com o punho fechado entre nós.

— Sloane...

— Pedra-Papel-Tesoura. O perdedor fica com a porta da frente — eu digo com um sorriso sombrio.

Rowan me observa por um longo momento antes de balançar a cabeça com um suspiro resignado. Seu punho finalmente encontra o meu.

Contando silenciosamente até três, fazemos nossas escolhas, minha tesoura perdendo para a pedra de Rowan. Ele franze a testa.

— Dois de três — ele sussurra, agarrando meu pulso quando começo a subir os degraus.

— Por *perder*? Sem chance. Vá para a porta dos fundos e aproveite sua vantagem, esquisito. — Sorrio e enrugo o nariz como se isso não fosse grande coisa, embora Rowan possa sentir minha pulsação acelerando sob sua palma até que eu me liberte.

Não olho para trás enquanto me concentro em chegar viva aos degraus da frente. Meu peito queima por me voltar para Rowan, ficar com ele e caçar ao seu lado, mas não o faço.

Quando piso nas tábuas rachadas da escada, vejo Rowan na periférica enquanto ele finalmente caminha em direção aos fundos da casa.

A cada passo silencioso que dou, examino o ambiente caótico, tomando cuidado para não perder o equilíbrio ou derrubar alguma coisa. Não há nenhum som vindo da casa, nenhum movimento além da porta de tela, nenhuma sombra ameaçadora iluminada por um relâmpago. As primeiras gotas de chuva atingem a varanda coberta assim que chego à porta, ricocheteando em latas e detritos em uma melodia metálica.

Abro a porta de tela apenas o suficiente para entrar, o barulho silencioso das dobradiças enferrujadas é absorvido pelo estrondo de um trovão que sacode as paredes.

O cheiro de comida, decomposição e mofo se misturam em um redemoinho que causa náusea quando começo a andar por um corredor estreito. À esquerda fica uma sala de estar, com móveis antigos e características originais cobertas por uma película de poeira. O papel de parede florido descasca das paredes e vibra com a brisa da tempestade ao passar por portas abertas e janelas quebradas. Há um corpo parcialmente mumificado sentado em uma poltrona ao lado da lareira, as pernas cobertas por uma manta de crochê e uma Bíblia aberta em suas mãos esqueléticas. Seus longos cabelos brancos se erguem de seus ombros, um conjunto de dentaduras ainda grudado em seu maxilar frouxo.

— Velha Mama Mead, eu presumo — eu sussurro para ela

enquanto dou alguns passos cautelosos para dentro da sala até estar diante dela. — Aposto que você era uma vadia certo, não era?

Saber que Harvey Mead segue o caminho desgastado de muitos outros serial killers com fixação em uma mãe controladora, autoritária e provavelmente abusiva não o torna menos perigoso.

Mas certamente me dá algumas ideias...

Eu me inclino e sorrio para a pele dura e os olhos vazios da mulher na poltrona. — Vejo você em breve, Mama Mead.

Com uma piscadela, aperto firmemente minha faca e saio da sala, atravessando o corredor até a escada que leva ao segundo andar.

Os degraus rangentes são abafados por trovões e chuva. Parece impossível que a casa esteja tão desprovida de sons humanos depois do assassinato brutal que acabou de acontecer, mas as únicas coisas que consigo ouvir são meu coração e a tempestade.

Quando chego ao patamar do segundo andar, a chuva fica mais forte, seu cheiro elimina o fedor do andar principal. Espero um momento, observando, ouvindo. Mas nada vem. Nenhuma pista surge sobre o paradeiro de Harvey quando paro diante da entrada de um corredor.

Começo a avançar lentamente.

Primeiro, chego a uma sala cheia de caixas. Revistas. Jornais. Manuais amarelados para carros e tratores. Dar uma volta na sala não produz percepções que valham a pena.

Entro novamente no corredor e vou para o próximo cômodo, um banheiro com uma pia de pedestal rachada e uma cortina de chuveiro presa ao interior de uma banheira com pés, cujo plástico antes era branco manchado de mofo preto. Não há sangue no chão. Sem faixas. Sem cheiros ou sons incomuns.

O próximo cômodo em que entro é o quarto principal. De todos os quartos que vi, este é o mais limpo, embora fosse um exagero chamá-lo de imaculado. A janela está coberta de poeira e sujeira, mas não está quebrada. A cama é uma estrutura simples de ferro forjado, os lençóis amarfanhados, algumas roupas espalhadas pela superfície e pelo chão. Verifico o quarto, mas não há nenhum Harvey Mead aqui, então não demoro, decidindo vasculhar seus escassos pertences quando ele morrer.

Eu saio do quarto.

O próximo quarto fica do outro lado do corredor. O som da chuva caindo em recipientes de metal amortece meus passos quando entro no pequeno quarto. Um buraco no teto se abre para o céu, cortando as vigas quebradas do sótão. Relâmpagos brilham no alto. A chuva cai na casa e enche uma série de potes de metal e recipientes de cerâmica presos uns aos outros em uma folha de plástico transparente que cobre o chão. Ao redor da borda do buraco há ossos pendurados em fios de lã molhada como sinos de vento. As vértebras se torcem e se chocam com a brisa, riachos de água escorrendo de seus corpos e asas descoloridas.

Observo por um momento, ponderando sobre a psicopatia do homem que os amarrou aqui antes de sair do quarto e seguir para a última porta no lado oposto do corredor, bem no final do corredor.

Esta porta está fechada. Fico ao lado dela por um longo momento, com a orelha pressionada contra a madeira e a lâmina bem apertada na mão. Nenhum som vem de dentro. Nenhum som vem do andar de baixo também, embora eu não tenha certeza se conseguiria ouvir alguma coisa do andar de baixo, a menos que fosse um confronto. O trovão ruge. A chuva bate no telhado em cortinas oscilantes.

Uma pontada de preocupação enche meu peito por Rowan. Talvez seja melhor eu não tê-lo ouvido, mas também não ouvi sons do sofrimento de Harvey, isso se aloja como um espinho bem fundo na minha pele. Nesse ritmo, não me importa quem ganha. Eu só quero Harvey morto.

Sacudo os pulsos para deixar a excitação, a tensão e o medo escaparem dos meus membros, então agarro a maçaneta da porta e a empurro.

— Que *porra* é essa...

Isso não é o que eu esperava.

Três monitores estão colocados em uma mesa cheia de papéis e lápis espalhados. As telas exibem imagens de dezoito câmeras. O celeiro. A oficina. A porta de trás. A cozinha. Uma sala escura onde não consigo distinguir nenhuma característica. Uma sala bem iluminada onde um corpo desmembrado está empilhado sobre uma mesa coberta de plástico, sangue e carne pingando no chão de ladrilhos.

Vejo Rowan entrando no cômodo.

E então vejo Harvey caminhando pelo corredor em direção a

ele.

O sangue escorre dos meus membros. Gelo infunde minha pele.

— Rowan — eu sussurro.

Eu grito o nome dele enquanto saio correndo do cômodo...

...direto na bota de Harvey Mead.

CAPÍTULO QUATORZE

ESTILHAÇADO



A água atinge meu rosto latejante. A náusea gira em meu estômago. Sangue cobre minha língua. O mundo gira ao meu redor. Rolando. Estou descendo uma colina íngreme. Rolando e *caindo*.

Eu caio com um barulho estrondoso no ombro esquerdo, o vento esvaziando meus pulmões através de um grito silencioso. Eu suspiro por ar que não vem. Meu peito se aperta. Chuva e flashes de luz me cegam enquanto pisco para o céu, as primeiras respirações ofegantes finalmente entrando em meus pulmões em pânico.

Um par de botas cai próximo com um baque forte, aproximando-se e parando perto da minha cabeça. A chuva lava o sangue coagulado do couro preto. Abro a boca para gemer o nome de Rowan quando uma mão torce meu cabelo e me afasta do cheiro reconfortante de terra e grama molhada.

Fico cara a cara com Harvey Mead.

Riachos de água caem de sua cabeça calva, pingam de sua testa e caem sobre seu rosto inexpressivo. Ele olha diretamente para mim. Eu olho de volta para o abismo de seus olhos escuros.

E então cuspo na cara feia dele.

Harvey não enxuga minha saliva. Ele me segura firme, deixando a chuva levar as manchas de sangue por sua pele marcada. Um sorriso lento puxa seus lábios para trás para revelar dentes cariados em um sorriso que é irritantemente desconectado do resto de sua máscara apática.

Ele me solta, mas continua segurando meu cabelo enquanto arrasta meu corpo enfraquecido pela lateral da casa. Minha cabeça lateja. Meu rosto pulsa. Lágrimas ardem em meus olhos a cada puxão em meu cabelo, a dor em meu ombro irradiando pelo pescoço e pelo braço flácido. Meus pés arranham a grama, a lama e os detritos, mas não consigo me firmar com a maneira como ele mantém minha cabeça baixa. Eu o coço e bato em sua perna com a mão boa, mas ele é grande demais para sentir qualquer impacto da minha luta inútil.

Paramos em um conjunto de portas de porão. Harvey destranca um cadeado enferrujado e puxa a corrente pelas maçanetas antes de abrir uma porta e me jogar para dentro.

Caí no chão com um grunhido, minha primeira respiração cheia do cheiro de merda, mijo e medo.

O conteúdo do meu estômago se espalha pelo chão.

Só quando parei de vomitar é que percebi que não estou sozinha. Alguém está soluçando no escuro.

— Adam — diz uma mulher em meio a gritos desolados. — Ele matou Adam. Eu ouvi isso. Ele o *matou*.

Ela mantém distância, repetindo suas palavras em um canto desesperado que se infiltra em cada fenda do meu peito. Irmão, amante ou amigo, quem quer que fosse esse Adam, ela o amava. E eu sei o que é testemunhar o sofrimento de alguém que você ama. Entendo sua dor e impotência melhor do que a maioria.

— Sim. Ele matou Adam — respondo com respirações tensas e ofegantes enquanto tiro meu telefone do bolso de trás. Ele vibra em minha mão com uma mensagem, mas primeiro ligo a lanterna, apontando-a para o chão entre eu e a mulher nua agachada contra a parede enquanto ela se afasta da luz. — E eu prometo a você, Adam será a última pessoa que Harvey Mead matará.

Não tenho certeza se isso lhe dá alguma garantia ou encerramento. Talvez um dia isso aconteça, mas neste momento a perda dela é muito recente e a ferida muito profunda. Seus soluços silenciosos continuam enquanto volto minha atenção para a tela quando uma mensagem de texto chega.

BUTCHER

Sloane

SLOANE

RESPONDA-ME

ONDE VOCÊ ESTÁ?!

Os pontos de outra mensagem recebida começam a piscar enquanto digito uma resposta.

EU

Estou bem. Trancada no porão. Lado direito da
casa.

A resposta de Rowan é imediata.

BUTCHER

Agente firme, amor. Estou chegando.

Li sua mensagem duas vezes antes de bloquear a tela e morder meu lábio. Meu nariz dói. Uma dor queima em meu peito. Talvez seja apenas uma expressão irlandesa, mas ainda ouço isso repetidamente na voz de Rowan, como se ele estivesse bem aqui na minha cabeça.

Agente firme, amor.

— Qual o seu nome? — falo rouca enquanto volto minha atenção para a mulher chorando que se encolhe contra a parede de tijolos. Ela tem mais ou menos a minha idade, é magra e está coberta de manchas de sujeira em seu corpo nu.

— E-eu sou Autumn.

— Ok, Autumn. — Desligo o telefone para que a lanterna aponte para o teto e começo a desabotoar a camisa. — Vou dar isso a você, mas preciso da sua ajuda para tirá-la.

Autumn hesita por um momento antes de se aproximar com passos hesitantes. Não conversamos enquanto ela ajuda a guiar o tecido sobre meu ombro deslocado, embora ela se afaste momentaneamente quando solto um grito de dor, ela persevera para libertar a camisa do meu corpo. O tecido está encharcado e enlameado, pode não mantê-la aquecida no porão fresco, mas pelo menos ela estará coberta.

Ela está apertando o último botão quando um machado atravessa as portas do porão.

— *Sloane* — grita a voz desesperada de Rowan, transportando acima o grito aterrorizado de Autumn, o vento e a chuva torrencial. — Sloane!

Uma dor crua aperta minha garganta. Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto pego meu telefone e me aproximo das portas. — Estou aqui, Rowan...

— Afaste-se. — Com mais alguns golpes, as portas se estilhaçam e caem na escuridão junto com a fechadura e a corrente. A mão de Rowan aparece na penumbra.

— Segure minha mão, amor.

Deve ter havido escadas aqui uma vez, mas elas foram removidas, tenho que pular para agarrar a palma da mão de Rowan, escorregando na primeira tentativa com a chuva e o suor na pele. Ele se reposiciona para deitar de bruços, inclinando-se ainda mais na escuridão.

— Ambas as mãos — ele exige, oferecendo as palmas para mim.

— Não posso.

Um relâmpago ilumina o rosto de Rowan, marcando-o na minha memória para sempre. Seus lábios estão entreabertos e quase posso ouvir a respiração profunda enquanto seu olhar se fixa em meu ombro deformado e minha camisa faltando. Suas feições são de angústia e fúria pintadas de luz e chuva. Lindo, assustador e aterrorizante.

Rowan não diz nada enquanto se aproxima de mim. Quando pulo, ele pega minha mão e a aperta com força, me levantando o suficiente para agarrar meu cotovelo e me puxar para fora do porão.

Assim que estou no chão, sou esmagada em seus braços, tremendo em seus braços. Eu agarro sua camisa encharcada. Seu cheiro me envolve e eu quero aguentar esse momento de conforto, mas ele nos força a nos separar para olhar nos meus olhos.

— Você pode correr? — Ele pergunta, examinando meu rosto. Seus olhos nunca se acalmam enquanto eu aceno, percorrendo minha expressão como se estivesse procurando a verdade. — Você confia em mim?

— Sim — eu digo, minha voz ofegante, mas segura.

— Eu vou manter você segura. Entendeu?

— Sim, Rowan.

Olhamos um para o outro por um último momento antes que ele pegue o machado e segure minha mão. Ele olha de volta para o porão e parece que só agora percebe que mais alguém estava lá comigo, apesar dos contínuos gritos e apelos de Autumn para ser libertada.

— Fique aqui — ele diz lá embaixo na cova, sem admitir discussão, apesar dos apelos elevados dela. — Se você ficar quieta e escondida, ele pensará que você já fugiu e deixará o porão em paz. Voltaremos para buscá-la assim que terminar.

— Por favor, *por favor*, não me deixe...

— Fique aqui e fique quieta. — Rowan rosna, ele me arrasta sem olhar para o porão, ignorando os gritos desesperados que se seguem enquanto corremos em direção aos fundos da casa.

Paramos na esquina e fazemos uma pausa enquanto Rowan se inclina para explorar o caminho até o celeiro. Quando parece satisfeito, aperta minha mão, virando-se o suficiente para me olhar por cima do ombro. Ele acena com a cabeça uma vez e eu mal retribui o gesto antes que ele nos conduza através do quintal cheio de escombros até o celeiro decadente. Ele entra primeiro na estrutura vazia pela porta aberta, com o machado erguido, mas o prédio está vazio, exceto por ferramentas, pombos e um antigo trator John Deere. Somente quando ele está convencido de que é seguro é que Rowan me puxa mais para dentro, parando contra uma parede em um ponto equidistante entre as saídas dianteira e traseira.

O trovão sacode as janelas e as ferramentas penduradas nas paredes de tábuas. Rowan deixa cair o machado no pó com um baque surdo. Há um intervalo de tempo entre nós quando apenas olhamos um para o outro, ambos encharcados e cobertos de lama e grama.

E então suas mãos estão em meu rosto para me manter firme, sua respiração quente na minha pele enquanto seus olhos percorrem os detalhes do meu rosto.

Um polegar passa pela minha testa e eu estremeço. Um dedo segue a inclinação do meu nariz. Ele traça meu lábio superior e eu fungo, o gosto de sangue permanecendo no fundo da minha garganta.

— Sloane — ele sussurra. Não cabe a eu reconhecer. É a confirmação de que estou aqui, real, mas quebrada. Rowan me mantém perto da parede, me seguindo com seu corpo, suas mãos descendo pelo meu pescoço, levantando meu queixo para verificar

cada centímetro da minha garganta em busca de ferimentos enquanto tremo no escuro.

— Sua camiseta...

— Eu dei para a garota. Ele não me tocou desse jeito.

Os olhos de Rowan brilham quando encontram os meus. Ele não diz nada em resposta, apenas volta sua atenção para meu ombro machucado, onde um hematoma irritado já colore a articulação com as primeiras listras roxas. Com uma palma quente no meu ombro bom, ele me vira de frente para a parede. Ele avalia a lesão com um toque cuidadoso. Embora eu tente ficar em silêncio, um grito tenso ainda escapa quando ele move meu braço de onde ele está encostado ao meu lado.

— Você pode colocá-lo de volta no lugar? — Eu sussurro quando ele me vira para encará-lo mais uma vez.

— Pode estar quebrado, amor. Você precisa de um médico.

Pisco para afastar as lágrimas repentinas que enchem meus olhos enquanto Rowan se ajoelha, inspecionando minhas costelas, traçando cada uma delas. Elas estão doloridas pela queda, mas não quebradas. Rowan simplesmente me ignora quando tento dizer isso a ele, como se ele não ficasse satisfeito até que cada uma delas fosse verificada com a ponta dos dedos sobre o osso. Quando ele termina, suas mãos pousam em meus quadris, uma respiração longa e tensa cobrindo minha barriga com um calor que sinto até meu âmago.

— Sinto muito — ele sussurra. Ele pressiona a testa na minha barriga, seus braços envolvendo minhas pernas para me manter perto.

Por um momento, não sei o que fazer. Estou imobilizada pela corrente repentina que dispara através da minha carne trêmula. Cada expiração contra minha pele faz meu coração bater mais rápido até virar um martelo contra meus ossos. E então minha mão se levanta, meu corpo assumindo o controle sem minha mente, sabendo algo que não sei... que é a coisa mais natural do mundo meus dedos deslizarem em seu cabelo. Minhas unhas traçam o couro cabeludo de Rowan e ele suspira, pressionando a testa com mais força contra minha barriga enquanto faço isso de novo e me perco na cadência de um simples toque repetido.

O calor de sua respiração sobe do meu umbigo, entre meus seios, até meu coração, seguindo minha pulsação acelerada enquanto Rowan se levanta lentamente de seu joelho dobrado. Não consigo tirar meu toque. Meus dedos deslizam de seu cabelo úmido até que minha

palma pouse em sua bochecha e na barba por fazer que raspa contra minha pele. Rowan se inclina ao meu toque. Ele coloca a mão sobre a minha, como se eu pudesse desaparecer se ele a soltasse.

— Sloane — ele diz, seus olhos fixos em meus lábios. Meu nome é um sussurro de salvação e sofrimento quando ele o diz novamente. Um gole grosso passa pela garganta de Rowan. — Eu não posso perder você.

— Então é melhor você me beijar — eu sussurro de volta.

Rowan encontra meus olhos. Suas mãos aquecem minhas bochechas. Estamos a apenas um sopro de distância um do outro, sei que tudo vai mudar quando seus lábios tocarem os meus.

E é verdade.

Tudo se transforma com um beijo.

Os lábios de Rowan são suaves, mas o beijo é firme, como se não houvesse espaço em sua mente para dúvidas ou incertezas. Ele sabe o que quer. Talvez ele quisesse isso o tempo todo. Talvez eu seja a única que precisava de tempo para se recuperar.

O calor entre nós aumenta a cada toque. Abro a boca quando sua língua traça a costura dos meus lábios, com a primeira carícia da língua de Rowan sobre a minha, cada fio de restrição entre nós se desfaz.

Eu me perco no desejo. Ele bate em mim, como se estivesse sempre escondido atrás de uma parede em ruínas.

E uma vez liberado, ele me consome.

A urgência toma conta. A mão de Rowan se enrosca em meu cabelo e ele me esmaga contra ele. Eu gemo quando ele suga meu lábio inferior em sua boca. Minha mão agarra sua nuca e eu cravo minhas unhas até que ele rosna e enfia a língua profundamente em minha boca, exigindo mais de um beijo que já provocou um inferno de desejo em minhas veias.

Eu esqueço tudo sobre quem somos. Onde estamos.

Por que estamos aqui.

Um grito repentino nos separa instantaneamente para olharmos um para o outro com olhos arregalados e respirações irregulares. Os aterrorizados pedidos de ajuda são abafados pelo som de uma motosserra ganhando vida.

Nós nos inclinamos para fora das sombras o suficiente para ver Autumn correr a toda velocidade pela lateral da casa, indo direto para o celeiro. Um segundo depois, Harvey aparece, perseguindo-a com a motosserra segura com as duas mãos. Apesar de seu corpo pesado e robusto, ele está se aproximando dela enquanto ela tropeça nos escombros com os pés descalços e as pernas nuas.

Sáímos de vista e Rowan me lança um sorriso feroz e devastador.

— Já volto, Blackbird.

Ele coloca a mão em volta da minha nuca e pressiona seus lábios nos meus em um beijo final e rápido, então ele me solta para pegar seu machado do chão.

— O que você está fazendo? — Eu sibilo.

Rowan apoia o cabo do machado em seu ombro e bufa antes de me dar uma piscadela. — Vingando-me por machucar minha garota, é claro.

As bordas duras do meu coração derretem um pouco com essas palavras, Rowan sorri como se pudesse ver. Sem outra palavra, ele se vira, aproximando-se da porta para se agachar atrás de um conjunto de caixas de ferramentas de metal enquanto eu recuo até estar protegida pelo motor do trator.

Um segundo depois, Autumn entra correndo no celeiro, indo em direção à porta dos fundos, cada passo pontuado por um lamento de pânico.

Harvey Mead entra correndo na sala atrás dela. E tudo o que acontece a seguir é em câmera lenta, numa linda coreografia de vingança.

Rowan avança. Ele balança o machado para cima em um arco que atinge tão baixo o chão que levanta a poeira. A lâmina atinge a motosserra em um golpe brutal. A corrente se rompe na barra guia. Ele atinge o rosto de Harvey e ele solta um rugido furioso. A máquina engasga quando ele a deixa cair e tropeça, parando desorientado. Ele leva a mão ao rosto ensanguentado por reflexo, ainda sem perceber que Rowan já está se aproximando dele para outro ataque.

O machado parte sua rótula com um estalo úmido. Harvey grita de dor e cai sobre o outro joelho enquanto Rowan puxa a lâmina do osso.

— Vamos ver o quanto você gosta disso quando está

recebendo. — Rowan grita, antes que Harvey possa cair para o lado, Rowan o chuta no rosto, seu calcanhar faz um baque alto quando atinge apenas entre as sobrelanceiras grossas de Harvey.

Harvey cai de costas, atordoado e gemendo, quase inconsciente. Sua cabeça manchada de sangue balança de um lado para o outro em uma nuvem de poeira. Rowan fica de pé sobre ele e aperta ainda mais o cabo do machado. A raiva e o foco aguçam os traços de seu lindo rosto. Malícia brilha em seus olhos enquanto ele encara seu inimigo. — Isso vai ser muito satisfatório. — diz ele, pairando sobre Harvey com um sorriso letal. Ele levanta o machado.

— *Espere...* — digo enquanto me afasto da segurança do trator. Rowan para instantaneamente, embora pareça que ele precisa de tudo para fazer isso. — Não o mate ainda. Você me prometeu uma chance.

Um sorriso sombrio surge em meu rosto quando me aproximo. Rowan examina minha expressão com um movimento entre as sobrelanceiras, uma pergunta muda passando entre nós, que respondo com um sorriso mais amplo.

— Mas fique à vontade para mantê-lo ocupado — digo, depois vou em direção a casa.

Os gritos de Autumn ficaram abençoadamente silenciosos na torrente da tempestade que ainda chove sobre nós. Será lento para ela caminhar sem sapatos, mas eventualmente ela encontrará ajuda se seguir o riacho ou voltar até a frente da casa para pegar o caminho que leva à estrada de cascalho. É uma distância razoável dos vizinhos mais próximos e a estrada não recebe muito trânsito, mas não podemos contar com o afastamento trabalhando a nosso favor. Eu sei que não podemos ficar muito tempo.

Apenas o tempo suficiente para se divertir um pouco.

Não demoro na casa, trabalhando rapidamente para coletar o que preciso antes de voltar para o celeiro.

Uma série de palavrões me cumprimenta quando me aproximo do antigo prédio. Rowan parece se divertir com o vitríolo colorido enquanto martela uma ponta de metal na mão de Harvey para mantê-lo preso contra o chão, um instrumento semelhante já empalando sua outra palma. Rowan está tão absorto em seu trabalho que só me nota quando estou na porta.

Ele leva um segundo para processar o que está vendo antes de soltar uma risada incrédula.

Deixo cair o que estou carregando com meu braço bom e levanto um dedo aos lábios em meio a um ataque de risos. Lágrimas agarram-se aos meus cílios enquanto a histeria ameaça me consumir. Estou bastante satisfeita comigo mesma, tenho que admitir. Esta pode ser uma das melhores ideias que tive em muito tempo. E quero aproveitar ao máximo o impacto, então, com alguns movimentos bruscos das mãos, consigo comunicar que quero que Rowan me bloqueie da visão de Harvey. Ele balança a cabeça e fica entre nós enquanto eu manobro pelas sombras, me aproximando com meu cobiçado prêmio.

Quando chego aos pés de Harvey, coloco meu presentinho em seus tornozelos e começo a deslizar-lo por suas pernas.

Harvey geme quando eu roço seu joelho machucado. Ele olha para todo o corpo e encontra os olhos vazios de sua mãe.

Harvey Mead solta um grito sangrento.

— *Você tem sido um menino terrivelmente mau, Harvey* — digo na minha melhor imitação da voz de uma velha enquanto continuo deslizando o cadáver em direção ao rosto de Harvey. Ele luta, tentando dar o pontapé inicial, mas Rowan intervém e mantém sua perna boa abaixada.

— *Bons meninos não cortam pessoas com motosserras.*

Outro grito desesperado. Ele está absolutamente perdendo a cabeça e não pode fazer nada a respeito.

Eu aproveito meu doce, doce tempo. Aproveito cada segundo da tortura de Harvey, arrastando lentamente Mama Mead por seu torso enquanto respirações tensas saíam de seu peito. Seu pulso bate forte em seu pescoço grosso. Gotas de suor escorrem por sua testa enrugada, escorrendo pelas têmporas enquanto ele balança a cabeça.

Mama Mead e Harvey finalmente ficam cara a cara.

— *Eu acho que você merece ser punido.*

— Isto é muito sombrio — diz Rowan atrás de mim, embora não pareça estar reclamando.

— Shhh, você. Mama Mead tem algumas coisas a dizer. — Eu empurro a cabeça do cadáver enquanto Harvey grita e se contorce. A dentadura cai de sua boca e cai em seu rosto e ele entra em outra dimensão de medo. — Opa, foi mal.

Coloco Mama Mead em seu peito para poder agarrar seu pulso

frágil, mantendo meu braço machucado fora do caminho enquanto Harvey tenta afastá-la. Seus dedos curvos acariciam seu rosto antes de eu enganchar eles no canto de sua boca. — *Espere, filho. Eu só quero rastejar para dentro e dar uma olhada.*

Harvey solta um gemido agudo.

E então ele fica com falta de ar, *engole* como se não quisesse entrar, o rosto numa careta contorcida.

— Uhh...

As veias das têmporas de Harvey se projetam. Sua carne fica vermelha e rapidamente perde a cor. Seus lábios ficam azuis.

— O que...

Uma respiração estridente deixa seu peito. Seus olhos ficam turvos. Suas pupilas fixam-se no teto e dilatam.

— Ele acabou de ter um ataque cardíaco? — Rowan pergunta. Ele para perto da cabeça imóvel de Harvey para olhar seu rosto ensanguentado.

Meus ombros caem com decepção. — Isso não é legal, Harvey.

— Você literalmente o assustou até a morte. Você deveria estar orgulhosa.

— Eu tinha muito mais em mim. — Dou um empurrão petulante em Mama Mead e ela rola para longe do peito imóvel de Harvey. — Você acha que deveríamos aplicar reanimação cardiopulmonar nele?

— Se você quiser, mas eu recomendo não fazer boca a boca.

— ...Droga.

Rowan sorri quando olho para cima. Ele contorna a cabeça de Harvey, parando ao meu lado com a mão estendida. — Vamos, Blackbird. A adrenalina vai passar em breve e aquele ombro vai começar a doer muito. É melhor incendiarmos o lugar e irmos embora antes que aquele pássaro encontre uma maneira de ajudar. Depois arrumarei nossas coisas no motel e estaremos na estrada.

Coloco minha mão na de Rowan e ele me coloca de pé. A cicatriz em seu lábio clareia um pouco enquanto ele sorri para mim. Meu olhar percorre seu rosto e quero me lembrar de cada detalhe, desde as sobrancelhas escuras até os olhos azul-marinho e as linhas tênues em suas bordas, até a pequena verruga em sua bochecha e o

brilho em seu cabelo molhado. Acima de tudo, quero lembrar o calor de seu beijo quando ele pressiona seus lábios nos meus.

Muito em breve, ele está se afastando, mas não sem antes pegar minha mão enquanto nos leva em direção à casa.

— Na estrada — eu digo, suas palavras finalmente emergindo da névoa de adrenalina. — Na estrada para onde?

— Nebraska. Para ver o Dr. Fionn Kane. — diz ele. — Meu irmão.

CAPÍTULO QUINZE

IMPRESSÕES



Sloane dorme ao meu lado no banco do passageiro, com um cobertor que roubei do hotel cobrindo seu corpo, o cabelo preto penteado sobre o ombro inchado. A alça do sutiã segura uma bolsa de gelo sobre a articulação, embora eu saiba que ela provavelmente derreteu há uma hora, não tive coragem de substituí-la caso eu a acordasse.

Quando olho para ela, não consigo separar uma emoção das outras. Todas elas se entrelaçam quando penso em Sloane Sutherland. O medo se funde com a esperança. Cuidado com controle, com inveja, com tristeza. Está fodendo *tudo*, de uma vez. Até mesmo o desejo de desligar esse sentimento se associa à necessidade de alimentá-lo. A totalidade disso me devora.

E só cresce a cada momento que passa. Sloane sangra em cada pensamento. Quando estamos separados, a ausência dela é uma entidade. Eu me preocupo com ela. Eu sonho com ela. E ontem quase a perdi. Matar nos uniu e é uma compulsão sem a qual nenhum de nós pode viver. Essa necessidade, e agora esse jogo entre nós, me consome tanto quanto ela.

Minhas obsessões me empurram para um penhasco do qual estou fadado a cair, pode não haver fim para a queda depois que isso acontecer.

Sloane se mexe e geme, meu maldito coração começa a disparar. Talvez não tenha parado desde aquele primeiro dia no pântano, quando ela saiu do banheiro do Briscoe, toda molhada, com

o cabelo molhado, a pele sardenta e aquela camiseta do Pink Floyd amarrada na cintura. Cada vez que penso nela, meu coração me lembra de que, afinal, não estou tão morto por dentro quanto pensava.

— Calma, Blackbird. — Eu digo enquanto ela geme novamente, mais um gemido desta vez que arranha minhas entranhas. Coloquei a mão na coxa de Sloane, talvez para me tranquilizar tanto quanto a ela. — Só mais algumas horas.

Ela se mexe, cada movimento doloroso marcando uma ruga em sua pele até que seus olhos se fecham com força. O cobertor cai até sua cintura quando ela finalmente consegue ficar em uma posição mais reta, mas ela não parece notar, quando eu o puxo de volta para ela, ela me presenteia com um sorriso fraco e agradecido. Entrego-lhe uma garrafa de água e um punhado de analgésicos antes que ela tenha a oportunidade de pedir.

— Eu me sinto péssima. — Ela diz, seus olhos se fechando mais uma vez enquanto ela engole os comprimidos. Quando respondo apenas com um *hmm* pensativo, ela me lança um olhar de soslaio. — Você pode dizer isso.

— Dizer o quê?

— Que eu também *estou* horrível.

Eu rio e seus olhos se estreitam. — Eu não estou dizendo isso. De jeito nenhum. — Olho de volta para a estrada, saudando uma pega que sobrevoa, tentando manter minha atenção no horizonte, mesmo que o peso do olhar penetrante de Sloane na lateral do meu rosto seja como uma marca quente na minha pele. — O quê? Eu acho você bonita. Como uma espécie de deusa da vingança cruel e endurecida pela batalha.

Sloane bufa. — Deusa da vingança, minha bunda. — Olho a tempo de ver uma de suas reviravoltas épicas. Antes que eu possa impedi-la, ela baixa o visor e levanta a tampa do espelho.

Um grito agudo enche o pequeno utilitário.

— *Rowan...*

— Não é tão ruim assim, depois que você se acostuma.

— *Acostumar-se?* Tem uma maldita *marca de bota* no meu rosto. — Ela se inclina para mais perto do pequeno espelho, virando a cabeça de um lado para o outro enquanto inspeciona os hematomas de marcas distintas de passos em sua testa e dois semicírculos pretos sob os cílios inferiores. Quando Sloane se vira para mim, seus olhos estão

vidrados de lágrimas não derramadas.

— Blackb...

— Não me chame de *Blackbird*. Aquele filho da puta do pode-pode carimbou a porra da minha testa. Posso até ver o logotipo da Carhartt nele. — diz ela, sua voz assumindo um tom aguado enquanto ela se aproxima do espelho antes de se virar para mim, uma lágrima escorrendo pelos cílios enquanto ela se inclina sobre o console central e aponta para o círculo no centro de sua testa. — Ver? Ali. *Carhartt*. Por que ele não poderia simplesmente ter me dado um soco na cara como uma pessoa normal?

— Provavelmente porque ele não era uma pessoa normal, amor. Achei que a motosserra era uma grande pista. — Enxugo uma de suas lágrimas com o polegar. Seu lábio treme e eu quero simultaneamente rir e queimar o mundo até encontrar uma maneira de ressuscitar aquele idiota para que ela possa matá-lo novamente. — Não estará lá para sempre.

— Mas eu tenho que ir ao banheiro — diz Sloane, conseguindo manter a voz sob controle, embora seu rosto ainda seja a imagem da angústia. — Como posso ir a qualquer lugar sem chamar a atenção para mim?

Não me atrevo a oferecer a opção de encontrar um arbusto particular na beira da estrada para se agachar. Ela claramente atingiu o limite de seu estresse e não estou interessado em ser esfaqueado enquanto dirijo.

— Há uma parada para descanso em dezesseis quilômetros. Eu vou cuidar de você.

Sloane me observa por um longo momento, embora sua expressão ainda esteja cansada e dolorida, ela suaviza um pouco antes que ela se acomode novamente em seu assento. — Tudo bem.

Meu peito dói. *Ela confia em mim.*

Engulo em seco, arrastando minha atenção de volta para a estrada. — Ok.

O silêncio desce enquanto Sloane morde o lábio inferior, observando pela janela enquanto os campos agrícolas passam. Aumento o volume da música agora que ela está acordada, na esperança de que isso possa acalmá-la quando sinto a tensão saindo de seu corpo imóvel. Às vezes, parece que tenho algo selvagem em minhas mãos quando ela está comigo. Ela é igual ao apelido, pronta

para decolar com a primeira rajada de vento. Nunca quis ganhar confiança antes do Sloane. Nunca me importei em manter isso em um nível pessoal, nem para ninguém além dos meus irmãos. E de repente, a confiança do Sloane é uma das coisas mais importantes do mundo para mim. Eu sei que se eu perder, nunca vou recuperá-la.

E isso me assusta pra caralho.

— E se eu precisar de cirurgia? — Sloane sussurra. Ofereço-lhe um sorriso, mas isso não parece tranquilizá-la.

— Então você fará uma cirurgia.

— As pessoas farão perguntas.

— Meu irmão cuidará disso. Mas nem sabemos se é necessário. Vamos ver o que Fionn diz quando der uma olhada.

Sloane suspira e coloco minha mão no cobertor que cobre sua coxa, sem saber se isso é demais quando não sei onde estamos. Mas sua mão boa desliza na minha e meu coração pula na garganta com uma batida pesada.

Afinal, não tão morto por dentro.

— Fionn também sabe? — ela pergunta, seu olhar desviado de mim em direção à extensão aberta de terra e céu.

— Sobre nossos... passatempos? Nosso jogo? — Ela balança a cabeça e eu dou um leve aperto em sua mão. — Sim, ele sabe.

— Mas ele é médico. Nossa ideia de diversão é uma espécie de antítese do trabalho de sua vida.

Encolho os ombros antes de acenar com a cabeça em direção à placa da próxima saída. A tensão em sua mão diminui. — Digamos apenas que meus irmãos e eu não tivemos a educação mais convencional, mesmo depois que saímos daquela merda da casa do meu pai. Entre a crueldade de Lachlan e a minha imprudência, Fionn não usa antolhos quando se trata das sombras mais sombrias da vida. Ele escolheu seu próprio caminho como sempre esperávamos que fizesse. Mas ele aceita o que Lachlan e eu nos tornamos, assim como nós o aceitamos.

— Seu caminho. — diz Sloane. — Como você achou isso?

— Você quer dizer o restaurante? — pergunto, mas quando olho para Sloane ela balança a cabeça, seu olhar fixo em meu rosto como se estivesse absorvendo cada nuance. — Depois que meu pai nos

atacou pela última vez, quando Lachlan e eu o matamos, percebi que não sentia o que provavelmente deveria ao fazer algo assim. A maioria das pessoas sentiria culpa. Mas senti uma onda de excitação quando isso estava acontecendo. Realização quando tudo acabou. Havia paz em saber que ele nunca mais voltaria. E quando conheci outra pessoa que me lembrou dele, pouco tempo depois, percebi que não havia nada que me impedisse de fazer isso de novo. Sempre havia uma próxima pessoa. Alguém pior. Eventualmente, tornou-se uma espécie de esporte encontrar a pior pessoa que pudesse e eliminá-la do planeta para sempre.

Sloane cantarola uma nota pensativa e volta o olhar para o posto de gasolina à frente. Quero saber o mesmo tipo de coisas sobre ela. Como ela chegou a isso? O que aconteceu antes e depois de sua primeira morte? Ela realmente não tem ninguém além de Lark? Mas com Sloane, já sei que ela compartilha quando está pronta, não quando lhe pedem. Só posso esperar que ela esteja um pouco mais preparada agora.

Paramos no posto de gasolina e estaciono longe do prédio onde é menos provável que ela seja vista, desligando o motor antes de me virar para ela. — Vou deixar as chaves com você, só para garantir.

O olhar de Sloane vai para o painel e volta para mim. Algo suaviza a dor ainda intensa em seus olhos vermelhos. — Ok.

— Eu volto já.

Ela acena com a cabeça e eu aceno de volta.

Tento passar o mínimo de tempo possível no posto de gasolina, pegando água, refrigerantes e uma variedade de lanches, além de algumas coisas que, espero, deixarão Sloane mais confortável. Fico agradavelmente surpreso quando o veículo está onde o deixei, Sloane observando cada passo que dou por trás do para-brisa. Sua respiração profunda e seu sorriso não passam despercebidos quando abro a porta do passageiro.

— Achei que isso era apropriado — digo. Tiro a etiqueta de um boné cinza desgastado antes de entregá-lo a ela. *'Parece besteira para mim'*, diz a escrita cursiva na frente.

— Exato — ela responde, centralizando-o em sua cabeça antes de pegar os óculos de aviador baratos que passo para ela em seguida, segurando-os com sua mão boa.

— A próxima parte provavelmente vai doer como um bastardo.
— Tiro uma camisa de botões da minha bolsa e ela solta um suspiro

pesado, franzindo a testa para o tecido amassado. — Vamos interromper quando chegarmos à casa de Fionn.

Sloane não argumenta, apenas olha para o braço machucado, que está mole e inútil sobre o cobertor, antes de acenar com a cabeça.

Retiro primeiro a bolsa de gelo derretido debaixo da alça do sutiã, observando enquanto seus olhos se fecham e seu lábio inferior desliza entre os dentes. Quando pego sua mão machucada e passo a manga pelo pulso, ela solta um gemido de dor, um rubor subindo por seu pescoço e bochechas. Eu continuo, mesmo sabendo que sou eu quem a está fazendo sofrer só por ajudá-la a vestir a porra da camisa. Tento afastar a ideia de que tudo isso é por minha causa, todo esse jogo estúpido, o ombro quebrado, o rosto machucado. Mas reprimo esses pensamentos porque ela precisa de mim, e a única coisa que importa agora é conseguir sua ajuda.

Depois que deslizo a camisa por cima do ombro machucado, a tarefa fica mais fácil. Ela é capaz de torcer o corpo o suficiente para colocar o outro braço sem muitos problemas, então eu me agacho para fechar os botões para ela.

— Obrigada — ela sussurra através de respirações irregulares enquanto eu aciono o primeiro botão. Olho para o rosto dela, um lindo rubor iluminando suas bochechas sob uma fina camada de suor. — Isso foi péssimo.

— Você fez bem — eu digo. Meus dedos roçam sua barriga perto do umbigo perfurado enquanto enfio o próximo botão no buraco. Eu não queria tocá-la, mas não me arrependo, especialmente quando ela responde com um pequeno arrepio. Sua pele exposta se arrepia, quando olho para cima, os olhos castanhos de Sloane estão fundidos aos meus, seu pulso zumbindo em seu pescoço enquanto meu olhar cai em sua garganta. Estou vagamente consciente de que meus dedos estão desacelerando em torno do terceiro botão, a necessidade de tocar e saborear sua pele embotando todos os outros pensamentos por trás de uma película nebulosa de desejo. Meu pau se esforça contra o zíper e deixo meu olhar viajar pela encosta de sua clavícula, descansando na pele lisa de seu peito enquanto ele sobe e desce com respirações rápidas. Sigo a linha do sutiã até onde a borda da camisa está aberta, expondo o cetim branco manchado.

E então eu paro, todo o mundo se estreitando até a ponta do seu mamilo.

Seu mamilo *perfurado*.

Posso distinguir claramente o formato de um coração em torno do pico firme e uma pequena bola de cada lado.

Isso não estava lá na primeira vez que nos conhecemos. Eu *sei* disso. Eu sei disso porque meu monólogo interno era pontuado pelas palavras “sem sutiã” a cada dois minutos desde o segundo em que ela saiu do banheiro do Albert Briscoe.

Acho que minhas mãos pararam de se mover. Não posso ter certeza. Estou apenas olhando para aquele pequeno coração enquanto minha boca fica seca e meu pau fica duro como uma pedra.

Um movimento repentino quebra o feitiço quando Sloane desdobra os óculos de sol com um estalar de pulso.

— Algo chamou sua atenção, garoto bonito? — ela pergunta.

Esses lábios. Essa covinha. *Esse maldito sorriso*. Ela coloca os óculos escuros com uma piscadela antes que seus olhos castanhos desapareçam atrás das lentes espelhadas, então ela passa por mim, toda curva e atrevida enquanto puxa a camisa para baixo o suficiente para cobrir o sutiã antes de caminhar até o posto de gasolina.

Maldição.

Eu vou me divertir muito a punindo.

Dez minutos depois, ela retorna ao utilitário e eu ainda estou sentado aqui com um tesão violento, imerso em fantasias de como vou torturá-la para que me conte tudo sobre aqueles piercings nos mamilos. Meu pau não tem esperança de se acalmar com aquele leve sorriso ainda estampado em seu rosto.

— Você está bem? — ela pergunta quando tira os óculos escuros e se senta no banco do passageiro. Seus olhos se voltam para os meus enquanto ela puxa o cinto de segurança pelo corpo.

— Ótimo. Sim. Simplesmente ótimo.

— Tem certeza disso? Você quer que eu dirija um pouco? Você parece um pouco... distraído. Não gostaria que algo brilhante chamasse sua atenção e você nos tirasse da estrada.

Lanço-lhe um olhar furioso enquanto ligo o motor e entro em marcha. — Cristo vivo. Deixe-me sobreviver às próximas duas horas e então teremos algumas palavras.

E sinto que é isso que mal consigo fazer. *Sobreviver*.

Assim que chegarmos na casa de Fionn, estou pronto para uma

bebida forte. Ainda é meio-dia. Mando uma mensagem para meu irmão assim que estacionamos, mas ele não responde, então presumo que ele esteja imerso em alguma de suas merdas de treino e dou a volta na lateral do veículo para pegar Sloane. Seus hematomas escureceram e ela parece exausta, o que eu acho que não é surpreendente, mas ela reprime qualquer reclamação enquanto eu a ajudo a sair do carro e subir os degraus da frente da casa branca e vermelha de Fionn em Cape Cod.

Toco a campainha.

Nós esperamos.

Bato três vezes na porta.

Esperamos mais.

— Fodido Fionn — eu sibilo. — Ele provavelmente está tocando Metallica no máximo em seus fones de ouvido enquanto faz oito mil burpees, aquele merdinha.

Sloane olha para mim, sua dor agora misturada com preocupação. Eu dou a ela minha melhor tentativa de um sorriso tranquilizador antes de dar um beijo em sua têmpora.

— Ele sabe que estávamos vindo. Ficarão tudo bem. Ele não vai nos decepcionar — eu digo enquanto coloco a mão na maçaneta.

Desbloqueada.

Reviro os olhos... de todas as pessoas, Fionn Kane deveria saber disso. — Para um cara tão inteligente, ele às vezes é um idiota.

A casa está silenciosa quando entramos. É estranho pra caralho. Definitivamente Fionn em seu auge da era ‘Hallmark Sad Man Cinderwhatever’, assim como Lachlan disse. Há até um guardanapo de renda na mesinha de centro.

Indo mais para dentro da sala, começo a ir em direção à cozinha, onde posso ver uma porta traseira para o quintal. — Pica-pau — grito para a casa silenciosa. — Pare de brincar.

Algo me quebra o crânio. Estrelas explodem dentro da minha visão.

— Esqueça isso, filho da puta!

O grito de uma mulher precede um segundo golpe que atinge minha mão no ponto dolorido no topo da minha cabeça. Consigo pegar a arma e soltá-la de suas mãos. Sloane está gritando atrás de

mim, uma série de “uau, uau, uaus”, enquanto eu manejo o porrete com uma mão enquanto tento manter Sloane atrás de mim com a outra. Exceto que o porrete não é realmente um porrete, mas... uma muleta...?

— *Quem diabos é você?* — uma mulher pequena, de vinte e poucos anos e cabelos escuros grita, mancando em meu campo de visão enquanto me ataca com a muleta restante. Tiro-a da mão dela e ela gira pela madeira, mas o pequeno demônio consegue ficar de pé. Estou prestes a golpear seu peito com minha muleta na tentativa de empurrá-la quando ela tira uma faca de caça das costas, a lâmina quase tão longa quanto seu braço. — Eu disse, *quem diabos é você?*

— Eu? Quem diabos é...

— Você fez isso na cara dela? — ela rosna. Ela aponta a ponta da lâmina entre mim e Sloane, que agora está ao meu lado com a mão boa levantada em um gesto apaziguador. — Você fez isso?

— *Não, Jesus...*

— Eu vou cortar você...

— Que tal todos se acalmarem? Acho que tudo isso é um simples mal-entendido. — diz Sloane enquanto dá um passo cuidadoso para mais perto da pequena alma penada. — Qual o seu nome?

Os olhos escuros da alma penada se voltam para Sloane e ficam ali. — Rose.

— Rose. Legal, ok. Legal. Eu sou Sloane.

— Parece que uma das garotas atrevidas lhe deu um chute na cara no beco dos palhaços — diz Rose.

Sloane pisca. Sua boca abre, fecha e abre novamente. — Eu... eu honestamente não tenho ideia do que isso significa. Mas ele não fez isso, eu juro.

— Certo, claro. — Rose zomba, seus olhos revirando quase tão bem quanto os de Sloane. Ela dá um passo manco para mais perto, mas o gesso bate no chão e ela faz uma careta. — Ele apenas cutucou você com o pé, não foi? Apenas um toque de amor? Você não precisa proteger esse pedaço de merda, querida. *Eu vou cortar as bolas dele.* — ela rosna, apontando a ponta de sua lâmina para mim. Tento bater com a ponta da muleta, mas ela se esquivava antes que Sloane fique entre nós.

— Não mesmo. Ver? Logotipo Carhartt. *Bem aí.* — diz Sloane,

inclinando a aba do chapéu para apontar para o círculo estampado em sua testa. Ela balança a mão atrás dela, perto dos meus pés. — Ele é mais um cara de Converse.

— Onde está o filho da puta que fez isso na sua cara?

— Ele está morto.

— Então quem diabos é esse saco de pulgas que rouba muletas?

— Ele é Rowan — diz Sloane, apontando para mim novamente. Rose estreita os olhos como se esta informação fosse insuficiente. — Ele é meu a-am... garoto. Cara. Homem-cara⁶. Com quem... estou. Aqui.

Eu dou uma risada enquanto o rosto de Rose se contrai. — Homem-cara — eu ecoo. — Muito bom, Blackbird.

— Cale a boca — sibila Sloane enquanto olha por cima do ombro para mim, como se não tivesse certeza se deveria abrir mão dos detalhes de Fionn ser meu irmão. Eu levanto minhas sobranceiras em resposta e pressiono meus lábios fechados. — Ajuda antes de eu ser esfaqueada?

Eu balanço minha cabeça. — Homem-cara calando a boca, conforme solicitado.

Sloane geme, revirando os olhos envergonhando os esforços anteriores de Rose. Juro que seus olhos vão em direções diferentes antes de ela se voltar para a mulher com uma lâmina apontada para o rosto. — Olha, estou precisando de ajuda médica, obviamente. Fionn é médico, certo? Acontece que ele também é irmão desse ladrão de muletas.

O olhar desconfiado de Rose nos separa. Ela pensa por um longo momento antes de tirar um telefone do bolso, a faca ainda apontada em nossa direção e os olhos desviando-se de nós apenas o tempo suficiente para selecionar um contato para ligar. Posso ouvir o toque fraco quando ela pressiona o telefone no ouvido, depois a saudação abafada do meu irmão.

— Tem uma garota surrada aqui com um cara alto que afirma ser seu irmão. Ele roubou a porra da minha muleta. — Rose morde. Ela fica em silêncio enquanto Fionn diz algo ao fundo, seus olhos então se fixam em mim como lasers. Ela aponta o queixo uma vez em minha direção. — Ele está pedindo para confirmar seu apelido de infância.

O sangue escorre das minhas extremidades enquanto meu olhar se volta para Sloane. Eu balanço minha cabeça. — Não.

Isso parece encantar a gata infernal... o sorriso de resposta de Rose é selvagem pra caralho. — Ótimo. Então eu esfaqueio você nas bolas.

— Sim? Venha até aqui e experimente — rosno. Tento cutucá-la com a ponta de borracha da muleta, mas Sloane rebate.

— Pelo amor de Deus, vocês dois. Estou com um braço bagunçado aqui. Preciso de um médico — diz Sloane, movendo-se de um lado para o outro na cintura para fazer uma demonstração de seu apêndice flácido. Ela se vira o suficiente para me lançar um olhar de cachorrinho triste. Quanto mais ela olha para mim, mais minha determinação desmorona. Seu lábio inferior se projeta em um beicinho, mesmo que possa ser falso, eu sei que sou um caso perdido. — *Ajude-me, Homem-cara.*

Um longo gemido ressoa em meu peito enquanto passo a mão pelo rosto. — Porra. Tudo bem. — Ambas as mulheres me observam com olhares inabaláveis, as sobranceiras levantadas em antecipação. — *Merda cintilante.*

Elas se enfrentam. Há um momento de silêncio abençoado.

E então um ataque de risadas.

Rose transmite minha resposta para Fionn e eu o ouço gargalhando na linha antes de dar a ela algumas instruções curtas e desligar a ligação. Ela coloca o telefone no bolso e embainha a lâmina enquanto Sloane puxa a muleta da minha mão e a passa para ela.

Ótimo. Essas duas vão ser melhores amigas agora. Exatamente o que eu preciso.

— Ok, Merda cintilante. Acho que você passou no teste. Fionn estará em casa em quinze minutos para atender você.

— Espere um segundo. Você não nos contou por que diabos você está aqui — eu digo enquanto Rose lança um sorriso desdenhoso em minhas feições.

— Talvez eu seja a garota de Fionn, Sr. Homem-cara, Merda cintilante.

Sloane dá uma risada. Eu pego seu cotovelo bom, guiando-a para o sofá enquanto mantenho meu olhar fixo em Rose. — Deus ajude a todos nós.

Rose sai mancando de muletas, murmurando algo como “pior que o circo”, seja lá o que isso signifique. Observo enquanto ela se dirige para a mesa de jantar, quando estou satisfeito de que ela não vai nos perseguir com uma muleta e uma faca do tamanho de um facão, volto a me concentrar em Sloane. Eu a ajudo a arrastar alguns travesseiros para baixo do lado esquerdo para que ela possa encontrar uma posição confortável no sofá estofado, mas sei o que é estar tão exausto que você está desesperado para descansar, mas com tanta dor que parece uma realidade distante. Quando ela parece tão tranquila quanto consegue, eu me ajoelho na frente dela e afasto seus cachos negros do rosto.

— Bebida? — pergunto, ela balança a cabeça, os olhos apertados pela dor que se instala à medida que sua adrenalina diminui. — O que você quer?

O espaço entre suas sobrancelhas se enrugando enquanto seus lindos olhos castanhos prendem os meus, sua dor puxando meu peito.

— Eu quero... — Ela para enquanto seus olhos se desviam e voltam novamente. Então sua covinha aparece. Essa porra é como um farol de maldade. Mal consigo reprimir um gemido. — Quero saber como surgiu o apelido merda cintilante.

— Sloane — eu aviso.

— Foi sua própria merda que você fez ou de outra pessoa? Regularmente? E tipo... por quê?

Sua máscara diabólica vacila quando me inclino para frente e coloco uma mão em cada lado de seus joelhos. — Você tem sorte de estar ferida.

Sloane me dá um sorrisinho presunçoso. Porra, eu quero tanto essa boca inteligente e esses lábios carnudos enrolados em meu pau que dói. — Oh sim? — ela zomba. — Por que isso?

Eu me aproximo ainda mais. Empurro para o espaço dela. Ela resiste à vontade de afundar mais nas almofadas enquanto sua respiração fica presa. Minha mão envolve sua garganta, um dedo de cada vez pressionando sua pele, seu pulso como música sob minha palma. Ela estremece quando meus lábios roçam sua orelha. — Porque eu dobraria você sobre meus joelhos e bateria em sua bunda perfeita até que ela brilhasse. E então você quer saber o que eu faria?

Ela me dá um aceno trêmulo. Três respirações irregulares. — Sim — ela sussurra.

— Eu te ensinaria uma lição sobre *querer*. Sobre querer tanto gozar que você tem que implorar por isso. — Meu pau endurece quando o sangue de Sloane surge nas pontas dos meus dedos. — E quando eu tivesse certeza de que você aprendeu essa lição, eu te ensinaria sobre querer tanto parar de gozar que você imploraria por isso também.

A pulsação do beija-flor de Sloane incendeia meu sangue, seu leve aroma de gengibre é marcado por suor e sangue e seu medo persistente. Eu me pergunto se ela percebe o quão facilmente eu poderia esmagar sua delicada traqueia. Eu me pergunto se ela pensa em como foi pega nas garras de um assassino que é tão mortal quanto ela.

— Você está tremendo, passarinho.

Em um movimento rápido, eu a deixo ir e me elevo sobre ela. Meu pau implora por alívio enquanto observo suas bochechas coradas, sua respiração rápida. Seus dedos roçam seu pescoço, um leve traço de movimento em sua pele rosada, como se ela sentisse falta do meu toque.

Quando seus olhos encontram os meus, dou-lhe um sorriso sombrio, cheio de confiança. Cheio de promessas. — Talvez você devesse começar a praticar sua mendicância, amor. Caso contrário, talvez não traga uma bebida para você.

O suspiro exalado de Sloane é respondido pela minha piscadela antes de me virar e me afastar. É difícil não olhar para trás. Sloane corada e nervosa pode ser minha versão favorita dela ainda.

É claro que olho para trás, porque não consigo evitar. Apenas um olhar. Um sorriso malicioso que jogo por cima do ombro e queimo a imagem de seu desejo indisfarçado em minha memória.

Quando chego à cozinha, aproveito o tempo para vasculhar as opções de bebidas, optando pela garrafa de bourbon Weller Antique Reserve, não porque seja o que eu realmente quero, mas porque é a garrafa de bebida alcoólica mais cara da casa e aquele merdinha, Fionn, merece ter sua bebida cara roubada após o fiasco do apelido. Rose está sentada à mesa de jantar, as luzes apagadas e uma fileira de cartas à sua frente.

— Eu não pensei que você fosse do tipo Paciência. — digo enquanto coloco os copos no balcão e sirvo a primeira bebida. Seu olhar para mim é fugaz.

— Tarot.

— Claramente — eu digo categoricamente. Seu olhar se volta para mim novamente, um leve sorriso aparecendo em um canto de seus lábios, como se pedisse desculpas por ter perdido a piada com seu foco distraído.

— Quer uma leitura?

— Passe difícil⁷. Não gosto de tentar fantasmas ou algo assim. Não preciso de mais azar.

Rose encolhe os ombros e vira uma carta do seu baralho. — Como quiser.

Ela examina as cartas. Uma ruga se aprofunda entre suas sobrancelhas enquanto seus olhos mudam de uma para a outra. Outra carta com orelhas é virada, seu silêncio prolongado com sua avaliação de seu significado oculto.

— Então... — eu digo, ela não olha para cima enquanto vira outra carta. — Você vai ficar com meu irmão? Há quanto tempo vocês dois estão namorando?

— Não estamos.

— Achei que você tivesse dito...

— ...que 'talvez eu seja a garota dele?' — Rose não olha para cima enquanto ela bufa uma risada. — Sim, 'Homem-cara' também não parecia muito sólido. Sem ofensa.

Olho para onde Sloane está sentada na sala de estar com o ombro esquerdo caído, o foco no telefone equilibrado no joelho direito. — Nada levado — murmuro.

— Há quanto tempo você está... — seus olhos se desviam das cartas e vagam por mim, e então — Ansiando...?

Minha mão arrasta pelo meu rosto enquanto eu gemo. Algo me diz que não há besteira, Rose. — Muito tempo.

Rose olha para suas cartas e balança a cabeça sabiamente. — Sim. Pensei que muito. Bem, de nada, nesse caso.

— Para quê?

— Minha presença fortuita nesta residência encantadora. — diz ela, passando a mão em direção à área de estar. — Fionn tem o quarto principal. Eu tenho o primeiro quarto de hóspedes. Isso significa que você, meu amigo, pode dividir a cama com sua garota ali.

Uma explosão de excitação e nervosismo inunda as câmaras do meu coração. Passo a mão pelo cabelo e olho para Sloane enquanto ela folheia o telefone. Não tenho certeza se ela vai querer isso. Ou se devo ficar no sofá. Ou se posso me obrigar a ficar no sofá. Ou talvez eu devesse apenas dormir no chão. Mas também não sou nenhum santo, então não vou fazer isso de jeito nenhum.

— Foda-se — eu sussurro.

Rose bufa. — Exatamente. Dispare seu tiro, mano.

Balanço a cabeça e solto uma risada para a pequena diabinha, mas sua atenção é absorvida pelas cartas espalhadas diante dela em forma de cruz à esquerda, uma linha à direita. Sua cabeça se inclina. Sua testa franze. Seus dedos dançam sobre a fileira de imagens, cujo significado não é familiar para mim. — Então, você a colocou nessa situação de ombro fodido e cara de bota?

— Eu... eu acho. Sim.

— Algum tipo de... jogo... deu errado?

A garrafa quase escorrega da minha mão. Coloco-a ao lado dos copos e dou um passo em direção à mesa. — O quê?

— Um jogo — ela repete sem erguer os olhos. Ela aponta para um carta de um homem usando uma coroa de flores e andando a cavalo, outra coroa circundando o mastro em suas mãos. Seu olhar percorre as cartas restantes. — Um jogo de vida ou morte. Há sofrimento. Segredos e enganos. Ilusões. — diz ela, com a voz grave enquanto o polegar toca a borda de uma carta cujo título na parte inferior diz — A Lua.

— Pensei que tivesse desistido da leitura — digo com uma voz cautelosa que é pouco mais que um sussurro.

— Você fez. As cartas discordaram. — Rose dá de ombros. — Elas fazem isso.

Encontro-me no extremo oposto da mesa, meus olhos se fundem com Rose enquanto ela bate um dedo ao lado da carta do topo da fileira à direita, um tique metronômico do tempo.

— A Torre — ela diz. Seu dedo repousa sobre o relâmpago dourado desbotado que atinge uma torre de pedra. — Destruição. Ou libertação. O que isso significa pra você?

Seus olhos estão quase pretos na penumbra quando pousam em mim. Minha mente está girando, minha única resposta é balançar a

cabeça.

— Uma torre de pedra. — diz ela, sem desviar o olhar de mim enquanto bate uma vez na carta. — Deve ser forte. Mas construído sobre uma base instável, basta um raio para derrubá-lo. Caos. Mudança. Dor. E quando o seu mundo desmorona ao seu redor, a verdade é revelada.

— E o que... você acha que o que aconteceu com ela foi o raio?

Rose desvia o olhar para Sloane, uma carranca pensativa passando por sua expressão antes de voltar sua atenção para mim. — Não sei. Talvez seja. Ou talvez essa situação ainda esteja por vir.

E embora seu olhar se desvie quando Fionn entra pela porta, as palavras de Rose permanecem como ganchos farpados presos profundamente em meus pensamentos. Eles se recusam a me deixar ir.

Eu faço apresentações. Faço o trabalho de explicar o que aconteceu, respondendo a todas as perguntas do meu irmão enquanto ele examina o ombro de Sloane. Não ficamos em casa, em vinte minutos, estou reunindo-a para levá-la ao consultório de Fionn. Mas quando olho para Sloane, são as dúvidas de Rose que ainda permanecem. Talvez elas sempre estivessem lá.

Eu realmente a libertei?

Ou serei a destruição dela?

CAPÍTULO DEZESSEIS

REVELAÇÕES QUEBRADAS



Minha cabeça repousa no colo de Lark enquanto seus dedos passam pelo meu cabelo. Ela balança no ritmo da melodia de sua voz instável. *'Ninguém aqui pode me amar ou me entender...'* ela canta. Sua voz diminui para um zumbido trêmulo.

Eu sei que fiz algo que nunca poderei voltar atrás. Algo que eu nunca iria querer, mesmo que a maioria das pessoas se arrependesse. Mas eu não. Eu me sinto aliviada. Finalmente abri o portão onde um monstro estava chacoalhando as barras do outro lado, implorando para ser libertado. Agora que acabou, não há como fechar novamente.

E eu não quero.

— Meus pais vão consertar isso. — Lark sussurra enquanto dá um beijo em meu cabelo. — Vou contar a eles o que você fez por mim. Eles nos ajudarão. Você pode voltar para casa comigo.

Minhas mãos estão molhadas. Pegajosas. Eu as levanto em um raio de luar que entra pela janela. Elas estão cobertas de sangue carmesim.

Quando abaixo as mãos, vejo o corpo no chão. O Diretor Artístico do Ashborne Collegiate Institute.

E meu único desejo é que ele ressuscite da vida após a morte para que eu possa fazer tudo de novo.

— *'Chegarei tarde esta noite...'* — Lark canta — *'Blackbird, tchau, tchau.'*

— Blackbird — diz uma voz diferente, mas familiar. Eu saio da

escuridão da memória e dos sonhos que nunca desaparecem. Quando abro os olhos, Rowan está lá, sentado na beira da cama. Sua mão tira o cabelo do meu rosto. — Apenas um pesadelo.

Pisco e observo meu ambiente desconhecido. A luz sai do banheiro privativo para iluminar uma parte do quarto, decorado em tons de cinza profundo e branco e toques de amarelo que perdem seu brilho alegre na sombra. Momentos voltam para mim da névoa de analgésicos fortes. Memórias de agonia enquanto Fionn girava meu braço. A dor nos olhos de Rowan enquanto ele segurava minha mão e me lembrava de respirar. O alívio do osso deslizando de volta ao lugar. A maneira como Rowan descansou a cabeça perto da minha quando tudo acabou, como se cada momento tivesse aberto um corte profundo em seu coração. Quando ele se levantou e olhou para mim, havia angústia e arrependimento em seus olhos, eu não sabia qual era pior.

E mesmo agora, eles ainda permanecem em seus olhos.

— Que horas são? — Eu pergunto enquanto me sento um pouco com um gemido. Meu ombro dói, mas há certo conforto em ter meu braço amarrado ao corpo na tipoia.

— Onze e meia.

— Eu me sinto nojenta — digo enquanto olho para minhas leggings e para a camisa de flanela de botões com a qual dormi nas últimas horas. Não tomo banho há mais de um dia, desde a manhã na casa dos horrores de Harvey. É como se ele me assombrasse através da película que cobre minha pele.

— Vamos. — Rowan oferece a mão para me ajudar a sentar. — Vou preparar um banho para você. Pode ajudar um pouco na dor.

Ele me deixa na beira da cama e se dirige para a faixa de luz, como se soubesse que preciso de um minuto para me orientar. Ouço a torneira ranger, a água correndo para dentro da banheira. Por um longo momento, fico no quarto mal iluminado até vencer minha inércia e me juntar a Rowan no banheiro.

Não digo nada enquanto paro na penteadeira para olhar meu reflexo e tento conter as lágrimas, apesar da dor em meus olhos e do nó na garganta. Contusões roxas profundas seguem a curva dos meus olhos, a marca da bota de Harvey Mead ainda mais vibrante na minha pele do que quando a vi pela primeira vez no carro. Sangue seco ainda contorna as bordas das minhas narinas. Meu nariz está dolorido e inchado. Felizmente, porém, ainda está no lugar certo. O que é bom,

porque já pareço um lixo em chamas e não preciso de um nariz quebrado para aumentar o show de merda atual.

— Pronto — diz Rowan enquanto desliga a água do banho. Quando não respondo, ele se aproxima, seu reflexo parando na periférica. Não tiro os olhos do meu rosto arruinado. — Vou pedir para Rose ajudar você.

— Não — eu sussurro. Lágrimas se acumulam na linha dos meus cílios, apesar do meu melhor esforço para mantê-las sob controle. — Você.

Rowan não se move por um momento que parece esticado. Quando ele se aproxima, ele para atrás de mim, o peso do seu olhar tão pesado no meu reflexo que posso senti-lo através do vidro. — Linda.

Uma risada incrédula que mais parece um soluço escapa dos meus lábios. — Estou uma merda — digo enquanto a primeira lágrima cai. Eu sei que não deveria me importar tanto quanto me importo. É apenas temporário. Em algumas semanas, isso não passará de uma lembrança, provavelmente até engraçada. Mas o problema é que eu me importo, não importa o quanto eu tente não o fazer. Talvez eu esteja apenas cansada da dor, do estresse e das horas na estrada. Ou talvez seja apenas difícil ver que a minha vulnerabilidade não está apenas presa no interior. É olhar para o mundo em cores. Está olhando para *ele*.

— Você é linda para mim. — diz Rowan. Ele chega por trás de mim para afastar a lágrima da minha pele com o polegar. A próxima passagem de sua carícia segue o hematoma sob meu olho. — Essa cor aí, quantas coisas você consegue pensar que são dessa cor? Isso é raro.

Ele roça meu hematoma novamente, seu toque é tão suave que não sinto dor. Meu lábio treme no espelho. Mais lágrimas brotam dos meus olhos. — Berinjela — eu digo, minha voz trêmula. — É o pior vegetal.

A risada bufante de Rowan aquece meu pescoço e envia uma corrente pela minha pele. — Não é. O aipo é o pior vegetal.

— Mas a berinjela é mole.

— Não quando eu faço. Prometo que você iria gostar.

— Eu tenho cara de berinjela. Isso é basicamente uma cara de idiota. Uma cara de pau mole com o logotipo da Carhartt.

Rowan afasta o cabelo do meu ombro e dá um beijo suave na

minha bochecha. Não preciso ver seu reflexo para sentir seu sorriso enquanto seus lábios permanecem na minha pele. — Isso não está surtindo o efeito pretendido. Deixe-me tentar de novo. — diz ele, com diversão quente em sua voz. Seu outro braço me envolve para soltar a primeira das duas fivelas da minha tipoia. Meu estremecimento de dor é recebido com outro beijo. — Essa cor não me lembra de berinjela, pelo que vale. Isso me lembra de amoras. A melhor fruta, se você me perguntar. Isso me lembra dos lírios. Eles têm o melhor perfume de qualquer flor. Isso me lembra da noite, pouco antes do amanhecer. A melhor hora do dia. — A outra fivela se solta e fecho os olhos por causa da dor enquanto Rowan tira a tipoia do meu braço.

— Mas...

— Você é tudo de melhor para mim, Sloane. Não importa quantos hematomas haja no seu coração ou na sua pele.

Quando abro os olhos, não são minhas marcas que vejo. Não é o inchaço, nem os arranhões, nem o sangue. É Rowan, seus olhos azul-marinho fundidos com os meus, seu braço preso em minha cintura enquanto sua outra mão traça padrões lentos em minha pele.

Coloco minha mão boa sobre a dele e envolvo meus dedos em seus dedos, onde as cicatrizes cruzam os ossos. Então levanto sua mão, cada nuance de sua expressão absorvida pelo meu olhar atento. Guio seus dedos até o botão de cima da minha camisa e deixo minha mão descansar no músculo tenso de seu antebraço.

Nenhuma palavra é compartilhada entre nós. Apenas a conexão dos nossos olhos no espelho, que não vacila.

Rowan libera o primeiro botão. O segundo. O terceiro. O quarto está na parte inferior do meu esterno. O quinto revela meu abdômen superior. O sexto, a barra de joias no meu umbigo. Ainda assim, ele mantém meus olhos enquanto libera o sétimo e o oitavo botões. Um pedaço de pele no centro do meu corpo brilha na luz que nos banha acima do espelho.

Meu pulso acelera. Eu poderia ver isso em meu pescoço se estivesse disposta a desviar o olhar. Mas eu não estou. Continuo segurando enquanto os dedos de Rowan se enrolam em uma das pontas da minha camisa.

Ele a abre, expondo meu seio ao ar quente. Então ele faz o mesmo com o outro lado. E ainda assim nossos olhares permanecem travados. Só quando eu engulo e levanto as sobrancelhas é que ele finalmente deixa seus olhos caírem sobre o meu corpo.

— Jesus... — ele sussurra. — Sloane...

Minha pele está uma confusão de arranhões e hematomas, todas as marcas mais escuras e mais óbvias do que eram horas atrás. Seu olhar percorre cada centímetro da minha pele exposta como se eu fosse algo precioso, mas danificado, uma revelação quebrada. Pode não ser como ele esperava, mas sei que ele já me imaginou assim antes, nua e vulnerável ao seu olhar, ao seu toque. Assim como eu o imaginei. Mas é diferente sentir isso no silêncio pesado que se estende entre nós. Eu não poderia esperar a maneira como meu sangue correria pela minha carne, ou a maneira como o mundo inteiro encolheria até esse ponto, esse momento no espelho.

O olhar de Rowan repousa em minha garganta, seus olhos azul-marinho quase pretos, suas pupilas consumindo a cor até que apenas uma fina faixa azul permaneça. Ele traça uma linha no centro do meu corpo, sua atenção é tão lenta e deliberada que parece um toque na minha pele. Ele flui pelas cristas do meu esterno. Ele vira para a esquerda e desacelera sobre meu coração. Ele traça o piercing de ouro rosa que circunda meu mamilo pontiagudo. Arrepios sobem em meus braços e eu estremeço quando seu olhar cruza meu peito para o outro lado e o piercing correspondente em meu seio direito.

— Algo chamou sua atenção, garoto bonito? — Eu sussurro.

— Sim. — ele diz, com a voz dolorida. — Deus, sim, Sloane. Tudo em você.

Rowan puxa a camisa pelo meu braço ileso primeiro, depois leva um tempo para tirá-la do meu ombro inchado, seus olhos permanecendo firmes no reflexo do meu corpo. O tecido cai e se acumula aos meus pés. Ele respira fundo antes de engancha os polegares no cós da minha leggings e puxá-la sobre meus quadris. Seus dedos envolvem meu tornozelo para levantar meu pé do azulejo frio e puxar o tecido de uma perna e depois da próxima. Quando ele se ergue atrás de mim, posso ver cada respiração tensa em seu peito, cada batida de seu coração enquanto sua pulsação acelera em seu pescoço.

— Preciso me recompor. — ele murmura, com a voz baixa e áspera, as palavras não dirigidas a mim. Ele estende a mão para mim e eu a pego. — Vamos. Para o banho antes que eu morra.

Arrasto os pés enquanto ele me puxa em direção à nuvem de bolhas brancas brilhando na banheira. — Isso significaria que eu conseguiria uma vitória extra?

— Estou prestes a desistir de todos os jogos, Blackbird. — ele resmunga. — Não acho que precisamos chegar ao extremo de me matar ainda.

Paramos na beira da banheira. Rowan segura minha mão boa enquanto mergulho um dedo do pé na água morna. Quando dou o primeiro passo, olho para cima, esperando encontrá-lo concentrado nos detalhes do meu corpo. Mas ele não está. Seus olhos estão nos meus, há uma ruga entre suas sobrancelhas, como se toda essa experiência fosse insuportável.

— Você está bem? — Pergunto enquanto me equilibro com sua mão e coloco meu outro pé na água para ficar na pequena banheira, meu leve sorriso servindo apenas para aprofundar sua carranca.

— Na verdade não.

— Você está indo bem.

— Eu não deveria estar lhe contando isso?

— Provavelmente.

— Basta entrar, pelo amor de Deus.

— Estou dentro.

Rowan passa a mão livre pelo rosto. — Como você ainda tem energia para me irritar?

— Sempre tenho energia para isso. Seu sofrimento é minha prioridade número um. — Meu sorriso começa brilhante, mas vacila quando o olhar de Rowan muda de mim para o canto do banheiro, como se ele não suportasse manter sua atenção no meu rosto por mais um momento. — O que é? Rowan...?

— Estou sofrendo há quatro anos, Sloane. Estou te implorando aqui. Entre na porra da banheira.

Meus olhos não se desviam de seu perfil enquanto desço lentamente na água. Cada centímetro que eu caio, espero que ele encontre meus olhos, mas ele não o faz, como se de repente não conseguisse. Como se ele tivesse se colocado em uma caixa que não estava lá há pouco.

Eu submerjo até que as bolhas consumam meu peito, apenas meus ombros e a parte superior das costas visíveis acima de seu abraço diáfano enquanto me enrolo para frente e abraço meus joelhos. A longa expiração de Rowan é instável acima de mim. Demora um

momento antes que ele se agache ao meu nível. Meu olhar ainda está fundido com ele, e ele ainda o evita.

Rowan pega uma toalha de rosto que colocou na borda da banheira para saturá-la na água do banho. Ele toma cuidado para não me tocar abaixo da superfície. Ele retira o pano e o desliza sobre meu ombro ileso para limpar a sujeira da minha pele com movimentos lentos, embora eu permaneça perfeitamente imóvel por fora, meus pensamentos se agitam com a força de um furacão.

Engulo em seco, ainda incapaz de desviar o olhar de Rowan. Minha voz soa baixa quando digo: — Quatro anos?

Os olhos de Rowan escurecem, seu foco preso no movimento de sua mão enquanto ele passa o pano pela minha pele. Ele não me toca com a ponta dos dedos, nem uma vez, apesar de repetir o movimento do pano até que a água esfrie. — Você já sabe. Eu te contei na casa de Thorsten.

Meu coração dá um solavanco. Rowan mergulha o pano na nuvem de bolhas e na água, desta vez roçando meu quadril em um toque fugaz que pode ter sido intencional. Antes que eu possa ter certeza, o pano sai da água e desliza pela minha espinha.

— Você... você se lembra disso?

Rowan não responde. Eu não acho que ele vai. Então, quando ele mergulha o pano na água pela terceira vez, agarro seu pulso abaixo da superfície, finalmente, seus olhos encontram os meus.

— Ei — eu digo, minha voz gentil. — Eu estou bem aqui.

— Sloane... — Rowan fecha os olhos e respira fundo, como se esperasse lavar a dor. Quando ele encontra meu olhar, ele parece tão angustiado quanto há pouco. — Se eu tocar em você de novo... — Ele balança a cabeça. — Precisei de tudo em mim apenas para despir você sem te curvar no balcão do banheiro e te foder até você me implorar para parar.

Minhas bochechas ficam vermelhas, mas tento um sorriso arrogante, que só escurece a agonia nos olhos de Rowan. — Não tenho certeza se vejo problema com essa ideia no momento.

— Você está ferida.

— Só meu ombro. E meu rosto. Ok, minhas costelas também estão um pouco doloridas, mas estou bem, de verdade. Riscos do trabalho, certo?

— Eu preciso cuidar de você. É minha culpa você estar assim. O jogo foi ideia idiota minha.

— *Ei*, não obscureça o jogo. É a maior diversão que já tive desde... talvez desde sempre. Desde que me lembro. É a coisa que mais anseio todos os anos — digo, a diversão escapando da minha voz a cada palavra dita enquanto a verdade vem à tona. — Você é a coisa que mais espero, Rowan.

Ele engole em seco, sua expressão é um véu fino sobre qualquer conflito que o esteja consumindo por dentro. Quando ele balança a cabeça, a pontada de lágrimas repentinas e contidas queima meu nariz. Talvez o sofrimento dele não seja o que eu queria, por mais divertido que parecesse há apenas alguns segundos atrás.

— Eu queria brincar — continuo, minha voz ainda segura, embora eu não ache que será por muito tempo. — Eu estava com medo quando começamos, com medo de estar cometendo um grande erro. Mas encontrar alguém que pudesse me entender apesar de todos os pedaços quebrados sob a máscara? Eu precisava disso. Antes de você aparecer, algo estava faltando. *Você*, Rowan. Você estava ausente. Você tornou seguro se sentir visto. É seguro jogar em nossos termos. É seguro se divertir, mesmo que nossa diversão possa não ser a ideia de diversão de todos.

Sua mandíbula se aperta, como se fosse uma luta não pronunciar as próximas palavras. — Esse é o problema, Sloane. Não é seguro. É a coisa mais distante disso. — Quando abro a boca para discutir, Rowan segura meu queixo com a mão para me prender em seu olhar severo. — Quase perdi você. — diz ele, cada palavra pontuada por uma pausa, como se estivesse tentando enfiar cada uma delas na minha cabeça.

— Estou bem aqui — respondo na mesma cadência. Meus dedos se dobram em torno dos dele, guiando sua palma até meu coração para colocá-lo contra a batida crescente. — *Bem aqui*.

— Sloane...

Já estou farta de palavras.

Fecho o espaço entre nós e pressiono meus lábios nos dele. Ele para em estado de choque e eu aperto sua mão onde ainda está úmida e quente em meu peito, minha língua uma exigência contra seus lábios. *Deixe-me entrar*. Percebo neste momento que sempre estive presente, nos pensamentos de Rowan, em seus planos, talvez até em seu coração, e agora me apavora que ele possa me excluir de repente.

Ele me beija de volta, mas parece hesitante, como se ele estivesse tentando me manter afastada mesmo sem querer.

Eu arrasto sua mão pela minha pele. Sua respiração estremece quando paro em meu seio, o piercing em meu mamilo descansando no centro de sua palma. Um gemido conflitante escapa do controle de Rowan. Sua mão pressiona com mais força minha carne. Mas o beijo ainda não é o mesmo que foi no celeiro, não quando parecia que havíamos escapado de um destino para cair em outro melhor.

Então eu movo a mão dele. Eu puxo para o meu esterno. Deslizo pela minha pele. Deixo sua mão deslizar na água, lenta e gentilmente, sobre meu umbigo. Eu sei que ele também gosta desse piercing. Eu podia ver isso em seus olhos quando ele me olhava no espelho.

Nosso beijo termina quando continuo descendo. Sua respiração inunda meus sentidos, o toque de bourbon é um fantasma entre nós. Inalo o cheiro e o prendo em meus pulmões enquanto meu pulso vibra em meus ouvidos.

Pressiono a palma da mão de Rowan no ápice das minhas coxas e a mantenho ali.

Ele suga uma respiração irregular.

— Sloane... isso é...

Minha mão flutua enquanto o deixo explorar. Seus dedos encontram meu clitóris e o piercing triangular ali e eu mordo meu lábio inferior com a explosão de sensação. Ele então desce para os piercings simétricos nos lábios externos, onde as barras de cada lado são cobertas com pequenas bolas de titânio. Quando chega ao piercing do fourchette⁸, ele está quase vibrando de tensão.

— Fora da porra da banheira — ele rosna enquanto agarra meu braço bom e me levanta. Uma onda de água bate na borda da banheira e encharca a barra de sua calça jeans, mas ele parece não notar.

— Mas acabei de entrar, conforme as instruções, devo acrescentar.

— Eu não me importo, porra.

Dou-lhe um sorriso inocente, que me rende um olhar penetrante e acalorado. — Achei que você tivesse dito que precisava cuidar de mim.

— E é *exatamente* isso que vou fazer.

No momento em que meu segundo pé sai da banheira e toca o tapete do banheiro, ele me levanta em seus braços. Ele não me dá toalha, não me envolve em nada além de seu abraço. Gotas grossas de espuma escorrem do meu corpo e caem no chão enquanto molho sua camisa.

Rowan abre a porta com mais força do que o necessário e marcha em direção à cama.

— Mas eu não sou nenhum maldito anjo, Sloane.

Ele me coloca na beira da cama e se afasta. Seu peito pressiona a camisa molhada a cada respiração. Com os braços cruzados, ele olha para mim onde estou sentada, com as pernas cruzadas, meu braço bom segurando o braço machucado contra o meu corpo enquanto a água esfria minha pele.

— Mostre-me. — ele exige.

Minhas sobrelombas sobem enquanto meu coração tenta se lançar contra minhas costelas. — Mostrar para você?

— Você me ouviu. Suba naquela cama, abra as pernas e me mostre.

— Vou molhá-la...

Eu nem sequer digo a última palavra e ele está na minha cara, a apenas um centímetro de distância, com as mãos em cada lado dos meus quadris. — Eu pareço que estou me importando? Você *realmente* acha que eu me importo? — Minha pele formiga como se implorasse por seu carinho, mas tenho certeza que ele sabe disso, pode sentir isso em cada respiração irregular que passa pelos meus lábios. Ele toma cuidado para não me tocar com nada além do fogo queimando em seus olhos. — Eu cansei de contornar isso, Sloane. Eu quero você há quatro anos. E você vai me mostrar o que estou perdendo.

Rowan não se move enquanto descruzo lentamente as pernas e solto meu corpo para me apoiar com a mão direita. Eu deslizo mais para cima na cama e ele se aproxima de mim, seus punhos empurrados na borda do colchão e seus olhos presos aos meus até que ele parece satisfeito por eu ter chegado longe o suficiente. Quando paro no centro da cama, Rowan fica ereto e cruza os braços mais uma vez, com a mandíbula cerrada.

— Abra as pernas, Sloane.

Seus olhos permanecem fundidos aos meus enquanto solto um suspiro instável. Meu calcanhar esquerdo desliza pelo colchão, depois o direito, meus joelhos ainda dobrados e a parte superior do corpo apoiada no colchão com o cotovelo. Os olhos de Rowan ainda não deixaram os meus, embora eu esteja nua para ele, como se ele estivesse se torturando, negando a si mesmo o desejo de olhar para baixo.

— Mais amplo.

O calor surge em meu núcleo enquanto afasto um pouco mais as pernas. Uma dor cresce sob meus ossos, um vazio que implora para ser preenchido. Cada exigência que Rowan faz é combustível, cada palavra é incendiária.

— *Mais amplo*, Sloane. Pare de tentar se esconder de mim porque eu prometo a você agora, não vai funcionar.

Eu engulo. Minhas pernas se abriram a ponto de sentir desconforto.

Um instante de tempo passa antes que o olhar de Rowan se desvincule do meu e viaje pelo meu corpo. Sinto isso em cada centímetro de carne, o peso de seu desejo enquanto ele viaja sobre mim, sua restrição cada vez menor como fogo sob minha pele. Sua atenção se concentra no ápice das minhas coxas enquanto os músculos de seus antebraços ficam tensos.

— O piercing no clitóris. Diga-me.

Ele não olha para cima quando faço uma pausa. Ele apenas espera, observa. — Eu tinha dezoito anos — digo. — Foi meu segundo piercing, depois do umbigo. Doeu, é claro, mas não tanto quanto eu pensava. Depois que curou, ajudou, eu acho. Com orgasmos.

— Você não conseguia ter orgasmo antes?

— Não sei. Eu não tinha a... situação certa... até aquele momento. Mas parecia que isso me deu controle. — Permaneço imóvel enquanto o músculo da mandíbula de Rowan salta. Seus olhos são escuros, encapuzados. Ele sabe o suficiente sobre meu passado para cimentar as lacunas em seu conhecimento com sua própria imaginação. — Os piercings nos lábios que fiz quando tinha vinte anos. Eu gostei da aparência. Eu sei que são pequenos, mas de alguma forma me lembram de uma armadura. Talvez isso não faça sentido.

— Sim. — ele diz enquanto seus olhos se fixam nos meus.

Dou a ele um leve sorriso que desaparece em um piscar de

olhos. — O último, o fourchette, comprei alguns meses antes de conhecer você. Isso só me fez sentir mais confiante. E pensei que um parceiro também poderia gostar.

Os olhos de Rowan são um vazio sem luz, sua voz é profunda e rouca quando ele diz: — Foi isso?

Meu olhar viaja pelo quarto até pousar nas sombras. Não olho para ele quando balanço a cabeça. — Não sei. Não estive com ninguém desde que te conheci.

Essas palavras são recebidas com silêncio. Elas ficam no ar. Elas consomem o oxigênio do quarto. Quando meu olhar sai das sombras, ele colide com o de Rowan e eu vejo, o exato momento em que sua contenção explode.

— Por que não? — ele exige.

Balanço minha cabeça novamente.

— Eu já te disse. *Pare de se esconder*. Não vai funcionar comigo, não mais. Você quer isso? Você me quer? Então *me diga* porra, Sloane. — Os braços de Rowan se desprendem de seu peito. Suas mãos repousam sobre meus joelhos, firmes no tremor em meus ossos para capturar a mudança tectônica que está me destruindo. — Diga-me, porra, para que você saiba quando eu arruinar você para todos os outros homens, é o que você pediu. *Diga-me...*

— Você — eu digo. Cada respiração estremece meus pulmões. — Eu te encontrei. Não quero mais ninguém. Só você. Eu só quero você.

Não há diversão ou alívio em seus olhos, apenas intensidade predatória. Ele olha para mim como um tigre olharia para um cordeiro.

Uma refeição para ser devorada.

O colchão afunda quando ele coloca uma das pernas na cama e depois a outra para se ajoelhar entre minhas panturrilhas abertas.

— Lembre-se do que você acabou de dizer quando achar que não poderá voltar. Porque você vai. Temos quatro malditos anos para compensar. — Rowan afunda entre minhas coxas, as palmas calejadas envolvendo minha carne macia para me manter aberta. Cada expiração aquece a umidade acumulada na minha entrada. Seus olhos ainda prendem os meus ao longo do meu corpo, uma atração gravitacional da qual não consigo escapar. — Escolha uma palavra segura. Faça isso agora.

Eu engulo. *Duro*. — Motosserra.

Ele solta uma risada, uma explosão de calor contra meu núcleo. — Que apropriado, amor. Agora seja uma boa menina e encontre algo em que se agarrar... — ele diz, depois dá uma lambida longa e lenta no meu centro. — ...Porque estou prestes a destruir você.

CAPÍTULO DEZESSETE

BELO DESASTRE



Eu disse a ela que não sou nenhum anjo.

Acho que ela não acreditou em mim.

Mas ela está prestes a descobrir que sou o diabo que ela nunca soube que precisava.

Passo minha língua sobre a barra curva de metal logo abaixo de seu clitóris enquanto meu polegar circunda seus nervos sensíveis com pressão suficiente para deixá-la querendo mais. Sloane se levanta do colchão e respira fundo quando coloco o piercing na boca. O cheiro de sua excitação se mistura com o sabonete persistente em sua pele. Já estou quase louco com a necessidade de afundar em seu calor intenso.

— Rowan — ela sussurra. Minha mão livre desliza por seu corpo para brincar com o coração que envolve seu mamilo pontiagudo. Eu traço as curvas e as bolinhas em cada extremidade da barra antes de dar um puxão suave que provoca um arrepio. Sua capacidade de resposta me faz sorrir, mas sua contenção precisa desaparecer.

— Eu não entendi direito, amor. — Agarro seu clitóris e rolo minha língua pelo botão e pela barra de metal até que um gemido alto finalmente passa por seus lábios. — Assim é melhor. — eu digo quando a deixo livre da minha boca.

— Eles vão nos ouvir — ela sussurra. — Fionn e Rose.

— Bom. Mostraremos a eles como isso é feito. Dê a Fionn algo

em que pensar. Talvez ele se supere e ataque Rose.

Sloane solta uma risada que se torna um grito de prazer quando mergulho minha língua em sua boceta para provar sua excitação doce e quente, deixando-a cobrir meus sentidos e queimar em minha memória. Meus dedos traçam as fileiras simétricas de bolas e barras de titânio que emolduram sua entrada e ela se contorce antes de eu arrastar minha língua por seus lábios e retornar ao seu clitóris para mergulhar um dedo em sua boceta. Seus olhos estão fechados, a cabeça inclinada para trás contra o travesseiro. Sua mão boa segura uma barra de ferro da cabeceira da cama enquanto ela morde o lábio.

Meu dedo se curva para traçar um caminho lento sobre suas paredes internas. Ela se contorce e afunda os dentes na carne. *Isso definitivamente não servirá.* Dou dois tapas suaves em seu seio em rápida sucessão e ela imediatamente solta o lábio para respirar fundo.

— Ainda não consigo ouvir você.

— *Rowan* — ela choraminga.

Sloane se contorce quando dou outro tapinha nela. Sua boceta encharca minha mão enquanto eu bombeio meu dedo em movimentos lentos. — Você queria alguma coisa, Blackbird? Você vai ter que falar.

— Mais — ela diz, mais alto desta vez. — Eu preciso de mais.

Acrescento outro dedo e um gemido mais alto escapa de seus lábios. Mas ela ainda está se segurando. — Você vai ter que fazer melhor do que isso se quiser gozar.

Um arrepio percorre seu corpo quando sopro uma fina corrente de ar sobre sua carne exposta.

— Por favor, Rowan. *Por favor* — ela murmura.

— Vou te dizer uma coisa — eu digo. Ela encontra meu olhar esperançoso, seus olhos cobertos de luxúria. — Já que você pediu tão gentilmente, vou te dar este e deixar você gozar. Mas é melhor você encontrar sua voz rápido, passarinho. Porque apenas começamos, e continuarei assim pelo tempo que for necessário, até ter certeza de que você não está se escondendo de mim. No final disso, você gritará. Isso é uma maldita promessa.

Um gemido tenso se liberta do peito de Sloane.

Deslizo meu braço livre sob seus quadris e levanto sua bunda do colchão.

E então eu a devoro.

Eu bombeio meus dedos e os enrolo para acariciar a carne mais sensível de seu canal. Minha língua dança sobre seu clitóris até que eu pego seu piercing entre meus lábios e dou um puxão suave. Ela resiste, geme e choraminga, mas Sloane não vai a lugar nenhum, a não ser direto ao limite. E eu a mantenho onde quero, pelo tempo que eu quiser. Enfio meus dedos profundamente e os mantenho firmes, negando a ela o orgasmo crescendo em seu núcleo.

— Mais uma coisa, amor — eu digo enquanto ela solta um gemido petulante. — Mantenha seus olhos em mim.

As pupilas dilatadas de Sloane fixam-se no meu rosto e eu sorrio.

— Uma garota tão boa.

Sem piscar, eu chupo seu clitóris em minha boca, pressiono meus lábios em sua carne, pressiono-a para empurrá-la mais perto de se desfazer. Ela grita e aperta com mais força a barra de ferro da cabeceira da cama. Sua boceta aperta meus dedos e eu sorrio contra seu clitóris.

Eu a deixei ir novamente.

— Ah, e outra coisa...

— *Rowan* — ela rosna, eu dou uma risada sombria contra sua pele. Meus olhos prendem os dela enquanto eu passo minha língua com movimentos lânguidos contra o piercing triangular, provocando nela um arrepio de necessidade. — Pelo amor de Deus, por favor, deixe-me gozar. Chega de 'outras coisas'. Não pare mais.

— *Não pare mais* — repito. O brilho diabólico em meus olhos é recebido por um lampejo de cautela nos dela. — Como desejar, Blackbird. Farei questão de *não parar*, conforme solicitado.

Pela última vez, fecho minha boca em torno dela, lambendo, chupando e mordiscando até que ela se contorça em minhas mãos, sua excitação espalhada por meu rosto e pela parte interna de suas coxas. Sua boceta pulsa em meus dedos e ela se desfaz com um gemido estrangulado, com as costas curvadas pelos lençóis úmidos. Mantenho a pressão até ter certeza de que cada segundo de seu prazer foi gasto, até que ela fique sem ossos e sem fôlego.

Deslizo meu braço por baixo dela para colocar a palma da mão na pele macia de sua barriga enquanto retiro meus dedos de sua boceta e fico de joelhos. Talvez ela ainda não perceba quanto tempo

ficará à minha mercê inexistente, mas pelo menos ela sabe que ainda não terminei.

Eu me agito sobre ela. Seus olhos permanecem fixos em mim enquanto passo a ponta do meu dedo brilhante sobre seus lábios.

— Abra — eu ordeno. Ela o faz, com a língua pressionada contra o lábio inferior, esperando. Coloco meus dedos no calor escorregadio e ela fecha os lábios em torno deles, me levando direto para algo que já imaginei muitas vezes: a fantasia de sua boca quente e molhada em volta do meu pau. — Chupe isso.

Os olhos de Sloane se fecham com um gemido que vibra em meus dedos enquanto ela puxa com força a carne. Sua língua gira sobre minha pele. Um arrepio me percorre e seus olhos se abrem, estreitando-se em mim, um sorriso sutil enchendo suas bochechas.

— Você sabe o que faz comigo, não é? Você quer me torturar tanto quanto eu — digo enquanto puxo meus dedos livres contra a sucção de sua boca.

— Talvez — ela respira.

— Este é um jogo que você não vai ganhar, Blackbird. — Dou a ela um sorriso sombrio enquanto saio da cama.

Com uma mão atrás dos ombros, tiro minha camisa, jogando-a no chão. Os olhos de Sloane percorrem meu corpo para me observar. E eu deixo. Eu agradeço isso. Ela gosta de me lembrar de não deixar minha beleza subir à cabeça, mas sei o que sou e que efeito posso causar. Sou músculos e cicatrizes misturados com escritas e redemoinhos de tinta preta. Da mesma forma que olho para ela e encontro beleza nas marcas que são apenas temporárias, ela olha para mim e sei que sente o mesmo. Há arte em nossas cicatrizes. Há uma maravilha na maneira como podemos curar.

— Algo chamou sua atenção, linda?

A coluna de sua garganta muda enquanto ela engole. Seu olhar arrasta seu corpo para colidir com o meu. — Sim. Todo você.

— Oh, que bom. — eu digo enquanto desabotoo meu cinto e abro o zíper da minha calça jeans para puxá-la junto com minha cueca para baixo, liberando minha ereção. Seus olhos caem para meu pau enquanto eu envolvo minha palma em torno dele para passar minha mão sobre meu comprimento em um golpe lento. Ela lambe os lábios. Posso ver sua pulsação acelerada em seu pescoço, mesmo na penumbra. — Não gostaria que você ficasse desapontada.

Sloane dá uma risada incrédula. — Impossível. — E então ela encontra meus olhos, sua expressão séria. — Você é lindo, Rowan.

Desta vez, é a minha vez de corar.

Tenho certeza que ela vê isso. Está na maneira como seu sorriso gentil brilha e desaparece. Mas se ela pensa que um sorriso e elogios devem tornar as coisas doces, não vai funcionar.

Envolvo a mão em seu tornozelo e a abro mais para mim enquanto subo de volta na cama. — Você está tomando anticoncepcional?

— Sim — ela responde enquanto um rubor profundo percorre seu peito. — Eu tenho um DIU.

— Bom. — Eu coloco a cabeça do meu pau em sua entrada e rolo através do piercing do fourchette. *Maldito inferno*. Ela vai se sentir no paraíso, como eu sempre soube que ela faria. — Porque eu vou te encher até que você transborde com meu esperma.

Meus olhos se fecham enquanto corro a coroa da minha ereção sobre seus piercings nos lábios, subindo de um lado e descendo do outro. Uma respiração profunda e instável enche meus pulmões enquanto me nego por mais um momento. Quero saborear a antecipação.

A mão de Sloane encontra meu pulso e suas unhas cravam em minha pele. Quando abro os olhos, encontro o desespero olhando para mim. Ela não quer isso tanto quanto eu. Ela precisa disso. — Foda-me, Rowan, por favor. Destrua-me.

Minha restrição se quebra.

— Então olhe para baixo. Veja como você me aceita bem.

Eu empurro seu calor apertado, apenas o suficiente para que a coroa seja envolvida por seu calor. Ela observa exatamente como eu exigi, a respiração saindo de seus pulmões. Um gemido passa por seus lábios quando permaneço imóvel, toda a minha atenção voltada para a forma como seu corpo se ajusta ao meu, os piercings brilhando tão lindamente na penumbra.

Deslizo meu pau um pouco mais fundo e depois recuo apenas um centímetro, sua boceta apertada em volta de mim. — Maldição, Sloane. Veja como sua boceta está desesperada para ser arruinada. Tão apertada que não quer me deixar ir.

A cada impulso superficial, empurro mais fundo, parando

sempre que Sloane tenta jogar a cabeça para trás e gemer. Eu quero que ela assista. Para nunca esquecer esse momento. Então eu espero. Sempre que ela tenta desviar o olhar, sempre que o prazer a afasta de mim, espero até que seu foco esteja de volta exatamente onde eu quero. Em mim. Em nós. E quando ela finalmente fica presa onde nossos corpos estão unidos, eu abro mais suas pernas e empurro mais fundo até finalmente chegar ao fundo, meus quadris encostados em sua carne.

Eu fico lá, minhas mãos presas em sua cintura, meu olhar passando de onde estou enterrado profundamente em sua boceta até seu lindo e machucado corpo. Meu foco pousa em seu rosto e absorvo cada mudança em sua expressão enquanto puxo até a ponta da minha ereção para empurrar até a base. O gemido de resposta de Sloane é alto e desesperado. Ela agarra a cabeceira da cama e eu faço isso de novo. Desta vez ela fala mais alto ainda.

— Essa é minha garota. — eu digo, encontrando seu olhar escuro e encapuzado com um sorriso libertino enquanto me inclino para frente. Minha mão envolve sua garganta. — Fale tão alto quanto você quiser. Toda a maldita vizinhança podia ouvir você e eu não daria à mínima.

Eu bato nela com golpes longos e poderosos, meu pau rolando sobre aquele piercing a cada passada, me deixando selvagem de desejo. Estou inundado com ela. Seu cheiro e seus gemidos roucos. Seu pulso surge na palma da minha mão. A visão de seu corpo debaixo do meu. A sensação da sua boceta agarrada ao meu pau. Ela está em toda parte, em cada gota do meu sangue, em cada centelha de pensamento, eu quero destruí-la por isso. Para quebrá-la assim como ela me quebrou. Porque ela me deixa de joelhos. Quero arruiná-la para que ela seja minha, meu lindo desastre. Minha criatura selvagem. Minha deusa do caos.

E eu fodo com ela como se fosse exatamente isso que vou fazer.

Eu me apaixonei por ela. Duro. Profundo. Implacável e impiedoso. Ela se esforça contra meu aperto em torno de sua garganta, veias salientes em linhas em seu pescoço. Eu digo a ela todas as maneiras que vou levá-la. Na boca dela. Em sua boceta perfeita. Em sua bunda apertada. Vou preenchê-la até estar dentro dela. Assim como ela está em todo lugar em mim.

E ela adora isso.

Sua excitação perfuma o ar. Ela implora por mais. Ela me implora para não parar. E eu não paro, nem por um único segundo. Eu

aperto firmemente sua garganta com uma mão, pressiono meus dedos em seu clitóris com a outra e bato nela, repetidamente, até que ela grita meu nome e aperta minha ereção enquanto ela se desfaz. E eu estou bem atrás dela. Uma corrente elétrica percorre minha espinha e minhas bolas se apertam e estou derramando dentro dela, tremendo, meu coração é uma profusão de tambores ensurdecedores em meus ouvidos. Eu empurro o mais fundo que ela pode me levar e aprecio a vibração de sua boceta enquanto ela ordenha cada gota de esperma.

Quero ficar enterrado aqui, reuni-la e pressionar o corpo molhado de suor de Sloane contra o meu enquanto adormeço com sua boceta enrolada em meu pau.

E eu vou.

Mais tarde.

Eu puxo lentamente, centímetro por centímetro, fascinado pela visão de nossa excitação brilhante enquanto cobre meu pau. O braço de Sloane está pendurado sobre seus olhos enquanto ela tenta recuperar o fôlego. É adorável, realmente. Ela provavelmente já pensa que eu a destruí.

Ela está errada.

Eu me inclino e selo minha boca sobre sua boceta. Meus dedos trabalham em seu clitóris inchado. Sou recompensado com um grito chocado de meu nome enquanto mergulho minha língua em seu canal pulsante.

— *Rowan...*

Seus músculos se contraem e nosso esperma inunda minha boca. Eu sorrio contra sua carne enquanto coloco nossos gastos na minha língua.

Então eu rondo o comprimento de seu corpo.

Os olhos castanhos de Sloane brilham, os hematomas realçando os tons verdes em suas íris enquanto dançam entre os meus. Acho que finalmente a compreensão está se estabelecendo. Isso não está nem perto do fim.

Está apenas começando.

Meu peso repousa sobre meus antebraços enquanto paio sobre ela. Eu bato um dedo em seus lábios.

Toque, toque, toque. Escancorar.

Os lábios de Sloane se abrem. Cuspi o esperma na sua boca aberta.

— Engula.

Ela o faz, seus olhos não deixando os meus, não até que eu esmague meus lábios nos dela.

Esse beijo é cru. Não há mais barreira entre nós agora. É Sloane reduzida a pouco mais que desejo carnal. É assim que me senti tantas vezes quando estive com ela. Como se eu fosse feito de nada mais do que uma necessidade desesperada. Nossos dentes se chocam. Ela morde meu lábio inferior e um cheiro forte de ferro se transforma em sabores doces e salgados.

— Você sente o gosto disso, Blackbird? — Pergunto quando me afasto o suficiente para ocupar todo o espaço em seu campo de visão.

— Sim. — ela sussurra.

— Sabe o que isso é?

Ela tem o bom senso de balançar a cabeça. Eu sorrio.

— Uma entrada. E agora é hora da porra de um banquete.

Deslizo de volta por seu corpo para me acomodar entre suas coxas trêmulas enquanto passo a mão por baixo de suas costas para levantar sua boceta até minha boca.

E tal como prometi, antes que a noite acabe, ela grita.

CAPÍTULO DEZOITO

DETONAR



Não consigo dormir, embora minha mente esteja mais relaxada do que nunca e meu corpo esteja exausto.

Pode ter algo a ver com o pau enterrado na minha boceta.

Acho que *poderia* adormecer assim, envolta nos braços de Rowan. Nunca houve um lugar mais seguro. E adoro a ideia de adormecer assim, ainda ligados de uma forma que não quero estar com mais ninguém.

Mas não posso. Porque apesar de estar cansada, eu o quero.

Ele liberou algo em mim, abrindo-me para revelar camadas por baixo que eu não sabia que existiam. Não é como se eu nunca tivesse feito sexo bom antes, mas nada nem perto do que foi com Rowan. Ele recebe de uma forma que é generosa. Ele parece saber exatamente quando empurrar e até onde. E no final, é fervoroso. Desinibido.

E eu já quero isso de novo, mesmo que nossos anfitriões provavelmente nos odeiem por isso.

Toda vez que penso em enfrentar Rose e Fionn amanhã de manhã, meu rosto queima. Estávamos tão barulhentos. Nós *dois*. Gritei o nome de Rowan mais de uma vez. Ele rugiu quando gozou em minha boca, meu cabelo enrolado em seu punho.

Quando eu finalmente implorei para ele parar de me fazer gozar, ele juntou meu corpo manco e gasto em seus braços, empilhou travesseiros em volta do meu braço machucado e depois deslizou de

volta para minha boceta ao som do meu suspiro. Senti o sorriso em seus lábios contra meu pescoço quando sussurrei uma maldição incrédula.

— Vá dormir, Blackbird. — ele disse, depois deu um beijo em meu pescoço antes de deitar a cabeça no travesseiro. — Ou não, depende de você. Mas vou dormir como uma pedra com meu pau enterrado profundamente em sua boceta perfeita.

Como diabos eu deveria dormir depois que ele disse isso?

E agora aqui estou, desesperada por movimento, por fricção, não querendo acordar o homem cujo pau está profundamente na minha boceta.

— Jesus — eu sussurro.

A princípio pensei que ele iria amolecer e escorregar, mas isso não aconteceu. Não tenho certeza de quanto tempo se passou, talvez vinte minutos, mas parece uma maldita eternidade. Se eu pudesse apenas me *mover*, obter algum alívio dessa necessidade dolorosa entre minhas coxas...

Vou ficar acordada a noite toda nesse ritmo.

Não. Isso será uma tortura. O que ele provavelmente adoraria.

Uma lufada de ar fina e determinada passa pelos meus lábios.

Passo meu braço esquerdo pelo ninho de travesseiros até conseguir pressionar meus dedos no clitóris com um suspiro de alívio. Meu ombro está dolorido demais para se mover facilmente, mas não precisa ser perfeito, não com o pau de Rowan enchendo minha boceta. Já estou na metade do caminho, só preciso de um pouco de pressão.

Começo a girar meus dedos sobre o feixe sensível de nervos, rolando meu toque sobre meu piercing enquanto mordo meu lábio inferior. Um gemido implora para escapar. A umidade escorrega em meus dedos. Enquanto me toco, penso em todas as fantasias de Rowan que ele sussurrou enquanto me fodia... sobre me levar para um lugar público, sobre me espalhar em uma mesa do restaurante e me devorar, sobre usar meu brinquedo na minha boceta enquanto ele enche minha bunda com porra.

Um pequeno gemido escapa dos meus lábios.

Eu vou ainda. Seguro meu folego. Nada muda no aperto de Rowan ou na cadência de suas exalações. Nenhuma indicação de que eu o perturbei.

Quando tenho certeza de que nada mudou, retomo os círculos lentos.

— Sloane.

Fico completamente imóvel, com a respiração presa em meus pulmões, meus dedos ainda pressionados contra meu clitóris e piercing.

— Você parece estar tramando alguma coisa. Quer me contar sobre isso?

— Hum...

Rowan se apoia em um cotovelo para poder olhar para o lado do meu rosto. — Achei que tínhamos conversado sobre nos esconder. — Ele tira o outro braço de onde está na minha cintura e coloca a palma da mão no meu cotovelo. Eu tremo quando seus lábios roçam a concha da minha orelha. Não preciso vê-lo para saber que seu rosto está iluminado com aquele sorriso provocador, aquele que ele usa tantas vezes quando estamos juntos. Ele está sempre tentando me irritar. Assim como agora. Este provavelmente era o plano dele o tempo todo.

Eu bufo, descontente.

Ele ri. — Eu tenho algumas ideias. Deixe-me apresentar minhas teorias.

Sua palma desliza pelo meu antebraço, pelo meu pulso, envolvendo minha mão. Ele pressiona meus dedos com mais força contra meu clitóris e eu aperto meus olhos fechados enquanto uma explosão de sensação me domina.

— Acho que você não conseguiu dormir. Você estava pensando em como era bom ser fodida do jeito que você merecia. Admito que provavelmente foi um pouco difícil adormecer com meu pau alojado profundamente em sua boceta gananciosa, não foi?

Rowan sai lentamente e desliza de volta até que seus quadris estejam alinhados com minha bunda. Já estou tremendo. Ele faz isso de novo e depois morde o lóbulo da minha orelha, não com força suficiente para machucar, mas com força suficiente para me fazer ofegar.

— Acabei de te fazer uma pergunta, amor.

— S-sim. — eu digo, sou recompensada com um beijo e uma pressão mais forte de seus dedos contra meu clitóris latejante. — Não

consegui dormir.

— Isso foi tão difícil?

Balanço a cabeça, mesmo que possa ser mentira. Se ele sabe, ele não me questiona.

— Acho que você não conseguia tirar da cabeça todas as coisas que eu disse que faria com você. Você está se perguntando se eram apenas fantasias ou promessas. E quando você não conseguia parar, todas aquelas ideias que passavam pela sua cabeça viraram necessidade. Você precisa ser fodida, mesmo estando tão cansada. E você precisa saber o que é real.

Ele está na minha cabeça. É assustador e emocionante. Estou sozinha há muito tempo. E agora ele está em cada pensamento como sempre esteve aqui.

Ele estava certo quando disse que não há mais como se esconder dele. Ele não apenas abriu minha jaula, ele a quebrou, e os primeiros suspiros de liberdade queimaram em meus pulmões.

— Sim. — admito, com mais confiança desta vez. — É tudo verdade.

A longa expiração de Rowan percorre meu ombro, causando arrepios na minha pele. Sei, sem perguntar, que ele está aliviado por não precisar arrancar uma resposta minha, que, por mais que eu confie nele meu corpo, confio nele meus pensamentos, esperanças e medos também.

— Fique aqui. — ele exige, pressionando sua mão na minha, em um pedido para continuar.

Ele desliza para fora de mim e o colchão afunda enquanto ele se afasta. Eu me viro o suficiente para poder observar o que ele está fazendo enquanto se dirige para nossa bagagem. É a primeira vez que vejo suas costas, mesmo na penumbra do banheiro posso ver que sua pele está marcada por várias cicatrizes largas e longas, mas há algo mais espalhado por seus ombros.

Meu coração sobe na garganta e ameaça se jogar na cama.

— *Rowan...*

Ele para, virando a cabeça para observar por cima do ombro enquanto eu me sento e olho mais de perto para a tinta preta que flui sobre os músculos grossos que revestem sua coluna. Ele gira o máximo que seu pescoço permite para seguir minha linha de visão, mas só

consegue ver a ponta de uma asa.

— É aquele...? Você fez...?

— Eu tatuei o corvo que você deixou na mesa nas minhas costas? — Seu sorriso é provocador, mas há uma pitada de timidez nele quando ele termina meu pensamento. — Sim. Parece ser o caso.

Engulo o torno que ameaça me sufocar. — Por quê?

Seu sorriso se alarga e ele encolhe os ombros antes de se virar para vasculhar uma das bolsas. *Minha* bolsa.

— Por um lado, eu realmente não poderia levar o original comigo. Poderia ser danificado. — Ele solta um pequeno som de triunfo e me encara. Minha boca ainda está aberta com essa revelação quando vejo o que ele está segurando: meu vibrador em uma mão, meu frasco de lubrificante na outra. — Parece que ainda preciso esclarecer algumas coisas para você.

Rowan ronda em direção à cama. Meu coração ricocheteia nas costelas como um fliperama.

— Vire-se. De joelhos.

Eu engulo. — Você é muito exigente.

Rowan sorri. Dou a ele um último olhar acalorado antes de fazer o que ele diz e virar de costas para ele. — Nem finja que você não está gostando. — ele diz enquanto se aproxima de mim na cama. Ele pega minha mão boa e a dobra em torno de uma das barras transversais da cabeceira da cama, depois posiciona meus quadris onde ele quer, empurrando meus joelhos para mais longe com uma de suas pernas musculosas. — Sua boceta denuncia você. Está pingando para mim, Sloane.

— Você estava certo. Você não é a porra de um anjo.

Ele desliza o brinquedo pelos meus lábios e o pressiona na minha entrada. — Com certeza. E você também não. — Ele o guia para dentro da minha boceta e sai novamente em vários movimentos superficiais antes de ligar a vibração. — Eu disse que ia foder sua boca e o fiz. Eu disse que ia comer sua boceta no restaurante como se fosse a melhor refeição que já comi, e vou comer. E eu disse que ia te encher de esperma enquanto te fodia com um brinquedo. E você sabe o que aconteceu quando eu disse isso?

— Não — eu digo logo após um suspiro enquanto ele trabalha o brinquedo em estocadas mais profundas.

— Sua boceta agarrou meu pau com tanta força que pensei que fosse explodir. Você estava encharcada. Pingando pelas suas coxas. — A tampa da garrafa se abre. O lubrificante escorre pela minha bunda e pelo buraco pregueado. — Você já fez isso antes?

— Mais ou menos... foi o contrário. — Ele pressiona o polegar no meu buraco, massageando a borda enquanto continua o ritmo do brinquedo.

— E você adorou.

Eu aceno novamente. — Sim.

— Bom — é tudo o que ele diz, seu tom definitivo enquanto empurra o polegar na minha bunda ao som do meu suspiro.

Ele afrouxa meu anel tenso de músculos, me relaxa na sensação até que eu o empurro de volta em um pedido silencioso por mais. E então seu polegar desaparece, substituído pela cabeça lubrificada de seu pau enquanto ele desliza sobre o buraco apertado, pressionando-o contra mim até que ele deslize além da resistência. Ele faz uma pausa enquanto eu respiro através da estranha sensação de plenitude e então dá impulsos lentos e superficiais, cada um se aprofundando um pouco mais na vibração do brinquedo.

— Agora que estabelecemos que tudo o que eu te disse é uma porra de uma promessa — ele grita enquanto intensifica o ritmo de suas estocadas — Provavelmente deveríamos esclarecer sua outra pergunta.

Estou tremendo, suando, perdida em alguma dimensão estúpida onde tudo que conheço é a sensação de prazer intenso entrelaçada com uma pitada de desconforto, mas que acolho porque só aumenta a névoa eufórica que me consome. Rowan captou uma cadência ininterrupta de estocadas profundas e acho que nem consigo lembrar meu próprio nome, muito menos algo que disse há alguns minutos. — A pergunta... foi...?

Eu ouço o sorriso em sua risada bufada. Jesus fodido Cristo. Sou incapaz de juntar uma frase simples e este homem está me fodendo incansavelmente, ao mesmo tempo que provavelmente é capaz de recitar toda a história ano após ano das Guerras Napoleônicas.

Rowan se aproxima, diminui suas estocadas, cobre minhas costas com o calor de seu corpo. Uma de suas mãos encontra meu seio e ele rola meu mamilo entre os dedos enquanto sopra uma fina corrente de ar frio em meu pescoço para me fazer tremer. — Sobre a

tatuação, Sloane — ele diz, sua voz açucarada. — Você me perguntou por que eu fiz isso.

Eu choramingo quando um impulso profundo me empurra para mais perto de um orgasmo intenso que está quase ao meu alcance. — Certo... uhh...

— Qualquer suposição?

Minha testa pressiona meu braço enquanto solto um grito estrangulado. — ...como eu...?

— Porque eu '*gosto de você*'...? — Rowan dá uma risada incrédula. — *Tipo. Você. Seriamente...? Cristo, Sloane. Você é brilhante, mas também a pessoa mais deliberadamente alheia que já conheci. Você realmente acha que eu gosto de você quando emoldurei um desenho que você deixou para mim em um pedaço de papel que você rasgou de um caderno? Aquele que pendurei na cozinha para poder olhar todos os dias e pensar em você? Você acha que eu gosto de você quando tatuo na minha pele? Eu jogo essa porra de jogo todos os anos e rasgo meu coração vendo você ir embora, apenas para fazer tudo de novo, eu gosto de você? Você acha que eu gosto de você quando te fodo assim?*

O ritmo acelera. A palma quente de Rowan acaricia meu peito. Ele entra em mim. Eu grito seu nome e ele me fode com mais força.

— Eu mataria por você, e eu matei. E faria isso de novo, todos os malditos dias. Eu me viraria do avesso por você. Morreria por você. Eu não *gosto* apenas de você, Sloane, e você sabe disso, porra.

Impulsos violentos me levam ao limite. Estrelas quebram em minha visão. Um som que nunca antes fiz transborda pelos meus lábios enquanto o orgasmo me quebra.

Eu não desfaço. Eu *detono*.

O braço de Rowan envolve minha cintura e ele me segura perto enquanto goza, meu nome entorpecido pelo meu coração enquanto troveja em meus ouvidos.

Sua respiração ainda está irregular, seu peito estremece quando desliga o brinquedo e ele sussurra em meu pescoço: — Eu não apenas '*gosto de você*', entendeu?

Eu concordo.

Os dedos de Rowan traçam meu queixo, suave e lento, um toque que eu faço quando sua palma para e descansa em minha

bochecha. — E você também não *'gosta de mim'*, não é?

Não é uma pergunta. Não é nem uma exigência. É uma necessidade de se libertar de um lugar onde ele pensa que esteve sozinho.

A chave desliza na fechadura enquanto as palavras de Lark ecoam em minha mente acima da agitação dos batimentos cardíacos.

Coloque um pouco dessa coragem para usar em você mesma, para variar.

Todos os e se, eu os deixei de lado. Todos, exceto um.

— Não. — eu sussurro. — Eu mais do que gosto de você, Rowan. Eu penso em você o tempo todo. Sinto sua falta todos os dias. Você apareceu em um momento e nada mais foi o mesmo desde então. E isso me assusta. Bastante.

Rowan dá um beijo em meu ombro enquanto seu polegar desliza pela minha bochecha. — Eu sei.

— Você é mais corajoso do que eu.

— Não, Sloane. — ele diz com uma risada baixa enquanto se afasta. — Sou apenas mais imprudente, com menos senso de autopreservação. Eu também estou com medo.

Observo enquanto ele sai da cama e vai para o banheiro, apenas para voltar com a toalha e os lenços de papel. Ele leva tempo para limpar minha pele com movimentos suaves, sua atenção presa no movimento de sua mão e sua testa franzida enquanto ele parece imerso em pensamentos.

— Do que você está com medo? — Pergunto quando o silêncio se estende tanto que parece que está puxando meus ossos.

Rowan dá de ombros, sem erguer os olhos quando diz: — Não sei. Ter meus olhos sugados da cabeça com um aspirador industrial é um pesadelo recorrente. Não tenho certeza de como consegui isso. — Quando dou um tapa em seu braço, a máscara estoica de Rowan finalmente se transforma em um leve sorriso. Mas desaparece lentamente e ele não responde até que desapareça. — Estou com medo de você me destruir. Eu destruindo você.

Eu solto um suspiro dramático. — Indo direto para a destruição, hein? Não é algo fácil de se ter medo, como o fato de vivermos em estados diferentes, ou de estarmos ambos muito ocupados no trabalho, ou tipo, eu tenho uma amiga e você

aparentemente sai com toda a cidade de Boston. Não. Direto para *destruir*.

Seu sorriso retorna, mas ainda posso ver em seus olhos, como o medo se apega aos seus pensamentos, encontrando caminho nos meus também. — Nada disso é algo intransponível. Nós apenas temos que fazer o que as pessoas normais fazem. Conversar e outras coisas.

— Não temos um bom histórico de coisas de pessoas normais. — Aponto para meu rosto. — Anexo A. Poderíamos ter ido tomar cerveja.

— Então ficaremos bons nisso. Só precisamos praticar.

Parece bastante simples, não é? *Praticar*. Melhora um pouco na maioria dos dias. Um pouco mais forte. É difícil imaginar como passar por esses obstáculos que parecem montanhas quando você está à sua sombra. Mas nunca subirei se ficar parada. E Lark estava certa, tenho estado sozinha nas sombras.

Então continuo me perguntando a mesma coisa: *E se eu tentar?*

Não deixo minha mente vagar em busca de uma resposta. Porque a verdadeira resposta é: *Eu não sei*. Eu realmente nunca tentei e quis dizer isso antes, não assim.

Não responda à pergunta. Apenas tente.

É isso que penso quando olho meu reflexo no espelho do banheiro. É o que penso quando volto para a cama e Rowan me ajuda a vestir uma regata antes de colocar a tipoia de volta. É o que penso quando me deito ao lado dele. Ele me observa abertamente e eu o observo de volta. Suas pálpebras estão pesadas, assim como as minhas, mas ele se recusa a desviar o olhar. E ainda penso, *apenas tente*.

Tiro meu braço direito de baixo de mim e levanto o punho entre nós. — Pedra-Papel-Tesoura.

— Pelo quê?

— Apenas faça isso, garoto bonito.

Ele me dá um sorriso desconfiado e então encontra meu punho com o dele. Ao contar até três, fazemos nossa seleção. Rowan vai com o pedra. Eu vou com uma tesoura.

Já sei que a pedra é escolhida na maioria das vezes nos jogos de pedra-papel-tesoura. Pesquisei depois da primeira vez que conheci Rowan e ele sugeriu isso em caso de desempate. E já sei que Rowan

quase sempre opta pela pedra.

— O que acabei de ganhar? — ele diz.

— Você pode me perguntar qualquer coisa e eu responderei honestamente.

Seus olhos brilham na penumbra. — Realmente?

— Sim. Prossiga. Qualquer coisa.

Rowan morde o lábio enquanto delibera. Ele leva um longo momento para resolver uma questão. — Você ia embora quando estávamos na Virgínia Ocidental e eu matei Francis. Por que você não fez isso?

A imagem de Rowan ajoelhado na estrada surge na minha mente. Já pensei tantas vezes nisso, na forma como ele desferiu golpes implacáveis no homem dominado pela sua loucura. Eu observei das sombras, quando Rowan diminuiu a velocidade e parou, recuei. Partir era à coisa mais inteligente a fazer. Ele estava claramente desequilibrado. Perigoso. Ele me agarrou pela garganta momentos antes, mesmo que eu estivesse com medo, ainda confiava nele. Parte de mim sabia que ele me empurrou para longe de Francis e do carro para me esconder nas sombras. E quando tudo acabou, minha mente gritou para eu correr, mas meu coração viu um homem destruído na estrada, lutando para se encontrar na névoa da raiva.

E a primeira palavra que passou por seus lábios foi meu nome.

Eu não tinha dado mais do que dois passos para trás. Eu nem sequer me afastei.

— Você me chamou. Parecia uma perda. Eu... — engulo em seco, e seu toque me encontra nas sombras, um traço de calor formigante que sobe pelo meu braço e desce novamente. — Eu sabia que você não queria apenas que eu ficasse. Você precisava que eu fizesse isso. Faz muito tempo que não sou necessária assim.

Sua carícia gentil encontra meu rosto, um contraste com a violência que deixou cicatrizes em seus dedos naquela noite. — Provavelmente já está bastante óbvio, mas estou feliz que você tenha ficado.

— Eu também. — Eu me inclino mais perto e pressiono meus lábios nos dele, saboreando seu cheiro familiar e o calor de sua presença. Quando me afasto, digo: — Posso fazer uma pergunta, mesmo tendo acabado de perder pedra-papel-tesoura?

A risada de Rowan precede um beijo na minha têmpora. — Acho que posso te dar um brinde. Mas apenas um.

— Lembro-me de você sussurrando para Francis antes de vencê-lo. O que você disse?

A pausa de silêncio entre nós se prolonga, por um momento, acho que ele não vai responder. Rowan desliza a mão por baixo do meu travesseiro e me puxa para mais perto até que minha cabeça repouse em seu peito, suas batidas de coração são um conforto no escuro.

— Eu disse a mesma coisa que disse há você pouco antes de matá-lo. — ele finalmente diz. — Que você é minha.

Quando aquela peça do quebra-cabeça se encaixa, dói um pouco, como se meu coração tivesse que quebrar para abrir espaço para ela caber. Não parece que isso possa ser verdade, mas talvez Rowan realmente tenha tido certeza sobre nós o tempo todo, sobre o que poderíamos ser e o que ele queria. Ele estava esperando pacientemente que eu o alcançasse.

Dou um beijo em seu peito e coloco minha bochecha acima de seu coração. — Sim. Eu acho que eu sou.

Meus olhos se fecham, na próxima vez que os abro, o quarto é banhado pela luz do amanhecer que entra pelas persianas de ripas.

Ainda estou envolvida nos braços de Rowan, suas pernas entrelaçadas com as minhas e seu braço pendurado na minha cintura. Ele está dormindo profundamente. Paro um momento apenas para observar a contração de suas pálpebras e a subida e descida constante de seu peito, então me desembaraço de seus membros e deslizo para longe. Quando termino de ir ao banheiro, ele ainda não se mexeu, então me visto em silêncio e o deixo dormir.

O cheiro de café e massa açúcarada me puxa pelo corredor. Quando chego à sala de jantar, Rose já está lá, com o cabelo escuro preso sobre os ombros em uma trança frouxa e um prato de waffles colocado diante dela. Ela olha para cima quando me aproximo e me dá um sorriso brilhante, seus grandes olhos castanhos acolhedores.

— Bom dia — ela diz. — Tem mais na cozinha. Fique a vontade.

— Obrigada. E eu sinto muito.

— Pelo quê? — Rose diz com a boca cheia de waffles. Seu olhar se volta e ela aperta os olhos para mim como se estivesse

tentando descobrir se eu roubei algo dela durante a noite.

— Por ser... *barulhenta*.

Rose apenas dá de ombros e volta sua atenção para seu prato de comida. — Querida, moro literalmente em um circo desde os quinze anos. Eu poderia dormir no Tilt-a-Whirl⁹ se fosse preciso.

Dou uma risada e vou para a cozinha, puxando duas canecas da prateleira para enchê-las de café. — A coisa do beco dos palhaços de ontem faz mais sentido agora.

— Bem, o que quer que esteja acontecendo — diz ela com uma piscadela boba e exagerada enquanto encontro seus olhos do outro lado da ilha da cozinha — Eu não ouvi nada. Mas *ele*, por outro lado... parece um pouco desgastado.

Viro-me quando Fionn entra na sala de jantar de pijama, com o cabelo desgrenhado e os olhos semicerrados. Ele vai direto para a geladeira e tira um frasco de probióticos de uma fileira na porta. Quando olho para Rose, seu sorriso é perverso.

— Bom sono, doutor? — ela pergunta. — Eu dormi como uma *pedra*. Mas não tenho certeza sobre Sloane e Rowan.

Fionn lança a ela um olhar sombrio. Mas também há um calor acumulado nisso.

— Sinto muito. — eu digo, minhas bochechas aquecendo com fogo sob minha pele. — Você foi tão gentil em nos receber sem aviso prévio. Não queríamos mantê-lo atualizado com tudo, uh... reprimido... hum. Coisa.

— Não se preocupe, Blackbird. Ele vai ficar bem. Doutor Bolas azuis está com um pouco de ciúme.

Rowan se aproxima vestindo um moletom de cintura baixa e nada por cima além de uma deliciosa extensão de músculos e tinta. Meu rubor esquenta pela segunda vez quando ele para ao meu lado para dar um beijo na minha têmpora.

— Vista uma camisa, perdedor. — Fionn resmunga enquanto Rowan dá um tapinha nas costas dele e passa por ele para pegar o leite.

— Por quê? Acho que é bom lembrá-lo periodicamente de que, mesmo que você passe horas por dia fazendo burpees, ainda posso chutar sua bunda.

Fionn parece querer discutir esse ponto, mas seu olhar percorre o corpo musculoso e cheio de cicatrizes de seu irmão mais velho antes que ele pareça repensar essa ideia. — Pensei ter dito algo sobre ir com calma — ele argumenta. — Descansando. Nada de... esportes violentos.

O sorriso de Rowan é simplesmente diabólico. — Não estávamos praticando esportes. Estávamos fazendo sexo.

Rose gargalha na mesa e enfia outro pedaço de waffles na boca. — Incrível. Eu amo esses dois. Eles podem ficar?

— *Não.* — Fionn olha para Rose e depois para Rowan antes de voltar sua atenção para mim, sua expressão assumindo uma qualidade de desculpas. — Desculpe. Em circunstâncias normais, definitivamente. Mas aquele idiota ali — diz ele, apontando o polegar para Rowan — Ele vai tornar a minha vida um inferno por causa do apelido, até que ele tire isso do seu sistema. Preciso dormir à noite. E você também. Na verdade, você provavelmente deveria tirar algumas semanas de folga do trabalho até sair da tipoia.

— Ainda tenho mais uma semana de férias — respondo. — Não falto por doença há quase dois anos, então não deve ser um problema.

— Vou escrever um atestado médico para você de qualquer maneira, só para garantir. Quero que você use a tipoia o máximo que puder. E agende algum horário com um fisioterapeuta. Sem levantamento de peso, sem esportes. — ele diz enquanto lança um olhar aguçado para Rowan. Quando o olhar de Fionn volta para mim, sua testa franze de preocupação. — Você tem alguém que possa ajudá-la em casa se precisar?

— Ela tem. — Rowan responde antes que eu tenha a chance de mencionar o nome de Lark. — Ela me pegou.

Meu olhar salta entre Rowan e seu irmão. Descrença, nervosismo e excitação se entrelaçam como uma corda em meu peito. — Você vem para Raleigh?

Rowan coloca seu café no balcão. Seus olhos azuis fixam os meus, a sombra do mar profundo sob o sol. Não há nenhum sorriso provocador iluminando sua pele, nenhum sorriso divertido que dança em seus lábios quando se aproxima e para na minha frente. Ele observa o movimento de seus dedos enquanto traçam os contornos da minha bochecha.

O resto do mundo desaparece.

— Não, Sloane — diz ele. — Estou levando você para casa.
Para Boston.

CAPÍTULO DEZENOVE

RESERVAS



— Oh, meu Deus. É você.

Olho para a direita, onde Lark está ao meu lado, esperando que este seja provavelmente um momento de fã. Lark pode ter assinado com uma gravadora independente menor, mas ela ainda tem seguidores significativos e não seria a primeira vez que ela seria reconhecida enquanto estávamos juntas.

Mas quando volto meu olhar para Meg, a Anfitriã, ela está olhando diretamente para mim.

A chama envolve minhas bochechas. — Hum... oi...?

— Eu sinto muito. Quando você veio da última vez, me distraí totalmente e me esqueci de contar a Rowan. — Os lindos olhos azuis de Meg se arregalam enquanto ela balança a cabeça. — Ainda me sinto péssima.

— Bem, eu não tinha feito uma reserva, então você não tem nada pelo que se desculpar.

— Mas você tem uma reserva permanente no *3 In Coach*. — diz Meg com um sorriso doce e conhecedor. Ela tira uma tachinha do pódio e me passa uma folha de papel.

A mesa doze está RESERVADA PERMANENTEMENTE para:

- qualquer reserva sob o nome Sloane Sutherland.

- uma linda mulher de cabelos pretos, olhos castanhos e sardas, 1,70m, provavelmente sozinha, tímida, parece querer fugir.

Informe imediatamente Rowan sobre quaisquer reservas com este nome ou quaisquer clientes que se enquadrem nesta descrição.

E então, em texto vermelho, como se tivesse sido adicionado posteriormente:

IMEDIATAMENTE. EU NÃO ESTOU BRINCANDO.

A palavra «IMEDIATAMENTE» está sublinhada seis vezes.

— Isso é tão fofo. — Lark diz enquanto coloca o queixo no meu ombro e lê o bilhete, apontando para o texto em vermelho. — Parece que ele vai cortar pessoas para você. Isso é tão Keanu-mântico.

Dou uma risada enquanto devolvo o papel para Meg. — Em primeiro lugar, Keanu-mântico não é uma palavra. Em segundo lugar, Keanu não corta as pessoas de uma forma romântica.

— Ele faz isso em John Wick¹⁰.

— Claro. Para um *cachorro*. Eu não chamaria isso de romance, Lark.

Lark encolhe os ombros antes de sorrir para Meg. — Mesa para dois, por favor, para Sloane Sutherland, uma beleza de cabelos pretos, sardenta, 1,70m que parece querer fugir.

Meg pega dois cardápios de seu pódio e sorri enquanto nos faz avançar. — Me siga. Avisarei ao Chef que você está aqui assim que estiver sentada.

Lark grita e agarra meu pulso enquanto seguimos Meg até a mesa onde sentei na última vez que estive aqui, há mais de um ano. Ela provavelmente pode sentir meu pulso martelando em sua mão. Fiquei com Rowan por duas semanas depois de estender minha folga do trabalho, como Fionn havia recomendado. E aquelas duas semanas com Rowan não foram suficientes.

Meu corpo ainda estava machucado e dolorido quando parti para Raleigh para arrumar minhas coisas e alugar minha casa mobiliada. Tomei providências no trabalho para ficar totalmente em casa e passei minhas noites e fins de semana desmontando minha sala

de matança de contêineres de armazenamento que mal usei desde que começamos este jogo. Já se passaram três semanas desde que vi Rowan, meu coração está quase prestes a explodir no peito enquanto os segundos passam até o fim da nossa separação.

Não sei se isso vai funcionar... morar com ele, trabalhar em casa todos os dias, estar em uma cidade nova, tentar transformar essa base que transformamos em algo mais. Mas vou tentar.

— Você está muito animada. — digo a Lark, tentando desviar a atenção da minha própria expectativa enquanto serpenteamos pelo restaurante movimentado. A correria do almoço já passou, mas ainda há mais mesas cheias do que vazias, mesmo que muitos dos fregueses tenham terminado os pratos principais e tenham passado para as sobremesas.

— Claro que estou. Minha melhor amiga está apaixonada e eu posso conhecer o homem dela pela primeira vez.

Eu bufo. — Eu nunca disse nada sobre *amor*.

— Você não instalou sorrateiramente uma câmera de segurança na cozinha?

— Isso é *perseguição*, não amor.

— To-may-to, to-mah-to¹¹. E claramente, ele também te adora. Ele te conhece meu bebê. — diz ela, apontando para a mesa enquanto Meg coloca os cardápios na mesa. — Uma escolha perfeita de Sloaney. Escondida e equidistante entre as saídas.

Oh meu maldito Deus. Ela está certa.

Lark desliza para o assento acolchoado e Meg desaparece para pegar Rowan na cozinha, eu ainda estou de lado como uma idiota, olhando para a mesa como nunca tinha visto uma antes.

Ele reserva permanentemente a mesa que sabe que você gostaria em seu restaurante popular. Ele dá uma surra em um pervertido emo por ver você se masturbar. Ele manda um garoto aleatório da vizinhança trazer compras para você.

Quem diabos você está enganando? Você não apenas 'mais do que gosta' desse cara.

A cabeça de Lark se inclina e uma ruga aparece entre suas sobrancelhas enquanto seu olhar percorre meu rosto. — Você está bem aí, Sloaney? Você parece quebrada.

Estou prestes a dizer algo. Abro a boca e começo gaguejando uma frase que nunca se materializa. Minha língua morre quando ouço o sutil sotaque irlandês elevar-se acima das conversas dos clientes e do barulho dos talheres nos pratos e dos copos nas mesas.

— Blackbird — ele diz alto o suficiente para atravessar o barulho. Quando olho, ele está passando pelas mesas de clientes, parecendo muito com a última vez que fui ao *3 In Coach*, sua doma de chef enrolada até os cotovelos e um avental branco amarrado na cintura. Mas desta vez, não há nenhuma expressão de choque, apenas um sorriso caloroso e os braços bem abertos. — Venha pra cá.

Olho para Lark e seu sorriso é elétrico, seus olhos dançam. Ela balança a cabeça na direção dele e mesmo sabendo que provavelmente pareço uma adolescente apaixonada, não consigo evitar. Meu coração está batendo forte na minha garganta. Se fosse assim, eu já estaria correndo em sua direção.

Posso não correr, mas ainda ando. *Rápido.*

Quando nos encontramos no meio do restaurante, Rowan segura meu rosto entre as palmas das mãos e tira um momento para absorver os detalhes do meu rosto, como se estivesse saboreando cada nuance. Ele está radiante, claramente em seu elemento neste espaço, seus olhos brilhantes e enrugados nos cantos com a largura de seu sorriso e a profundidade de seu alívio.

O beijo que compartilhamos não dura. Mas o seu calor o faz, infundindo em cada célula conforto e necessidade de mais do que podemos suportar neste momento.

— Você parece muito melhor. — ele diz quando se afasta.

Eu dou de ombros. — Ainda um pouco dolorida, mas chegando lá.

— A viagem foi boa?

— Winston odiou cada momento da viagem desde Raleigh. Acho que vou ouvir o rosnado dele durante o sono por uma semana, mas ele se acalmou agora que está na sua casa. Ele parece um pouco estranho, mas tenho certeza que ele se ajustará em um ou dois dias. Deixei minhas coisas no chão da sala, então tenho noventa por cento de certeza de que meu gato terá toda a bagagem destruída em retribuição quando voltarmos.

— Nossa casa. — Rowan corrige, e passa um braço por cima do meu ombro para guiar nosso caminho de volta para a mesa. — Nosso

gato. Mal posso esperar para sermos influenciadores da ninhada de gatinhos juntos, que grande agitação paralela. Seremos *ricos*.

Eu solto uma risada e reviro os olhos. — Você é o pior.

— Você vai me amar algum dia.

Um dos meus passos vacila.

Hoje é esse dia.

Talvez ontem também. E no dia anterior. Talvez por um tempo, na verdade.

Não sei dizer exatamente quando começou, mas acho que nunca irá parar.

Pego a mão de Rowan sobre meu ombro em recuperação, a articulação ainda um pouco sensível, mas melhorando a cada dia. Quando olho para ele, tento reprimir um sorriso, mas não consigo. — Sim. Talvez.

Rowan não me chama, não pede mais, mas sei que ele pode ver isso em mim como se estivesse escrito na constelação de pontos na minha pele, mesmo quando tento desviar o olhar.

— Eu te avisei. — ele sussurra enquanto dá um beijo na minha têmpora.

Lark desliza para fora da cabine e dá um abraço em Rowan como se ela o conhecesse há anos, os dois iniciam uma conversa tranquila a partir do momento em que nos sentamos. E embora eu finja estar imersa no meu cardápio, não estou. Estou assistindo Lark e Rowan com o coração mais cheio do que jamais pensei que poderia estar. As únicas duas pessoas que amo neste mundo estão sentadas uma ao lado da outra, forjando os primeiros momentos de uma amizade, uma base que espero que só cresça com o tempo.

Posso não ter muitas pessoas, mas tenho Lark e Rowan, isso é o suficiente.

Compartilhamos uma refeição juntos. Uma garrafa de vinho. Dividimos o filo Napoleão de figo para a sobremesa e tomamos nossos cafés até que os últimos convidados tenham partido e o restaurante feche para se preparar para o turno do jantar. Não há calmaria na conversa. Não faltam risadas. E quando chega a hora de partir, planejamos nos encontrar novamente nos próximos dias, enquanto Lark estiver na cidade... música ao vivo, jantares fora, talvez um passeio de barco pelo porto. Enquanto nos dirigimos para a saída,

Rowan me dá uma piscadela, como se tudo isso fosse parte de seu grande plano para atrair Lark até aqui.

Nós a abraçamos e nos despedimos na porta e Rowan acaba com um adesivo de estrela dourada na bochecha antes de Lark ir embora dançando.

— Vamos, preciso da sua ajuda. — diz ele, pegando minha mão quando Lark vira uma esquina dois quarteirões abaixo, em direção ao hotel dela. Rowan me reboca na direção oposta. — Trabalho muito importante, Blackbird.

— Que trabalho?

— Você vai ver.

— Você vai deixar esse adesivo no seu rosto?

Rowan zomba. — Claro. Me deixa mais bonito.

Quatro quarteirões e uma curva depois, Rowan me faz parar. Embora eu pergunte o que ele está fazendo e onde estamos, ele evita minhas perguntas. Em vez de responder, ele se posiciona atrás de mim para cruzar as palmas das mãos sobre meus olhos antes de me empurrar para frente. Estou prestes a lhe dar uma pequena bronca sobre como não vou andar pela cidade inteira de Boston com os olhos vendados quando ele nos guia até uma parada e viramos à esquerda.

— Preparada? — ele pergunta.

Eu concordo.

Ele tira as mãos dos meus olhos.

Diante de mim está à frente de um prédio de tijolos onde um novo toldo preto com luzes globo se estende sobre uma área de estar externa que ainda não tem cadeiras no deck recém-pintado. O interior está acabado, os detalhes luxuosos do mobiliário e das mesas de madeira escura misturam-se com os tijolos expostos e toques inesperados de decoração em azul-petróleo. Enormes samambaias ondulam suavemente com a brisa do sistema de ar condicionado escondido entre a rede industrial de vigas de aço preto e dutos no teto. É lindo e elegante, mas confortável.

E em toda a frente do restaurante, estendendo-se sobre a porta e o toldo, uma enorme placa em letras maiúsculas.

Butcher & Blackbird.

— Rowan... — Dou um passo mais perto, olhando para a placa

e para o corvo de ferro forjado estilizado e o cutelo incorporado atrás das primeiras letras. — Você está falando sério?

— Você gosta disso?

— É incrível. Eu amo isso.

— Bem, isso é um alívio, considerando que faltam duas semanas para a inauguração. As reservas foram feitas no Natal passado. Teria sido estranho cancelar. — Com um sorriso, ele pega minha mão e me puxa em direção à porta, onde um grande pôster detalha a próxima inauguração e os detalhes de contato. Ele destranca e segura à porta para eu entrar, o cheiro de tinta fresca e móveis novos nos cumprimentando. — Ainda preciso da sua ajuda.

À medida que nos dirigimos para a cozinha, Rowan aponta detalhes, decorações que refletem a influência de seus irmãos, como a seleção de bourbon de Weller atrás do bar para quando Fionn vier para a inauguração, ou as bases para copos de couro de marca que Lachlan fez. Mas eu também estou em *todos* os lugares. Na enorme asa de couro preto, as penas intrincadas espalhavam-se por uma parede acima das cabines, o local exato onde eu gostaria de sentar. Nas pinturas em preto e branco de corvos feitas por artistas locais, uma faca de açougueiro ou um cutelo foram incorporados a cada uma delas.

Não sou só eu. Somos *nós*.

Paro Rowan no centro da sala. Seus olhos percorrem meu rosto e descem até meu pescoço enquanto um gole ardente passa pela minha garganta.

— Você... — é tudo que consigo gritar. Faço um gesto entre nós e depois para a sala. — Esse...?

Rowan tenta reprimir uma risada enquanto um sorriso malicioso surge em seus lábios. — Eloquentes. Esta é outra situação de 'homem-cara'? Mal posso esperar para ouvir o que você vai inventar, Blackb...

— Eu te amo, Rowan. — deixo escapar. Levo apenas um momento para registrar o choque na expressão de Rowan antes de correr para ele, envolvendo seu corpo sólido em meus braços. Seu coração martela sob minha orelha enquanto pressiono meu rosto em seu peito.

Seus braços se cruzam em volta de mim, uma mão enroscada em meu cabelo enquanto ele dá um beijo no topo da minha cabeça. —

Eu também te amo, Sloane. Muito pra caralho. Mas o restaurante provavelmente era uma pista gigante.

Eu rio em seu peito e deslizo a mão entre nós para segurar uma lágrima antes que ela caia. — Eu meio que tenho essa vibração. Não tenho certeza do que me deu a dica. Pode ter sido a placa na frente.

Rowan se afasta, suas mãos quentes em volta dos meus ombros. Quando ele olha para mim, vejo tudo o que sinto refletido em seu leve sorriso e olhos suaves. É um alívio saber que *posso* amar e ser amada, depois de anos me perguntando se estava tão quebrada a ponto de só haver espaço para vingança e solidão em meu coração. E acho que vejo a liberação desse fardo refletida nos olhos de Rowan também.

— Vamos — ele diz depois de dar um beijo rápido em meus lábios. — Ainda preciso da sua ajuda.

Rowan lidera o caminho para a cozinha, onde novos eletrodomésticos e balcões de aço inoxidável brilham sob as luzes embutidas no teto recém-pintado. Ele vai primeiro até uma fileira de ganchos onde estão pendurados aventais e joga um para mim antes de desaparecer em uma geladeira.

— O que estamos fazendo? — pergunto enquanto ele volta com os ingredientes empilhados em uma bandeja que coloca no balcão ao meu lado.

— Construindo uma nave espacial. — Ele sorri quando eu lhe dou um olhar fixo. — Cozinhando, claramente. Ainda estou ajustando o cardápio do almoço para a semana de inauguração. Preciso de sua ajuda para ajustá-lo.

— Achei que já tínhamos estabelecido que cozinhar não é meu forte.

— Não, estabelecemos que você cozinha perfeitamente bem, só precisamos fazer isso juntos.

E nós fazemos.

Começamos com coisas mais simples, como fazer um vinagrete de vinho tinto para uma das saladas e preparar legumes para uma sopa. Depois passamos para coisas mais difíceis... lombo de porco com rodelas de cebola, filé de salmão com molho de creme. E ver Rowan compartilhar sua arte com tanta paixão e confiança é como injetar um afrodisíaco diretamente em minhas veias. Meu desejo por ele fica mais poderoso a cada momento que passa, ele está tão imerso no que está

fazendo que parece não notar nenhum dos sinais.

Isso só me faz desejá-lo muito mais.

Provamos os pratos que criamos juntos e Rowan pressiona a estrela dourada de sua bochecha no topo de uma página nova em um caderno manchado e com orelhas, onde anota ideias e comentários sobre tudo o que fazemos. E então ele declara que é hora da sobremesa, o prato onde ele mais precisa de ajuda. Quando tento protestar que estou satisfeita, ele ri de mim.

— Eu sei que você aguenta mais. — diz ele com um sorriso malicioso, depois caminha em direção à geladeira.

Ele volta com outra bandeja de ingredientes, mas desta vez a pavlova, o crême brûlée e o bolo de chocolate já estão feitos. Eles só precisam ser montados com sua apresentação e calda, o que Rowan faz com rapidez e precisão antes de colocá-los na minha frente no balcão. Ele então dá um passo para trás e deixa seu olhar fluir por mim. Sinto isso no centro do meu corpo, como se ele puxasse uma corda invisível que aperta meu núcleo até doer.

— Fique de frente para o balcão e puxe o vestido para cima, Sloane.

Minha calcinha umedece instantaneamente, mesmo antes de meu cérebro ter processado totalmente suas palavras, como se meu corpo soubesse o que está prestes a acontecer antes de minha mente. Respiro fundo e minha boca se abre, mas não sei o que dizer.

Rowan levanta as sobrancelhas e olha para o balcão. — Você acha que eu não percebi o jeito que você puxou o vestido para baixo antes de se inclinar para me mostrar seus seios quando estávamos fazendo aquele molho de vinho branco? Eu *sempre* noto você, Sloane. Agora faça o que lhe foi dito.

Estremeço com a respiração presa, agarro a bainha do meu vestido e o arrasto até minhas coxas enquanto me viro e encaro o balcão de aço inoxidável, sua borda polida fria contra minha pele aquecida. O calor de Rowan envolve minhas costas enquanto ele dá um passo atrás de mim para passar a palma calejada pela minha perna e por toda a minha bunda.

Ele puxa minha calcinha para o lado e coloca seu pau na minha entrada, então desliza para dentro de mim com um único golpe ao som do meu suspiro.

E então ele fica ali, imóvel, alojado até o fim na minha boceta.

Um gemido fica preso no fundo da minha garganta. Meu clitóris lateja, implorando por fricção, minha boceta desesperada por movimento. Tento avançar e voltar novamente, mas não há para onde ir entre a força inabalável de Rowan e a ponta afiada do balcão contra meus quadris.

— Não. — ele ordena quando tento novamente. — Relaxe, Sloane.

Um gemido estrangulado passa pelos meus lábios. — Como diabos eu deveria fazer isso?

Rowan ri, perplexo com o fato de que o desejo está me queimando, cada célula incendiada com a necessidade de mais do que ele vai dar. — Apenas tente. Veja onde ele leva você.

Minha pulsação bate em um ritmo galopante, minha respiração é instável e irregular. Quando paro de tentar me mover, Rowan apoia o queixo no meu ombro e pega uma colher de sobremesa.

— Você é uma garota tão boa, Blackbird. — ele murmura em meu ouvido enquanto desliza a colher pelo crême brûlée e a leva até meus lábios entreabertos. — E boas meninas ganham recompensas.

A sobremesa cremosa e a cobertura azeda de frutas vermelhas pousam na minha língua com uma explosão de sabor. Rowan permanece imóvel enquanto saboreio o sabor.

— Você gostou? — ele pergunta.

— S-sim.

— Perdeu alguma coisa?

— Eu... — Porra, eu não sei. Não consigo pensar com clareza com seu pau grosso e duro na minha boceta, minha excitação escorregadia na minha entrada, meu clitóris exigindo alívio. Quando balanço a cabeça, ele parece entender que não quero dizer “não”, mas que não posso ter certeza.

— Feche seus olhos. Tente novamente.

Faço o que Rowan pede e fecho os olhos. Os aromas de açúcar e frutas frescas inundam minhas narinas, aromas que eu realmente não percebi da última vez. Rowan passa a ponta da colher pelos meus lábios para pintar minha pele rosada de sabor antes de eu abrir para ele.

— O que você prova? — Rowan sussurra na minha orelha.

— Creme. Baunilha. Açúcar caramelizado. Morangos e framboesas. — respondo, com os olhos ainda fechados. Parece que estou flutuando, não fora do meu corpo, mas em lugares dentro dele que nunca vi ou senti antes. Há outro reino lá dentro que eu nem sabia que existia. É como se eu estivesse desconectada do resto do mundo, mas mais presente nele do que nunca. Cada sensação fica mais clara na ausência de ruídos estranhos.

— O que está faltando? — Rowan tenta novamente.

— Nada. Mas... — Balanço a cabeça. A mão de Rowan desliza pelo meu braço para garantir que este lugar e minhas palavras estão seguras com ele. — Mas não é único.

— Você está certa. — ele responde. Um beijo indulgente permanece em meu pescoço enquanto seu pau se contorce dentro de mim. Percebo cada movimento que ele faz, desde a maneira como seus lábios se levantam da minha pele até o subir e descer do seu peito contra as minhas costas. — Não é único. É como qualquer outro crême brûlée da cidade. Precisa de algo diferente. Algo novo.

— Thorsten Harris provavelmente sugeriria...

— *Blackbird* — diz Rowan, pontuando seu aviso com uma mordida no lóbulo da minha orelha. — Nem pense em terminar essa frase ou terá que pagar muito.

Meus olhos permanecem fechados enquanto sorrio. — Gosto da sua versão do inferno.

— Você diz isso agora. Mas eu poderia ficar nesta sua boceta apertada por horas, acho que você se sentiria diferente se eu passasse todo esse tempo não deixando você gozar. — Rowan mexe os quadris, apenas uma sugestão de movimento que acende meu desespero por mais. — Agora seja meu bom passarinho e diga-me a fruta mais aleatória que você puder imaginar. A primeira coisa que vem à mente.

Eu nem penso nisso. Eu apenas falo. — Caqui.

Há uma batida de silêncio. Rowan relaxa atrás de mim, como se a tensão reprimida em seu peito tivesse desaparecido.

— Sim. Caqui. É uma excelente ideia, amor.

E então ele desliza para fora de mim.

Abro os olhos e me viro enquanto ele dá um passo para trás, enfiando sua ereção de volta na cueca antes de puxar as calças para cima. Minha respiração fica ofegante enquanto eu o observo. Há calor

e desejo em seus olhos, mas ele se mantém contido. Não como eu. Eu sei que minha necessidade desesperada por mais está escrita em meu rosto.

— Achei que você tivesse dito que boas meninas ganham recompensas. — digo, com a voz baixa e rouca.

Um sorriso lento surge no canto dos lábios de Rowan, onde sua cicatriz brilha em linha reta através de sua pele. — Você tem razão. Eu disse isso. Vá para o restaurante e suba na sua mesa.

— Qual é a minha?

— Você saberá.

Ele me dá uma piscadela e começa a juntar os ingredientes não utilizados na bandeja. Observo por um momento antes que ele acene em direção à porta e me diga que estará lá assim que terminar.

Saio para o espaço mal iluminado e em direção às cabines sob a asa preta montada na parede. Quando olho entre a entrada da frente e a placa de saída de emergência perto dos banheiros e da porta da cozinha, fica óbvio qual eu escolheria: a cabine que fica logo abaixo do vértice da ala aberta.

Quando deslizo para o assento, há uma linha de texto em uma escrita cursiva simples, gravada na superfície da madeira. '*Mesa da Blackbird*', diz.

Meu dedo traça cada letra enquanto olho para o espaço e observo cada detalhe deste ponto de vista. Ainda estou absorvendo o calor que se espalha pelas minhas veias quando ouço o barulho da porta da cozinha.

— Eu pensei ter dito para você '*subir*' na mesa. — Rowan diz enquanto caminha em minha direção. Olho dele para as janelas que revestem a frente do restaurante e vice-versa. A antecipação corre pelas minhas veias em uma onda de adrenalina.

— Mas...

— *Suba*, Sloane. Agora.

O fogo rasteja sob minha pele enquanto gesticulo em direção à frente do restaurante. Rowan para ao lado da mesa com uma expressão severa que afirma que ele claramente não está disposto a aceitar qualquer protesto que estou prestes a fazer, não que isso vá me impedir de discutir. — Acabei de ver uma mulher passando com suas compras. — digo. — Ela não quer ver isso. Ninguém faz.

— Claro que sim. E mesmo que não o fizessem, há um detalhe importante que pode estar faltando: eu não. Porra. Cuidado. Então você está usando sua palavra segura?

— Não.

As mãos de Rowan pressionam a superfície enquanto ele se inclina mais perto, fixando-me com um olhar inabalável. — Então suba na porra da mesa, Sloane.

Subo à superfície de costas para a fileira de janelas enquanto os batimentos cardíacos zumbem sob minha pele, mantendo meus olhos nele o tempo todo. Quando estou acomodada, Rowan desliza para o banco acolchoado até ficar bem na minha frente. Meu olhar está preso no dele, nossa conexão é ininterrupta, nenhum de nós se move. Ele parece gostar que eu esteja esperando por suas instruções tanto quanto gosto de obedecê-las.

— Puxe o vestido até a cintura. — diz ele, com os olhos escuros e cheios de luxúria. Faço o que ele diz, mas demoro, arrastando a bainha pela pele. — Abra bem as pernas.

O olhar de Rowan permanece fixo em minha calcinha úmida e no contorno dos meus piercings sob o tecido enquanto abro minhas coxas o máximo que meus quadris permitem. Ele agarra meus joelhos e me leva um pouco mais perto do centro da mesa.

— Lembra-se do que eu te disse? — ele pergunta, sem tirar os olhos do ápice das minhas coxas.

Eu concordo. — Que você ia me devorar em uma mesa do restaurante.

— Com certeza, Blackbird. E esta é uma refeição pela qual estou morrendo de vontade.

Rowan estica minha calcinha para o lado, abaixa a cabeça e festeja.

Ele não estava mentindo. Pode haver pessoas passando. Elas poderiam estar olhando pela janela. Elas poderiam estar na mesa ao nosso lado e ele não se importa. Ele devasta minha boceta como se fosse à última refeição que ele fará. Ele esbanja cada piercing com atenção e chupa meu clitóris. Ele mergulha a língua na minha boceta e geme. Ele aperta os dedos em minhas coxas com um aperto que só aumenta meu desejo.

E se alguém estiver assistindo, eu também não me importo.

Agarro o cabelo de Rowan com força e o seguro contra mim para esfregar minha boceta em seu rosto. Sou recompensada com um grunhido gutural e dois dedos mergulhados em minha boceta, o ritmo imediato e seu toque experiente me empurrando para mais perto de me desfazer. Minha bunda range contra a madeira quando ele avança e me consome, corpo e alma.

Eu desmorono gritando o nome de Rowan, encharcando seus dedos, cobrindo seu rosto. E ele não me dá tempo para me recuperar do orgasmo intenso antes de arrastar minha calcinha pelas minhas pernas e jogá-la no chão. No momento em que ela vai embora, ele puxa as calças e a cueca para baixo e desliza para dentro de mim.

— Porra, Sloane — ele grita com o primeiro impulso completo. Já posso dizer que não demorará muito para que eu desmorone pela segunda vez. — Senti muita falta de você. Tem sido um inferno aqui sem você.

— Estou bem aqui — eu sussurro. Passo os dedos pelos seus cabelos com uma mão e deslizo meu toque sob seu casaco de chef para traçar os músculos de suas costas com a outra. Ele se inclina o suficiente para puxar o tecido grosso sobre a cabeça e eu pressiono meu toque em cada músculo tenso e cicatriz irregular.

Rowan passa um braço nas minhas costas e me puxa para fora da mesa, sem interromper nossa conexão enquanto me puxa para baixo para montá-lo no banco. — Você vai levar meu pau o mais fundo que puder. Você vai cavalgar do jeito que quiser até gozar. E esses peitos — ele diz enquanto abre o zíper da parte de trás do meu vestido e puxa o decote para baixo junto com as copas do meu sutiã — Você vai balançar esses peitos gloriosos na minha cara.

Agarro o topo da cabine com uma mão e me inclino mais perto para guiar meu seio até sua boca com a outra. Ele chupa meu mamilo e passa a língua pelo piercing, seu gemido é uma vibração em minha carne enquanto ele aperta o outro até obter um pico firme.

Deslizo em sua ereção, preenchendo-me com seu comprimento. Quero fazer esse prazer durar. Quero saborear cada longo golpe de seu pau, cada toque do meu clitóris contra sua carne enquanto o levo profundamente, cada toque dos meus piercings contra os nervos sensíveis. Mas ele me leva ao limite com seus beijos em meus seios e as exigências sujas que ele faz toda vez que sai da minha pele. *É isso mesmo, baby, leve-me mais fundo nessa boceta apertada. Você vai pingar meu esperma por essas lindas coxas até chegar em casa.*

Meu orgasmo quebra minha visão com uma explosão de

estrelas enquanto fecho os olhos e grito. Eu me quebro quando Rowan empurra para cima, batendo ainda mais fundo enquanto ele derrama em mim, suas mãos agarradas com força em meus quadris enquanto ele me segura em seu pau pulsante. Nossas testas estão pressionadas juntas, nossa respiração compartilhada, nossos olhares fundidos. Quando finalmente saímos da névoa eufórica, sorrio e contorno o rosto de Rowan com as pontas dos dedos.

— Também senti sua falta.

Rowan suspira e percebo que esta é a primeira vez que o vejo realmente relaxado desde que voltei. Ele dá um beijo na ponta do meu nariz. — Vamos para casa e fazer isso de novo. E de novo, e de novo, e de novo. — Ele guia meus quadris até deslizar livremente, seu esperma vazando da minha entrada.

— Guardanapo? — Pergunto enquanto olho para minhas pernas.

Rowan traça uma linha na parte interna da minha coxa. Dois dedos juntam o riacho leitoso e deslizam até minha boceta, seus olhos já escuros de desejo enquanto observa minha reação.

— Porra, não — ele diz enquanto fode o esperma de volta em mim com estocadas lentas. Estremeço e gemo, minha carne sensível já desesperada por mais. — Eu quis dizer o que disse. Você vai voltar para casa com essa bagunça nas coxas, passarinho.

Depois de uma estocada final e profunda e um giro do polegar sobre meu clitóris que me faz ofegar e agarrar seu ombro, ele retira os dedos e os levanta até meus lábios para chupá-los até limpá-los. Quando ele está satisfeito, ele gentilmente me guia até o final da cabine e coloca suas roupas de volta no lugar antes de me seguir.

Ficamos parados por um momento, de mãos dadas, olhando o espaço e as janelas onde felizmente ninguém parou para nos observar em nosso santuário, aquele que sempre parece nos cercar quando estou sozinha com Rowan. Deixo meus olhos percorrerem o espaço, quando minha atenção flui em sua direção, sinto o olhar de Rowan pressionando meu rosto como uma carícia suave.

— Estou tão feliz que você está de volta, Blackbird. — ele diz enquanto me puxa para seu peito e passa os braços nas minhas costas.

Eu fecho meus olhos. Nós mudamos em nosso abraço, movendo-nos juntos como duas criaturas escuras entrelaçadas, fluindo com a corrente do mundo que nos rodeia.

— Eu não vou a lugar nenhum — eu sussurro. — Apenas para casa com você.

CAPÍTULO VINTE

TORRE



Parece que passei por um inferno nas últimas duas semanas para chegar a este exato momento... noite de inauguração de *Butcher & Blackbird*.

Tivemos as dores normais de crescimento pré-lançamento. Problemas com o sistema POS. Problemas com fornecedores. As coisas de sempre, mas nada importante... apenas um monte de merda que se soma. Mas o *3 In Coach* tem sido outra fera. Quebras de equipamentos. Problemas elétricos. Aparelhos com defeito. É como uma dor sem fim na minha bunda, quando deveria estar funcionando perfeitamente. Tentei ignorar muitos dos problemas para manter o foco, mas o estresse ainda está lá e nem houve tempo para desabafar como o Butcher de Boston normalmente faria. Se eu pudesse escolher um alvo fácil como um traficante de merda, sei que me sentiria muito mais à vontade. Simplesmente não há tempo.

Mas, graças a Deus, a única luz brilhante é Sloane.

Se ela está incomodada com minhas longas horas de trabalho ou com minha exaustão e estresse, ela não deixa transparecer. Sei que ela está preocupada comigo, mas não há irritação ou exigência de mais atenção e presença do que posso dar agora. Na verdade, ela parece estar prosperando, embora seja difícil para eu acreditar.

— Eu me sinto péssimo, você vindo até aqui, destruindo sua vida e eu mal estou aqui — eu disse enquanto olhava através da escuridão em direção ao teto quando estávamos deitados na cama, duas noites atrás. Mas o que eu não disse foi o quanto me sinto constantemente preocupado por isso não estar indo do jeito que eu

imaginava. Eu queria Sloane há anos, e agora que ela finalmente está aqui, me incomoda pensar que talvez eu não esteja dando a ela o que ela precisa. E se eu voltar para casa todas as noites para eliminar o estresse suficiente do meu sistema para poder adormecer, mas sem fornecer nada tangível em troca? É isso que estou fazendo?

— Estou feliz — ela respondeu simplesmente, como se isso devesse ser óbvio. — Eu gosto da solidão, Rowan. Sinto-me segura quando estou sozinha. Talvez nem sempre com aquele saco de pele ali parecendo querer arrancar meu rosto — ela disse enquanto agitava a mão em direção à porta do quarto — Mas, Winston à parte, isso é bom para mim. Eu não me sinto sozinha. Na verdade, é a primeira vez em muito tempo que não faço isso.

Ela deu um beijo em minha bochecha como se estivesse enfatizando seu ponto de vista e então adormeceu onde sempre dorme, descansando em meu coração. Mas fiquei acordado muito tempo depois disso, com uma única pergunta passando pela minha cabeça:

E se ela estiver mentindo?

Respiro fundo e me concentro novamente na tarefa em questão, ou seja, não queimar o foie gras frito para os aperitivos enquanto Ryan, o *maître*, entra na cozinha para verificar o tempo dos aperitivos. *Dois minutos*. Dois minutos e os primeiros convidados estarão comendo no *Butcher & Blackbird*. Dois minutos até que o próximo passo da minha carreira se torne realidade.

Eu coloco o foie gras no brioche torrado preparado pela sous-chef Mia. Preparamos cada prato, cinco no total, e os colocamos no passe para o garçom que já está esperando, partimos imediatamente para preparar os próximos pedidos que já estão cozinhando.

Então acertamos nosso passo.

Sopas. Aperitivos. Saladas. Rápido e ágil. Prato após prato. Fico de olho nos números das mesas, mas não há dezessete, essa mesa está permanentemente reservada para Sloane.

Olho para o relógio pendurado na parede.

Sete e quarenta e dois.

Uma pontada de preocupação atinge minhas costelas e revira minhas entranhas. Ela está quarenta e dois minutos atrasada.

— Sloane está aqui? — pergunto quando Ryan entra na cozinha com um dos garçons.

— Ainda não, Chef.

— Caramba — eu sibilo.

Mia ri ao meu lado na linha. — Deixe o sotaque irlandês de lado, chef. Ela só está atrasada.

— Ela nunca se atrasa — eu rosno com um olhar furioso.

— Ela estará aqui, não se preocupe.

Quero ligar para ela, mas não consigo parar, nem mesmo para verificar meu telefone. Estou no meio da primeira rodada de pratos principais, com mais aperitivos chegando enquanto o restaurante fica lotado.

Meu coração aperta meu peito e engasga na minha garganta.

Isso não é típico dela.

Ela estava mentindo. Ela está muito infeliz aqui.

Ela se foi.

Algo aconteceu. Ela sofreu um acidente. Ela está ferida ou desmaiada ou porra, presa. Ela murchará em um lugar como a prisão. Isso seria pior que a morte para uma mulher como Sloane. Você pode imaginar, porra? A tímida e solitária Sloane Sutherland, cercada de pessoas vinte e quatro horas por dia, nunca conseguindo encontrar um lugar seguro para se esconder?

— Ei, chef. Sloane está aqui. — diz uma das garçonetes casualmente enquanto pega dois pedidos do passe. Ela sai correndo com os pratos antes mesmo que eu possa liberar minha enxurrada de perguntas sobre a respiração que estou prendendo.

Mas é alívio suficiente para reenergizar meus esforços e recarregar meu foco em espiral.

A equipe e eu trabalhamos no serviço e presto atenção especial à mesa dezessete, sem saber qual dos seis pedidos daquela mesa é dela. E então o ataque diminui gradualmente, quando finalmente passamos para as sobremesas, tiro o avental da cintura, agradeço aos trabalhadores da cozinha e vou para frente da casa.

Sorrisos, aplausos e rostos meio bêbados e saciados me cumprimentam quando entro no salão de jantar, mas meus olhos imediatamente encontram Sloane onde ela está sentada cercada por meus irmãos, Lark, Rose e minha amiga Anna, de quem ela parece estar se aproximando. Ryan me passa uma taça de champanhe

enquanto outros garçons flutuam de mesa em mesa, entregando taças de cortesia aos clientes.

— Muito obrigado por terem vindo esta noite. — digo enquanto levanto minha taça para um brinde. Meu olhar percorre o salão, parando no Dr. Stephan Rostis, onde ele está sentado à mesa com sua esposa, antes de me forçar a desviar o olhar. *Porra*, isso realmente faria minha noite cortar aquele idiota. Meu sorriso se ilumina com o pensamento. — Sem o apoio do *3 In Coach*, este próximo empreendimento da *Butcher & Blackbird* não teria sido possível. Quero também agradecer à minha equipe trabalhadora e dedicada, que fez um trabalho incrível não só esta noite, mas também na preparação para a inauguração.

Aplausos surgem ao meu redor enquanto mudo minha atenção para a mesa de Sloane. Ela se senta entre Rose e Lark, que viajaram para a noite de estreia, meus irmãos em cada extremidade do banco curvo. — Obrigado aos meus irmãos, Lachlan e Fionn, sem os quais sei que não estaria aqui. Podemos nos dar merda, mas eles sempre me apoiaram. Vocês sabem que eu amo vocês, meninos.

Rose se aproxima de Fionn e sussurra algo em seu ouvido. Ele sorri enquanto faz um movimento rápido com o indicador e o polegar.

— Bem, eu meio que amo vocês. Na verdade, eu apenas tolero vocês na maior parte do tempo. Principalmente você, Fionn. — esclareço ao som de risadas.

Então volto minha atenção para Sloane.

Ela está tão linda naquele vestido que usou na noite de gala do Best of Boston, com o cabelo escuro puxado sobre um ombro em ondas brilhantes. A luz das velas das pequenas danças votivas em seus olhos castanhos enquanto ela sorri. Ninguém nunca olhou para mim do jeito que ela olha, com uma mistura inebriante de orgulho e segredos que só nós compartilhamos. O resto do salão desaparece enquanto eu absorvo isso por um momento.

Quando falo, é só com ela.

— Para minha linda namorada Sloane — digo enquanto levanto meu copo em sua direção. — Obrigado por depositar sua confiança em mim. Por aguentar minhas merdas. Por aguentar as merdas dos meus *irmãos*. — A multidão ri e o sorriso de Sloane se alarga enquanto o rubor sobe por seu pescoço. — Quando eu era jovem, colecionei todos os amuletos da sorte que pude encontrar. Eu carregava um pé de coelho por toda parte. Não pergunte a Fionn onde

consegui isso, ele nunca vai calar a boca — digo, e o riso nos cerca novamente. Mas Sloane não ri, ela apenas abre um sorriso melancólico enquanto permanece presa ao passado sob minhas palavras. — Eu não conseguia entender por que aqueles amuletos nunca mudaram minha sorte, então parei de acreditar. Mas agora eu sei. Eu estava guardando tudo para conhecer você, Blackbird.

Seus olhos brilham quando ela dá um beijo na ponta dos dedos e o oferece no espaço entre nós com a palma da mão voltada para cima.

— Para *Butcher & Blackbird*. — eu digo enquanto levanto meu copo. A multidão ecoa meu brinde e bebemos, a salva de palmas que se segue alivia minhas preocupações reprimidas sobre nosso sucesso.

Passo tempo verificando os clientes, a maioria dos quais são frequentadores assíduos do *3 In Coach* e tiveram preferência na lista limitada de reservas para a noite de abertura. A excitação me segue de mesa em mesa. Eles estão entusiasmados com tudo, desde o design de interiores até os coquetéis e o menu do jantar. Eu sei que é um vencedor. Eu posso sentir isso em meus ossos.

E talvez toda essa loucura dos últimos meses valha a pena.

A última mesa onde paro é a cabine abaixo do centro da asa do corvo.

— Estou orgulhoso de você, seu merdinha. — Lachlan diz enquanto cruza a mão tatuada na minha nuca e pressiona sua testa na minha, assim como fazemos desde que éramos crianças. — Você fez bem.

— Sim, você não é tão ruim. Acho que vamos ficar com você. — Fionn fala enquanto me dá um tapa no ombro com mais força do que o necessário. Rose permanece sentada com a perna ainda presa no gesso, então me inclino para dar um beijo em cada uma de suas bochechas. Anna me dá um sorriso radiante e um breve abraço antes de retornar à conversa com Rose, a pequena alma penada que entretém a mesa com suas intermináveis histórias da vida no circo. De Lark, é um abraço feroz e uma série de elogios efervescentes enquanto Lachlan a observa com um olhar de irritação. Quando finalmente chego até Sloane e deslizo ao lado dela na cabine acolchoada, uma combinação de alívio e exaustão atravessa a máscara que sinto que estou usando há muito tempo. Ela me abraça enquanto coloco meu queixo em seu ombro e passo a mão pelo veludo macio que cobre suas costas.

— Você não é apenas um rostinho bonito. — Sloane diz enquanto eu solto uma risada em seus braços. — É incrível, Butcher. Está perfeito. E sinto muito por termos chegado atrasados. — Ela vira os lábios para o meu ouvido e sussurra: — Foi culpa de Lachlan e Lark. Acho que eles ficaram, mas estou confusa, porque parece que eles se odeiam.

— De alguma forma, nada disso parece uma surpresa, visto como Lachlan está envolvido — respondo antes de beijar seu pescoço e me afastar o suficiente para ver seus olhos. Ela sorri quando passo meus dedos por seus cabelos. — Eu deveria estar dizendo 'vamos sair e festejar quando todo mundo for embora e pudermos apostar se eles vão ou não ficar juntos de novo', mas na verdade eu só quero roubar seu e-reader e me enrolar na cama com um pouco de pornografia pirata e depois adormecer por mil anos.

Sloane revira os olhos e desvia o olhar enquanto eu sorrio. — Você precisa se atualizar. Estou na obscenidade do carona agora.

— Então me empreste seu e-reader.

— Foda-se — ela diz, e pressiona os lábios na minha bochecha antes de se enfiar debaixo do meu braço e enfiar os dedos entre os meus. — De uma forma amorosa, é claro.

Eu me acomodo apenas o tempo suficiente para sentir a calma de seu toque e a companhia de familiares e amigos antes de voltar para a cozinha, ajudando Mia e a equipe a preparar o jantar para os funcionários compartilharem. E então o turbilhão de caos que anseio e prospero desaparece, deixando a paz em seu rastro.

Já passa da meia-noite quando Sloane e eu chegamos em casa, parece que mal estou na cama antes de dormir.

A manhã seguinte é domingo – tecnicamente meu dia de folga, embora geralmente acabe trabalhando de alguma forma. Sloane já está acordada, com o café preparado, o laptop aberto, os olhos fixos na tela enquanto ela coloca Froot Loops¹² na boca. Winston está sentado na extremidade oposta da mesa, olhando para ela como se tentasse comunicar telepaticamente seus julgamentos latentes. Eu o pego quando passo e ele rosna quando o jogo no chão.

— Que porra você está comendo? — Pergunto enquanto traço um toque em seu pulso enquanto continuo minha caminhada até a abençoada máquina de café.

— Cheerios tingidos individualmente, claramente. Levei a manhã toda. — ela zomba.

Eu sorrio, embora ela não perceba. — Essa boca inteligente será bem aproveitada assim que eu estiver com cafeína.

— Você está me ameaçando com diversão?

— Mais como promissor. E por falar em diversão — digo, despejando o resto do café na caneca maior que possuo antes de começar a preparar uma nova cafeteira — Você viu o Dr. Rostis lá ontem à noite?

— Ooh, eu fiz, sim. Não tive oportunidade de falar com ele. Talvez devêssemos incluí-lo no jogo do próximo ano, em vez de recrutar Lachlan para identificar um alvo.

Uma pontada de preocupação percorre meu corpo com um arrepio. Ainda vejo Sloane presa naquele porão na casa de Harvey Mead, a bota dele deixando uma marca vermelha de raiva no rosto, sangue escorrendo de suas narinas na chuva. A imagem do seu ombro disforme ainda está vívida em minha mente. Sonho com esse momento com muita frequência. Isso me assombra. — Ou talvez, em vez de um jogo competitivo este ano, possamos jogar juntos. Poderíamos caçá-lo em equipe.

Sloane dá uma risada irônica. — Você tem medo de perder de novo, garoto bonito?

— Tenho medo de perder você.

Sloane se vira para mim então, um olhar minucioso fluindo sobre meu rosto. Seu olhar suaviza em algo semelhante à pena. Provavelmente é por causa das olheiras, do meu cabelo desgrenhado e da barba por fazer mais comprida que o normal. Ela cataloga cada detalhe antes de se recostar na cadeira. — Rowan, eu ficarei bem. Isto é o que fazemos. O que aconteceu com Harvey foi meu próprio erro descuidado.

— Por que você fez isso? — Eu pressiono. Eu já sei a resposta. Ela sabe que sim.

Sloane engole em seco. — Porque pensei que ele estava vindo atrás de você.

Vou em direção à mesa e ela abre o braço para mim, envolvendo minha cintura em seu calor e deitando a cabeça ao meu lado quando paro ao lado dela. — Eu não quero parar — eu digo. — Mas há muito mais riscos envolvidos quando trabalhamos uns contra os outros, em vez de juntos.

— É verdade, mas também é muito divertido quando eu chuto

sua bunda.

Um suspiro sai dos meus pulmões, uma pitada de frustração em uma lufada de ar. — Sloane, não consigo lidar com a preocupação com você agora. Acho que não consigo suportar esse estresse além de todo o resto. Mal consigo manter uma vida normal e cotidiana com vocês, muito menos *isso*.

Sloane endurece contra mim. Percebo que isso soou duro quando não era minha intenção. Estou tão cansado, e a preocupação constante em estragar essa nova vida está manifestando exatamente o que eu *não quero* que aconteça: estragar tudo.

— Eu sinto muito amor. Eu não quis dizer isso do jeito que saiu.

— Está tudo bem. — ela diz, mas o brilho em seu tom parece forçado.

— Não, é sério. Você não é um fardo, se é isso que pensa.

— Está tudo bem. — ela diz novamente enquanto lança um breve sorriso para mim antes de voltar sua atenção para seu laptop. — Entendo. Todo o seu trabalho duro valeu a pena, no entanto. As críticas iniciais da noite de estreia são ótimas.

Ela puxa o computador para mais perto para que eu possa ver as resenhas que ela está lendo. Mas levo um momento para voltar minha atenção para o que ela está tentando me mostrar. Não sei se devo pressioná-la nesse desvio óbvio ou se isso a fará recuar ainda mais. No final, imagino que provavelmente só piorarei as coisas se eu abrir minha boca sem cafeína sobre o assunto, então aperto o braço dela e leio as críticas por cima do ombro dela. Elas podem ser precoces e um pouco tendenciosas, já que a maioria vem de clientes regulares fiéis, mas posso dizer pelos detalhes e pelo entusiasmo que começamos bem. E como Sloane aponta passagens e comentários específicos, sei que ela também está orgulhosa disso, mesmo que minhas palavras de agora tenham causado uma ferroadada que eu não pretendia.

— O que você planejou para a manhã? — Pergunto quando lemos alguns comentários juntos.

— Acho que vou me encontrar com as meninas para tomar um café. Seria bom vê-las mais algumas vezes antes de saírem da cidade. — responde Sloane, mas algo na maneira como ela diz isso me faz pensar que este é um plano improvisado que ela acabou de inventar para sair do apartamento. — Depois disso, talvez eu faça algumas

coisas, não tenho certeza. E você?

— Tenho que ir para o 3 *In Coach* quando o brunch acabar. Jenna mandou uma mensagem dizendo que eles tiveram alguns problemas com um dos exaustores. — Deixei meus dedos passearem pelo cabelo de Sloane, as ondas ainda fracas da noite passada. — Que tal você me encontrar lá às quatro? Entre pelos fundos, pela cozinha. Podemos ir a algum lugar e tomar uma bebida.

— Sim. Isso soa bem. — Sloane se levanta e me dá um breve sorriso quando se vira em minha direção, mas há uma tensão nela antes de dar um beijo na minha bochecha e levar sua tigela vazia para a cozinha. — É melhor eu me preparar.

Com um último sorriso, Sloane pega Winston e desaparece no corredor com o gato rosnando em seus braços.

Penso em segui-la até o chuveiro. Talvez eu devesse pressioná-la contra os azulejos frios e me enterrar em seu calor intenso e beijar cada gota de água de seu rosto até que ela saiba, sem dúvida, que não é um fardo. Mas eu não. Preocupo-me com o fato de que, quando ela precisar ou quiser espaço, ela não pedirá e eu forcerei demais. Vou afastá-la.

Apoio à testa nas mãos e fico assim por um longo tempo, pensando em todas as coisas que deveríamos discutir esta noite, quando pudermos relaxar com alguns drinks. Encontraremos uma mesa privada em um bar tranquilo e conversaremos sobre o assunto, como combinamos no Fionn. E então voltaremos para nossa casa e a conversa desta manhã será apenas mais um tijolo na base de uma vida que estamos construindo juntos.

Quando Sloane aparece vindo do corredor com a pele corada pelo calor do chuveiro e o cabelo úmido, ainda estou à mesa, com uma segunda xícara de café quase pronta.

— Quatro horas no restaurante, certo? — pergunto enquanto me levanto da cadeira.

Ela balança a cabeça, com um sorriso brilhante, mas a tensão que ela não consegue esconder de mim permanece. — Eu estarei lá.

E embora ela me dê um beijo de despedida e diga que me ama, e lance um sorriso por cima do ombro enquanto caminha, aquela máscara fina ainda permanece para segui-la porta afora.

— *Carambaaaa* — digo para mim mesmo enquanto passo a mão pelo cabelo e me jogo no sofá.

Eu inventei essa porra de jogo por capricho, só para mantê-la por perto, agora dou a ela a impressão de que acho que a coisa toda é apenas um grande pé no saco. E pior ainda, finjo que tê-la em minha vida é um fardo.

Não é. É a coisa mais distante disso. Eu simplesmente não consigo suportar a ideia de perdê-la, que é exatamente o que vai acontecer se eu não me recompor e conversarmos sobre esse assunto.

Então é isso que resolvo fazer.

Levanto minha bunda e vou para a academia na rua, depois volto para tomar um banho. Passo algum tempo procurando algumas ideias para o cardápio de Réveillon que ainda faltam alguns meses, mas sei que vai surgir rápido. Winston fica vigiando enquanto eu faço algumas tarefas, preparo o almoço e dou a ele uma fatia de bacon que ele não mereceu, porque ele é meio idiota. Então vou para o *3 In Coach*, me dando tempo suficiente para chegar lá depois que todos os funcionários forem embora, para que eu possa ver se esse exaustor é algo que eu possa consertar antes que Sloane chegue.

Entro pela porta dos fundos e desativo o alarme, depois sigo pelo corredor escuro e sem janelas até a cozinha.

Tudo está impecavelmente limpo, todos os utensílios e panelas onde deveriam estar para o almoço de terça-feira, quando o restaurante estará aberto novamente. Enquanto examino a área de preparação, meu olhar se depara com o desenho emoldurado pendurado na parede, aquele que Sloane deixou para mim no primeiro dia em que chegou. Um leve sorriso passa pelos meus lábios quando me lembro do rubor em sua pele e do pânico em seus lindos olhos. Foi a primeira vez que realmente me permiti acreditar que ela poderia querer algo mais do que amizade, mas ela não sabia como fazer isso acontecer.

Um barulho repentino vindo de um canto escuro me assusta e me viro para ver David sentado na cadeira de aço que colocamos para ele ao lado da máquina de lavar louça.

— Jesus Fodido Cristo — eu sibilo enquanto me inclino na cintura e bato a mão no meu coração enquanto suas câmaras se enchem de adrenalina. — O que diabos você ainda está fazendo aqui?

David não me responde, é claro. Ele não falou uma única palavra desde que o encontramos na mansão de Thorsten. Seu olhar vago está preso no chão enquanto ele balança lentamente em sua cadeira, algo que ele parece fazer nas raras ocasiões em que está

agitado.

Vou até ele e me inclino o suficiente para examinar seu rosto inexpressivo. Ele parece se acalmar um pouco quando coloco a mão em seu ombro caído. Nada mais parece errado nele.

— Graças a Deus eu vim, cara. Odeio a ideia de você passar a noite aqui.

Deixo ele para ver o cronograma de turnos no quadro branco. Há um bilhete para o cozinheiro Jake levar David para casa depois do brunch. Jake é nosso mais novo membro da equipe aqui, tendo se mudado de Seattle há seis meses, ele tem sido nada além de confiável até agora, então esse nível de merda é incomum e definitivamente algo pelo qual vou dar uma bronca nele na terça-feira.

Quando acomodo David com um copo de água, concentro-me na tarefa em questão, ligando o botão para os exaustores. Um deles não liga. Não há muito que eu possa ver com o filtro protegendo o mecanismo da vista, então reúno minhas ferramentas no escritório e vou até o painel elétrico para desligar a energia daquela seção da cozinha. Depois de desmontar o invólucro, não demoro muito para encontrar a origem do problema: um fio desconectado. É preciso mexer um pouco para colocar tudo de volta no lugar, mas é um trabalho bastante simples e termino tudo alguns minutos antes das quatro horas.

— Já volto, David. — digo, franzindo a testa enquanto seu balanço metronômico e suave recomeça. — Só vou ligar o disjuntor, assim que Sloane chegar, levaremos você para casa, ok?

Não sei o quanto ele compreende. Nada muda em seu comportamento.

Balançando a cabeça, me viro e reúno minhas ferramentas para guardá-las no escritório. Com um toque no interruptor da cozinha na caixa do disjuntor, ligo novamente a energia dos exaustores.

Quando volto para a cozinha e dou a volta no fogão, paro.

O cano frio de uma arma pressiona o centro da minha testa.

Uma risada profunda e a voz suave e desconhecida do homem segurando a Glock colidem com o pânico que inunda minhas veias. — Bem, bem — ele diz. — O Butcher de Boston.

Levanto as mãos enquanto o cano pressiona com mais força meu rosto em alerta.

— E seu pequeno Tecelão de Orbes estará aqui a qualquer minuto também. Por mais tentadora que pareça essa festa a três, eu realmente gostaria de passar algum tempo de qualidade juntos, só você e eu. Então, você vai fazê-la ir embora.

Uma chave desliza na fechadura da porta traseira quando o clique da trava de segurança da arma aponta para meu rosto.

— Se você não fizer isso, eu vou matá-la. — ele sussurra, dando um passo para trás em direção às sombras que envolvem o canto da cozinha. Ele muda a arma, apontando-a para a porta do corredor, por onde Sloane passará a qualquer momento. — E vou aproveitar cada segundo fazendo você assistir.

CAPÍTULO VINTE E UM

CHAVES



Enfio a chave na fechadura da entrada de serviço do 3 *In Coach* e empurro a pesada porta de aço para as sombras do corredor. Quando a coloco no bolso, mantenho a mão em volta do metal frio. Além da do apartamento de Lark, nunca tive a chave de outra pessoa antes. Sabendo o quanto o restaurante significa para Rowan e seus irmãos, o metal estriado parece sagrado para mim. Gosto de segurá-lo na palma da mão, para saber que significo algo para Rowan também, o suficiente para que ele queira que eu compartilhe este lugar com ele.

Eu sei que Rowan está incrivelmente estressado com tudo que está acontecendo. De vez em quando, eu o sentia se fechar, sempre que o questionava sobre isso, ele dizia que só queria deixar os problemas no trabalho e esquecê-los por um tempo. Isso fazia sentido, tentei criar para ele o mesmo lugar seguro que ele sempre criou para mim. Nosso pequeno reino onde o mundo exterior desaparece por um tempo. Mas esta manhã foi a primeira vez que senti a imagem mudar de uma forma que fez minhas entranhas se revirarem e meu coração rastejar na garganta. Até agora, eu não tinha me perguntado se o fardo que o pesa sou eu.

Tenho que continuar me lembrando de acreditar na palavra dele, de que ele não quis dizer isso, mesmo que minhas inseguranças continuem chacoalhando em minha cabeça como insetos zumbindo contra painéis de vidro. Se ele disse que não sou um fardo, então ele está sendo honesto... certo? Todos nós dizemos coisas que não queremos dizer. Levará apenas um ou dois dias para sacudi-lo, as coisas vão melhorar quando o *Butcher & Blackbird* estiver totalmente instalado e funcionando.

Pressiono a chave com mais força na palma da mão. É uma prova. Ele e eu não somos temporários. Nossas circunstâncias são, e elas passarão com o tempo.

— Rowan — eu grito quando me aproximo da cozinha. — Encontrei este lugar online que parece muito legal, com um pátio na cobertura. Talvez nos pudéssemos...

Minha voz desaparece quando entro na cozinha.

Rowan está parado com as mãos apoiadas na borda do balcão de preparação de aço inoxidável, os ombros tensos e a cabeça baixa. Quando seu olhar colide com o meu, é devastado pela escuridão e pela derrota.

— O que está errado...? — pergunto enquanto paro e o observo. Meu coração dispara de preocupação. Cada centelha de intuição me diz que tudo isso está muito errado. — Aconteceu alguma coisa com o restaurante? Você está bem?

Começo a me aproximar dele, minha mão levantada para tocar seu braço, mas ele se endireita abruptamente e fica fora de alcance. Meus pés param instantaneamente. Minha frequência cardíaca dobra.

— Você está bem? — Eu pergunto novamente.

Sua voz não contém gentileza, nem calor, nem mesmo familiaridade quando ele diz: — Não, Sloane. Eu não estou bem.

Minha garganta desmorona em torno das palavras que quero dizer. O calor irrompe sob minha pele, queimando cada centímetro de mim de dentro para fora. Meu olhar salta entre os limites do olhar sombrio e penetrante de Rowan, seus limites beirando o letal. — O que está acontecendo?

— O que está acontecendo é que você precisa ir para casa.

— Tudo bem... vou pegar um Uber...

— Não. Para Raleigh. Você precisa voltar para onde você pertence.

— Eu não... — uma súbita explosão de emoção engasga minha garganta. Meu nariz queima. Uma picada inunda meus olhos. — Eu não entendo.

Rowan passa a mão pelo cabelo e desvia o olhar antes de dar outro passo para trás, claramente agitado por eu estar aqui. Estou desesperada para dar um passo mais perto, apenas tocá-lo e fazer com

que tudo isso pare antes que tudo se desintegre em minha mão como um castelo de areia arrastado para o mar.

— Eu fiz alguma coisa? Se eu fiz alguma coisa, você precisa me dizer. Podemos conversar sobre isso.

Ele aperta a ponte do nariz enquanto um suspiro frustrado sai de seus pulmões. — Você não fez nada, Sloane, isso simplesmente não está funcionando. E eu preciso que você vá.

— Mas... pensei que você disse que faríamos o que as pessoas normais fazem. Falar um com o outro. Fazer funcionar.

— Não somos '*pessoas normais*', Sloane. Não podemos fingir ser algo que não somos. Não mais. Eu te contei isso em abril, no dia dez. Eu disse que nunca quis ser como todo mundo.

Balanço a cabeça, tentando abrir caminho através da confusão e das minhas memórias. — Eu não me lembro...

— Décimo ou décimo terceiro. Qualquer que seja. Foi como te contei no carro, a caminho da festa de gala. Já disse naquela época que o restaurante era a única coisa que fazia sentido na minha vida. Mas isso não importa. O que importa é que existem algumas coisas que nunca poderemos ter. Nunca poderei ter uma vida normal. Nem você pode. Somos monstros neste mundo.

Sei que não sou uma pessoa normal, mas não me sinto um monstro. Eu me sinto como uma arma. A justiça final em nome daqueles que não podem falar, punindo aqueles que não merecem clemência. Mas talvez Rowan esteja certo. Talvez eu esteja apenas me iludindo sobre meu reinado de vingança e sou tanto o monstro quanto a presa que caçamos.

Sou pega nessas questões quando Rowan solta um suspiro de frustração, como se isso estivesse ocupando muito do seu tempo. A dor disto torce e queima em meu peito.

— Meus restaurantes são tudo o que realmente importa. — diz ele, apontando para a sala de jantar antes de pressionar o dedo no balcão de aço inoxidável. — Preciso manter meu foco aqui. Tentar ter esses dois lugares e um relacionamento não é viável para mim. Então você precisa ir embora. Ir para casa.

O olhar duro de Rowan não cessa. Isso penetra profundamente em mim. Ele não vacila quando a primeira lágrima cai dos meus cílios para esculpir uma linha quente na minha bochecha. Ele nem pisca quando as próximas a seguem rapidamente.

— Mas... eu amo você, Rowan. — sussurro.

Rowan não é caloroso, nem gentil, nem nada além de frio e clínico quando diz: — Você pensa que faz, mas não faz. Porque você *não pode*.

Minha mente está girando. Meu coração está se desintegrando em cinzas. Parte de mim quer correr tanto quanto ele quer. Correr e correr até eu nem saber mais onde estou. Até que eu não consiga sentir essa dor.

Mas eu planto meus pés.

— Eu irei, se é isso que você quer. — eu digo, minha voz firme e baixa. — Mas preciso que você me diga uma coisa primeiro, por favor.

— O que.

— Preciso saber por que não sou digna de ser amada.

É a primeira vez que vejo o menor sinal de hesitação em Rowan desde que entrei nesta cozinha. Mas em um instante, ele engole. E nada mais vem.

Minha raiva aumenta sob o peso dessa perda eminente. — Diga-me.

Não encontro nada além de um olhar escuro e sem luz. Lágrimas inundam minha visão até que mal consigo ver Rowan através do véu aquoso.

— Apenas seja honesto comigo. Por que você não pode me amar? O que há de errado comigo? *Diga-me...*

— Porque você é uma maldita psicopata, é por isso.

As palavras de Rowan me atingiram como um tapa. As lágrimas param. Minha respiração para. Meu coração partido. Além do tempo. O momento de silêncio entre nós parece eterno, uma dor que está gravada em tudo o que resta da minha alma, suas palavras marcadas ali para sempre. Eu sei que em um instante elas me seguirão, um fantasma que nunca me deixará ir.

Rowan fecha os punhos enquanto se inclina um pouco mais perto, como se tentasse forçar essa revelação através dos meus olhos e no meu cérebro. — Você mata pessoas, corta pedaços delas e faz um espetáculo elaborado montando um mapa maluco que ninguém consegue descobrir além de você. Então você arranca a porra dos

olhos deles e os transforma em decorações. Eu sei que não sou nenhum santo, mas essa merda é uma loucura de nível superior. É isso que há de errado com você, Sloane. Você está desequilibrada. Você vai bater e queimar. Você me levará com você se eu deixar isso continuar. Então você *precisa sair*.

Dou um passo instável para trás, depois outro, e outro. O desconforto é registrado pela primeira vez em minha mão, percebo que estou segurando a chave do restaurante com tanta força que ela está mordendo minha pele. Tiro-a do bolso e olho para a prata apoiada nas marcas vermelhas na palma da minha mão.

Meu olhar se eleva, não para Rowan, mas para o esboço que desenhei no ano passado. Está emoldurado perto da porta da frente do restaurante, bem onde Rowan pode vê-lo enquanto trabalha, onde está protegido do calor e da umidade da cozinha. Assim como pensei que era seguro em sua pele. Como se eu estivesse seguro em seu coração.

Mas eu não estou.

Quando minha atenção se volta para Rowan, mantenho seu olhar pela última vez.

Respiro apenas uma vez para lembrar cada detalhe de seu lindo rosto. Seus lábios carnudos. Aquela cicatriz que eu gostaria de poder beijar. Seus olhos azul-marinho, embora seu brilho me atravessasse.

Na respiração seguinte, viro a mão e deixo a chave deslizar da minha pele e cair no chão.

Não digo mais nada enquanto giro sobre os calcanhares e deixo o *3 In Coach*.

Corro todo o caminho de volta para o apartamento dele. Doze quarteirões. Três lances de escada. Só quando tiro as chaves de casa do bolso e entro na sala suando e respirando irregularmente é que me permito chorar de novo.

Eu sou uma maldita psicopata.

Achei que ele era igual a mim. Achei que éramos iguais. Pode ter começado com um jogo, mas desde o início parecia muito mais. Como se eu finalmente tivesse encontrado uma alma gêmea. Todos esses anos, essas experiências malucas, a saudade e a solidão do meio-termo... pensei que isso representava algo mais brilhante em nosso horizonte. Estávamos nos aproximando, não estávamos?

Foi nisso que me deixei acreditar.

Como pude estar tão errada todo esse tempo?

Eu amo Rowan. Até a porra do meu âmago. Eu amo o futuro que vi com ele, e agora ele arrancou-o do meu alcance.

E se isso fosse sempre o que esperava do outro lado da montanha? Apenas um penhasco irregular para cair?

Demoro um longo momento para perceber que mudei do centro da sala para o sofá de Rowan. Não sei há quanto tempo estou sentada. Nem sei quanto tempo se passou desde que cheguei. Parece que minha cabeça está cheia de algodão, uma barreira difusa entre meus pensamentos e o mundo.

Pisco e olho para Winston, que está sentado à minha frente na cadeira favorita de Rowan, com os olhos amarelos em seu pelo cinza e felpudo.

— Você provavelmente é ainda mais psicopata do que eu. Seu nome é uma homenagem a um maldito gato morto-vivo. — digo ao felino enquanto outra explosão de lágrimas sobe pela minha garganta. Lanço um aceno derrotado na direção de Winston antes de deixar cair a cabeça nas mãos e soluçar. — Então, sim, eu entendo totalmente toda essa coisa *olhar de morte* que você está fazendo, mas você ainda está entrando na porra de um avião e vindo comigo porque eu serei amaldiçoada se eu voltar para Raleigh sozinha.

Choro uma torrente de lágrimas que parece interminável até que algo macio roça minha mão. Minhas palmas úmidas deslizam pelo meu rosto e Winston olha para mim, seu ronronar suave é um estrondo de conforto. Quando levanto o braço, ele sobe no meu colo e se deita. — Então, eu admito que sou uma psicopata e agora você quer ser meu amigo? Acho que isso bate.

Ficamos assim até que minhas lágrimas finalmente diminuíram, só eu e o gato e a vibração de seu ronronar contra minhas coxas. E depois de um longo tempo, quando o conhecimento de que Rowan poderia voltar a qualquer momento corrói meus pensamentos o suficiente para dominá-los, coloco o gato de lado e me levanto.

— Se estivermos entrando em um avião, faremos isso com uma aparência gostosa. E não me refiro ao tipo bagunçado. — digo a Winston enquanto ele me encara, aparentemente descontente por sua cama humana quente ter se movido.

Vou para o chuveiro, ligo o volume até esquentar. Cada um dos produtos de Rowan vai pelo ralo, porque a porra da minha energia

fodida de psicopata é real nos momentos em que não sou uma bagunça arrogante e soluçante. Depois seco o cabelo, faço a maquiagem, prometo a mim mesma que não vou chorar de novo para não estragar o melhor delineador que fiz nos últimos tempos. Até coloquei uns cílios postiços, porque *foda-se*. Se vou ser uma psicopata, serei a psicopata mais quente que o Aeroporto Internacional de Logan já viu.

É claro que parte dessa perseverança desaparece quando reservo o próximo voo para fora da cidade e arrumo minhas coisas.

Quando ligo para Lark, minha determinação está quase acabando.

— Ei, Tetas Estrelas Douradas, como você está? — ela pergunta, sua voz um toque de sinos.

Uma respiração profunda flui pelo meu nariz. — Hum. Já estive melhor.

— Por quê? O que aconteceu?

— Rowan — eu digo, piscando para conter as lágrimas. — Ele terminou comigo.

— *O quê?* — Há um longo período de silêncio. Concorde com a cabeça, mesmo sabendo que Lark não pode me ver. — Não...

— Sim.

Um som de angústia chega à linha desde o final da ligação de Lark. Qualquer que seja a cola que mantém meu coração unido o suficiente para mantê-lo batendo, suaviza o som da angústia de Lark por mim. Pontos irregulares de dor me perfuram de dentro para fora, marcando músculos e ossos.

— Ele não poderia ter... Você não pode estar falando sério... — Lark sussurra.

— Muito sério, infelizmente. — respondo, colocando o telefone no viva-voz enquanto sento no sofá e puxo Winston para meu colo. — Acabei de reservar um voo de volta para Raleigh. Quero sair de Boston imediatamente. Posso ficar na sua casa um pouco até descobrir o que diabos fazer com os inquilinos da minha casa?

— Claro. Sempre. Contanto que você queira. Envie-me uma mensagem com os detalhes do seu voo e eu alterarei meu voo para que possamos partir juntas. — Uma série de palavrões e descrença flui de Lark enquanto eu mando uma mensagem para ela com meu número de voo. Quando os detalhes são revelados, ela repete a

informação antes de soltar um longo suspiro. — Oh, querida, deve haver algum tipo de erro. Esse homem ama você.

Minha risada bufada é amarga e sardônica. — Isso foi o que eu pensei também. Mas ele deixou bem claro que não. Aparentemente, sou uma '*maldita psicopata*', portanto, não posso amar nem ser amada. Acho que isso não é novidade. Acontece que sou muito psicopata até para ele.

— Foi isso que ele disse para você? E você não arrancou os olhos dele e os jogou no vaso sanitário?

Um leve sorriso passa pelos meus lábios e desaparece tão rapidamente quanto aparece. — Eu provavelmente deveria ter feito isso.

— O que mais ele disse?

— Não sei, algumas coisas estranhas. — respondo, tentando lembrar os detalhes recentes que já parecem nebulosos sob a dor. — Ele disse que eu precisava ir para casa, a princípio, pensei que ele se referia a aqui, ao apartamento. Mas então ele disse 'não, para Raleigh'. Quando perguntei por quê, ele não me deu um motivo a princípio, apenas que não estava funcionando entre nós e que os restaurantes tinham que ter prioridade.

— Mas pensei que estava funcionando.

— Eu também. — Eu cutuco o pelo de Winston, repetindo cada palavra do nosso rompimento, mesmo sabendo que daria qualquer coisa para esquecer todas elas. — Pedi a ele para conversarmos sobre isso juntos. Isso foi algo que ele disse na casa de Fionn, que conversaríamos sobre coisas como as pessoas normais fazem.

— Isso parece razoável e bastante não-psicopata para mim.

— Sim. Mesmo. Então ele disse algo meio estranho. — Minha testa franze quando abro a função de pesquisa na tela inicial e digito a palavra 'salão'. Ele traz uma mensagem de Rowan como uma das opções, eu pressiono para abrir sua mensagem. — Ele disse que 'nunca quis ser como todo mundo'. Ele alegou especificamente que me contou isso a caminho da festa de gala do Best of Boston, no dia 10 de abril.

— Ok... o que há de estranho nisso?

— Não me lembro dele ter dito isso. Nunca. E a gala não foi no dia dez.

Lark faz uma pausa. Ela provavelmente está pensando que

perdi a cabeça e pode estar certa. — Talvez ele tenha errado a data?

— Mas a gala foi dois dias antes do aniversário dele, no dia 27. Você não acha meio estranho que ele não se lembre disso?

— Querida, não sei. Se ele está no meio de um rompimento e obviamente estressado com as coisas do restaurante, ele pode ter errado as datas.

— Eu acho, mas então ele se corrigiu e disse o décimo terceiro. É a maneira como ele disse isso, a maneira como ele juntou tudo. Foi estranhamente específico — respondo, percorrendo as mensagens que ele e eu compartilhamos nessas datas. — Ele falou mais uma coisa sobre a nossa conversa no carro a caminho do evento, que ‘o restaurante era a única coisa que fazia sentido na vida dele’. Mas tenho certeza de que ele nunca disse isso.

— Hun, Sloane, eu te amo. Eu te amo mais do que ninguém, querida, mas ele pode não lembrar-se totalmente de todos os detalhes. Quero dizer, ele está claramente fodido da cabeça se vai desistir de você, então quem sabe o que está acontecendo lá em cima, sabe?

Lark continua falando, explicando todas as teorias razoáveis sobre por que ele poderia ter dito o que disse.

Mas não ouço uma palavra enquanto empurro o gato do meu colo e me levanto.

Porque estou olhando para uma mensagem que enviei a ele no final de março, no mesmo dia em que ele ligou e me pediu para ser sua acompanhante na premiação.

EU

Acha que esta gala terá bufê de frios? Nesse caso,
provavelmente deveria informá-los que você só
aceita sêmen recém-ordenhado.

Meu sangue se transforma em pedaços de gelo em minhas veias.

Lembro-me de segurar aquele pote branco nas mãos na cozinha de Thorston enquanto lia o rótulo caseiro para Rowan.

De dez a treze de abril.

Eu sei o que ele disse no caminho para a gala. Lembro-me disso

tão claramente quanto me lembro do calor do beijo que ele deu em meu pescoço no saguão, do formigamento de eletricidade em minha pele quando ele passou minha mão pelo assento de couro durante a viagem. *'Pelo menos uma coisa está dando certo no 3 In Coach'*, ele me disse. *'As coisas inevitavelmente dão errado. É que... acontece muito ultimamente.'*

Lark ainda está falando quando digo — Tenho que ir — e desligo a ligação.

Meus dedos estão frios e dormentes quando abro o aplicativo da câmera que instalei na cozinha do restaurante.

Meu estômago se revira enquanto observo os detalhes na tela.

— Não... — Lágrimas inundam minha visão. — Não, não, não...

Aperto meu coração enquanto ele se quebra pela segunda vez. O sangue escorre dos meus membros. As bordas da minha visão escurecem e eu pressiono meus olhos bem fechados. Um som de angústia passa pelos meus lábios quando meus joelhos dobram, meu telefone cai da minha mão. Eu sei que o horror que acabei de ver é real. Mas não há tempo para desmoronar.

E se você não for rápida o suficiente?

Eu não respondo a essa pergunta. Não posso. A única coisa que posso fazer agora é tentar.

Engulo a lança da dor e me preparo para dar uma volta no meio da sala. Meu olhar pousa no estojo de couro onde guardo meu bisturi entre lápis e borrachas.

Com as mãos trêmulas, pego meu telefone e ligo para o remetente desconhecido, um contato cujo nome nunca digitei em meu telefone. Ele atende no segundo toque.

— Sra. Aranha. — diz Lachlan. — Qual é a ocasião?

— Eu preciso de um favor. Urgentemente. — respondo enquanto tiro minha maleta da mesa lateral e caminho em direção à porta. — Você tem o tempo que for necessário para eu correr doze quarteirões.

— Parece divertido. Eu gosto de um desafio. O que você precisa?

— Vou te contar o que sei. — digo, já descendo as escadas de

dois em dois. — E você vai me dar tudo o que puder encontrar sobre David Miller.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

SUTILEZA



A ponta afiada do bandolim encosta na parte interna do meu antebraço, entre as cordas que me prendem à cadeira. Minhas palmas voltadas para cima em punhos cerrados, minhas unhas curtas cravando em minha carne enquanto me preparo contra a dor que já suportei e a que ainda está por vir. Respirações irregulares saíram do meu peito e eu cerrei os dentes. Eu sei o que está prestes a acontecer. O sangue já jorra de outros dois ferimentos, ele está determinado a conseguir o corte perfeito desta vez.

A lâmina prende minha pele e a arranca da carne que está por baixo.

Engulo um grito quando David se abaixa para resistir à minha luta inútil e desliza o bandolim em direção ao meu cotovelo até que uma tira fina da minha pele seja cortada. Ele joga a ferramenta ensanguentada no balcão de preparação, onde ela para ao lado de sua arma.

Então ele arranca a ponta de pele do meu braço com um puxão impiedoso enquanto o som do meu grito angustiado enche a cozinha.

— Sabe, desenvolvi um gosto por isso no Thorsten. — David diz enquanto se aproxima até ocupar todo o espaço na minha visão. Ele agarra meu cabelo com uma mão e puxa minha cabeça para trás para sorrir para mim. Seus olhos antes vazios não estão mais vazios. Eles estão *vorazes*. E eles estão presos em mim. — Você desenvolveu um gosto também?

O sangue escorre por seus dedos da pele cortada presa entre

eles. Eu me debato na minha cadeira, mas não consigo escapar de seu aperto.

— Só uma mordidinha. — diz ele.

Eu pressiono meus lábios com força. Um grunhido sufocado de protesto vibra em minha garganta enquanto ele espalha minha pele ensanguentada em meus lábios.

— Não?

Seu beicinho falso se transforma em um sorriso reptiliano.

A língua de David desliza entre os dentes e ele coloca a pele sobre ela como um véu, estendendo-a para que eu veja. Ele fecha os lábios em torno dela, deixando-a balançar contra seu sorriso triunfante.

Então ele suga na boca.

De olhos fechados, suas mandíbulas trabalham lentamente, como se ele saboreasse cada mordida enquanto a rolava entre os dentes.

Seu engolir audível revira meu estômago.

— Que delicadeza. Muito raro. — Ele se vira para a mesa e arrasta uma garrafa de Pont Neuf pelo balcão de aço inoxidável. — Você sabe o que mais é raro?

Minha resposta é apenas respirações irregulares.

— Uma mulher como Sloane. — diz David.

Eu vou ficar doente pra caralho.

Eu nunca, nunca me senti assim. Como se houvesse um buraco vazio no meu estômago. Como se eu estivesse quebrando de dentro para fora. Tão indefeso. Tão desesperado. Aquele olhar em seus olhos quando eu disse a ela que não a amava assombra cada respiração que respiro. Essas malditas lágrimas me destroem.

— Poucas pessoas fariam o que ela fez por mim. — diz David enquanto gira o saca-rolhas na garrafa. Ele chia a cada giro metronômico de sua mão. — Mas então, esse é o jeito dela, não é? Assim como ela protegeu aquela amiga dela, a garota Montague. É tão estranho como aquele professor desapareceu de repente do internato, não acha? As pessoas têm um jeito engraçado de desaparecer convenientemente nos Montagues.

— Deixe-a em paz. — eu digo.

— Mas quando eu cacei e procurei por respostas, parecia que já havia rumores circulando sobre as coisas que ele fazia com as garotas de lá. Coisas terríveis. Coisas depravadas. Coisas desviantes. Mas pelo menos ele fez uma coisa *boa*: ele fez o Tecelão de Orbes. Um lindo monstro.

A rolha se solta da garrafa.

Sua voz transborda de fingida inocência quando David diz: — Você acha que ela iria querer fazer essas coisas perversas e depravadas comigo?

Minha visão fica vermelha de raiva enquanto me debato na cadeira. — *Deixe-a em paz.* — eu rosno.

David suspira enquanto se serve de uma taça de vinho. — Eu também não acho que ela queira. Mas eu vou *obrigá-la*.

Eu irrompo dentro das minhas restrições, desequilibrado. Selvagem. Insano.

Mas não vou a lugar nenhum.

— Talvez eu demore um pouco. — ele continua enquanto desenrola a rolha da espiral de metal. — Fazê-la confiar em mim. Talvez eu até faça uma semi-recuperação milagrosa. Você sabe, não tanto que eu ainda não puxe as cordas negras de seu coração, mas apenas o suficiente para que ela possa se convencer a foder um homem lobotomizado. Ou talvez eu já tenha esgotado toda a minha paciência. Eu estive esperando por esse momento por tanto tempo, você sabe. Talvez eu a siga até o número 154 da Jasmine Street. Eu poderia invadir a casa dela e trazer uma bolsa para cachorro. Alimentá-la com pequenos pedaços de você e depois transar com ela até que eu a destrua, até que ela não seja nada mais do que outro pedaço de carne pulverizada e sangrenta destinada ao lixo.

Ele se aproxima até ficar bem na minha frente, seu olhar preso em seu vinho enquanto ele gira a taça e depois toma um gole.

— De qualquer forma — ele diz enquanto um sorriso surge em seus lábios — O som dela implorando será uma bela sinfonia. Uma obra-prima.

Minha garganta entope. Meus olhos ardem.

Eu sei que não há raciocínio com ele. Não há troca. Não tenho nada a oferecer. Mas eu tento mesmo assim.

Por ela.

— Por favor, *por favor*, deixe-a em paz. Se você quiser que implore, eu imploro. Se você quiser dinheiro, pode ter tudo o que possuo. Se quiser me cortar em mil pedaços, você pode. Faça o que quiser comigo. Por favor, deixe-a em paz. *Por favor*.

David se aproxima. Seus olhos examinam cada centímetro do meu rosto. — Por que eu faria isso, quando posso ter vocês dois?

Um lampejo de movimento. Prata na penumbra.

A dor irrompe em meu pulso e a agonia escorre dos meus lábios. Olho para baixo, para onde o saca-rolhas está enterrado em minha carne, contorcendo-se a cada batida do meu coração.

— A Pont Neuf — David diz enquanto segura a taça debaixo do meu braço amarrado. O sangue escorre para o vinho. — É bom, mas um pouco sem graça para o meu gosto. Gosto de algo encorpado.

Ele deixa o saca-rolhas no meu braço enquanto toma um longo gole. Quando os olhos de David se fixam nos meus, eles estão nebulosos, semicerrados. Seu sorriso lento é exultante.

— Muito melhor — ele sussurra, mistura o vinho e o sangue antes de beber mais. — Esse pequeno sabor de ferro realmente adiciona outra dimensão à mistura. Por mais insuportável que fosse aquele velho fanfarrão pretensioso, devo admitir: Thorsten realmente estava no caminho certo. E toda essa conversa? Bem... isso me deixou com fome. Aposto que você também está faminto.

David se vira em direção ao balcão onde o bandolim está manchado de sangue no aço inoxidável.

É o rosto de Sloane que vejo quando coloco o queixo no peito e fecho os olhos. São as lágrimas dela que sinto quando o suor escorre pelo meu rosto e cai no meu colo. Penso em como ela era linda quando eu disse que não a queria, sua pele radiante com a dor das minhas palavras. Vi o coração dela quebrar e torci aquela faca em vão. Porque nunca poderei salvá-la. Não disto. Não dele.

Só posso esperar que ela desapareça do jeito que sei que pode. Do jeito que ela deveria ter feito, desde o primeiro momento em que a deixei sair daquela jaula.

Estou pensando naquele primeiro dia em que a conheci no pântano quando noto que David ainda está na periférica.

Quando tiro o olhar do colo, ele ainda está de pé na mesa onde

está o bandolim, mas sua postura é diferente. Duro. Tenso. Ele gira lentamente de costas para mim, a cabeça inclinada ao longo da mesa de preparação à sua esquerda e depois ao balcão à sua direita.

— Procurando por algo? — uma voz diz das sombras.

Choque e confusão. Desespero e medo. Tudo bate no meu peito quando Sloane entra na luz, com a arma de David erguida na mão.

Ela é tão linda. Tão corajosa. A arma não oscila em sua mão enquanto ela a mantém apontada para ele e caminha para frente parando o suficiente para que eu possa vê-la claramente. Sua pele brilha com um leve brilho de suor. Olhos castanhos com delineador preto e cílios grossos se movem para mim.

Seu rosto está inexpressivo quando ela olha meu braço ensanguentado e o saca-rolhas cravado em meu pulso.

Ela olha para David. Um sorriso lento surge em seus lábios.

— Olá, David. Estou tão feliz que finalmente tivemos a chance de conversar. — diz ela.

E então ela abaixa a arma.

— Eu queria saber quando você finalmente faria sua jogada.

Seu sorriso assume um tom sombrio. Uma ponta *afiada*. Uma que desliza bem entre minhas costelas.

Sloane não olha para mim. Nem mesmo um olhar em minha direção. Ela mantém toda a sua atenção em David, calor e admiração em seus olhos, aquela porra de covinha perto de seus lábios.

Eu quero arrancar a porra da pele dele.

— Admiro seu trabalho — diz ela. — O South Bay Slasher. Presumo que você fez amizade com Thorsten enquanto estava em Torrance, certo?

David sorri antes de levar o copo aos lábios e tomar um longo gole de vinho, depois o coloca no balcão ao lado do bandolim e cruza os braços. — Então, você está me perseguindo. Não posso dizer que estou totalmente surpreso.

Sloane dá de ombros. — Gosto de saber quem está por aí.

— Eu sei. Eu tenho feito algumas perseguições por conta própria. Estou ciente do calibre da presa que você caça. Você está aqui para me matar.

— Se eu estivesse — ela diz enquanto levanta a arma e examina o cano — Eu já teria feito isso.

David deixa seu olhar percorrer todo o corpo de Sloane. Há um brilho em seus olhos, um lampejo de todas as coisas que ele quer fazer com ela, todos os seus desejos depravados. — Eu estava assistindo seu pequeno momento especial com esse idiota algumas horas atrás, não se esqueça. Eu conheço a dor quando a vejo. Você poderia dizer que é minha especialidade.

— E foi uma performance muito convincente, não foi? — Sloane encolhe os ombros e mantém o dedo no gatilho enquanto apoia o cotovelo no quadril e aponta a arma para o teto. — Eu estive observando você também.

— Pequenas mentiras vão te pegar em uma teia, Tecelão de Orbes. Você deveria saber disso melhor do que ninguém. — David diz através do sorriso sombrio e predatório que surge em seus lábios. — Eu desliguei as câmeras de segurança.

Embora David se aproxime um pouco mais dela, Sloane permanece relaxada. Nada muda em sua postura quando ela diz: — Tsk, tsk, David. Você não deve ter contado todos os feeds de vídeo. Aquele ali? — ela diz enquanto aponta a Glock para uma câmera no canto da cozinha que está apontada para nós, com a luz vermelha ainda acesa. — Esse é meu. Eu estive observando o tempo todo.

O sorriso de David desaparece quando ele percebe que ela está certa.

O sorriso malicioso de Sloane é triunfante quando ela lhe dá uma piscadela. — Como eu disse. Se eu quisesse, eu faria.

Num movimento rápido, ela aponta a arma para David, o cano apontado para sua testa. Ele enrijece e abaixa os braços.

— *Pow, pow, pow.* — ela diz em um ritmo destacado. Seu sorriso se espalha antes que ela baixe a arma para o lado. — Estou brincando.

Só consigo ver o perfil de David, mas ele não consegue esconder o brilho nos olhos.

Ele está extasiado.

E Sloane come tudo, seu rosto se iluminando em um sorriso indulgente. — Você fez amizade com Thorsten para me encontrar? — ela pergunta com uma inclinação de cabeça sedutora.

— Gosto mais de me defender. Tive a ideia de que você poderia vir me buscar algum dia. Achei que se fizesse amizade com alguém como nós, poderia ter uma proteção todo mês de agosto, quando pessoas da nossa... natureza... tendem a acabar mortas. Claro, Thorsten não sabia que estava sendo caçado, então sugeri que poderia fingir ser seu servo fodido durante a noite enquanto ele coçava a coceira com a aparição fortuita de duas vítimas aparentemente perfeitas. — David toma um gole e a estuda antes de encostar-se ao balcão. — Você sabe o que dizem: o trabalho em equipe faz o sonho funcionar.

Sloane sorri. — De fato. Mas às vezes demora um pouco para encontrar a equipe certa.

David inclina o copo na direção dela. — Muito verdadeiro.

— Blackbird... — eu digo.

Ela suspira e me lança um olhar sombrio. — Pare com o 'Blackbird' já.

— *Sloane, amor, por favor...*

— Amor? — A cabeça de Sloane se inclina. Seus olhos ficam pretos na penumbra. — *Amor...*? Você realmente pensou que era isso? Você mesmo disse... sou uma maldita psicopata, lembra? Um monstro. Isso não é amor. É tédio. É competição. E pelo que parece — ela diz enquanto deixa seu olhar viajar do saca-rolhas para o gotejamento constante que flui até a poça de sangue no chão — Eu já ganhei.

Eu balanço minha cabeça. Minha voz é apenas um sussurro estrangulado quando digo: — Ele vai fazer coisas brutais com você, Sloane.

— Oh, você quer dizer que talvez ele se torne poético enquanto bate até as bolas na minha bunda? É nesse tipo de coisa que você está pensando? — Sloane revira os olhos. — Acho que provei que posso lidar com isso.

Cada dor no meu corpo é eclipsada pela dor no meu peito enquanto meu coração incinera. Ela observa isso acontecer, assim como eu fiz com ela. Mas não sinto nem o menor resquício de remorso ou arrependimento, apenas nojo na maneira como seus lábios se curvam antes de ela desviar o olhar.

A expressão de Sloane se suaviza quando seus olhos se voltam para David. — Sabe, estou realmente com vontade de destruir a cidade, se é que você me entende — ela diz para ele com uma

piscadela.

Seu sorriso de retorno é voraz.

Eu imploro, mas é como se eles não pudessem me ouvir. Bato na minha cadeira, mas eles não veem.

Lágrimas queimam meus olhos. Eu sei o que ele fará com ela, minha linda Sloane. Ele vai destruí-la. Tirar pedaços dela. Come-los na frente dela, assim como ele fez comigo. E tantas outras coisas horríveis, hediondas e monstruosas que não suporto imaginar, mas imagino mesmo assim.

Mesmo que ele a deixe sair viva deste lugar, ela nunca sobreviverá essa noite.

— O que você tem em mente? — David pergunta.

— Que tal terminarmos aqui e nos divertirmos? Eu tenho algumas ideias. Talvez o Kane Atelier seja um bom lugar para começar.

A bile se agita em meu estômago enquanto David sorri e levanta o copo. — Para uma noite na cidade. — Ele bebe o resto do vinho ensanguentado e coloca o copo vazio na mesa de preparação.

— Aqui, pegue isso. — A mão de Sloane se levanta como se estivesse presa em câmera lenta, a palma da mão aberta e a Glock apoiada nela como uma oferenda. — Eu realmente não gosto de armas.

Os olhos de David brilham de expectativa enquanto ele pega a arma, com o olhar fixo no prêmio mortal.

No momento em que seus dedos tocam o punho da pistola, o outro braço de Sloane se move em um golpe para cima. Há um brilho prateado, algo escondido em sua mão.

David recua por reflexo. O sangue espirra pela Glock quando ela cai no chão. Ele se lança contra ela com a outra mão, mas Sloane é rápida demais. Seu golpe para baixo corta seu outro pulso. David ruge de frustração, mas o rosnado se transforma em um gemido de dor quando ela chuta a perna dele e o deixa de joelhos.

Enquanto ele cai, o bisturi dela está esperando.

Ele desliza para dentro do entalhe na cavidade de sua garganta, com a ponta afiada apontada para cima. O peso de David divide a carne em duas ao longo de sua garganta enquanto Sloane

segura à lâmina firmemente entre as mãos.

Ele para na ponta do queixo, bem fundo no osso.

David tosse com uma respiração gorgolejante e desesperada através da fenda aberta. Uma onda de sangue espirra no rosto de Sloane. Ela não pisca enquanto deixa seu olhar percorrer cada detalhe de sua dor e fúria, seu sorriso sombrio e triunfante enquanto seus olhos turvos olham de volta.

— Eu realmente não gosto de armas — ela diz e agarra o cabelo dele com força. Ela puxa a lâmina com a outra mão. — Muito alto. Sem sutileza.

Ela enfia o bisturi no olho dele. O grito de David nada mais é do que uma explosão crepitante de spray vermelho.

Então ela o deixa cair no chão.

O sangue se espalha em uma poça espessa sobre os ladrilhos. Sloane fica de costas para mim enquanto observa os movimentos desesperados de David, lentos e parados, mesmo quando eles param, ela permanece lá, olhando para ele como se precisasse ter certeza de que ele não se levantaria novamente.

— Você está bem? — ela pergunta sem se virar, sua voz rouca e baixa.

Examino meu braço sangrando, onde a pele foi esfolada pela carne latejante por baixo. Minha bochecha e minhas costelas pulsam onde recebi seus primeiros golpes. O saca-rolhas ainda bate com a batida acelerada do meu coração, mas provavelmente parece pior do que é.

— Eu não me importaria de sair desta cadeira, mas sim. Eu vou ficar bem.

Sloane assente e depois fica em silêncio, o olhar ainda preso ao corpo no chão.

— Sloane...

Ela não se move.

— Sloane, amor...

— Não.

— Hum... Blackbird?

Nada ainda.

— ...Pêssegos?

Sua cabeça vira para o lado e ela me lança um olhar furioso por cima do ombro. Mas também há lágrimas ali, escorrendo pelo sangue espalhado por seu rosto. — Eu disse que te cortaria se você me chamasse assim de novo.

— É o Blackbird. — Eu dou a ela um sorriso fraco. Há preocupação em seus olhos enquanto ela me olha, mas também há dor, e isso consome minha alma. — Amor, eu...

— Cale a boca — ela retruca e tira o telefone do bolso. Um segundo depois, o som do toque precede a voz do meu irmão.

— Bom trabalho. Meu amigo Conor está lá fora. Você quer que ele entre? — Lachlan pergunta.

— Não. Obrigada por enviar reforços.

— Você está bem?

— Claro. — Sloane me observa por cima do ombro. Lágrimas ainda brilham em seus olhos, mesmo que o olhar que ela me dá seja letal pra caralho. — Seu irmão idiota precisa de... pele. Eu também poderia precisar de ajuda com a limpeza.

Lachlan ri. — Fionn já está a caminho. Conheço algumas pessoas que fazem limpeza... me dê uma hora para isso. Conor ficará vigiando a porta até eles chegarem. — Há uma pausa e quando Lachlan fala novamente, sua voz é suave e séria. — Obrigado por cuidar do meu irmão, Sloane.

— Saia do meu feed de vídeo. Não quero que você assista, caso eu mude de ideia e o mate.

— Faça-me um favor e dê-lhe um grande beijo sujo em vez disso. — diz Lachlan.

Ela responde com um grunhido ofendido e desliga a ligação antes de jogar o telefone na mesa de preparação com um estrondo.

Ela se vira para mim então, com os olhos brilhando e os braços cruzados. — Estou contando isso como uma vitória.

— Isso é justo.

— São três para mim. Melhor de cinco.

— Totalmente. Merecido.

— E ainda estou muito zangada com você.

— Entendi, amor.

— Eu quero esfaquear você.

— Sim, isso faz sentido. Por favor, não no meu pau. Ou minhas bolas. Ou meu lindo rosto.

Os lábios de Sloane tremem. Sua expressão dura desmorona e se recupera para uma máscara estoica, apenas para cair pela segunda vez. Os respingos e listras vermelhas em seu rosto são tão dolorosamente lindos, suas lágrimas são tão agonizantes. — Você quebrou meu coração.

— Eu sei amor. Desculpe. Sinto muito. Você sabe que só fiz isso para afastar você dele, não é? Eu tive que tirar você daqui ou ele iria te matar.

As lágrimas nos olhos de Sloane mudam e brilham quando se juntam na linha dos cílios. — Eu não sou desagradável. — Ela aponta o dedo ensanguentado em minha direção, pontuando cada palavra. — Eu sou muito adorável.

Estou desesperado para apenas tocá-la, mesmo que por um momento, como se ver que ela está bem não fosse suficiente. — Amor... por favor... deixe-me sair desta cadeira para que possamos conversar direito. — A testa de Sloane se enrugando enquanto ela tenta manter sua ferocidade e falha, quando eu lhe dou um pequeno sorriso, ela não consegue se conter... seu olhar cai para minha cicatriz e permanece lá. — Vamos, Blackbird. Deixe-me levantar para que eu possa provar que eu te amo demais. Talvez eu leve aquele kit de primeiros socorros que está perto da porta também, se você não se importa.

Seu olhar feroz retorna.

— Ou vou simplesmente sangrar no chão, tudo bem... mas sair da cadeira ainda seria um trunfo. De preferência sem facadas.

Depois de outro longo momento de hesitação, ela se aproxima e começa a soltar os nós, primeiro os que prendem a cadeira ao poste de apoio do balcão e depois aqueles que estão presos em meus membros. A última corda a cair no chão é a que prende meu pulso empalado ao apoio de braço.

Eu saio da cadeira no instante em que ela desaparece.

A dor é amenizada pela necessidade quando eu arranco o instrumento e agarro Sloane enquanto ela se afasta, esmagando-a contra mim em um abraço desesperado. E agradeço a todos os deuses a quem nunca rezo quando ela envolve os braços em volta do meu corpo. Ela enterra o rosto em meu peito e umedece minha camisa com todos os medos que mantém enterrados.

— Achei que era tarde demais — ela diz repetidamente. — Sinto muito, Rowan. Levei muito tempo para descobrir suas pistas.

Seguro seu rosto nas palmas das mãos e olho em seus grandes olhos castanhos. Uma dor sufoca minha garganta enquanto saboreio esse momento apenas de olhar para ela, de sentir seu calor contra minha pele. Cheguei tão perto de *perder tudo*. Mas ela está aqui, com seu perfume de gengibre e delineador preto manchado em sua pele, suas sardas pontilhadas com manchas de sangue. Rugas marcam sua testa e sua testa franzida enquanto seu olhar se fixa no meu.

Ela nunca esteve tão bonita.

— Não é tarde demais, Blackbird. Bem na hora.

Ela tenta sorrir, mas não consegue. Sua covinha é apenas uma leve depressão na pele. E eu sei que as mentiras que contei a ela são do tipo mais perigoso, porque usei suas verdadeiras inseguranças como arma. Mesmo que eu só tenha dito isso para salvá-la, cortes como esses ainda são profundos e cicatrizam lentamente.

Abaixo a cabeça e seguro seus olhos, mantendo seu rosto firme entre as palmas das mãos. — Você nunca foi desagradável. Você estava apenas esperando por alguém que vai te amar pelo que você é, não pelo que eles querem que você seja. Eu posso fazer isso, se você me deixar. — Pressiono meus lábios nos dela e sinto gosto de sal e sangue, mas me afasto antes que o beijo se aprofunde. — Eu adoro você, Sloane Sutherland. Eu queria você desde aquele primeiro dia no Briscoe. Eu te amo há anos. Eu não vou parar. Nunca.

O olhar de Sloane cai em meus lábios e permanece lá. Ela assente.

— Você pode ser psicopata — eu digo com um sorriso enquanto seus olhos se estreitam — Mas você é minha psicopata, e eu sou seu. Entendeu?

Quando ela levanta os olhos dos meus lábios, ela finalmente sorri. — Você ainda é o pior.

— E você ainda me ama.

— Sim — ela diz. — Eu faço.

Sloane fica na ponta dos pés e cruza as mãos em volta da minha nuca, me puxando para mais perto até que sua testa pressione a minha, sua respiração é uma carícia docemente perfumada em meus lábios.

— Eu realmente quero — ela sussurra. — E você vai ter que se esforçar mais do que isso para se livrar de mim, porque não vou a lugar nenhum.

— Nem eu, Sloane.

Quando Sloane puxa meus lábios até os dela, eu sei disso. Sinto isso em cada batida que pulsa em minha carne crua e sangrenta. Que o mundo poderia girar em todas as direções e destruir todas as realidades, mas não há outra vida senão aquela que escolhemos construir.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

PIGMENTO



— Vamos nos atrasar. — diz Rowan. Mas ele não se importa. Na verdade.

Porque suas mãos estão enfiadas em meu cabelo e sua cabeça é jogada para trás enquanto eu engulo seu pau.

— Meu Deus, Sloane. Como você é tão boa nisso?

Cantarolando minha satisfação em sua carne e seguro suas bolas com a mão livre enquanto mergulho meus dedos em minha boceta com a outra. Quando gemo de novo, ele olha para baixo, com os olhos negros de desejo.

— Porra, adoro ver você se tocar — ele sussurra. Meus olhos se fecham enquanto giro meu toque sobre meu clitóris. Pré-sêmen passa pela minha língua. — É melhor você gozar, porque estou no limite e precisamos ir.

Diminuo o movimento dos meus dedos, deslizo meus lábios até o topo de sua ereção e sorrio.

Minha insolência é recebida com um grunhido. A mão de Rowan vai até minha garganta e segura a risada que implora para ser libertada.

— Você está sendo uma pirralha? — Ele pergunta enquanto passo minha língua pela parte inferior de sua ereção e o fixo com meus olhos mais inocentes. Sua mão aperta. — Você esqueceu a última vez que foi uma pirralha?

Dou de ombros, embora certamente não tenha esquecido. Quando eu decidi apertar seus botões e desconsiderar a maioria de suas ordens enquanto montava seu pau, algumas semanas atrás, ele me sequestrou quando eu estava voltando para casa depois de um drink com Anna, me vendou e me amarrou em uma mesa do restaurante para comer uma gama completa de iguarias do meu corpo nu. Ele me acertou por *horas*, espalhando molho de caramelo em meus mamilos para chupá-los enquanto me fodia, pingando chantilly frio em meus piercings genitais antes de lambê-los e limpá-los. Cada vez que eu implorava por misericórdia, ele ria.

— Boas garotas ganham recompensas — ele disse enquanto diminuía a vibração do plug anal que ele enfiou na minha bunda depois de me amarrar. Ele diminuiu o ritmo de seus golpes enquanto empurrava dentro de mim, me puxando para trás da beira do orgasmo. — Pirralhas recebem punição.

Ele deslizou para fora de mim, se masturbou até borrifar seu esperma em jatos quentes em meu peito, depois começou tudo de novo.

Provavelmente teve o efeito oposto ao que ele pretendia, porque eu me diverti muito naquela noite.

— Essa é a sua resposta? — ele diz agora, seus olhos letais e escuros. — Apenas um encolher de ombros? Isso parece muito malcriado para mim.

Suspiro e lambo meu caminho de volta ao topo de sua ereção enquanto seguro suas bolas.

— Eu poderia ter mentido sobre o horário da consulta. — respondo enquanto acaricio o comprimento de seu pau e esbanjo a ponta com uma lambida giratória. — Temos uma hora extra.

Meus olhos permanecem fixos no rosto de Rowan enquanto essa informação se instala em seu cérebro inundado de endorfina.

— Oh, obrigado, porra — ele finalmente diz, mergulha no calor da minha boca. — Venha ou juro por Deus que vou roubar você para alguma cabana remota e puni-la por três dias.

Rowan Kane, sempre me ameaçando com diversão.

Ele afrouxa o aperto em minha garganta, mas me mantém firme enquanto me ajoelho diante dele e tomo seu pau o mais fundo que posso. Atinge o fundo da minha garganta e meus sons distorcidos e sufocados estimulam o ritmo de suas estocadas. Com a outra mão,

mergulho meus dedos em minha boceta até que estejam revestidos de minha excitação e do esperma que ele já derramou em mim antes.

Meus dedos escorregadios se retiram e então movo meu toque para Rowan, encontrando a borda pregueada de sua bunda. Ele estremece enquanto massageio o anel apertado e então empurro um dedo para dentro.

— Oh, puta merda, Sloane...

— Você está usando sua palavra segura?

— *Porra*, não.

Eu sorrio e adiciono um segundo dedo, acariciando suavemente até encontrar o toque que o faz tremer. — Que bom menino. — eu murmuro, meu tom açucarado. — Bons meninos recebem recompensas.

Meus lábios selam seu pau e eu chupo.

Um som desinibido de prazer ressoa no peito de Rowan enquanto eu o fodo com os dedos e engulo sua ereção. Com a outra mão, circulo meu clitóris, aproximando-me do orgasmo que sei que ele exigirá de mim. E quando sinto seu corpo se contrair, é exatamente isso que ele faz. Exigências.

— Blackbird, é melhor você gozar agora mesmo, porque você está *me matando* e eu juro por Deus...

Eu desmorono com seu pau mergulhado no fundo da minha garganta, meu gemido choroso é uma vibração que envolve seu comprimento.

Suas palavras me irritavam todas às vezes.

Um suspiro depois, Rowan rosna enquanto seu esperma quente inunda minha boca. Engulo cada gota e extraio seu prazer até ter certeza de que ele está exausto, uma fina camada de suor brilhando em seu peito nu com sua respiração trêmula.

— Temos que ir — digo com um sorriso tortuoso enquanto retiro meus dedos de sua bunda. — Vamos nos atrasar.

Rowan me lança um olhar fixo que não dura, depois dá um beijo na minha testa antes de nos limparmos, nos vestirmos e sairmos correndo pela porta.

Cada passo que damos sob o sol quente de junho faz meu coração bater forte, não de ansiedade, mas de excitação. Se Rowan

está nervoso, ele não deixa transparecer. Ele conta uma história animada sobre Lachlan, de quando eles eram adolescentes, enquanto andávamos pelas ruas da cidade, nossos dedos entrelaçados, minha outra mão apoiada na maior cicatriz na superfície interna de seu antebraço. Na noite em que aconteceu, Fionn tratou meticulosamente o ferimento e usou Dermagraft¹³ para substituir o tecido que faltava, Rowan foi diligente em cuidar dele daquela noite em diante. E em breve a cicatriz se transformará em algo lindo.

Ele vai adorar. Eu sei que ele vai.

Paramos no Kane Atelier a caminho do nosso encontro, entrando na loja ao som do perfume do couro e da música indie. Reprimos um sorriso enquanto me pergunto se Lachlan alguma vez ouviu a música de Lark, quando olho para Rowan ao meu lado, acho que ele pode estar se perguntando o mesmo.

— Seu velho idiota. Em que você está trabalhando? — Rowan diz enquanto Lachlan afasta sua cadeira giratória desgastada de sua mesa e joga o que parecem ser óculos de leitura ao lado da pele que ele está esculpindo.

— Alforjes personalizados para uma Harley de motociclista. Se eu não pudesse chutar sua bunda, ele faria isso por mim com prazer. — Lachlan dispara de volta. — E eu sou apenas dois anos mais velho que você, idiota.

— Então por que você está usando óculos de velho? Parece que você está prestes a fazer palavras cruzadas e adormecer em sua poltrona reclinável. — Rowan diz com uma piscadela para mim.

— Foda-se. O que você quer, seu idiota?

— Na verdade sou eu, tenho um pequeno pedido — digo enquanto dou um passo mais perto do impetuoso irmão mais velho de Rowan.

— Ah, a Sra. Aranha, vindo me pedir um favor. — diz Lachlan com um sorriso tortuoso enquanto se recosta na cadeira.

— Na verdade, está me devendo um favor.

— Oh, sério? Que favor é esse.

— Salvando seu irmão mais novo.

— Se bem me lembro — diz Lachlan, batendo um dos dedos com anéis no queixo — Eu ajudei a limpar a cena do crime um tanto confusa antes de apagar qualquer registro da existência de um certo

David Miller dos anais da história do serial killer. Então, eu diria que estamos empatados. De nada.

Reviro os olhos e Rowan sorri ao meu lado. — Tudo bem. Nesse caso, um favor para Lark Montague.

Há um momento de hesitação antes de Lachlan dizer enfaticamente: — *Porra*, não.

— Vamos — respondo, minha voz beirando um apelo choroso enquanto dou mais um passo à frente. — Lark vai se mudar para Boston na mesma semana em que estaremos fora. Apenas ajude-a a levar as coisas para o novo apartamento, por favor. Ela não tem muito.

— Por que ela não tem muito? — Lachlan pergunta, com a testa franzida e a voz severa. Rowan e eu trocamos um olhar confuso e fugaz antes de me concentrar novamente em Lachlan.

— Hum, ela viaja com pouca bagagem, eu acho...?

O olhar de Lachlan escurece como se esta informação fosse insuficiente antes que ele suavizasse sua reação sob uma máscara apática. — Tudo bem. Mas não espere que eu fique por aqui quando terminar.

— Claro que não.

— E eu não vou mostrar a cidade a ela ou algo assim.

— Absolutamente não.

— Nós não somos assim, amigos. Ela não pode me ligar pedindo... leite.

— Tudo bem... vou avisá-la para não ligar para você pedindo leite. Feito.

Lachlan grunhe. Eu sorrio.

— Obrigada. — eu digo enquanto me aproximo e dou um abraço nele, já sei que ele não vai devolver. — Você não vai se arrepender.

— Sim, eu vou.

— Está bem então.

Dou-lhe um beijo em sua bochecha mal barbeada ao som do bufo encantado de Rowan e depois me afasto.

— Obrigado por isso, idiota. Temos que correr. — Rowan diz com um sorriso provocador que Lachlan retorna com um olhar fixo, mas ele ainda se levanta da cadeira. Ele nos leva para fora do estúdio e para a rua, planejamos nos encontrar para jantar na próxima semana, antes que ele pressione a testa na de Rowan, como sempre faz. E então partimos, indo para o nosso compromisso de mãos dadas, aproveitando nosso tempo para desfrutar de nossa companhia simples e da excitação crescente pelo que está por vir enquanto avançamos em direção ao nosso destino.

O pequeno sino de latão toca no topo da porta quando entramos no Prism Tattoo Parlour.

Laura, a dona da loja, nos cumprimenta calorosamente e dá a Rowan um formulário de consentimento para preencher enquanto ela e eu finalizamos os detalhes sobre o design que dei a ela, nossas vozes abafadas para que Rowan não possa ouvir os detalhes. Quando tudo está assinado e o desenho impresso no papel estêncil, Rowan se senta na cadeira de Laura.

— Desculpe, Butcher, mas eu não confio em você tanto quanto eu poderia jogá-lo. — eu digo enquanto passo atrás dele para colocar uma venda sobre seus olhos. Laura sorri enquanto prepara o braço de Rowan e transfere o estêncil em sua cicatriz.

— Você me feriu. — ele diz.

— Certo — eu bufo. — Você me seguiu ou não por três dias na Califórnia só para poder trapacear e ganhar um jogo?

— Eu não trapaceei. E além disso, eu perdi. *Miseravelmente*, devo acrescentar. Ainda não consigo tomar sorvete.

Eu sorrio e me sento ao lado dele para poder observar enquanto Laura começa a estabelecer as primeiras linhas pretas em sua pele. — Talvez comecemos um programa de dessensibilização para você. Eu tenho algumas ideias.

— Agora você está falando.

Demora algumas horas, mas a imagem ganha vida no braço de Rowan, um desenho que eu mesma fiz e trabalhei com Laura para refinar, de modo que cobrisse suas cicatrizes e se ajustasse aos contornos de sua musculatura. E em pouco tempo, ela está limpando a tatuagem recente, enxugando o excesso de tinta e os pontos de sangue para revelar a imagem final. Compartilhamos um sorriso brilhante no corpo de Rowan, de uma artista para outra, enquanto ele nos enche de perguntas que não respondemos.

— Ok, garoto boniro. Hora de dar uma olhada. — digo enquanto Laura segura um dos bíceps de Rowan e eu agarro o outro. Nós o guiamos até um espelho de corpo inteiro. Fico ao lado dele enquanto Laura tira a venda e ele vê pela primeira vez a tatuagem que abrange todo o comprimento de seu antebraço.

— Puta merda. — diz ele, sem tirar os olhos do desenho enquanto se aproxima do espelho e torce o braço de um lado para o outro. Ele absorve cada detalhe, tanto no espelho quanto diretamente em seu braço, seu olhar penetrante saltando para mim a cada poucos segundos. — É incrível, Blackbird.

As penas pretas do corvo brilham com toques de índigo, seus olhos são de outro mundo e opalescentes enquanto olham para longe. Ele segura uma faca de chef polida e ilumina um reflexo brilhante na lâmina. Atrás do pássaro e de seu poleiro afiado há um fundo de respingos semelhantes a grafites em explosões de cores vibrantes.

— As cores são épicas, Laura. — diz ele, olhando para ela com um sorriso apreciativo.

Ela sorri. — Obrigada, mas foi sua garota aqui quem inventou isso. Acabei de dar vida ao design dela.

Laura entrega a ele o desenho de referência em seu iPad, o original que lhe enviei há dois meses, quando Rowan sugeriu pela primeira vez um disfarce para as cicatrizes. Ele olha para a imagem e engole em seco. Ele leva um longo momento antes de voltar seu olhar para mim.

— Cor? — ele pergunta. Ele aponta para a imagem sem tirar os olhos dos meus. — Você fez isso?

Encolho os ombros, o início de uma dor se formando na minha garganta quando percebo o brilho vítreo em seus olhos. — Sim. Acho que sim.

Rowan devolve o iPad para Laura e me aperta em um abraço apertado, com o rosto enterrado em meu pescoço. Ele não diz nada por um longo tempo. Ele apenas aguenta.

— Você pintou. — ele sussurra, mas ainda não a solta.

Sorrio nos braços de Rowan. — O que posso dizer, Butcher. Acho que você tirou isso de mim.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ARRANCOU



— Sabe, Blackbird, mesmo que eu tenha sugerido isso, honestamente não achei que iria gostar de caçar juntos tanto quanto gostaria de competir contra você. — digo enquanto limpo minha faca de açougueiro com um pano alvejado.

Sloane ri, mas não se vira, seu foco também está preso nas folhas coloridas de musselina tingida que ela prende na linha de pesca com cola. — Vou dar um palpite. É porque a sua parte favorita não é matar, mas acabar comigo?

— Bastante. — Eu sorrio quando ela me lança um olhar provocador por cima do ombro, então baixo meu olhar para os pequenos cortes na lâmina afiada em minhas mãos. Deslizo meu pano em mais uma passagem pela borda antes de deixar a faca de lado com minhas outras ferramentas. Uma serra de osso. Fatiadores de carne. E a minha favorita, uma faca Ulu de aço Damascus que Sloane me deu da Etsy no meu aniversário. — Mas eu gostei. Muito. Gosto de trabalhar com você.

— Eu gosto de trabalhar com você também. Acho que deveríamos pegar o Fantasma da Floresta juntos no próximo ano, embora eu tenha vencido tecnicamente, porque sou o vencedor final, caso você tenha esquecido. E você provavelmente merece o prêmio de vice-campeão de qualquer maneira, já que nem vomitou dessa vez. — ela diz enquanto aponta para os globos oculares pendurados na linha de pesca sobre a cabeça do Dr. Stephan Rostis. — Vá você.

— Eu nunca vou superar isso, não é?

— Provavelmente não, não.

Enquanto Sloane continua colando as últimas seções de tecido pré-cortado, eu trabalho em meus próprios preparativos finais. E então eu simplesmente sento e observo meu Blackbird, não mais exercendo sua arte em monocromático, mas em tecticolor vibrante.

Quando termina, ela se afasta e examina a tela atrás do corpo. As três camadas de sua teia se misturam com explosões de cores. Tons de verdes com joias em uma camada. Azuis em outro. Vermelhos e roxos no último, cada um meticulosamente tingido pela própria mão. É uma instalação deslumbrante que irradia como painéis de vitral do corpo suspenso, com braços e pernas estendidos. Montá-lo nas paredes e no teto foi minha maior contribuição, além de cortar alguns pedaços de carne escolhidos para os enfeites de pele de Sloane, que ela costurou dentro das camadas de filamento e musselina. Mas a arte? Isso é tudo dela.

— Lindo, Sloane. — eu digo.

— Obrigada. — ela responde calorosamente, mas não se vira, ou veria que não estou olhando para a tela dela, mas para *ela*.

Enquanto seu olhar permanece fixo nas camadas de cores, mudo as playlists no meu telefone. — O FBI vai ficar muito confuso. Você está evoluindo, não involuindo. E não tenho certeza se eles finalmente descobrirão que as teias são mapas, agora que há cores envolvidas.

— Você pensaria que isso ajudaria. — ela diz logo após uma pequena risada, então balança a cabeça e dá de ombros.

— Uma coisa permaneceu bastante consistente...

— O que é isso?

Aceno com a cabeça em direção ao corpo quando Sloane se vira para mim. A pergunta em seus olhos rapidamente se transforma em suspeita. Quando ela cruza os braços sobre o peito, levanto as mãos em sinal de desculpas, embora não sinta nada pelo que estou prestes a dizer. E ela sabe disso.

— *O quê?* — ela diz categoricamente.

Aponto para o médico não tão bom, cujo sangue escorre pelo seu rosto em manchas secas. — Olho esquerdo. Sempre um pouco arrancado.

Sloane dá uma gargalhada, mas diminui quando dou de

ombros. Uma ponta de dúvida marca uma ruga entre suas sobrancelhas. — Não está.

— Lamento dizer, está.

— Você é tão cheio de merda.

Arrasto minha escada na frente do corpo e gesticulo em direção a ele. — Veja por si mesma.

Os lábios de Sloane se abrem, suas bochechas coradas pela crescente frustração. *Adorável pra caralho*. Sloane perturbada com as penas eriçadas e as garras prontas? Essa é sempre minha versão favorita. E eu saboreio cada momento, desde seu olhar feroz até seus passos determinados enquanto ela pisa na escada para ver mais de perto.

— Rowan Kane, seu maldito esquisito com essa merda de buraco no olho esquerdo, *eu-não-arranco-eu-mais...*

Sua tangente irada para quando ela olha para o buraco sangrento, depois olha para mim e depois de volta. Embora eu consiga conter uma risada, não há como esconder a diversão em meus olhos, não dela.

— Que porra é essa? — ela pergunta, apontando para o rosto do médico morto.

— Não sei, Blackbird. Talvez você devesse dar uma olhada. A menos que...

— A menos que o quê?

— Você não é melindrosa, não é?

Com isso, sua risada se liberta, embora seja curta e insegura. — Como está o sorvete hoje em dia, Butcher? Já conseguiu quebrar alguns biscoitos com creme?

— Ai, Blackbird — digo com a mão no coração. Ele troveja sob minha palma. — Ferido, mais uma vez.

Sloane sorri, sua covinha aparecendo perto do lábio, então ela se concentra no rosto sem vida diante dela, os olhos marejados de sangue e as feições frouxas. Ela leva os dedos enluvados até a órbita do olho esquerdo e tira um pequeno pacote redondo embrulhado em fita adesiva.

— Ver? — ela diz enquanto equilibra o mistério na palma da mão e desce a escada. — Arrancado. Eu tirei de lá.

— Você fez. Quase como se você já tivesse feito isso antes. Depenagem de nível elite.

Ela para na minha frente, seus olhos brilhando de diversão enquanto eles passam entre os meus. — O que é isso?

— Acho que o truque com um presente geralmente é abri-lo. — digo enquanto pressiono um beijo em sua testa em resposta ao seu revirar de olhos. Ela pega o lenço que ofereço e começa a limpar o sangue da fita. — Certifique-se de limpar tudo, no entanto. Documentos importantes dentro.

O rosto de Sloane se enrugando, seus lindos olhos castanhos se estreitam enquanto ela tenta conciliar minhas palavras com o tamanho pequeno do pacote. — Documentos...?

— Documentos que *mudam vidas*, na verdade. Então sim. Tome cuidado.

Com um último olhar desconfiado em minha direção, Sloane muda seu foco para a bola de fita adesiva e limpa cada ondulação do celofane até que esteja livre de sangue. Assim que terminar, ela retira as tiras de plástico pegajoso, deixando cada uma de lado até poder desdobrar a camada externa de papel protetor.

Dentro há um guardanapo de papel dobrado. E dentro dele, outro presente gravado.

— Oh meu Deus, Rowan. Você guardou isso...? — Ela pergunta com uma risada de descrença enquanto lê minha letra rabiscada abaixo do logotipo de uma casquinha de sorvete derretida no guardanapo.

Butcher e Blackbird

Confronto anual de agosto

7 dias

Desempate por pedra-papel-tesoura

Melhor de cinco

O vencedor leva o Fantasma da Floresta

— Espere um segundo — digo quando ela lê cada linha em voz alta. — Está faltando alguma coisa. Entregue isso por um segundo enquanto desembrolha o outro.

— O que você está fazendo, esquisito?

— Talvez eu queira assoar o nariz neste pedaço de tecido altamente sentimental. Apenas entregue, Blackbird.

Sloane ri e balança a cabeça confusa, mas ela devolve o guardanapo para mim e eu pego minha caneta ao lado das minhas ferramentas para escrever uma nova linha, o tempo todo olhando furtivamente para ela para acompanhar seu progresso enquanto ela desembrolha o outro presente. Como tem acontecido em todos os momentos que estive com Sloane, meu coração bate forte o tempo todo, como se fosse se libertar de sua gaiola de ossos.

Quando ela está prestes a puxar o último pedaço de fita do embrulho do presente, coloco minha mão sobre a dela, o guardanapo dobrado entre os dedos. Se ela consegue sentir um tremor na minha carne, ela não diz.

— Eu consertei — digo, meus olhos indo para o guardanapo. — Leia isso primeiro.

Ela sustenta meu olhar por um momento antes de pegar o papel e desdobrá-lo, com movimentos cuidadosos e lentos. Eu vejo seus olhos mudarem sobre as palavras. Seus lábios pressionam com força. Quando ela lê em voz alta, sua voz fica instável.

— *Case-se com Sloane Sutherland e ame-a para sempre, se ela permitir.* — ela sussurra.

Aqueles grandes olhos castanhos estão vidrados de lágrimas quando ela olha para mim. Pego o guardanapo de volta. Ela puxa o último pedaço de fita do pano preto e o desdobra para revelar o anel de noivado, uma safira azul-acinzentada incrustada em ouro com folhas delicadas que sobem em direção à pedra.

E eu caio de joelhos.

Sloane engole em seco. Uma explosão de nervosismo inunda minhas veias e estou prestes a começar todas as coisas que quero dizer a ela quando ela diz: — Você acabou de me pedir em casamento em um guardanapo com um anel que enfiou no buraco do olho de um cara?

Eu pisco. Minha boca se abre. Nada sai por um momento que pareça tão longo quanto a eternidade.

— Sabe, parecia muito fofo na minha cabeça, mas pensando bem... talvez seja demais?

Ela balança a cabeça.

— Insuficiente?

Ela sacode de novo, algumas lágrimas escorrendo de seus cílios.

— Na medida?

— É *perfeito* pra caralho — ela soluça.

— Oh, graças a Cristo. — Um longo suspiro sai dos meus pulmões enquanto pressiono a palma da mão no peito. Eu aperto minha mão sobre a dela, o anel preso em seu aperto trêmulo. — Por um minuto pensei que tinha estragado tudo.

Sloane faz uma espécie de guincho estrangulado. Ela começa a pular. Primeiro, apenas pequenos bobs, mas eles ficam maiores a cada segundo que passa.

— Você parece animada, amor.

Um som ininteligível e distorcido escapa de seus lábios.

— Shh. O cara está tentando propor aqui.

— *Rowan...*

— Sloane Sutherland, minha linda Blackbird. Desde o primeiro momento em que te conheci, você mudou o rumo da minha vida. Não consigo me lembrar de nada que tenha sido divertido, excitante ou novo sem você. Não consigo me lembrar de ter sentido nada além de entorpecido até que você irrompeu no meu mundo em sua gaiola fedorenta de macarrão orzo. — eu digo, sorrindo quando sua risada se liberta em meio às lágrimas. Meu aperto firme em torno de sua mão trêmula. — Não consigo imaginar o futuro sem você nele. E eu não quero, nunca. Então case comigo, Sloane, viveremos aventuras malucas para sempre, foderemos tudo, e seremos melhores amigos e praticaremos karatê na garagem e faremos amor todos os dias e envelhecemos juntos. Porque não consigo imaginar ninguém com quem eu preferiria passar todos esses momentos do que com você.

Puxo o anel de sua mão e o seguro na ponta de seu dedo.

— O que você me diz, Blackbird? Você quer se casar comigo?

Lágrimas escorrem por suas sardas enquanto ela balança a cabeça, com a voz tensa quando diz às palavras que esperei meses, talvez até anos, para ouvir. — Sim, Rowan. Claro que vou me casar com você.

Deslizo o anel em seu dedo e ela apenas olha para ele antes de

se chocar contra mim, quase me derrubando no chão enquanto agarra meu rosto entre as palmas das mãos e salpica minha pele com sim sussurrados e beijos desesperados.

— Eu te amo, Butcher, — Sloane sussurra quando ela se afasta para olhar no meu rosto. Então ela inclina sua boca na minha.

Ela não precisa dizer isso, porque sinto isso em cada toque e olhar ponderado. Ele sangra no beijo que ela pressiona em meus lábios, como se vivesse em sua língua quando passa pela minha. Mas essas palavras ainda afundam em meu peito, outra camada de base inquebrável.

Sloane retarda nosso beijo e quando nos separamos, ela agarra minha mão para me colocar de pé. Assim que me levanto, ela me arrasta em direção ao corredor escuro que leva à saída da cozinha e à coleção de carros caros do médico. — Agora vamos fazer karatê na garagem.

— Por 'karatê' você quer dizer que vou dobrar você sobre o capô da Porsche do Dr. Stephan e te foder até você me implorar para parar?

Sloane lança um sorriso malicioso por cima do ombro. Sua covinha aparece perto do lábio enquanto ela me dá uma piscadela e me leva em direção às sombras. — Siga-me e descubra, garoto bonito.

Talvez eu estivesse certo. Não somos pessoas normais. Somos monstros.

Mas se formos monstros, prosperaremos no escuro.

Juntos.

EPILOGO

O FANTASMA

A cidade me dá nojo.

O cheiro do mar poluído. Escape de um ônibus que passa. O hálito de pessoas que derramam seus pensamentos pútridos no ar vil. A cidade é uma fossa de decadência.

Ora, os homens de Sodoma eram extremamente maus e pecadores contra o Senhor.

Engulo a aversão por este ambiente que me envolveu na semana passada. Meu olhar vagueia de uma ponta a outra da rua, mas sempre retorna para a porta do outro lado da rua e para a curva das letras douradas no vidro.

O alarme do meu relógio emite um sinal sonoro. Meio dia.

Senhor, peço que suas bênçãos sejam derramadas sobre mim, seu humilde servo. Levante minha mão contra meus adversários. Envie de volta sobre eles todos os erros e injustiças que eles lançaram sobre mim, seu fiel discípulo.

Amém.

Abro os olhos e retomo minha vigília no pátio do café. Meu chá esfriou, o livro aberto diante de mim continua sem ser lido. Meus dedos batem no ritmo da música que ecoa na minha cabeça. Um hino, um que minha mãe costumava cantar.

Deixe os pecadores seguirem seu curso,

E escolherem o caminho para a morte

A porta se abre do outro lado da rua. Um homem alto e atlético mantém a porta aberta para uma mulher de cabelos negros. Seu olhar se volta para o que está ao seu redor. “The Killers” diz sua camiseta preta.

Meu sangue esquenta.

Mas eu, com todos os meus cuidados,

Apoiar-se-á no Senhor;

Vou lançar meus fardos em seu braço,

E descanse em sua palavra

Ao pisarem na calçada, o casal se vira para falar com outro homem que está parado na soleira da porta. Tatuagens pretas cobrem suas mãos e braços musculosos. Ele não é tão alto quanto o primeiro homem, mas tem uma constituição mais poderosa. O protetor. O lutador. Posso dizer: a forma como ele se posiciona, o modo como sorri, a prontidão em cada movimento. Uma cobra, sempre pronta para atacar.

Trocam palavras que não consigo ouvir, sorrisos que não consigo sentir. O segundo homem coloca a mão no ombro do primeiro. Suas testas se pressionam antes de se separarem. O primeiro homem então sai de mãos dadas com a mulher. Ele dá um beijo em sua têmpora e ela sorri. Eu os vejo passear pela rua e virar a esquina. Por um longo momento, meu olhar permanece ali, preso na ausência deles, como se eu assombrasse seus passos, um fantasma espreitando em suas sombras.

Eu me acomodo mais fundo na minha cadeira. Eu concentro minha atenção onde ela precisa estar.

No Kane Atelier.

Busco Sua bênção todo meio-dia,

E pagar meus votos à noite.

Rowan Kane levou meu irmão.

E prometo pegar o dele.

FIM

[←1]

As vezes chamado de arroz italiano, é uma massa alimentícia típica da coxinha italiana, que tem a forma do arroz.

[←2]

Pássaro negro.

[←3]

Açougueiro.

[←4]

É um sistema abrangente e completo, com licenciamento e implantação flexíveis, um conjunto de aplicativos prontos pra uso.

[←5]

É uma cor de pelagem encontrada em muitos animais, incluindo cavalos, gado, antílopes, gatos e cães.

[←6]

Alguém que é irritante como o inferno.

[←7]

Expressão usada para dizer não com êxtase.

[←8]

É um tipo de piercing genital feminino, é feito através de uma perfuração na borda traseira da vulva.

[←9]

Um tipo de brinquedo de parque de diversão americano, que inclina e gira.

[←10]

Franquia de filmes de suspense e ação norte americana, protagonizado por Keanu Reeves.

[←11]

Um ditado que se refere a uma diferença entre duas opiniões tão pequena que não importa, não faz diferença.

[←12]

Marca americana de cereal matinal colorido.

[←13]

Biocurativo, feito de células tronco, muito eficaz no tratamento de feridas crônicas e queimaduras.